

Revista Universitaria de Historia Militar

Volumen 3 / Número 5 / Enero - Junio 2014

En este número:

DOSSIER

Perspectivas Ibéricas sobre a Guerra na primeira metade do século XX

Coordinadora: Eliana Brites Rosa, Universidade de Santiago de Compostela, España

- **Apresentação: Perspectivas Ibéricas sobre a Guerra na primeira metade do século XX**

Eliana Brites Rosa, Universidade de Santiago de Compostela, España

- **Afonso Costa e Manuel Teixeira Gomes na missão que negociou em Londres, no verão de 1916, as condições financeiras para a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Na proto-história da integração europeia**

Jorge Pais de Sousa, Universidade de Coimbra, Portugal

- **António de Cértima e a «Epoepia Maldita». Um jovem intelectual na primeira Guerra Mundial. Moçambique, 1916-1918**

Ernesto Castro Leal, Universidade de Lisboa, Portugal

- **Los intelectuales españoles y la Guerra del Rif (1909-1927)**

Alfonso Iglesias Amorín, Universidade de Santiago de Compostela, España

- **A História Militar como Tema: os contributos historiográficos de Cristóvão Ayres (1851-1930), da Revista de História (1912-28) e de Fidelino de Figueiredo (1888-1967)**

Nuno Bessa Moreira, Universidade do Porto, Portugal

MISCELÁNEA

- **El ejército de Chile en vísperas de la guerra del Pacífico. Una aproximación a su influencia francesa (1866-1879)**

Valentina Verbal, Universidad de Viña del Mar, Chile

- **Restos de la presencia colonial hispano-francesa en la península sahariana de Cabo Blanco. El fuerte nuevo de la Güera y la batterie de Port-Etienne**

Luis Blanco Vázquez, Asociación Profesional de Arqueólogos de Asturias APIAA

- **La defensa de las Islas Baleares durante la primera fase de la segunda guerra mundial (1939-1940)**

Rafael Rodrigo Fernández, Kensington School, España

TRADUCCIONES

- **La primera guerra mundial y las transformaciones del Estado**

Pierre Purseigle, Yale University – University of Warwick

RESEÑAS

- **Margaret MacMillan. 1914. De la Paz a la Guerra. Madrid, Turner, 2014**

Javier Lion Bustillo, UNED

© 2014. Centro de Estudios de Historia Militar.

E-mail: secretaria.ruhm@gmail.com

Imagen de portada: Boris Artzybasheff.

La Revista Universitaria de Historia Militar On-line es una publicación científica de carácter semestral editada por el Centro de Estudios de Historia Militar.

Avda/ de la Paz 32 1ºE, CP: 11500 El Puerto de Santa María, Cádiz.

Esta revista no se identifica necesariamente con los contenidos aquí incluidos. Queda prohibida la reproducción total y/o parcial de cualquier contenido de la revista sin la autorización expresa y por escrito de la dirección de la revista.

REVISTA UNIVERSITARIA DE HISTORIA
MILITAR ON-LINE

VOLUMEN III, NÚMERO 5
JUNIO-ENERO 2014



Equipo editorial / Editorial board

Director/Editor

Félix Gil Feito. Universidad de Cádiz, España.

Secretaría de redacción/Staff

Elena Nieto Cristóbal. CSIC, España.

Consejo de Redacción/Editorial board

Miguel Alonso Ibarra, Universitat Autònoma de
Barcelona, España.

David Alegre Lorenz, Universitat Autònoma de
Barcelona, España.

Gonzalo Butrón Prida, Universidad de Cádiz,
España.

Santiago R. Gómez, EUSA-Universidad de
Sevilla, España.

Luis E. González, Centro de Estudios
Avanzados de Puerto Rico y el Caribe, Puerto
Rico.

M^a Dolores Herrero, Universidad Complutense
de Madrid, España.

Javier Lion Bustillo, UNED, España.

Javier Ribelles, Ediciones Platea.

Consejo Asesor / Consulting Board

Ángel Alcalde. European University Institute,
Italia.

Miguel Ángel Ballesteros. Instituto Español de
Estudios Estratégicos.

Cristina Borreguero, Universidad de Burgos,
España.

Luc Capdevila, Universidad de Rennes II,
Francia.

Julián Casanova, Universidad de Zaragoza,
España.

John Connor, University of New South Wales,
Canberra, Australia.

Stig Förster, Universidad de Berna, Suiza.

Francesc Xavier Hernández, Universidad de
Barcelona, España.

Enrique Martínez, Universidad Complutense de
Madrid, España.

Sönke Neitzel, London School of Economics,
UK.

Xosé Manoel Núñez, Ludwig-Maximilians-
Universität München, Alemania.

Fernando Puell, Instituto Universitario General
Guitérrez Mellado-UNED, España.

Javier Rodrigo, Universitat Autònoma de
Barcelona, España.

Nuno Severiano Teixeira, Universidad Nova de
Lisboa, Portugal.

Klaus Schmider, Sandhurst Military Academy,
Reino Unido.

Juan Eduardo Vargas, Pontificia Universidad
Católica de Chile.

Jordi Vidal, Universidad Autónoma de
Barcelona, España

Sumario

Págs.

Dossier: Perspectivas Ibéricas sobre a Guerra na primeira metade do século XX

Coordinadora: Eliana Brites Rosa, Universidade de Santiago de Compostela, España.

Apresentação: Perspectivas Ibéricas sobre a Guerra na primeira metade do século XX.....7-10

Eliana Brites Rosa, Universidade de Santiago de Compostela, España

Afonso Costa e Manuel Teixeira Gomes na missão que negociou em Londres, no verão de 1916, as condições financeiras para a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Na proto-história da integração europeia.....11-34

Jorge Pais de Sousa, Universidade de Coimbra, Portugal

António de Cértima e a «Epopéia Maldita». Um jovem intelectual na primeira Guerra Mundial. Moçambique, 1916-1918.....35-58

Ernesto Castro Leal, Universidade de Lisboa, Portugal.

Los intelectuales españoles y la Guerra del Rif (1909-1927).....59-77

Alfonso Iglesias Amorín, Universidade de Santiago de Compostela, España.

A História Militar como Tema: os contributos historiográficos de Cristóvão Ayres (1851-1930), da *Revista de História* (1912-28) e de Fidelino de Figueiredo (1888-1967).....78-100

Nuno Bessa Moreira, Universidade do Porto, Portugal.

Miscelánea.

El ejército de Chile en vísperas de la guerra del Pacífico. Una aproximación a su influencia francesa (1866-1879).....101-117

Valentina Verbal, Universidad de Viña del Mar, Chile

Restos de la presencia colonial hispano-francesa en la península sahariana de Cabo Blanco. El fuerte nuevo de la Güera y la batterie de Port-Etienne.....118-142

Luis Blanco Vázquez, Asociación Profesional de Arqueólogos de Asturias APIAA

La defensa de las Islas Baleares durante la primera fase de la segunda guerra mundial (1939-1940).....143-164

Rafael Rodrigo Fernández, Kensington School, España

Traducciones.

La primera guerra mundial y las transformaciones del Estado.....165-186

Pierre Purseigle, Yale University – University of Warwick.

Reseñas.

Margaret MacMillan. *1914. De la Paz a la Guerra*. Madrid, Turner, 2014

.....187-191

Javier Lion Bustillo, UNED.

Sobre los autores.....192

APRESENTAÇÃO: PERSPECTIVAS IBÉRICAS SOBRE A GUERRA NA PRIMEIRA METADE O SÉCULO XX¹

PRESENTACIÓN: PERSPECTIVAS IBÉRICAS SOBRA LA GUERRA EN LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XX

Eliana Brites, Universidade de Santiago de Compostela, España

E-mail: brites.e@gmail.com

Há precisamente cem anos, no mês de junho de 1914, o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e a sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg, foram assassinados. Esse atentado, que teve lugar em Sarajevo, na capital da Bósnia, inaugura um longo período bélico na Europa. Durante esta fase, assistiu-se ao deflagrar de grandes conflitos, com níveis de destruição inéditos e perdas materiais e humanas inimagináveis, que marcaram de forma indelével a História da primeira metade do século XX. A I Guerra Mundial (1914-1918), a Guerra Civil de Espanha (1936-1936) e a II Guerra Mundial (1939-1945) foram grandes conflitos bélicos que tiveram como palco o solo europeu, mas que se tornaram globais. Como tal, alguns autores aplicam o conceito de *guerra civil europeia* e outros falam da segunda guerra dos trinta anos, sendo o livro de Enzo Traverso: “À feu et à sang” uma referência fundamental para a compreensão desta problemática.

Um século depois do início da Grande Guerra, multiplicam-se as iniciativas académicas e culturais sobre o tema, tornando a história militar um campo de estudo atual e apelativo. Este contexto de reflexão sobre a guerra e a paz na Europa, promove os estudos sobre o bélico em diversas perspectivas. O presente volume da *Revista Universitária de História Militar* pretende ser um contributo para a atual reflexão historiográfica sobre a guerra centrando-se no conflito simbólico e paradigmático que decorreu entre 1914 e 1918. Com esta iniciativa, que junta historiadores portugueses e espanhóis, pretendemos trazer novas e distintas perspectivas sobre esta problemática na época contemporânea, promovendo os estudos da História Militar na Península Ibérica.

¹ Recibido: 30/04/2014 Aceptado: 25/05/2014 Publicado: 15/06/2014

O artigo de Jorge Pais de Sousa, da Universidade de Coimbra, com o título: *Afonso Costa e Manuel Teixeira Gomes na missão que negociou em Londres, no verão de 1916, as condições financeiras para a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Na proto-história da integração europeia*, versa sobre as circunstâncias da entrada de Portugal na guerra e os principais desafios enfrentados por aqueles que representavam e defendiam um país periférico no mapa geopolítico europeu. Apesar dessa condição secundária e frágil no seio da Europa, Portugal detinha territórios coloniais disputados pelas principais potências. Este artigo faz uma análise detalhada sobre a crise interna de Portugal na época em que a Europa estava em guerra, e cujos conflitos internacionais, surtem efeitos nefastos no interior da I República, fazendo-a confrontar-se sistematicamente com duas grandes opções políticas e governativas – a Democracia e a Ditadura.

A Grande Guerra teve as suas origens, em boa medida, nos imperialismos do século XIX, que se intensificaram nos inícios do século XX. Por isso, o vasto e heterogéneo continente africano, ganha uma profunda centralidade na história política, diplomática e militar da época. O colonialismo ibérico em África é um tema que merece ainda grandes reflexões e questionamentos futuros. Por isso, o nosso trabalho pretende contribuir para ampliar e para dar novas perspectivas sobre questões já tratadas no terceiro número desta revista, *Las guerras coloniales de España en la época contemporánea*. Neste sentido, apresentamos os artigos de Ernesto Castro Leal e de Alfonso Iglesias Amorín, que brindam o presente dossier com dois trabalhos da maior importância sobre a presença bélica dos europeus em África e o papel desse território nas políticas internas e externas da Península Ibérica. O que permitirá ao leitor refletir sobre os impérios e o colonialismo europeu nos inícios do século XX. As lutas territoriais envolveram os dois estados ibéricos e mobilizaram todas as esferas da sociedade, das quais merecem destaque os jovens e os intelectuais. Ambos foram mobilizados e combaterem nas guerras, embora desempenhando papéis distintos, mas igualmente importantes para o desenvolvimento dos confrontos militares. Ernesto Castro Leal, da Universidade de Lisboa, escreveu sobre *António de Cértima e a «Epopéia Maldita». Um jovem intelectual na primeira Guerra Mundial. Moçambique, 1916-1918*. Este artigo analisa o discurso memorialístico de guerra produzido pelo jovem intelectual António de Cértima, que integrou o corpo militar português, para combater as forças militares alemãs, durante a I Guerra Mundial, em Moçambique. Cértima escreveu o livro *Epopéia Maldita*, que

teve uma significativa projeção literária e política nos anos 20 e 30 do século XX, lançando uma perspectiva crítica à I República e defendendo uma alternativa política autoritária, que o Estado Novo consolidará a partir de 1933. Para além disso, este artigo remete para os sangrentos combates em África, que mobilizaram milhares de portugueses e de africanos no contexto da Guerra Mundial.

Alfonso Iglesias Amorín, da Universidade de Santiago de Compostela, apresenta o seu artigo sobre *Los intelectuales españoles y la Guerra del Rif (1909-1927)*, no qual articula a história política dos intelectuais, com a história da guerra colonial em Marrocos nos primeiros decénios do século XX. Este artigo constitui uma reflexão sobre o papel dos intelectuais na criação de uma opinião pública em Espanha sobre o «problema de Marruecos». Os intelectuais espanhóis, inclusivamente os mais prestigiados, empenharam-se no debate público sobre esta questão, que ocupou um lugar central no panorama político e social da época. Neste sentido, o referido artigo contribui para um aprofundamento do conhecimento sobre o universo político, intelectual, ideológico e militar das primeiras décadas do século XX espanhol.

Durante este período, a guerra foi um tema central na sociedade europeia e peninsular. Por isso, os intelectuais, para além de escreverem sobre o bélico no âmbito literário e de o inserir nos grandes debates públicos, também o vão tratar do ponto vista historiográfico. A história militar torna-se então um tema de estudo para os historiadores. Nuno Bessa Moreira, da Universidade do Porto, que encerra este dossier, apresenta um interessante artigo, intitulado: *A História Militar como Tema: os contributos De Cristóvão Ayres (1851-1930), da Revista de História (1912-28) e de Fidelino de Figueiredo (1888-1967)*. Este trabalho trata do papel dos fundadores da Sociedade Nacional de História no desenvolvimento da história militar em Portugal nas primeiras décadas do século XX. O contexto europeu e peninsular, altamente perturbado pelas guerras, estimulou o interesse pelos temas militares e a procura de maiores níveis de cientificidade nos trabalhos historiográficos. Este artigo, centrado no caso português, contribui para a formulação de novas perspectivas sobre a história militar na Península Ibérica, salientando a potencialidade e a interesse desta área de estudo para o campo historiográfico ibérico.

Respondendo ao repto inicial, lançado pelo diretor da revista, Félix Gil Feito, ao pôr em marcha o projeto editorial, em 2012, organizamos agora este dossier, intitulado *Perspectivas Ibéricas sobre a Guerra na Primeira Metade do Século XX*. Este projeto

reúne artigos de jovens e de consagrados historiadores de Portugal e da Galiza, cujos estudos, aqui apresentados, contribuem para uma leitura integrada dos processos históricos da Península Ibérica, no contexto europeu e internacional. Esperamos que esta colaboração possa inspirar mais parcerias ibéricas e internacionais no âmbito da história militar e que os estudos sobre as questões bélicas sejam um bom pretexto para amplos e fraternos diálogos na comunidade de historiadores, nos inícios do século XXI.

Para finalizar a apresentação deste dossier quero agradecer à direção da RUHM o convite e a confiança depositada no meu trabalho e manifestar a minha profunda gratidão pelo auxílio de David Alegre Lorenz na revisão e tradução de textos. Quero, também, manifestar o meu sincero agradecimento a todos os que participaram neste dossier, que pelo seu magnífico empenho, contribuíram para a realização deste trabalho.

**AFONSO COSTA E MANUEL TEIXEIRA GOMES NA MISSÃO
QUE NEGOCIOU EM LONDRES, NO VERÃO DE 1916, AS
CONDIÇÕES FINANCEIRAS PARA A PARTICIPAÇÃO DE
PORTUGAL NA I GUERRA MUNDIAL. NA PROTO-HISTÓRIA DA
INTEGRAÇÃO EUROPEIA¹**

**AFONSO COSTA AND MANUEL TEIXEIRA GOMES IN THE
MISSION THAT NEGOTIATED IN LONDON IN THE SUMMER
OF 1916. THE FINANCIAL CONDITIONS FOR THE
PARTICIPATION OF PORTUGAL IN WORLD WAR I**

Jorge Pais de Sousa, Universidade de Coimbra. Portugal

E-mail: jorgepais@sousa@netcabo.pt

Resumo: A guerra, naval e submarina, atinge o seu ponto crítico no primeiro semestre de 1916. É ao abrigo da aliança com o seu mais antigo aliado, que a Inglaterra pede ao governo português, a requisição dos navios alemães surtos nos portos portugueses desde o início da I Guerra Mundial. Nesta sequência, a Alemanha, a 9 de março de 1916, declara guerra a Portugal. Surge, então, o convite do governo britânico para uma missão governamental se deslocar a Londres para negociar as condições financeiras e técnico militares em que os navios serão alugados ao governo britânico, bem como as condições em que Portugal pode contrair empréstimos para entrar na guerra.

Palavras-chave: I República, Política Externa de Portugal, Intervenção na I Guerra Mundial, Acordos lusobritânicos; financiamento.

¹ Recibido: 01/04/2014 Aceptado: 06/06/2014 Publicado: 15/06/2014

Abstrat: Naval war reached its most critical point in the first half of 1916. Because of their alliance as his oldest ally, United Kingdom asked the Portuguese government to confiscate two German ships tied up in the Portuguese harbours from the beginning of World War I. During this lapse of time Germany declared war on Portugal, concretely on March 9, 1916. Within this context British government's ask the Portuguese one to send a delegation in order to deal with the financial, military and technic conditions in which ships would be rented to the British government, as well as the conditions in which Portugal could obtain loans to get into war.

Keywords: First Portuguese Republic, Portuguese foreign policy, Portuguese involvement in World War I, Luso-British agreements, war funding

1. INTRODUÇÃO

Num ano em que se assinala, em todo o mundo, o centenário do início da Grande Guerra (1914-1919) dedicamos este breve ensaio ao estudo da missão, política e diplomática, que Afonso Costa (1871-1937) chefiou e que negociou em Londres, no início do verão de 1916, as condições financeiras relativas à participação de Portugal naquele que foi o primeiro conflito militar à escala planetária. Trata-se de um tópico da maior importância, em termos da política externa portuguesa do século XX, e que permanece, em grande medida, por estudar.

Recorde-se que, para muitos historiadores e politólogos, a I Guerra Mundial representa a entrada efetiva da Europa no século XX. E Portugal torna-se, oficialmente, um país beligerante, a 9 de março de 1916, após a declaração de guerra da Alemanha. É certo, todavia, que desde o final do verão de 1914 os diferentes governos enviaram sucessivos contingentes de forças expedicionárias para combater em Angola e Moçambique, de forma a defender as suas maiores e mais importantes colónias africanas dos vários ataques fronteiriços realizados pelas tropas alemãs.

Começamos por identificar o “corpus” documental que suporta este artigo. A principal fonte de informação é o *Diário do Governo*. No entanto, e para um relato circunstanciado das negociações e diferentes reuniões em Londres, o livro de Urbano

Rodrigues *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes* que foi publicado em 1946, ou seja, em pleno Estado Novo, e talvez que também a assinalar os trinta anos da realização da missão londrina, representa um testemunho importantíssimo. É nele que encontramos transcrito, e só por limitações de espaço não constitui anexo deste artigo, o texto da nota diplomática relativa ao acordo em que se estabelece o aluguer ao governo britânico dos navios alemães e austríacos que o governo português requisitou a seu pedido. Por outro lado, foi no decurso da estadia em Londres que Urbano Rodrigues conheceu o ministro plenipotenciário português na capital britânica, Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), de quem se vem a tornar grande amigo e estudioso da sua obra literária. Manuel Teixeira Gomes que estabelece, em Londres, com Afonso Costa, o início de uma relação de amizade e de aproximação política, e que vem a ser presidente da República (1923-1925). Acrescente-se que Urbano Rodrigues, quando publica este livro, já está “convertido”, em termos ideológicos, ao salazarismo. Todavia, a informação do livro de Urbano Rodrigues é complementada com o volume de *Discursos Parlamentares 1914-1926* que Afonso Costa proferiu no Congresso da República e com a consulta do volume de *Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas* (1960) que estabeleceu com Manuel Teixeira Gomes. Também é útil a consulta das atas dos conselhos de ministros publicadas em livro, por A. H. De Oliveira Marques, com o título de *O Segundo Governo Afonso Costa 1915-1916*. Cruzamos, ainda, esta documentação com as apreciações críticas, muitas vezes dúplices, que João Chagas faz em Paris, em relação à vida política portuguesa e à situação de guerra que se vive na Europa, designadamente em relação a Afonso Costa, considerações estas que registou nos diferentes volumes do seu *Diário* (1929). Por último, é importante a consulta do livro *Memórias da Grande Guerra (1916-1919)* de Jaime Cortesão (1884-1960), pois este escritor e intelectual da Renascença Portuguesa foi um protagonista privilegiado nestes acontecimentos. Nesta altura, é deputado do PRP/Partido Democrático e, sendo intervencionista, alista-se como médico voluntário para ir combater na Flandres integrado no Corpo Expedicionário Português (CEP).

2. A PARTICIPAÇÃO NA CONFERÊNCIA ECONÓMICA DOS GOVERNOS ALIADOS DE PARIS, COMO PRIMEIRA ETAPA DA MISSÃO PORTUGUESA

O ministro das Finanças Afonso Costa e o ministro dos Negócios Estrangeiros Augusto Soares (1873-1954), acompanhados por Urbano Rodrigues e Santos Tavares, chegam a Paris a convite do Eliseu, a 11 de junho de 1916, com o objetivo de participar na Conferência Económica dos Governos Aliados promovida pelo governo francês.

Precise-se que Urbano Rodrigues e Eugénio Santos Tavares desempenhavam as funções de secretários e chefes de gabinete. No entanto, o jornalista e escritor Urbano Rodrigues (1888-1971), que fora aluno do Curso Superior de Letras de Lisboa e vai ser diretor do jornal *O Mundo*, era também, neste ano de 1916, deputado, pelo círculo de Beja, do Partido Republicano Português/Partido Democrático. É, portanto, com o estatuto triplo de deputado, secretário e chefe de gabinete de Afonso Costa, que integra a missão londrina e se torna testemunha bem colocada de todo o trabalho político e diplomático ali realizado.

O governo francês, pelo seu lado, instala a missão portuguesa no Hotel Meurice, onde esta dera entrada, com numerosa bagagem, pelas 10 horas da noite. Este último fato significa que Paris constitui uma etapa preparatória de uma missão, cujo objetivo final é bem mais difícil e espinhoso de cumprir, uma vez que vinha também mandatada para seguir para Londres e aí “definir com o governo inglês a questão do nosso concurso na guerra”. João Chagas refere-se também a estes ministros portugueses como estando a fazer uma missão que “tem um grande alcance.”² Acrescente-se que, e segundo se pode ler também no seu *Diário*, este havia recebido um telegrama, datado de 31 de maio, a dar-lhe notícia desta ida a Paris de Afonso Costa e de Augusto Soares.

Esta missão não assumiu a natureza de secreta, como por vezes surge qualificada, mas sim a de “missão especial do Governo da República” como se pode ler no *Diário do Governo*. E é por se prever, de antemão, que esta “missão especial” seria demorada que o texto do decreto prevê a substituição interina, nas funções de ministro das Finanças e dos Negócios Estrangeiros, por outros elementos do Governo, consulte-se, a propósito, o decreto n.º 2.440, de 12 de junho de 1916.³

2 CHAGAS, João (1929): *Diário: 1915 - 1916 - 1917*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p. 265.

3 Porque o texto deste diploma, decretado em nome da Presidência da República, é curto, procedemos à sua transcrição: “Atendendo a que os Ministros das Finanças e dos Negócios Estrangeiros vão a Inglaterra e à França em missão especial do Governo da República: hei por bem, sob proposta do Presidente do Ministério, e ouvido o Conselho de Ministros, decretar que todos os actos em que for necessária a

É fundamental passar em revista, ainda que em traços gerais, o contexto internacional e português em que decorre a realização desta “missão especial do Governo da República”. Nesta altura, a guerra, naval e submarina, está no seu auge, com os ingleses a registarem inúmeras e pesadíssimas baixas. Por exemplo, o ministro plenipotenciário português em Paris regista no seu *Diário* que, a 5 de junho de 1916, tivera lugar uma batalha naval em que cinco mil ingleses pereceram. No dia seguinte, corre, com grande pesar, a notícia nas chancelarias que o couraçado inglês, que transportava o ministro da Guerra lord Kitchner e o seu estado-maior, fora afundado nos mares da Escócia quando se dirigia para a Rússia. Em contrapartida, na frente oriental os russos haviam feito uma investida com sucesso na Bukovina e fizeram mais de trinta e seis mil prisioneiros. Ao mesmo tempo que a Alemanha aumentava em Verdun, na frente ocidental, a pressão militar. A Batalha de Verdun torna-se a mais longa e devastadora batalha da I Guerra Mundial e de toda a história militar, que opôs os exércitos francês e alemão entre 21 de fevereiro a 18 de dezembro de 1916, salda-se numas impressionantes 970 mil baixas. Por outro lado, e para aliviar a pressão alemã em Verdun, os ingleses ultimam para 1 de julho, em colaboração com a França, o início da ofensiva do Somme. Ofensiva que se torna, também, em mais uma longa e sangrenta batalha que só tem fim a 17 de novembro e onde pereceram 450 mil homens. Recorde-se que só no dia 1 de julho, o primeiro dia da ofensiva aliada, os britânicos registaram mais de 57.470 baixas, das quais 19.240 são mortos, naquele que é considerado o dia mais sangrento de sempre da história do exército britânico. A missão portuguesa está em Londres neste trágico dia 1 de julho de 1916 e é informada destas notícias catastróficas e do banho de sangue que corre em toda Europa e também por todo o mundo.

Quando a missão especial do Governo da República parte para Paris e Londres para negociar, entre outros, o problema do aluguer ao governo inglês dos navios, alemães e austríacos, e as condições em que o governo português pode contrair empréstimos de guerra, qual era a situação, em termos de política interna portuguesa? Primeiro de tudo importa referir que Portugal estava em “estado de guerra” com a Alemanha. Naquela

intervenção direta daqueles Ministros sejam, respetivamente, praticados pelo Presidente do Ministério e Ministro das Colónias e pelo Ministro da Guerra. Os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da República, 12 de junho de 1916. Bernardino Machado – António José de Almeida – Brás Mousinho de Albuquerque – Luís de Mesquita Carvalho – José Mendes Ribeiro de Norton de Matos – Vítor Hugo de Azevedo Coutinho – Francisco José Fernandes Costa – Joaquim Pedro Martins – António Maria da Silva”, em Dec. 2 440, *Diário do Governo*, I Série, 12 de junho de 1921. Estudar esta missão, e transcrever este diploma, é tanto mais importante porquanto esta matéria é completamente omitida na recente biografia de MENESES, Filipe Ribeiro (2010): *Afonso Costa*. Alfragide, Texto.

que é a conjuntura mais crítica que Portugal viveu em todo o século XX e que é a de um país e de um mundo em guerra. Bernardino Machado (1854-1944) é o presidente da República e António José de Almeida (1866-1929) preside a um governo de coligação constituído pelo Partido Evolucionista e o PRP/Partido Democrático, que tomara posse a 15 de março de 1916, com o apoio no parlamento da União Republicana de Brito Camacho. Acrescente-se que três dias antes da tomada de posse, a 12 de março e em conformidade com a Constituição, o Congresso da República decreta a lei que confere ao governo as faculdades necessárias “ao estado de guerra com a Alemanha”, nestes termos:

“Presidência da República – Gabinete da Presidência – Lei n.º 491

Em nome da Nação, o Congresso da República decreta, e eu promulgo, a lei seguinte: Artigo único. São conferidas ao Poder Executivo todas as faculdades necessárias ao estado de guerra com a Alemanha, nos termos do artigo 26.º, n.º 14.º da Constituição.

O Presidente do Ministério e os Ministros de todas as Repartições a façam imprimir, publicar e correr. Paços do Governo da República, 12 de março de 1916. – Bernardino Machado – Afonso Costa – Artur R. de Almeida Ribeiro – João Catanho de Meneses – José Mendes Ribeiro Norton de Matos – Vítor Hugo de Azevedo Coutinho – Augusto Luís Vieira Soares – António Maria da Silva – Alfredo Rodrigues Gaspar – Frederico António Ferreira de Simas”⁴

Este governo é designado de ministério da “União Sagrada” inspirado na fórmula política homónima que em França, mas desde o início e até ao fim da I Guerra Mundial, juntava no governo os principais partidos políticos. Ministério que, por sua vez, só foi possível devido à vontade política de Afonso Costa em constituir um governo de coligação nacional. Neste sentido resolve pedir a exoneração de presidente do Ministério (1915-1916) face às circunstâncias políticas excepcionais resultantes da

4 Lei n.º 491 em *Diário do Governo*, I Série, 15 de março de 1916. O artigo 26.º da Constituição invocado neste diploma define as atribuições do Congresso da República e, em particular, estipula: “14.º Autorizar o Poder Executivo a fazer a guerra, se não couber o recurso à arbitragem ou esta se malograr, salvo caso de agressão iminente ou efetiva por forças estrangeiras, e a fazer a paz.” - Constituição Política da República Portuguesa, votada em 21 de Agosto de 1911 pela Assembleia Nacional Constituinte, em *Constituições Portuguesas* (1992), Lisboa, Assembleia da República, pp. 203-204.

declaração de guerra alemã, sendo que chefiava um governo cuja base partidária assentava no seu PRP/Partido Democrático que liderava e vencera, de forma indiscutível, as eleições de maio de 1915. Não hesita perante o interesse nacional, e passa António José de Almeida a presidir ao novo Governo da “União Sagrada”, enquanto Afonso Costa assume a pasta nevrálgica das Finanças. É bom ter presente que Afonso Costa, na primeira vez que presidiu ao governo em acumulação com a pasta das Finanças, conseguira alcançar dois *superávites* em 1913 e 1914. Um feito inédito na história das finanças públicas portuguesas. Mas também Norton de Matos transitara de governo anterior com a pasta da Guerra, de forma a dar continuidade à política de preparação do Exército. E o mesmo se diga de Augusto Soares que também mantém a titularidade de ministro dos Negócios Estrangeiros.

2.1 A crise das subsistências, a criação do Ministério do Trabalho e a requisição dos navios alemães, ou a tomada de medidas socialistas em matéria de economia de guerra.

Atendamos à grave conjuntura política, social e económica decorrente da guerra e da crise de subsistências,⁵ que afeta em geral a população portuguesa e que se agudiza e toma proporções dramáticas nos principais centros urbanos, em que tem lugar o contencioso diplomático suscitado pelo processo de requisição dos navios alemães. O Congresso da República e o governo presidido por Afonso Costa começaram por criar, pela Lei de bases n.º 480 de 7 de fevereiro de 1916, uma *Comissão Central de Subsistências* que fica a funcionar sob a égide do Ministério do Fomento. Neste diploma o parlamento delega no governo e na Comissão Central de Subsistências que tome “todas as providências destinadas a promover o abastecimento do país de matérias primas e mercadorias de primeira necessidade e a normalizar o mercado interno”.⁶ Em matéria de transportes, prevê a base 10.º deste diploma: “O Governo poderá requisitar em qualquer ocasião as matérias primas e os meios de transporte que forem indispensáveis à defesa ou economia nacional, que se encontrem nos domínios da

5 Cf. Tivemos a oportunidade de estudar e constatar que Salazar (1889-1970) dedica os anos da guerra a estudar a economia de guerra portuguesa e a preparar as suas teses universitárias para se tornar professor das cadeiras de Economia Política e de Finanças da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, daí as suas duas teses de 1916: *Estudos de Economia Nacional - Questão Cerealífera: O Trigo*; e *Estudos de Economia Nacional - O Ágio de Ouro: Sua Natureza e suas Causas*. E no ano de 1918 publica o artigo *Alguns Aspectos da Crise das Subsistências*, onde propõe uma ação centralizada e a figura do “ditador de víveres” para resolver o problema das subsistências. Sobre o pensamento económico e financeiro de Salazar, cf. SOUSA, Jorge Pais de (2011): *O Fascismo Catedrático de Salazar: Das Origens na I Guerra Mundial à Intervenção Militar na Guerra Civil de Espanha 1914-1939*, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 276-282.

6 Lei n.º 480, em *Diário do Governo*, I Série, 7 de fevereiro de 1916.

República.”⁷ A 23 de fevereiro, a presidência do Ministério vem regulamentar a base 10.^a da Lei n.º 40, ou seja, antecipando o quadro legal como se vai proceder à requisição dos navios alemães e austríacos. Interessa, porém, atender aos dois considerandos que integram o preâmbulo do Decreto n.º 2.299, onde se percebe que a resolução do problema dos transportes marítimos é crucial, no quadro crítico da guerra naval e submarina em curso, para resolver o problema das subsistências que adquire a importância de “salvação pública”, veja-se:

“Atendendo aos interesses da economia nacional, no que respeita aos meios de transportes marítimos, que cada vez se tornam mais difíceis e dispendiosos, sendo um dos motivos dessa dificuldade a falta de navios que façam esse serviço;

Atendendo a que semelhante assunto se prende directamente com o actual problema das subsistências, que é de salvação pública e por isso reclama instantemente medidas urgentes e adequadas às imperiosas necessidades do país...”⁸

Em seguida, identificamos quantos são e a que nações pertencem os navios, surtos em portos portugueses, que foram requisitados pelo governo português até ao decurso das negociações em Londres. No seu conjunto totalizam quarenta e dois (42) navios. Quarenta e um (41) são navios alemães e um (1) é austríaco. Acontece que são requisitados, pelo governo português, em três momentos diferentes. A primeira e a maior requisição tem lugar a 24 de fevereiro de 1916 e é aplicada, pelo decreto n.º 2 236, a trinta e cinco (35) navios alemães surtos no porto de Lisboa, os quais perfazem um total de 55 613 toneladas. Por uma questão de rigor e de importância histórica que semelhante decreto teve consideramos importante transcrever na íntegra este diploma, em nota de rodapé, e, desta forma, identificar todas as embarcações alemãs e respetiva tonelagem requisitadas pelo governo português “para serviço do Estado.”⁹ Na mesma

⁷ *Ibidem*.

⁸ Decreto n.º 2.229, em *Diário do Governo*, I Série, 23 de fevereiro de 1916.

⁹ “Ministério da Marinha – Gabinete do Ministro – Decreto n.º 2 236: Usando da faculdade que me concede a lei n.º 480, de 7 de fevereiro de 1916, e nos termos do decreto n.º 2 229, de 23 do referido mês, e sob proposta do Governo: hei por bem decretar o seguinte: Artigo único. São requisitados para serviço do Estado os navios abaixo mencionados, surtos no porto de Lisboa: Alemães – *Arkadia*, 1.106 t; *Achilles*, 580 t; *Antares*, 1.529 t; *Bulow*, 5.034 t; *Casa Blanca*, 1.043 t; *Cheruskia*, 2.047 t; *Enos*, 1.210 t; *Euripos*, 1.747 t; *Electra*, 417 t; *Energic*, 452 t; *Galata*, 2.580 t; *Girgente*, 1.036 t; *Jaffa*, 1.236 t; *Laneck*,

folha oficial publica-se o Decreto n.º 2.237 em que se regulamenta a comissão de oficiais da marinha encarregada de administrar todo o processo de requisição dos meios navais alemães e austríacos.

A 1 de março é decretada uma segunda requisição de seis navios alemães surtos nos portos portugueses dos Açores, nas cidades de Ponta Delgada e Horta, identificando o tipo de embarcação mas não a sua tonelagem. E porque neste conjunto de navios alemães se encontra a galera *Max* e que vem a ser transformada em navio escola, depois de devolvido pelos ingleses no final da guerra e integrado na Armada Portuguesa com o nome de *NRP Sagres II* por decisão do governo da República em 1924, e que estará ao serviço da Marinha portuguesa até ser substituído em 1962 pela atual *Sagres III*, transcrevemos o artigo único deste decreto que estabelece:

“São requisitados para o serviço do Estado os navios alemães *Schwazburg* (vapor), *Schiffbek* (galera) e *Margareth* (galera), surtos em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, e os navios da mesma nacionalidade: *Schaumburg* (vapor), *Sardinia* (vapor) e *Max* (galera), surtos no porto da Horta, na Ilha do Faial.”¹⁰

A 16 de março, ou seja, quatro dias depois do Congresso da República conferir ao poder executivo os poderes necessários para fazer a guerra com a Alemanha, sai o diploma que cria o Ministério do Trabalho e Previdência Social, do qual ficam

786 t; *Lubeck*, 1.055 t; *Milos*, 1.758 t; *Mazagan*, 1.110 t; *Mogador*, 785 t; *Mailand*, 1.030 t; *Mina Schuldt*, 616 t; *Naxos*, 1.389; *Newva*, 89 t; *Picador*, 327 t; *Pluto*, 892; *Prinz Henrick*, 3.886 t; *Phoenicia*, 2.185; *Rolandseck*, 757 t; *Rotterdam*, 1.385 t; *Rhodos*, 1.220 t; *Sophie Rickmers*, 2.262 t; *Taygetos*, 1.817 t; *Uckermark*, 2.652 t; *Wurtemberg*, 4.829 t; *Westervald*, 2.390 t; *Santa Ursula*, 2.340 t. Os Ministros de todas as Repartições assim o tenha entendido e façam executar. Paços da República, 24 de Fevereiro de 1916 – Bernardino Machado – Afonso Costa – Artur de Almeida Ribeiro – João Catanho de Meneses – José Mendes Norton de Matos – Vitor Hugo de Azevedo Coutinho – Augusto Luís Vieira Soares – António Maria da Silva – Alfredo Rodrigues Gaspar – Frederico António Ferreira de Sima”, em *Diário do Governo*, I Série, 24 de fevereiro de 1916. Soares Martínez afirma que “eram em número de cerca de oitenta os navios alemães que se achavam em águas portuguesas”, pois se o eram, e até às negociações de Londres, cerca de metade estavam por requisitar pelo governo português. Como já referimos, e até ao verão de 1916, a tonelagem total requisitada rondaria as 60 000 toneladas. Fazemos esta afirmação com base no suporte legal expresso no *Diário do Governo*. Todavia, afirma-se que foi um total de “237 000 toneladas apresadas” pelo governo português, certamente que com base em Diários do Governos posteriores ao período por nós estudado, cf. MARTÍNEZ, Soares (2001): *A República Portuguesa e as Relações Internacionais (1910-1926)*, Lisboa, Verbo, 2001, p.193.

¹⁰ Em Decreto n.º 2.243, em *Diário do Governo*, I Série, 1de março de 1916. É de acrescentar que a antiga *Sagres II* foi entregue, em 1983, à associação alemã Windjammer für Hamburg que, em troca ofereceu o navio *Polar* à marinha portuguesa. Foi restaurado para ser navio-museu e é visitável no Porto de Hamburgo, cf. *NRP Sagres II* em http://pt.wikipedia.org/wiki/NRP_Sagres_III. Sabemos, desta forma, que desloca 1.980 toneladas.

dependentes os serviços de trabalho, previdência social, e subsistências. António Maria da Silva (1872-1950) transita da pasta do Fomento para passar a ser o primeiro português a ser ministro do Trabalho e Previdência Social.

O fato de o problema das subsistências constar da designação da orgânica de uma das duas direções gerais - Previdência Social e Subsistências – e ficar sob a tutela do Ministério do Trabalho tem uma leitura política. Duas observações devem ser feitas sobre esta matéria, uma de caráter político-partidário, e outra de caráter teórico e ideológico. Em relação à primeira, o programa do PRP/Partido Democrático consagra e defende a criação de um Ministério do Trabalho, o qual não consta do programa do Partido Republicano Evolucionista (PRE) dirigido por António José de Almeida.¹¹ Enquanto no campo teórico e ideológico, importa recordar o que escreveu Afonso Costa, em 1895, na sua tese de doutoramento *A Igreja e a Questão Social*, na primeira parte que é dedicada ao socialismo e, concretamente, no capítulo “O Futuro”, em que reitera a defesa das ideias do socialismo integral de Benoît Malon. Expõe nele todo um programa de ação política socialista que deve ser realizado, lenta e gradualmente, uma vez eleita a minoria de deputados socialistas para o parlamento. Ali considera prévias e prioritárias a todas as reformas de alcance socialista aquelas que se relacionam com as alterações na legislação internacional do trabalho, como é o caso da jornada das oito horas de trabalho, etc. Escreveu a propósito Afonso Costa: “Esta legislação internacional do trabalho é, por Malon, considerada como praticável mesmo durante a organização actual. É a mais urgente reforma. As restantes começarão, gradual e lentamente, a introduzir-se no organismo de cada povo, mas só terão a sua realização completa com o advento do socialismo.”¹² Na verdade, Malon, no segundo volume de *Le Socialisme Intégral* dedicado às reformas socialistas, tem um capítulo denominado “O Ministério do Trabalho e as suas atribuições”, onde explana, ao longo de mais de quarenta páginas, as competências deste ministério que é fulcral para a execução de políticas socialistas.¹³ As administrações dos Correios e Telégrafos e dos Caminhos de Ferro do Estado transitam do Ministério do Fomento para ficarem sob a alçada do novo

11 No programa do PRP/Partido Democrático pode-se ler-se: “A criação do Ministério do Trabalho e Previdência Social”, em LEAL, Ernesto Castro (2008): *Partidos e Programas: O Campo Partidário Republicano Português (1910-1926)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 155. Mas se lermos o programa evolucionista não encontramos qualquer referência à criação nem deste nem de qualquer ministério, ao contrário do democrático, cf. Id., o. c., pp. 211 a 226.

12 COSTA, Afonso (1895): *A Igreja e a Questão Social: Analyse critica da encyclica pontificia De Conditione Opificum, de 15 de maio de 1891*, Coimbra., Imprensa da Universidade, p. 98.

13 Cf. MALON, Benoît (1891): *Le Socialisme Intégral II: Des Reformes Possibles et des Moyens Pratiques*, Paris, Félix Alcan, pp. 169-208.

Ministério do Trabalho. Recorde-se que também nestes domínios o coletivismo integral de Afonso Costa preconiza que o Estado deve apropriar-se “mediante indemnização, das instituições de crédito, dos caminhos de ferro, das minas, canais, etc.”¹⁴ A este propósito, refira-se que durante a discussão em conselho de Ministros, do governo presidido por Afonso Costa (1915-1916), que prepara e antecede a requisição dos navios alemães, não é de estranhar que no debate sobre quem deve administrar os navios a requisitar, se o Estado, privados, ou outra forma, Afonso Costa afirme: “Ele é essencialmente estatista, e por isso desejaria que a exploração fosse feita pelo Estado.”¹⁵ Porém, e como se verá, não foi esta a solução negociada em Londres.

A terceira e última requisição de barcos tem lugar a 10 de julho de 1916, ou seja, numa altura em que a missão especial da República está em Londres a negociar. Uma vez mais, o Ministério da Marinha decreta a requisição “para serviço do Estado [d]o vapor austríaco *Voriwaertz*, fundeado em Mormugão”¹⁶, o porto mais importante de Goa, na Índia.

2.2 Os resultados da Conferência Económica dos Governos Aliados de Paris

Após o regresso da missão a Portugal, Afonso Costa teve a oportunidade, na qualidade de ministro das Finanças, de prestar esclarecimentos perante o Congresso da República sobre os resultados da Conferência Económica de Paris, sendo que as suas resoluções já haviam sido publicadas no *Diário do Governo* de 29 de junho de 1916. O seu discurso no parlamento resume, em três tipos de medidas diferentes, as principais resoluções tomadas em Paris durante os quatro dias de trabalho intensivo que ela ocupou, de 14 a 17 de junho de 1916, sob a presidência do Clementel, ministro francês do Comércio.¹⁷ Sublinhe-se que a delegação portuguesa teve durante o decorrer dos trabalhos um papel ativo apresentando diversas propostas que viriam a ser, muitas delas, aprovadas pelos diversos países aliados participantes. O ministro das Finanças também informa que reuniu em Paris, especialmente, com os representantes de Inglaterra sobre os assuntos em questão.

14 COSTA, Afonso, *A Igreja e a Questão Social*, p. 94.

15 MARQUES, A. H. de Oliveira (1974): *O Segundo Governo Afonso Costa (1915-1916): Actas dos Conselhos de Ministros*, Mem Martins, Europa-América, p. 144.

16 Decreto n.º 2.496, em *Diário do Governo*, I Série, 10 de julho de 1916.

17 Cf. COSTA, Afonso (1977): *Discursos Parlamentares 1914-1926: Compilação, prefácio e notas de A. H. de Oliveira Marques*, Amadora, Livraria Bertrand, p. 197.

“A - Medidas para o tempo de guerra: comércio como o inimigo, sequestro, depósito, administração ou liquidação dos seus bens, contrabando de guerra, exportações e importações, etc.;

B – Medidas transitórias para o período de reconstituição comercial, industrial, agrícola e marítima dos países aliados proclamando-se solidária par o efeito das reparações aos países vítimas de destruições e espoliações, comprometendo-se a não dar a nenhuma nação inimiga o tratamento de nação mais favorecida durante um número de anos a fixar depois da paz, estabelecendo mercados de colocação compensadores, organizando a a luta contra o *dumping*, etc.;

C – Medidas permanentes de apoio mútuo e de colaboração entre os aliados: procurando garantir a independência dos aliados quanto a matérias-primas, organização financeira, comercial e marítima, desenvolvimento de indústrias e comércio nos países aliados, colocação recíproca dos seus produtos, melhoramentos de transportes e comunicações, unificação das medidas sobre propriedade industrial, etc.”¹⁸

Em suma, pode afirmar-se que os interesses de Portugal ficaram acautelados, quer para o período de guerra, quer para o período de reconstituição económica que se lhe iria seguir, posteriormente, à assinatura do tratado de paz. E o ministro das Finanças Afonso Costa vai mais longe e informa o Congresso da República que estes três tipos de medidas constituem a base para que os países aliados, após a guerra:

“...hajam de constituir-se como que numa federação económica de defesa, no período de reconstituição, contra os impérios ocidentais.”¹⁹

Acrescenta que se defendeu, em Paris, o princípio da criação de mercados de colocação compensadores, pois, neste mercados, países como Portugal poderão conseguir a boa colocação dos seus produtos continentais e coloniais.²⁰

18 Id., *o. c.*, pp. 197-198.

19 Id., *o. c.*, p. 198.

20 Id., *Ibidem*. Recorde-se que o professor universitário Afonso Costa era um socialista federalista e sustenta na sua tese de doutoramento a constituição, em matéria de economia e de política, o seguinte: “... para a economia política, um sistema de produção, repartição e circulação das riquezas, que garanta a cada a subsistência e aos que trabalham o produto integral do seu esforço, deduzidos os encargos gerais, - e para a política, uma federação planetária formada sobre sucessivas e cada vez mais largas federações de

A terminar este tópico, e do ponto de vista da diplomacia económica de guerra, as negociações financeiras que se irão seguir em Londres, entre Portugal e Inglaterra, não podem deixar de ter em conta aquilo que acabara de ser acordado entre os diferentes governos aliadas na Conferência Económica de Paris.

3. AS NEGOCIAÇÕES EM LONDRES E A AFIRMAÇÃO POLÍTICA DE AFONSO COSTA COMO DIPLOMATA

A 21 de junho a missão portuguesa chega a Londres de comboio, e tem a recebê-la, na Estação Victoria, o ministro da Legação portuguesa Teixeira Gomes.²¹ Seguem de imediato para o hotel, onde o governo inglês, a seu convite, instalara os elementos da missão portuguesa “nos melhores apartamentos do Carlton” e colocara às suas ordens “dois excelentes *Daimler*”²².

Importa ter presente que Manuel Teixeira Gomes ocupa em Londres, desde 11 de outubro de 1910, o cargo de ministro Plenipotenciário de Portugal. Era de particular dificuldade a missão confiada a Teixeira Gomes e por diversas razões. Pelas nossas ligações diplomáticas especiais a Inglaterra. E pelas tradicionais e exigentes políticas do Foreign Office. Acresce que, nesta altura, a família real portuguesa encontrava-se exilada e a residir na capital inglesa. E também o marquês de Soveral (1851-1922) - que integrara o grupo de intelectuais “Os Vencidos da Vida” com, entre outros, os escritores Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano – exercia grande influência junto da família real britânica e dos círculos diplomáticos londrinos. Teixeira Gomes já tinha obra literária publicada, de feição erótica e pouco convencional para o seu tempo, quando chega a Londres. E destaca-se ali pelos seus interesses artísticos, pela sua independência económica e “a experiência de trato com ambientes do estrangeiro.”²³ E conta na sua Legação como primeiro secretário, o filho do conde de

povos, raças, grandes regiões e continentes, tendo por base única a República Social”, em COSTA, Afonso, *A Igreja e a Questão Social*, p. 14.

21 Cf. RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes: Notas para o Estudo da sua Personalidade e Obra*, Lisboa, Editora Marítimo-Colonial, p. 19.

22 Cf. Id., *o. c.*, pp. 20 e 85.

23 MARTÍNEZ, Soares (2001): *A República Portuguesa e as Relações Internacionais (1910-1926)*, p. 64. Um bom exemplo deste à vontade de Teixeira Gomes nos corredores e círculos diplomáticos britânicos é a “amizade fraternal” que o ligava a Sir Eyre A. Crowe (1864-1926), subsecretário permanente dos Negócios Estrangeiros, com quem “almoçava todos os sábados no Carlton e o convidava constantemente a ir passar com ele o *weekend*. Essa amizade era a inveja de certos diplomatas e o enlevo de outros de grande experiência e nossos amigos como Cambon, o embaixador de França, e Fontoura Xavier,

Tovar, enquanto o segundo secretário é Câmara Manuel, e o mais novo – então terceiro secretário – era João de Bianchi. Este último, vai fazer uma carreira diplomática brilhante e, na década de quarenta e portanto durante o Estado Novo, chega a embaixador de Portugal nos Estados Unidos da América (EUA). Em suma, e nos alvares da República, trata-se de uma embaixada forte e prestigiada aquela que a República constitui em Londres, o que leva Urbano Rodrigues a considerar que foi este o período “em que tivemos ali melhor pessoal.”²⁴

Em termos político-partidários, escreve o seu biógrafo que Teixeira Gomes era conotado nos círculos lisboetas com a União Republicana de Brito Camacho. Desde que estalara a guerra, no entanto, manifesta “a sua plena concordância com a política de inteiro e leal apoio à Inglaterra dentro do espírito da aliança. Quando se formou o Governo da coligação republicana presidido pelo dr. António José de Almeida e o dr. Brito Camacho teimou em ficar alheio, o ministro em Londres, com o conhecimento especial da situação que o seu cargo lhe dava e com a sua autoridade de republicano de sempre, escreveu ao chefe do Partido Unionista aconselhando-o a apoiar a política de intervenção na guerra. E como ele não lhe desse ouvidos, dessa hora em diante não deixou de esconder a sua mágoa e pôs-se de alma e coração ao lado do Governo, que interpretava o sentimento da grande maioria da Nação e estava no bom caminho.”²⁵

Começa, pois, a desenhar-se, no contexto da guerra e em Londres, uma aproximação política e uma grande amizade com Afonso Costa. E estamos em crer que esta natureza dupla de aproximação interpessoal contribuiu, em larga medida, para o desfecho das negociações londrinas ser favorável aos interesses de Portugal. Vejamos o que disseram na capital britânica um sobre o outro, quer o ministro Plenipotenciário, quer o ministro das Finanças.

“O Costa – dizia-me às vezes, no seu hábito de tratar as pessoas por um só nome – é um homem de larga visão; assim o deixem no Governo e o ajudem... Até sabe tratar com os nossos amigos ingleses!

Por outro lado eu ouvira o chefe de missão, que numa nobre renúncia, presidindo o maior partido mas pensando acima de tudo no bem da Pátria, deixara a condução do Governo a um adversário:

representante do Brasil”, em RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 27-28.

24 RODRIGUES, Urbano (1946), *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 29.

25 RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 26-27.

- Foi uma fortuna termos aqui este homem. Além de sentir bem qual é o nosso dever e qual o nosso interesse, tem grande habilidade para negociar e possui uma situação de grande prestígio no Foreign Office.”²⁶

Também o facto de as negociações terem sido lentas, pois versaram questões técnicas e financeiras muito importante e delicadas – o que na perspectiva de Urbano Rodrigues “desmente a lenda de que na Inglaterra a burocracia não é como nos outros países”²⁷ - contribuiu para um maior conhecimento mútuo entre os delegados governamentais e o pessoal diplomático português. Repare-se que a missão especial do governo português permaneceu em Londres, entre 21 de junho e 27 de julho,²⁸ ou seja, 35 dias de longas, complexas e duras negociações.

Vejamos agora o perfil e o comportamento de Afonso Costa em Londres, enquanto chefe da missão especial do governo da República e ministro das Finanças. Segundo o testemunho do seu secretário pessoal e chefe de gabinete, Afonso Costa era um político inteligente, metódico e trabalhador, qualidades que, por certo, desenvolvera enquanto professor universitário. Neste sentido, o dia de trabalho em Londres não terminava sem que, na presença e sob a supervisão do ministro das Finanças, fossem lidos “e redigidos os últimos telegramas e preparados os assuntos a tratar no dia seguinte no Board of Trade, na Treasury ou no Foreign Office”, pois, acrescenta, “às suas altas qualidades intelectuais juntava as faculdades de grande e metódico trabalhador”.²⁹ No entanto, e todas as noites, após o trabalho concluído, Teixeira Gomes vinha fumar um charuto na sala da missão especial no Hotel Carlton. É que terminados os assuntos de governo entrava-se, “como dizia o chefe da missão (no estilo do professor de Coimbra que nunca perdeu), na *parte vaga*...”³⁰ sendo nestes momentos de descontração que Teixeira Gomes revela as qualidades de conversador nato e conquista a simpatia e admiração de todos.

Acrescente-se que, e num tempo em que na Inglaterra vigorava há muito o *weekend*, ou a chamada semana inglesa, não obstante, o metucioso e trabalhador Afonso Costa, “aproveitava os sábados para fazer pôr em dia a nossa secção burocrática (onde sempre

26 Id., *o. c.*, p. 27.

27 Id., *o. c.*, p. 30.

28 Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira (1975): *Afonso Costa*. 2.^a ed., Lisboa, Arcádia, p. 56.

29 RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 30.

30 Id., *o. c.*, p. 33. Refira-se que, nesta altura, Afonso Costa é professor catedrático e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

fui mau praticante; escrevia com vagar algumas notas, completava e fazia-me completar a redacção das *memórias* (*procés verbal*, dizem os franceses) das conferências havidas ou de conversas, mesmo em banquetes ou recepções.”³¹ Portanto, ficava apenas o domingo para sair de Londres e passear pelo campo inglês. E faziam-no alugando táxis. Isto numa perspectiva de ética republicana e socialista. É que, embora o governo britânico tivesse entregue à missão portuguesa dois “excelentes *Daimler*” para se deslocarem em viatura própria, todavia, quer o ministro das Finanças, quer o ministro dos Negócios Estrangeiros, levavam ao máximo o seu escrúpulo em relação ao uso de bens públicos, como são as viaturas do Estado, fora do trabalho da missão especial da República.³²

Quando os pormenores do acordo sobre assistência financeira ficaram estabelecidos, quanto à “forma de emitir os bilhetes do tesouro, ouro, o seu montante, a aquisição do material, os meios práticos de se efectuarem os nossos pagamentos às tropas em campanha, etc.”³³ e iriam ser fixados oficialmente os respetivos acordos, uma crise política esteve próxima de acontecer.

Com efeito, Afonso Costa “decidira, na sua preocupação de não querer sobrepor-se jamais ao Presidente do Governo, transmitir para Lisboa as bases estabelecidas e pedir, por formalidade, o seu acordo, para assinar, embora tivesse partido com plenos poderes.”³⁴ Redigido o telegrama, na presença de todos, Urbano Rodrigues apresenta as suas objeções. Receava que em Lisboa a atitude fosse mal interpretada e que, em vez de uma resposta imediata dando o acordo e felicitando os ministros pelo êxito houvesse apreciações do assunto em conselho de ministros e até debate de que resultassem reparos e discordâncias, podendo muito bem surgir um telegrama a impor novas orientações. Afonso Costa, então, irritara-se e afirmara “entre o sério e afectuoso”: “Mas se sou eu afinal quem resolve, para que estou eu a ouvir quem não tem voto!”³⁵ Na altura, Urbano Rodrigues observa que, ali não, mas na Câmara, onde era deputado, tinha o direito e o dever de expressar as suas opiniões. Agora, porém, Teixeira Gomes informa que chegara um telegrama de Lisboa que desesperara o chefe da missão Afonso Costa. E que, para este, “se a situação não fosse tão delicada era homem para pedir a demissão.

31 RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 85.

32 E, aliás, o excesso de zelo na utilização de viaturas oficiais quase que originou um incidente com a segurança a que os ministros da missão especial do governo português estavam sujeitos sem o saber, cf. RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, pp. 86-88.

33 Id., *o. c.*, p. 127.

34 Id., *o. c.*, p. 61.

35 Id., *o. c.*, pp. 61-62.

Discordam da nossa orientação, não reconhecem quase os nossos esforços e indicam o que devemos conseguir ainda para assinar!”³⁶ Momentos depois chegam Afonso Costa e Augusto Soares. O ministro das Finanças informa que chegara nova comunicação, onde “pouco falta para me mandarem redigida a nota a entregar! E que série de tolices!”³⁷ O incidente resolveu-se por meio de comunicação particular com António José de Almeida, o presidente do Governo, que compreendeu de imediato o “melindre da situação e, como era natural, deu todo o apoio aos ministros que em Londres, longe de servirem mal o país, acabavam de obter um grande êxito.”³⁸

Urbano Rodrigues informa que sempre que as negociações se demoravam ou ficavam num impasse era, normalmente, Teixeira Gomes que se movimentava discretamente na burocracia britânica e resolvia os problemas. Nestes momentos, valia-se do seu amigo e Subsecretário do Foreign Office, Sir Eyre Crowe. Foi o caso do acordo em que se fixava os termos do aluguer dos navios ao governo inglês (ver este documento em anexo). Foi aquele governante inglês que junto do Board of Trade desbloqueou a situação, de forma a Afonso Costa ser recebido lá e levantar o projeto definitivo do acordo sobre os navios que tem data de 15 de julho. Neste mesmo dia, João Chagas regista, no seu *Diário*, um telefonema que Augusto Soares lhe faz de Londres. O ministro dos Negócios Estrangeiros informa-o que a participação de Portugal na guerra está decidida e que a “Inglaterra acaba de no-la pedir.” E “perguntolhe se a questão do empréstimo está a bom caminho. Responde-me, sempre sumidamente, que está a bom caminho.”³⁹ O intervencionista João Chagas sente, em Paris, um sentimento de grande satisfação perante as notícias de Augusto Soares. E escreve umas palavras, do ponto de vista histórico, bastante acertadas, uma vez que a cartada do golpe de Estado e da ditadura Sidonista, de 5 de dezembro de 1917 a 14 de dezembro de 1917, vai deitar quase tudo a perder: “Portugal jogou em Londres uma primeira cartada, de que depende o seu destino, e ganhou-a.”⁴⁰

A Legação portuguesa teve de responder ao projeto e começar a trabalhar noutros pormenores a acordar. Um deles, que é muito importante e não consta do texto do acordo, consistia em o governo de Portugal fazer questão de que todos os navios navegassem sob a bandeira portuguesa. Observaram no Foreign Office a Teixeira

36 Id., *o. c.*, p. 62.

37 Id., *o. c.*, p. 63.

38 Id., *o. c.*, p. 63-64.

39 CHAGAS, João (1929): *Diário: 1915 - 1916 - 1917*, p. 274.

40 Id. *Ibidem*.

Gomes que, nesse caso, os capitães e pelo menos metade da tripulação deverão ser cidadãos portugueses. “Certamente!” Terá respondido o diplomata português. E naquela noite discutiu-se no hotel com grande vivacidade, entre outros, este problema. Afonso Costa terá afirmado: “Arranjaremos os oficiais e tripulantes seja como for. Nem que o Leote tenha de nos dispensar alguns dos seus homens para a marinha mercante. É uma questão de brio nacional!”⁴¹ Esclareça-se que Jaime Leote do Rego (1867-1923) atinge o posto de contra-almirante e, durante a I Guerra Mundial, comanda a divisão naval que defendia a costa portuguesa. E conclui Urbano Rodrigues afirmando que também neste domínio do acordo luso-britânico tudo foi cumprido. “Conduzidos só por portugueses os navios cruzaram todos os mares. Alguns foram torpedeados. As tripulações portaram-se com bravura igual à heróica Marinha Mercante inglesa e revelaram a maior competência profissional. Não houve um desastre por imperícia ou descuido dos comandos.”⁴²

Não restam quaisquer dúvidas de que as negociações de Londres, embora difíceis e prolongadas, decorreram da melhor forma possível. Prova-o a recepção que o rei Jorge V fez à despedida da missão especial do governo de Portugal em Buckingham Palace. Nela estiveram presentes os ministros Afonso Costa e Augusto Soares, bem como o nosso representante diplomático Teixeira Gomes. A entrevista demorou mais de meia hora e foi prestigante para Afonso Costa. É que o rei Jorge V expressou nela: “o prazer que tivera em conservar em Londres em conversações amigáveis e úteis com o seu Governo os representantes do velho e leal aliado e mostrou-se conhecedor da situação do dr. Afonso Costa no seu país, da sua obra financeira e da sua política firme em favor da participação na guerra.”⁴³

3. 1 Os resultados das negociações em Londres

A saída de Londres decorreu num tarde cinzenta e, nesse mesmo dia de 27 de julho, os delegados e a sua pequena comitiva chegam a Paris à noite e instalam-se, novamente, no Hotel Meurice. É aí que João Chagas os vai encontrar e falar com Afonso Costa, que o inteira dos resultados das negociações e lhe mostra uma pasta cheia de documentos escritos e assinados em Londres. Na sua perspectiva os resultados das negociações

41 RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 82.

42 Id. *Ibidem*.

43 Id., *o. c.*, p. 128.

havam sido “completos, tão completos que excedem a minha expectativa.”⁴⁴ E termina o registo diário referente a este dia com este comentário revelador da sua ambivalência política e longe da diplomacia de Teixeira Gomes: “Em suma, tudo me pareceu excelente e se não selei a minha impressão de alegria patriótica com um aperto de mão a Afonso Costa é que este homem é um animal junto de quem é sempre preciso fazer reservas. No entanto, o serviço que ele prestou ao país vale uma estátua numa praça pública. Ao seu lado o Soares, sempre irrepreensivelmente vestido, apaga-se, não existe...”⁴⁵

Por último, vejamos o que disse o ministro das Finanças Afonso Costa no parlamento, na já aludida sessão de 7 de agosto de 1916, mas agora sobre os resultados da missão de Londres. Referiu-se, no essencial, aos aspetos financeiros que resultavam para a fazenda pública portuguesa, em relação ao acordo com Inglaterra sobre a requisição dos navios alemães e austríacos surtos em portos portugueses, e também no que respeita às condições dos empréstimos a contrair para a participação portuguesa na guerra.

Sobre o primeiro ponto, veja-se como contextualiza o problema económico nacional e da requisição dos navios no quadro das necessidades mais amplas que são os abastecimentos dos países Aliados em guerra: “Como o Congresso sabe, esses navios foram requisitados por Portugal, não só por causa das necessidades económicas, mas também porque a Inglaterra, nossa aliada, instou para que o fizéssemos em benefício da nossa economia e da dos povos aliados, com cujos interesses nós temos de nos considerar solidários, pois que disso resultará, em grande parte, o nosso próprio abastecimento de matérias-primas, de artigos de primeira necessidade e indispensáveis à nossa existência.”⁴⁶ Em seguida, coloca o problema da opção entre a venda dos navios requisitados à Inglaterra ou do seu aluguer. A sua opinião pessoal era a do aluguer durante a guerra e o seu regresso ao domínio português. E foi esta opção que prevaleceu no acordo fechado com a Inglaterra. Acontece que nele se acautelou também a realização de seguros a pagar durante o empréstimo dos navios e a indemnização em caso de algum incidente. Outra cláusula foi o pagamento pelos ingleses a toda a marinhagem portuguesa segundo os salários correntes em Inglaterra e que eram os mais altos do mundo. Assim:

44 CHAGAS, João (1926): *Diário: 1915 - 1916 - 1917*, p. 277.

45 *Id.*, *o. c.*, p. 278.

46 COSTA, Afonso (1977): *Discursos Parlamentares 1914-1926*, pp. 199-200.

“Nós alugaremos a uma comissão de representante do Governo Inglês todos os navios que não forem precisos. Esse aluguer será feito a catorze xelins e três *pence* por tonelada bruta e por mês; pagos adiantadamente de seis em seis meses durante o aluguer, até seis meses depois de finda a guerra.

Para melhor isto se compreender, eu farei uma comparação.

Se a tonelada alugada for de 180 000, como se calcula, o rendimento dos respectivos navios será de 123 205 libras por mês, ou 1 538 460 por ano, que, no câmbio actual, dá cerca de 90 contos por mês ou 10 800 contos por ano.⁴⁷ Pela venda, como o governo Inglês propunha, receber se-iam aproximadamente 2 400 000 libras, isto é, o que em cerca de um ano e meio se vem a receber com o simples aluguer, voltando os navios ao nosso poder sem nenhuma espécie de encargo, salvo as reparações. Além disso, a comissão inglesa compromete-se a segurar os navios contra todos os riscos, não só pelo chamado preço normal, mas por um preço correspondente ao mais alto que os navios mercantes têm obtido até agora. Conseguiu-se que esse seguro fosse de vinte libras por tonelada bruta ou – o que é bom acentuar – mais uma libra do que o preço pago pelo Sr. Hughes, primeiro-ministro da Austrália, por cada tonelada dos navios que adquiriu recentemente. Se qualquer navio desaparecer por algum incidente, Portugal receberá tantas vinte libras quantas toneladas brutas que esses navios representem.

Mas ainda há outra cláusula, os marinheiros e oficiais portugueses receberão os salários correntes em Inglaterra, que são os mais altos de todo o mundo, e ficou estabelecida a cláusula deque, seja qual for a causa da impossibilidade de o navio navegar, o frete será pago integralmente.”⁴⁸

E vejamos como conclui este tópico das negociações financeiras acordadas em Londres: “parece-me ter-se acautelado a nossa aspiração de possuímos uma importante

47 Para se ter uma ideia aproximada da importância, à época, do valor deste aluguer vejamos o Orçamento Geral do Estado de 1916-1917, onde, no capítulo das receitas, totalizava 89 197 contos. Ora 10 800 contos por ano de receitas de aluguer representavam mais de 1/8 do OGE aprovado. Sem contar que Portugal passava a acrescer à sua frota comercial 42 navios, cf, VALÉRIO, Nuno (2005): *Os Orçamentos no Parlamento Português*, Lisboa, Assembleia da República/Dom Quixote, p. 253.

48 COSTA, Afonso (1977): *Discursos Parlamentares 1914-1926*, pp. 200-201.

marinha mercante, aproveitando os perigos e os riscos que a guerra acarreta, e fazendo-se, ao mesmo tempo, por uma espécie de compensação o desenvolvimento económico em todos os seus aspectos.”

Quanto à questão dos empréstimos para a participação de Portugal no palco da guerra europeia, o ministro das Finanças leu perante os deputados a parte dos acordos referentes a esta matéria financeira, a saber:

“O Governo Inglês fará estes empréstimos ao Governo Português nas mesmas condições em que levanta dinheiro, de tempos a tempo, por bilhetes do Tesouro. O total emprestado ao Governo Português será por este pago ao Governo Inglês dentro de dois anos, a contar da assinatura do tratado de paz, com o produto dum empréstimo externo, que será negociado por Portugal e para cuja emissão o Governo Inglês dará todas as facilidades possíveis.”⁴⁹

O que escreve Jaime Cortesão, na altura deputado do PRP/Partido Democrático, sobre a missão especial portuguesa e o efeito do discurso de Afonso Costa no parlamento e na sociedade portuguesa, ele que se vai alistar, apesar da imunidade parlamentar, como capitão-médico voluntário para combater enquadrado no Corpo Expedicionário Português (CEP) na Flandres francesa?

“Mas pouco antes Afonso Costa e Augusto Soares chegaram da sua viagem de Inglaterra e à França. Por toda a parte magnificamente recebidos. A 7 de Agosto os dois ministros anunciam à Câmara o resultado dos seus trabalhos no estrangeiro.. Grande sessão solene a que assiste o Chefe do Estado e os ministros aliados. Já não há dúvida. Vamos entrar em guerra.

A Inglaterra presta-nos o seu concurso financeiro para podermos entrar eficazmente na luta. E quanto à nossa entrada na guerra o governo inglês reconhece plenamente a lealdade de Portugal e a assistência que já lhe está dando e 'convida-o a uma maior cooperação militar ao lado dos aliados na Europa'.

E, dias passados, manhã clara de Agosto, o *Suffolk* e o *Narcissus*, da armada britânica, fundeiam no Tejo: veem saudar Portugal...

49 Id., *o. c.*, p. 203.

Chegam depois as missões militares inglesa e francesa para concertar assuntos que dizem respeito à cooperação ao lado dos aliados. Vamos então entrar em guerra. Já não há dúvidas. Devem, pois, ter acabado os manejos que procuravam inutilizar o nosso esforço. Qual Vão ver. Muito pelo contrário.”⁵⁰

Com efeito, na frente interna trava-se uma guerra de propaganda que vai ser vencida a prazo pelas forças políticas não intervencionistas. Esta culmina com o golpe de estado e a ditadura de Sidónio Pais, que afasta do poder e manda prender Afonso Costa - que é o presidente do governo legítimo da República - entre 5 e 10 de dezembro de 1917, exila o presidente da República Bernardino Machado, suspende a *Constituição* de 1911, e dissolve o Congresso da República.

4. CONCLUSÃO

A missão de Londres saldou-se num completo triunfo diplomático e, em bom rigor, anuncia uma viragem na política externa portuguesa de aproximação à Europa, na qual Afonso Costa ocupa um papel destacado. Primeiro acautelando, em termos económicos e financeiros, a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Razões para, em 1919, representar Portugal na Conferência da Paz. Em consequência, no ano de 1920, é o representante português na Sociedade das Nações, e, neste sentido, um dos seus fundadores. É de sublinhar que, entre os fundadores da SN, Afonso Costa é o único político que não detinha cargos governamentais. Esta viragem na política externa portuguesa só será invertida com a Ditadura Militar (1926) e, posteriormente, com a chegada de Salazar ao poder e a instauração do Estado Novo com a Constituição corporativista de 1933.

Portanto, e no dizer de Urbano Rodrigues, estabeleceram-se em Londres as condições de cedência dos navios apresados aos alemães, regulou-se a assistência financeira, acertaram-se pormenores da nossa colaboração militar, previram-se e preveniram-se as complicações diplomáticas que pudesse haver com a Espanha.⁵¹ E também para este homem, que quando publica esta biografia sobre Teixeira Gomes, no

50 CORTESÃO, Jaime (1919): *Memórias da Grande Guerra (1916-1919)*, Porto, Renascença Portuguesa, pp. 26-27.

51 Cf. RODRIGUES, Urbano (1946): *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, p. 82.

ano de 1946, já se tornara um apoiante salazarista, é muito claro que se não tivesse sido o golpe de estado e a ditadura instaurada por Sidónio Pais, entre 5 de dezembro de 1917 e 14 de dezembro de 1918, “e o período de enfraquecimento da nossa ação militar, que dela resultou - aquela ação diplomática tinha assegurado o nosso lugar na Conferência da Paz e nela pudemos assegurar o prestígio da nossa administração colonial livre e independente...”⁵²

No entanto, importantes são os dois conceitos que Afonso Costa anuncia, em agosto de 1916 ao parlamento português, em resultado da participação na Conferência Económica dos Governos Aliados de Paris, em que se prevê a criação de uma “federação económica de defesa” e a “criação de mercados de colocação compensadores” na Europa para o período do pós-guerra. E são estes acordos e conceitos que suportam a interpretação de José Medeiros Ferreira, nos seus diversos trabalhos sobre a integração europeia de Portugal, que o levam a recuar até à participação portuguesa na I Guerra Mundial para encontrar aí a “proto-história” dessa política e do próprio processo de integração da Europa. Na verdade, a génese das políticas de integração europeia remonta à “constituição dos Comitês Inter-Aliados promovidos em Londres.”⁵³ Precisa que foi o problema dos transportes marítimos e do reabastecimento dos Aliados que originou a constituição destes comitês para resolverem o problema:

“...dos transportes, os abastecimentos, a energia e o carvão, numa experiência, forçada pelas necessidades de guerra, de organização de políticas comuns e de redistribuição de bens colocados em *pool* pelos Aliados, numa versão antecipada do que seriam as “altas autoridades” para o carvão e o aço depois da II Guerra Mundial.”⁵⁴

Em abono da interpretação dos Comitês Inter-Aliados durante a I Guerra Mundial como estando na génese da proto-história da integração europeia, Medeiros Ferreira lembra que um dos organizadores desses Comitês era Jean Monnet (1888-1974). Este, nas suas “*Mémoires*”, descreve com o maior detalhe a constituição de certos Comitês Inter-Aliados, como o do trigo, o dos óleos, o dos cereais, o do açúcar, o da carne e o

52 Id., *o. c.*, p. 28.

53 FERREIRA, José Medeiros (2013): *Não Há Mapa Cor-de-Rosa: A História (Mal)dita da Integração Europeia*, Lisboa, Edições 70, p. 14.

54 Id., *o. c.*, p. 17.

dos nitratos, que considera os antecessores do mais importante, o Comité Inter-Aliado dos Transportes Marítimos.”⁵⁵

Na análise histórica do processo da integração europeia de Portugal, Medeiros Ferreira considera que a entrada da República Portuguesa na I Guerra Mundial, em março de 1916, “também se ficou a dever à organização internacional do esforço de guerra aliado, e à necessidade de, por algum meio, obter recursos exógenos para o crescimento da economia portuguesa, muito carente de investimentos e de recursos financeiros do exterior, tendo em conta sobretudo a baixa taxa da poupança interna.”⁵⁶ Sufragamos, inteiramente, esta interpretação na medida em que é Afonso Costa o ministro das Finanças que negocia em Londres as condições do aluguer dos navios alemães e austríacos ao governo inglês, mas também era ele que tinha um conhecimento profundo da economia e das finanças portuguesas, bem como das suas insuficiências, que lhe tinha permitido obter os dois superávites de 1913 e de 1914. Neste sentido, não é por acaso que após a ditadura sidonista vem a ser nomeado, em 1919, representante de Portugal à Conferência da Paz em Paris.

55 Id., *Ibidem*.

56 Id., *o. c.*, p. 20.

**ANTÓNIO DE CÉRTIMA E A «EPOPEIA MALDITA».
UM JOVEM INTELLECTUAL NA PRIMEIRA GUERRA
MUNDIAL. MOÇAMBIQUE, 1916-1918¹**

**ANTÓNIO DE CÉRTIMA AND THE «EPOPEIA MALDITA».
A YOUNG INTELLECTUAL IN THE FIRST WORLD WAR.
MOZAMBIQUE, 1916-1918**

Ernesto Castro Leal. Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail: castroleal@letras.ulisboa.pt

Resumo: O objectivo deste artigo é problematizar o discurso memorialístico de guerra construído pelo jovem intelectual António de Cértima. Fez parte do corpo militar português que, em Moçambique, combateu as forças militares alemãs, durante a Primeira Guerra Mundial. Escreveu o livro *Epopéia Maldita* sobre esse tempo de confronto militar, onde revelou uma notável escrita literária. Nesta narrativa de guerra articulou as suas memórias de combatente com a análise crítica das opções político-militares tomadas pelos governos portugueses e com a visão sobre a identidade portuguesa. Segundo ele, nos anos 20, a resposta a dar à crise do regime político da Primeira República Portuguesa devia institucionalizar uma Ditadura apoiada pelas Forças Armadas.

Palavras-chave: António de Cértima, intelectuais, memória, política, Primeira Guerra Mundial.

Abstract: This article aims to discuss the war memoirs discourse written by the then young intellectual António de Cértima. He was part of the Portuguese Military Corps in Mozambique and fought the German armed

¹ Recibido: 30/04/2014 Aceptado: 25/05/2014 Publicado: 15/06/2014

forces during the First World War, having written *Epopéia Maldita* during that period of time and thusly revealing a most remarkable literary way of writing. In this narrative of war, he connected his memories as a soldier with a critical analysis of the political-military options taken by the Portuguese governments and with the vision of the Portuguese identity. He pointed out that the solution to the 1920's Portuguese First Republic political regime's crisis laid in the institutionalisation of a dictatorship, which ought to be backed by the Armed Forces.

Keywords: António de Cértima, intellectuals, memory, politics, Portuguese First Republic.

1. INTRODUÇÃO.

O objectivo deste artigo é problematizar o discurso memorialístico de guerra construído pelo jovem intelectual António de Cértima (1894-1983), seduzido culturalmente pelo modernismo e pelo futurismo e politicamente pela direita antiliberal². Fez parte do corpo militar português que, em Moçambique, combateu as forças militares alemãs (1916-1918), durante a Primeira Guerra Mundial. Escreveu o livro *Epopéia Maldita. O drama da guerra de África: que foi visto, sofrido e meditado pelo combatente António de Cértima* (1924)³ sobre esse tempo de confronto militar, onde revelou uma escrita literária elogiada por personalidades liberais e antiliberais da vida pública portuguesa. Por exemplo, o escritor e capitão João Pina de Moraes, ligado à esquerda democrática republicana⁴, antigo combatente português na Flandres francesa (1917-1918) e autor de memórias da sua experiência de guerra⁵, considerou ser um «belo

² Para uma leitura crítica de memórias de guerra de combatentes portugueses, inseridos noutra campo político, o da esquerda republicana demoliberal, cf. LEAL, Ernesto Castro: “Narrativas e imaginários da 1ª Grande Guerra. O «Soldado-Saudade» português nos «nevoeiros de morte»”. In: *Revista de História das Ideias*, vol. 21 (2000), pp. 441-460, disponível em <http://rhi.fl.uc.pt/vol/21/eleal.pdf>; Idem: “Memórias da Grande Guerra (1914-1918) na Renascença Portuguesa”. In: *Revista Cogitationes*, vol. I, n.º 3 (2010-2011), pp. 4-18, disponível em <http://www.cogitationes.org/index.php/article/memorias-da-grande-guerra-1914-1918-na-renascenca-portuguesa>.

³ CÉRTIMA, António de (1924): *Epopéia Maldita. O drama da guerra de África: que foi visto, sofrido e meditado pelo combatente António de Cértima*, Lisboa, Edição do Autor [Portugal-Brasil Sociedade Editora-Depositária].

⁴ QUEIRÓS, António José (2008): *A Esquerda Democrática e o Final da Primeira República*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 142-155, 408-409.

⁵ MORAIS, Tenente Pina de (1919): *Ao Parapeito*, Porto, Edição da “Renascença Portuguesa”; Idem (1921): *O Soldado-Saudade na Grande Guerra*, Porto, Edição da “Renascença Portuguesa”.

livro» que exprimia o «grito delirante, ora angustioso e crucificado, ora alto e vitorioso, mas sempre patriótico, dum exército trágico que se esfacelou de encontro e em nome de Deus e do destino»⁶; por sua vez, o escritor e advogado Alfredo Pimenta, líder da Acção Realista Portuguesa, um grupo político monárquico de direita antiliberal⁷, referiu que, das «páginas que li, eu tive a impressão de que a vertigem me tomava – prova de que a minha sensibilidade vibrou, sacudida pelo ritmo e pela cor da sua expressão»⁸.

Na narrativa de guerra *Epopéia Maldita*, António de Cértima articulou as suas memórias de combatente em Moçambique com a análise crítica das opções político-militares tomadas pelos governos portugueses e com a visão sobre a identidade portuguesa e a resposta a dar, nos anos 20, à crise do regime político da I República Portuguesa, que, segundo ele, devia institucionalizar uma Ditadura, apoiada pelas Forças Armadas. A guerra representou para António de Cértima e devia representar para a «geração nova», onde se inseria, um sobressalto cívico-político de revolta da consciência e de acção face a uma diagnosticada situação de decadência portuguesa. Segundo o autor, o livro tinha sido concebido nas «horas heróicas dos nossos corações» e «escrito com o gume frio das nossas espadas», para ser oferecido à «gente ousada e guerreira da minha Pátria, que para o serviço das batalhas apuraste o ânimo e a rijeza da mocidade, desprezando a vida cómoda, a repartição pública e as tardes burguesas do Chiado»⁹. Ao longo da obra, partindo de alguns exemplos maiores de chefes militares e de camaradas combatentes, elogiou o vitalismo da acção e o sonho ardente do espírito de cruzada e do grande chefe, não admirando a sua sedução pelo fascismo italiano, tendo pertencido ao Centro do Nacionalismo Lusitano (1923-1925), dirigido por João de Castro Osório. Esse grupo político corporizou o ideal político fascista bem expresso no título e subtítulo do seu periódico oficial: *A Ditadura*, «periódico do fascismo português».

2. ANTÓNIO DE CÉRTIMA: FRAGMENTOS DE IDENTIDADE

António Augusto Cruzeiro viria a adoptar o nome civil de António Augusto Cruzeiro de Cértima e usou o nome de António de Cértima como autor. A adopção do apelido de

⁶ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 290.

⁷ LEAL, Ernesto Castro: “Acção Realista Portuguesa: An Organization of the Anti-Liberal Right, 1923-26”. In: *Portuguese Studies*, vol. 30, n.º 1 (2014), pp. 47-66, disponível em <http://www.jstor.org/discover/10.5699/portstudies.30.1.0047?uid=3738880&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21103595595031>

⁸ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 290.

⁹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 279.

Cértima representou uma evocação sentimental do nome do rio que corre no concelho de Oliveira do Bairro, donde era natural. Fez parte dos «novos», daqueles que José Relvas, antigo ministro das Finanças do Governo Provisório da República (1910-1911), ministro de Portugal em Madrid (1911-1914) e presidente de um Governo republicano (1919), em entrevista dada a António de Cértima em 1927, já em Ditadura Militar, deste modo identificou: «Os *novos*, artistas e intelectuais, desertaram da República visto que esta não os tratou como devia e ainda porque viveram numa época em que se abria a decadência da Democracia. A ideia cultural que absorveram foi, por conseguinte, mais conservadora do que radical»¹⁰. Teve uma significativa projecção literária e política nos anos 20 e 30 do século XX, envolvendo-se no processo de crítica radical à I República e na defesa da construção de um Estado autoritário antiliberal e antidemocrático, que o Estado Novo salazarista configurará¹¹.

Nasceu no dia 27 de Julho de 1894, no lugar de Giesta, freguesia de Oiã, concelho de Oliveira do Bairro (distrito de Aveiro), e morreu no dia 20 de Outubro de 1983, na sua casa situada na serra do Caramulo, concelho de Tondela (distrito de Viseu)¹². O pai era proprietário rural, ao que juntava uma loja de comércio, que a mãe geria. Fez a instrução primária em Oiã e o liceu em Aveiro. Manifestou cedo aptidões para a escrita literária, tendo publicado desde os 19 anos mais de 30 livros e dezenas de artigos em jornais e revistas, entre 1914 (poema *Marília. Quadro dramático*) e 1970 (romance *Não Quero Ser Herói* e *plaquettes* poéticas *Soldado, Volta!* e *Epístola a Job*), onde se encontram poesias, novelas, crónicas, contos, romances, crítica literária, entrevistas ou ensaios. Destaque-se, a nível do pensamento político, o ciclo «Para a política das novas gerações», do qual fazem parte *O Ditador. As Crises, o Homem, a Nova Ordem* (1927; 4.^a ed., 1928) e *Discurso à Geração Lusitana* (1935) assim como os anunciados (mas nunca publicados) *O Homem do Ocidente* e *O Culto da Força como Ideal Patriótico*.

Em Junho de 1916, com 21 anos, após a instrução militar na arma de Infantaria em Mafra (distrito de Lisboa), será mobilizado para Moçambique, no contexto da Primeira Guerra Mundial, incorporado no 3.º Batalhão do Regimento de Infantaria 28.

¹⁰ *Portugal*, ano I, n.º 154, 3/03/1927, p. 2.

¹¹ PINTO, António Costa: “O Fascismo e a Crise da Primeira República: os nacionalistas lusitanos (1923-25)”. In: *Penélope*, n.º 3 (1989), pp. 43-62; LEAL, Ernesto Castro (1994): *António Ferro. Espaço político e imaginário social (1918-1932)*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 113-120; Idem (1999): *Nação e Nacionalismos. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 167-276.

¹² Para a única biobibliografia geral que existe, cf. MOTA, Arsénio (1994): *António de Cértima. Vida, Obra, Inéditos*, Porto/Lisboa, Livraria Figueirinhas.

Como testemunho escreveu *Epopéia Maldita. O drama da guerra de África: que foi visto, sofrido e meditado pelo combatente António de Cértima* (1924; 4.^a ed., 1925) e *Legenda Dolorosa do Soldado Desconhecido de África* (1925; 5.^a ed., 1926). Prometeu a saída de *O Inferno. Carvões da campanha negra* e de *Os Serranos. Epopeia do soldado português*, livros que não publicaria e que fariam parte do ciclo de «Obras de Guerra». Regressou a Portugal continental em 1918, com o posto de 2.º sargento do Regimento de Infantaria 28.

Radicado em Lisboa, a partir de 1922, será redactor do magazine político-cultural *ABC* e colaborou em várias revistas e jornais, salientando-se os textos de crítica literária publicados no periódico *Diário de Lisboa*. A nível político, aderiu ao campo nacionalista autoritário antiliberal, dentro do Centro do Nacionalismo Lusitano (1923-1925), ao lado de João de Castro Osório¹³, Raul de Carvalho¹⁴ ou Feliciano de Carvalho¹⁵. O fracasso do golpe militar de 18 de Abril de 1925¹⁶, onde se envolveram elementos desse grupo político, tirou eficácia momentânea ao discurso radical que a organização divulgou nos periódicos *Portugal* (dirigido por Augusto Ferreira Gomes) e *Ideia Nova* e *A Ditadura* (dirigidos por Raul de Carvalho). Algumas das ideias-base do programa político do Nacionalismo Lusitano fixavam o sindicalismo corporativo, a organização de uma milícia civil, a descentralização administrativa, a apologia da vontade forte e do chefe, a ditadura nacional.

Nesse grupo de jovens políticos, o exemplo paradigmático da Itália fascista era evidente como experiência a implantar em Portugal, mas essa sedução seria efémera, face à maior audiência do exemplo espanhol da Ditadura militar do general Miguel Primo de Rivera junto da elite política e militar crítica da I República parlamentar. Os apelos às Forças Armadas, como instituição capaz de operar a mudança política, substituíam a

¹³ João de Castro Osório (1899-1970). Escritor, advogado, polemista político e colonial. Filho da escritora republicana Ana de Castro Osório e do poeta republicano Paulino de Oliveira. Lançou o *Manifesto Nacionalista* (1919) e publicou o opúsculo *A Revolução Nacionalista* (1922). Autor da elegia *Rainha Santa* (1920), das tragédias *A Horda* (s.d.) e *O Clamor* (1923), do ensaio *Direito e Dever do Império* (1938), entre outros. Em 1931-1932 dirigiu a revista de cultura *Descobrimientos*, participando em 1937 no 1.º Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo. A partir de 1946 dedicou-se exclusivamente à Literatura.

¹⁴ Raul de Carvalho foi adjunto da Polícia Preventiva durante o Sidonismo/República Nova (1918) e ocupou o cargo de administrador do concelho de Lisboa (1918). Em 1919 era funcionário do Ministério dos Abastecimentos. Dirigiu, entre outros, os periódicos *Ideia Nova* (1923), *A Ditadura* (1923-1928) e *O Português* (1928).

¹⁵ Feliciano de Carvalho foi membro da Juventude Republicana Sidonista e director do periódico *Nação Lusitana* (1922). Em 1924 coligiu e ordenou um conjunto de discursos e alocações do Presidente da República Sidónio Pais, publicados em Lisboa no volume II da Biblioteca de Acção Nacionalista, com um estudo político introdutório de João de Castro Osório, “Sidónio Pais e o Messianismo Ditatorial” (pp. 7-34).

¹⁶ LEAL, Ernesto Castro (1999): *op. cit.*, pp. 183-185.

tentação milicial e vanguardista dos membros do Centro do Nacionalismo Lusitano, que obtiveram o apoio do prestigiado general João de Almeida. No Carta ao Exército («Gente d'Armas do meu país!», Sintra, 6 de Agosto de 1924)¹⁷, António de Cértima acabou por anunciar a sua adesão a um ideário autoritário mais institucionalista. Diluiu-se o discurso fascista, que renasceu nos anos 30 em torno do Nacional-Sindicalismo de Francisco Rolão Preto¹⁸. António de Cértima ingressou na carreira diplomática como vice-cônsul no Suez (1926), depois cônsul em Dacar (1927-1931) e em Sevilha (1932-1949). Essa vida consular inspirou-lhe as obras *Sortilégio Senegalês. Pelos caminhos do sol* (1947; 4.ª ed., 1949) e *Sevilha, Noiva de Portugal. Dois mil anos de história e emoção* (1963).

António de Cértima inscreveu elementos de misticismo pagão desde os primeiros poemas escritos em 1914 e publicados no livro *Bodas de Vinho. Poemas da Força e da Alegria* (1919), absorvendo temas do simbolismo, modernismo e futurismo. Em Portugal, considerou António Ferro o «cartaz literário da sua geração»¹⁹; no estrangeiro, admirou Henri Barbusse, autor de *Le Feu. Journal d'une escouade. Roman* (1916)²⁰. Nas crónicas reunidas no livro *Alma Encantadora do Chiado. Da Arte, da Vida, do Amor* (1927), afirmou que a guerra constituía uma «saudável escola de vida interior»²¹; a mesma ideia percorreu a obra *Epopeia Maldita* (1924), que reúne memórias e reflexões sobre as campanhas militares portuguesas em Moçambique, nas margens do rio Rovuma, onde participou, contra as forças militares alemãs. *Epopeia Maldita* teve um sucesso editorial, consagrando-o, aos 29 anos, na «República das Letras»: 1.ª edição de 1000 exemplares (25 de Outubro de 1924), 2.ª edição de 1000 exemplares (29 de Novembro de 1924), 3.ª edição de 1000 exemplares (Dezembro de 1924) e 4.ª edição 1000 exemplares (Janeiro de 1925).

¹⁷ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, pp. 279-280.

¹⁸ Sobre o movimento nacional-sindicalista de Francisco Rolão Preto, cf. MEDINA, João (1979): *Salazar e os Fascistas. Salazarismo e Nacional-Sindicalismo. A história de um conflito (1932-1935)*, Amadora, Livraria Bertrand; PINTO, António Costa (1994): *Os Camisas Azuis. Ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945)*, Lisboa, Editorial Estampa.

¹⁹ CÉRTIMA, António de (1927): *Alma Encantadora do Chiado. Da Arte, da Vida, do Amor*, Coimbra, Atlântida, p. 8. Para o percurso do modernista António Ferro até ao Estado Novo, cf. LEAL, Ernesto Castro (1994): *op. cit.* António Ferro e outros modernistas portugueses tomaram posição perante a Primeira Guerra Mundial e o pós-guerra, cf. LEAL, Ernesto Castro: “Modernistas Portugueses, a Grande Guerra e a Europa (1915-1935)”. In: *Revista Cogitationes*, vol. II, n.º 5 (2011), pp. 4-17, disponível em <http://www.cogitationes.org/index.php/article/modernistas-portugueses-grande-guerra-europa-1915-1935>

²⁰ Henri Barbusse (1873-1935). Literato francês, combatente na Primeira Grande Guerra, aderiu ao ideário marxista.

²¹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 115.

3. «EPOPEIA MALDITA»: TEMPO E CIRCUNSTÂNCIAS

Na produção literária, o memorialismo representa uma necessidade de encontro com o passado vivido, tendo em vista partilhar experiências. Como meio de transmissão de memórias tem uma eficácia no presente e, no caso das literaturas de guerra, o sentido político-social é evidente. A guerra vivida ao ser recordada polariza visões e versões nas opiniões públicas, incrementando sentimentos e valores, num processo que visa a constituição de um «sistema de incitações interindividuais»²². A memória individual pode verte-se em memória de grupo e até incorporar a memória colectiva. Assim, o «contágio mimético» pretendido suscita uma variedade de reacções veiculadas pela oratória, canto, imagem, ficção ou ensaio.

Dentro do panorama cultural português, o memorialismo surge quase sempre como trabalho complementar na oficina das letras dos nossos escritores. Por vezes, recobre um processo de autojustificação, mas, quase sempre, exprime um olhar crítico sobre o quotidiano. Não obstante os diversos pretextos, as memórias (e os diários) traduzem uma das problemáticas do conhecimento humano, isto é, a tensão entre memória (passado) e vivência (presente), ao serviço de um projecto (futuro). O testemunho recriado acentua o lugar do sujeito, permitindo descortinar visões do mundo. Mais do que noutras circunstâncias, o observador compromete-se, evadindo-se frequentemente da textura espaço-temporal de enraizamento. A relação entre a História e a Literatura é nuclear na constituição da narrativa memorialística²³.

Ao deambular pelo tempo-memória com finalidade interveniente, a pessoa humana propicia um acto comunicativo que visa quase sempre uma escolha. Philippe Ariès refere que o testemunho pessoal pretende levar aos outros a nossa emoção: «Le témoignage n'est pas le récit détaché d'un observateur qui dénombre ou d'un savant, mais une communication, un effort passionné pour transmettre aux autres, qui contribuent à l'Histoire, sa propre émotion de l'Histoire. Il fait penser à ce besoin de confiance de l'homme ému par une grande douleur, ou une grande joie, ou tenaillé par le souci (...)»²⁴. O

²² Para a ligação entre psicologia e sociedade, cf. FÈBVRE, Lucien (1977): *Combates pela História*, vol. II, Lisboa, Editorial Presença, pp. 161-185; STOETZEL, Jean (s.d.): *Psicologia Social*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

²³ A propósito da relação entre História e Literatura, cf. VEYNE, Paul (1983): *Como se Escreve a História*, Lisboa, Edições 70, pp. 13-25; MEDINA, João: “Romance e História, Vida e Destino de Vassili Grossman”. In: *Revista da Faculdade de Letras*, 5.ª série, n.º 4 (1985), pp. 37-58; *Revista de História das Ideias*, vol. 21 (2000).

²⁴ ARIÈS, Philippe (1986): *Le Temps de l'Histoire*, Paris, Éditions du Seuil, p. 86; POMIAN, Krzysztof (1993): *Enciclopédia Einaudi*, vol. 29 (Tempo/Temporalidade), Lisboa, Imprensa

memorialismo de guerra configura um meio para desenvolver uma leitura psicológica do heroísmo na História, onde são significativas tanto as evidências como os silêncios²⁵. Habitualmente, as narrativas de guerra apresentam como tema comum a exposição dos mecanismos de sobrevivência física e, em particular, de sobrevivência psicológica no teatro de operações militares, sem esquecer a possibilidade de denúncia do regime político vigente. A obra *Epopeia Maldita* é um bom exemplo, pretendendo António de Cértima abrir um foco de «guerra civil ideológica» na vida política do seu tempo, com o objectivo de contribuir para a criação de uma alternativa nacionalista autoritária em Portugal.

O tempo cronológico, inscrito na *Epopeia Maldita*, decorre entre 24 de Junho de 1916, data da partida de Lisboa de um dos navios da 3.^a expedição militar a Moçambique (onde seguiu António de Cértima), e Abril de 1918, quando é emitida a «misericordiosa ordem do regresso à metrópole»²⁶, verificando-se a centralidade descritiva na segunda metade do ano de 1916. Comandada pelo general José César Ferreira Gil (um dos alvos da crítica de Cértima), esta expedição chegou a Palma, novo Quartel-General das operações militares na área do rio Rovuma, a 25 de Julho de 1916²⁷. Foi uma das mais numerosas que o Governo republicano português enviou para Moçambique, dado que era composta por 4836 militares (128 oficiais, 352 sargentos e equiparados e 4356 praças). António de Cértima comunica o tempo e o modo da sua actuação como «espectador comprometido» nas acções militares, num confronto com projecção no quadro da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial²⁸. Anote-se a seguinte informação sobre a mobilização

Nacional-Casa da Moeda, pp. 11-91.

²⁵ Sobre o problema dos silêncios e da dissimulação nos discursos, cf. FERRO, Marc (1981): *Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*, Paris, Payot; Idem (1987): *L'histoire sans Surveillance. Science et conscience de l'histoire*, s.l., Calmann-Lévy. Para a experiência portuguesa, cf. TORRALBA, Luís Reis (1989): *História e Ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva; GIL, José (1995): *Salazar. A retórica da invisibilidade*, Lisboa, Relógio d'Água Editores.

²⁶ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 270.

²⁷ Idem: *ibidem*, p. 45.

²⁸ Para a interpretação crítica global da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, cf. RAMOS, Rui. "A Segunda Fundação (1890-1926)". In: José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. 6, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 493-527; TEIXEIRA, Nuno Severiano (1996): *O Poder e a Guerra, 1914-1918. Objectivos nacionais e estratégias políticas na entrada de Portugal na Grande Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa; FRAGA, Luís Alves de (2001): *O Fim da Ambiguidade. Os objetivos políticos e o esboço da estratégia nacional de 1914-1916*, Lisboa, Universitária Editora (dissertação de mestrado em Estratégia, Universidade Técnica de Lisboa, 1990); Idem (2010): *Do Intervencionismo ao Sidonismo. Os dois segmentos da política de guerra na 1.^a República, 1916-1918*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra; GODINHO, Vitorino Magalhães (2005): *Vitorino Henriques Godinho (1878-1962). Pátria e República*, Lisboa, Publicações Dom Quixote/Assembleia da República, pp. 95-245; AFONSO, Aniceto, GOMES, Carlos de Matos (coord.) (2013): *Portugal e a Grande Guerra, 1914-1918*, Vila do Conde, Verso da História; *Memorial aos Mortos na Grande Guerra / Memorial to the Fallen in the Great War*, Lisboa, Ministério da Defesa Nacional / Arquivo Histórico Militar, 2014, disponível em <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/Splash.aspx>

militar: o total do contingente português na região norte de Moçambique atingiu o número aproximado de 39201 militares portugueses, 10273 soldados autóctones e 8000 soldados recrutados nas capitánias-mor de Angoche²⁹.

3.1. Condições de produção da narrativa

Esta experiência pessoal feita literatura pode ser lida em duas vertentes. Uma, de forte impregnação interpretativa, onde o autor reflecte sobre a sua condição militar de combatente; dá-nos uma imagem obsessiva do tédio, que se inscreve nos valores simbolistas da geração cultural portuguesa de fim-de-século XIX, os quais tinham feito parte da sua formação cultural. Outra, mais factual e descritiva, permite reconstruir as acções militares em Moçambique, principalmente na segunda metade do ano de 1916. A técnica narrativa praticada faz uso de três importantes fontes: 1) o seu diário de campanha; 2) o diário de um «galhardo cabo-de-guerra» (o tenente de Infantaria 19, Manuel Candeias), que utiliza através de citações³⁰; 3) documentos oficiais (correspondência militar e ordens de serviço). Publicada seis anos após o final da Primeira Guerra Mundial, a obra *Epopeia Maldita* pretende legitimar a acção do seu autor e moldar a memória história dos acontecimentos. António de Cértima não esconde a sua intenção: «Que esta pena sofredora não seja acoimada de irreverente por tão fundo mergulhar na negra tinta da verdade. Que a dor daqueles, que por ali arrastaram os seus passos de lázaros, supra nestas páginas o que eu não quero escrever para não ser considerado pelos profanos fantasia de novelista sombrio»³¹.

Como exemplos de contra-memória, cite-se a avaliação da conquista de Kionga³² e de Nevala³³. Nestas operações militares, o «país, iludido como *magala* pelas notícias dos *blagueurs* do Quartel-General da expedição»³⁴, acreditava que tivessem sido actos heróicos de combate. Ora, para Cértima, tal deveu-se ao abandono dos postos por parte dos alemães. No que diz respeito à conquista de Kionga (10 de Abril de 1916), a sua opinião nada tem a ver com a presença física no acontecimento, já que só embarcaria de Lisboa a 24 de Junho desse ano; mas, pela narrativa, pode-se ser levado a acreditar no

²⁹ PÉLISSIER, René (1988): *História de Moçambique. Formação e oposição (1854-1918)*, vol. II, Lisboa, Editorial Estampa, pp. 387-390.

³⁰ Para as citações do diário do tenente Manuel Candeias, cf. CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, pp. 133-138. Na obra, as citações terminam com as iniciais M.C., mas, ao consultar o periódico *Diário de Lisboa* descobre-se a identidade do seu autor num artigo de polémica – cf. *Diário de Lisboa*, ano IV, n.º 1216, 26/03/1925, p. 2.

³¹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 145.

³² Idem: *ibidem*, p. 70.

³³ Idem: *ibidem*, pp. 140, 150-151.

³⁴ Idem: *ibidem*, p. 151.

contrário. Quanto à conquista de Nevala (26 de Outubro de 1916), a vivência do combate é já admissível, contudo, comparando com outros relatos de combates – onde o autor usa formas verbais como «estamos», «ficamos», «combatiam comigo», «assustei-me», «atravessei» ou «vi» –, aqui, utiliza a terceira pessoa («soube-se», «fez-se», «entra-se») ou expressões como «os nossos tiveram a boa sorte», «ninguém lhes berrou lá de cima, esconjurando-os», «nem uma só pedra lhes foi atirada»³⁵. Esta versão comunicava a escalada ao fortim de Nevala, depois da retirada alemã, mais dura do que o próprio combate, que, em sua opinião, não chegaria a existir. A interpretação oficial apresentava (diferentemente) a conquista como consequência de ação violenta das tropas portuguesas, o que é corroborado por um grande investigador actual da história moçambicana³⁶.

Não há dúvida que uma das linhas de *Epopeia Maldita* é desconstruir a versão oficial do Exército português, através de procedimentos críticos nem sempre provados. E este aspecto – o da prova – é fundamental para a reconstrução histórica. No que diz respeito aos silêncios da história da guerra em Moçambique, que se manifestavam no seu tempo, o autor refere o caso emblemático do dia 5 de Outubro de 1916, dado que nesse dia ocorreu um verdadeiro massacre de tropas portuguesas em Mahuta, vítimas de uma emboscada alemã: «Lá em cima, nas moitas aziagas de Mahuta, ficavam para sempre: um alferes, um segundo-sargento, cabos e algumas boas dúzias de soldados ceifados aos molhos sob a gadanha sibilante das metralhadoras. Feridos, havia um capitão, um segundo-sargento e 12 soldados. Um rol de honra que o tempo escondeu... convenientemente»³⁷.

3.2. Estatuto do narrador

A presente situação literária mostra uma afinidade entre o autor e o narrador, revestindo a natureza de «narrador autodiegético»³⁸. A atitude de António de Cértima propicia o relato das suas próprias vivências na zona norte de Moçambique, o que desde logo confere à enunciação um grau de comprometimento. Neste contexto histórico-literário, o autor/narrador surge profundamente marcado pelas suas convicções político-ideológicas e pela carga emotiva que a guerra enraíza. Em rebate de consciência, após a organização de um quase libelo acusatório, proclama num *post-scriptum*: «Eu não quis denegrir a memória dos homens, mas apenas cuidei de limpar as armas

³⁵ Idem: *ibidem*, pp. 138-145.

³⁶ PÉLISSIER, René (1988): *op. cit.*, vol. II, p. 402.

³⁷ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 113.

³⁸ GENETTE, Gérard (1972): *Figures*, vol. III, Paris, Éditions du Seuil, pp. 251-260.

portuguesas dos ignóbeis inimigos que a servem»³⁹.

Atente-se, por agora, na visão que nos fornece sobre o Exército português em campanha. Estabelece na generalidade (com as inevitáveis excepções) a seguinte regra: o lado bom era constituído pela «soldadesca», o lado mau eram os oficiais do quadro permanente. Na sua «lista negra» de militares que «não souberam manter o aprumo eloquente do orgulho pessoal através da depuradora alquimia das horas funestas»⁴⁰, faz alusão a majores, capitães, tenentes, alferes e sargentos. O seu ódio principal dirige-se ao «Comandante dos Comandantes, o grande Chefe»⁴¹, acusado de inércia e de irresponsabilidade: trata-se do general José César Ferreira Gil⁴², criticado por andar a fazer turismo em Palma⁴³. No pólo oposto, encontrava o soldado (camponês, artífice ou operário), verdadeiro «lapuz de alma ingénua e brilhante»⁴⁴, a quem o livro diz pertencer⁴⁵. Este é o eixo condutor, para além da sobrevalorização da postura heróica do autor.

3.3. Elementos do mundo narrativo

As ideias persistentemente repetidas ao longo de *Epopéia Maldita* são as seguintes: irresponsabilidade das chefias militares; falta de recursos humanos e materiais (alimentos, fardamentos, medicamentos, material de guerra); superioridade militar alemã; vergonha na assunção das derrotas; drama dos soldados (presença constante da morte e do anseio no regresso à metrópole); barbarismo dos negros; imagem de uma Pátria decadente. Esta construção permaneceu como modelo de recorrência em situações diferenciadas – veja-se a similitude das descrições da tomada de Kionga, da marcha em direcção a Nevala e da sua conquista ou ainda do desastre de Mahuta.

O tempo da narrativa cobre sobretudo a segunda metade de 1916. Dada a grande quantidade de factos e de situações, registe-se elementos sintomáticos em torno de três realidades: 1) a partida e a viagem entre Lisboa e Palma; 2) as principais fases dos combates contra os alemães; 3) a imagem da cidade de Lourenço Marques (actual Maputo). No dia do embarque, António de Cértima descreveu o ambiente e

³⁹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 279.

⁴⁰ Idem: *ibidem*, p. 219.

⁴¹ Idem: *ibidem*, p. 149.

⁴² O general José César Ferreira Gil seria substituído em Fevereiro de 1917 pelo capitão Álvaro de Castro, tendo sido invocado motivo de doença – cf. PÉLISSIER René (1988): *op. cit.*, vol. II, p. 404.

⁴³ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 165.

⁴⁴ Idem: *ibidem*, p. 32.

⁴⁵ Idem: *ibidem*, p. 51.

interrogava-se ao ver a multidão no cais de Alcântara-Mar (Lisboa):

“O cais de embarque, onde o *Zaire* atracava, coalhado de gente, razo de cabeças humanas, oferecia o aspecto dum fantástico oceano onde à encrespada flor das águas aflorasse um dantesco *étalage* de três milhares de fisionomias violentadas pelos mais estranhos e dramáticos sentimentos. E foi perscrutando este oceano de três mil cabeças, foi roçando o ardor de meu coração inflamado pelo esfíngico ardor que porventura sobre ele pairava, que eu perguntei comigo próprio se acaso estava ali, naquela manifestação que nos faziam, a falada *alma nacional* ou a *alma dum ministério político?*...”⁴⁶

Parece formular-se aqui uma atitude anti-intervencionista na frente africana de guerra, no entanto, o que o escritor/combatente questionava era a fraca preparação psicológica e militar dos combatentes e das chefias. Estabelecia uma advertência à política externa portuguesa, verdadeiro fulcro dos acontecimentos subsequentes. A crítica à tutela britânica – lida como «sujeição» pelo general Manuel Gomes da Costa⁴⁷ – fez parte do seu pensamento político. Outra vertente tem a ver com a referida falta de preparação técnica dos militares do Exército⁴⁸ e a incapacidade para completar a reforma militar republicana de 1911 que fora prometida no acto de posse de Afonso Costa como Presidente do Governo (Dezembro de 1915). Por sua vez, o general José César Ferreira Gil era indicado como o maior responsável dos insucessos das tropas portuguesas em Moçambique contra as tropas alemãs.

No vapor *Zaire* embarcaram cerca de 3000 homens pertencentes ao 3.º Batalhão de Infantaria 28 e a uma Bateria de Artilharia de Montanha, a parte mais significativa da 3.ª expedição militar⁴⁹. Durante um mês, esta gente, «violentada pelos mais estranhos e dramáticos sentimentos»⁵⁰, navegou desde Lisboa a Palma, passando pela Ilha de Santa Helena, Cidade do Cabo, Lourenço Marques e Baía do Tungue. O ambiente nauseabundo no interior do vapor era marcado pela angústia e pela incerteza:

⁴⁶ Idem: *ibidem*, p. 25.

⁴⁷ COSTA, General Gomes da (1925): *A Guerra nas Colónias, 1914-1918*, Lisboa, Portugal-Brasil Sociedade Editora, p. 168: «O general Gil, em vez de se conformar com as intenções do general Smuts, que era realmente o comandante em chefe (...)».

⁴⁸ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, pp. 55-56.

⁴⁹ Idem: *ibidem* p. 29. Os restantes elementos, incluindo as tropas de linha, o Quartel-General e todo o pessoal burocrático, tinham ido anteriormente. Recorde-se que a expedição foi constituída por 4642 homens.

⁵⁰ Idem: *ibidem*, p. 25.

“(…) o pequeno corrimão de ferro frio, engordurado e salitroso, dá-me um contacto glacial; as paredes de ferro, pintadas a cinzento, exsudam uma camada orvalhenta que dá náuseas; os degraus de madeira estão torpemente empastados de gordura, de restos de rancho, que se derramou e de mascarras esverdeadas de vómitos (...). Continuo a descer e vou pensando como haja organismos humanos capazes de resistir a esta hedionda atmosfera (...). Estou no fundo da quadra, no fundo deste porão maldito que nitidamente faz lembrar a horrorosa casa do pêndulo de que fala o sombrio Edgar Poe. (...) vou distinguindo gradualmente a silhueta confusa de dois centos e meio de homens que para ali se amontoam, rebolando-se sobre míseros colchões postos no chão (...). P’ra li se misturavam assim, numa promiscuidade selvagem, agonizando-se, envenenando-se, dois centos de homens reduzidos a uma insultuosa massa humana, inerme e fétida, trescalando aversões...”⁵¹

O mecanismo de repulsa é habitualmente criado através da descrição de ambientes como este, para comunicar as dificuldades de sobrevivência em situações de guerra. A fome, a sede, o clima ou a floresta são para António de Cértima mais difíceis de suportar do que as ofensivas do inimigo. A derrocada portuguesa só não se fez sentir em maior escala, pois, em sua opinião, a «loira e cortês Albion» a tal nos poupou⁵² e o sacrifício «heróico e impenitente do humilde lapuz de Portugal»⁵³ reverteria a favor da Inglaterra.

Após a chegada a Palma, as tropas esperaram dois meses, sem qualquer movimentação militar, concentrando forças ao longo das margens do rio Rovuma. A primeira marcha em direcção a Kionga teve início na noite de 15 de Setembro de 1916, durante três arrasantes dias⁵⁴. O posto alemão de Migomba tinha sido abandonado e o confronto não chegaria a dar-se. Escreve António de Cértima: «Um passeio de recrutas para experiências de heroicidade! Eis o que foi a ocupação da margem esquerda [do rio Rovuma] (...)»⁵⁵. As baixas foram provocadas pelo clima, pela dureza da marcha e pela deficiente alimentação; entre os doentes estava Cértima que foi conduzido para o Hospital de M’Lamba.

A 25 de Setembro de 1916 partia de Migomba a «Coluna Negra» com o objectivo de conquistar o Fortim alemão de Nevala. Comandava-a o sub-chefe do Estado-Maior,

⁵¹ Idem: *ibidem*, p. 29.

⁵² Idem: *ibidem*, pp. 270-272.

⁵³ Idem: *ibidem*, p. 272.

⁵⁴ Idem: *ibidem*, p. 69.

⁵⁵ Idem: *ibidem*, p. 90.

capitão Liberato Pinto⁵⁶. Mais uma vez, o nosso autor/combatente aproveitou a circunstância para criticar a falta de organização, em particular o comando do capitão Liberato Pinto, que permitiu a fácil emboscada inimiga:

“E assim, à maneira de *flecha*, a Coluna avançava rio acima, inteiramente despreocupada, indo à cata dum velo de oiro místico que o seu comandante o capitão Liberato Pinto não fazia ideia nenhuma onde se encontrava, não se preocupando por isso com a disciplina da marcha nem com as consequências que poderiam advir desta falta de critério militar (...). Não havia guias, não havia caminhos, era andar para a frente e coração alto. As regulamentares medidas de segurança eram um mito (...). Passeava-se com mais precaução na Base (...)”⁵⁷

A emboscada dar-se-ia a 5 de Outubro de 1916, com graves consequências para os militares portugueses. Não obstante a detalhada informação transmitida, o certo é que António de Cértima não tomou parte nesta operação, dado que pertencia à 11.^a Companhia do 3.º Batalhão de Infantaria 28 e esta não fez parte das movimentações. Em todo este processo de afrontamento, Cértima considera o combate para conquistar Lulindi/Kivambo (a norte de Nevala), realizado a 8 de Novembro de 1916, a primeira grande batalha, com inequívoca vitória portuguesa sob o comando do capitão Francisco Pedro Curado, após o major Leopoldo Jorge da Silva ter sido mortalmente ferido⁵⁸. Em violento balanço retrospectivo, interrogava-se:

“Que vantagem, afinal, nos trouxe esta guerra?

E a resposta é amarga:

– Ao país, nenhuma, absolutamente nenhuma. O seu fim parece ter sido unicamente este: por um lado, servir o interesse particular dalguns maus portugueses; por outro lado, e na sua quase total extensão, ser útil aos interesses da

⁵⁶ Liberato Damiano Ribeiro Pinto (1880-1949). Oficial do Exército e professor. Esteve preso durante o Sidonismo/República Nova, vindo a ser posteriormente nomeado chefe do estado-maior da Guarda Nacional Republicana (GNR). Conseguiu que os Ministérios dotassem a GNR de importantes meios, incluindo peças de artilharia, tornando-a uma área de pressão política. Foi Presidente do Governo (30/11/1920 a 2/03/1921), vindo a ser exonerado em virtude da exorbitação do seu poder.

⁵⁷ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 107.

⁵⁸ Idem: *ibidem*, pp. 154-156. O major do Exército Leopoldo Jorge da Silva nasceu no concelho e distrito de Viseu e morreu em combate em Moçambique no dia 10 de Novembro de 1916. Pertencia ao Regimento de Artilharia de Campanha e está sepultado no Cemitério de Nevala (Tanzânia) – cf. *Memorial aos Mortos na Grande Guerra / Memorial to the Fallen in the Great War*, Lisboa, Ministério da Defesa Nacional / Arquivo Histórico Militar, 2014, disponível em <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Lists/Combatentes/DispFormCombatente.aspx?List=fb2f9ac5%2Dbca8%2D43cd%2D9157%2D615a0b996189&ID=2870>

leal, amiga e velha cordialidade inglesa. Nada mais»⁵⁹

Por último, anote-se a imagem transmitida sobre a «pacata e britânica Lourenço Marques». Nos aspectos materiais, ressalta o nervo da cidade (Praça Sete de Março), com o Café Grego (onde se sentam o vício, as elegâncias, o mundanismo e a política) e donde partem três ruazinhas; junto do mato, algumas avenidas muito extensas; a praia da Polana, só para ingleses; edifícios como a Estação dos Caminhos-de-Ferro, os Correios, o Palácio do Governador, hotéis e teatros. Quanto aos aspectos morais, observa uma multidão burocrática, desnacionalizada e vestindo pela moda da cidade do Cabo; politicamente, os «homens nunca se esmurram. É uma política a frio, arrefecida pela travessia do Oceano»⁶⁰.

Se *Epopéia Maldita* deve ser utilizada como fonte histórica para o conhecimento da participação militar portuguesa em Moçambique durante a Primeira Guerra Mundial, igualmente permite surpreender conteúdos do programa político-ideológico de António de Cértima. O título escolhido para classificar o drama da guerra de África é já de si esclarecedor. *Epopéia*, logo narração heróica de uma gesta, mas, neste caso, a sua exemplaridade é *maldita*. Encontra-se aqui uma primeira ideia-base: a dessacralização dos heróis. São heróis actuais, em que o individual se plasma na sociedade e possuem capacidade para forjar uma resposta à situação agónica de vivência. Propõe o reconhecimento do heroísmo, pois foi a não correspondência entre o povo e os heróis que conduziu ao seu esquecimento. Marcado por uma «filosofia melancólica da dúvida»⁶¹, mas não pela apatia, dado estar bem presente o sentimento de revolta para reparar as três «mentiras nacionais»: a mentira heróica, a mentira política e a mentira económica⁶². O livro termina com a já referida Carta ao Exército («Gente d'Armas do meu país», Sintra, 6 de Agosto de 1924), onde se insere esta exclamação final: «Batalhões! Em vigília de armas!»⁶³.

Numa sondagem aos níveis do texto encontramos o entrelaçamento de várias temporalidades e espacialidades. Quanto ao nível das representações do tempo, pode operar-se a sua subdivisão em tempo histórico (passado próximo e passado remoto) e em tempo literário (tempo do escritor e tempo do leitor). O passado próximo recriado coincide

⁵⁹ Idem: *ibidem*, pp. 270-271.

⁶⁰ Sobre a descrição da cidade de Lourenço Marques (actual Maputo), cf. Idem: *ibidem*, pp. 36-37.

⁶¹ Idem: *loc. cit.*

⁶² Idem: *ibidem*, p. 280.

⁶³ Idem: *ibidem*, pp. 279-280.

com o tempo do escritor, em virtude deste se assumir como actor do drama; o lugar de espectador seria deixado ao tempo do leitor. O passado remoto primordial é o tempo dos Descobrimentos Portugueses do século XVI. Em relação aos níveis espaciais depara-se igualmente com duas subdivisões: o espaço colonial e o espaço metropolitano. O primeiro é ainda o espaço das viagens marítimas (a obra está organizada em dez jornadas), que corresponde ao tempo histórico, quer ao passado próximo, quer ao passado remoto, em virtude de surgir como solução de continuidade entre ambos. O espaço metropolitano aparece subjacente, correspondendo aos ausentes (os familiares dos militares e, por extensão, o Povo Português) e aos intervenientes directos ou indirectos (Exército, Governo, Administração colonial) dos «factos catastróficos».

3.3.1. *Concepção de herói e de chefe*

O recurso a uma «idade de ouro» (Descobrimentos Portugueses) conservava no presente um forte valor explicativo para António de Cértima, visto tipificar o heroísmo que a sociedade portuguesa necessitava. Ao longo de *Epopéia Maldita* os heróis vão sendo sujeitos a várias provas. Este meio iniciático da provação serve para legitimar o herói individual, donde emerge uma ideia de chefia. As empolgantes acções dos soldados eram justificadas pela sua capacidade de condução e risco, mas a determinação aparecia tanto maior quanto se verificava a chefia. Destaca os exemplos maiores do major Leopoldo Jorge da Silva e do capitão Francisco Pedro Curado, dado personificarem, dentro das qualidades tipificadas por Thomas Carlyle, alguns desses condutores de homens, «moderadores, forjadores e, num sentido amplo, criadores (...)»⁶⁴. O ideal de herói em António de Cértima aproxima, de facto, as concepções de Carlyle, autor que tinha lido e que obtivera projecção no meio cultural e político português desde meados do século XIX. Essa influência pode ver-se quando saúda o seu panteão cívico imaginário:

“Aqui, uma vez sobre as águas remotas do império do rei Venturoso [D. Manuel I], onde o perfume da Índia parece repassar-nos ainda o espírito e falar-nos da rajada larga das Descobertas, eu te saúdo, ó sublime legião dos meus Ancestrais, gloriosa estirpe de guerreiros, navegadores, poetas, santos, mártires, todos quantos por aqui passaram um dia, com os olhos queimados da apoteose dos combates, a alma ora deslumbrada dos prodígios que subiam até aos céus, ora horrorizada das

⁶⁴ CARLYLE, Thomas (1957): *Os Heróis*, Lisboa, Guimarães Editores, p. 19 (1.ª ed. inglesa, 1841).

crudelidades e injustiças sem nome, com o peito exaltado e o punho forte, cantando, gritando e blasfemando; enfim, todos os que sofreram, que lutaram ou se glorificaram, eu vos saúdo, ó santíssimos padecentes da glória, ó sedentes da Ambição e da Imortalidade – ó meus Irmãos, ó Heróis, eu vos saúdo!»⁶⁵

A fixação da imagem de «Portugal, gigante maltrapilho da História»⁶⁶, relaciona-se com uma mutação simbólica: ao esplendor do passado seguir-se-ia um presente decadente. Face ao diagnóstico de uma nação «esfarrapada», propunha uma nova epopeia. O herói procurado para a «redenção» devia ser essencialmente guerreiro, apto a transmitir o «verbo da heroicidade, ensinando os homens a pronunciar a Vida na linguagem vitoriosa das espadas»⁶⁷. Como se verifica, estamos face a um discurso de acção militarista: «Era uma questão de chefe, de sugestão, de *élan*. Alguém que os electrizasse, que lhes roçasse as entranhas com um palavrão de força e teriam 4000 valentes, mesmo 4000 loucos!»⁶⁸.

O mito produzia assim um símbolo social, em que a dominante activa (o encorajamento) ocupava um lugar central⁶⁹. A convicção de uma função dinâmica para os mitos observa-se no livro *Réflexions sur la violence* (1908), de Georges Sorel, outro autor que António de Cértima também leu e que influenciou várias personalidades e vários programas políticos portugueses. A preocupação com o carácter e a moralidade permitia-lhe distinguir o verdadeiro Chefe dos falsos chefes. O Chefe seria uma «alma rígida e heróica, domadora de audácias e temeridades, dum sectarismo religioso pela Pátria, querendo emendar erros, castigar abusos»; os chefes utilizavam «uma falsa prosápia militar», correspondendo «à fobia criminosa dum manejador de chicote e vociferações»⁷⁰.

O texto incorpora também elementos visuais e, como alerta Roland Barthes, «o mito é uma fala (...), esta fala é uma mensagem. Assim ela pode perfeitamente não ser oral (...)»⁷¹. Em extra-texto encontram-se duas imagens (major Leopoldo Jorge da Silva e capitão Francisco Pedro Curado) e na capa, pintada por Jaime Martins Barata, vê-se o retrato de António de Cértima, com aspecto facial grave e másculo. O major Leopoldo Jorge da Silva sintetizava a utopia da chefia: «Lembrava um antigo guerreiro que se levantasse à pressa do seu túmulo de séculos e, apertando a couraça e o escudo de Cristo,

⁶⁵ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 39.

⁶⁶ Idem: *ibidem*, p. 79.

⁶⁷ Idem: *ibidem*, p. 83.

⁶⁸ Idem: *loc. cit.*

⁶⁹ Para o problema da tipificação dos mitos produtores de símbolos sociais, cf. GURVITCH, Georges (1979): *A Vocação Actual da Sociologia*, vol. I, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 113-123.

⁷⁰ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 267.

⁷¹ BARTHES, Roland (1984): *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, p. 210.

transportasse consigo a Raça morta, num milagre»⁷². O capitão Francisco Pedro Curado, após a morte do major Leopoldo Jorge da Silva, impõe-se, segundo Cértima, como o «maior Homem de toda esta Epopeia decadente»⁷³; este militar corajoso, disciplinado e animador da alma dos soldados transportava a glória no cumprimento da cadeia hierárquica de comando e, dada a escusa do capitão Jaime Baptista em assumir a direcção do combate, que lhe pertencia como oficial mais antigo, o capitão Curado não recusou a missão⁷⁴.

3.3.2. Pátria, raça, glória, honra

No processo de construção da História apresenta-se inevitável a passagem do tempo-mito ao tempo-história. Mas nada pode impedir a transmutação do tempo-história em novo tempo-mito nas representações mentais de determinados indivíduos e, com a sua generalização, a formação de uma área de opinião pública⁷⁵. É esta situação que António de Cértima intenta realizar, recorrendo a «histórias exemplares» com vista a modelar uma maneira de agir no presente. Articula a perspectiva do mito, como estratégia revelador de um estado de alma, com a narração histórica, enquanto reposição da verdade dos factos contra as mentiras divulgadas⁷⁶. Este encontro com a verdade tem limites óbvios: todo o conhecimento é mutilado, pois a «ilusão de reconstrução integral advém do facto de que os documentos, que nos fornecem as respostas, nos ditam também as perguntas»⁷⁷.

O tempo presente condiciona o processo de reconstrução histórico que António de Cértima pretende fazer, deformando a realidade através de um efeito de *écran*⁷⁸. Ao leitor/espectador será fornecida uma verdade⁷⁹ para o combate da crença contra a descrença. A projecção de Carlyle também se verifica quando entende que a luta dos homens devia ligar-se à essência das

⁷² CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 153.

⁷³ Idem: *ibidem*, p. 155.

⁷⁴ Anota António de Cértima: «Porém, alegando não sei que *personallíssimas* razões este oficial [capitão Jaime Baptista] recusou-se terminantemente a esta missão. E como comentário é conhecido este grito galhardo do capitão Curado, que berrou para um emissário, no fim do combate: Diga lá ao sr. capitão Baptista que venha tomar o comando *disto*, que já não há tiros...» – Idem: *loc. cit.*, nota 1 em rodapé.

⁷⁵ Para o conceito e prática de opinião pública numa perspectiva histórica, cf. MACEDO, Jorge Borges de: “A opinião pública na História e a História na opinião pública”. In: *Estratégia. Revista de Estudos Internacionais*, n.º 1 (1986), pp. 47-59; BECKER, Jean-Jacques. “L’opinion”. In: RÉMOND, René (dir.), *Pour une histoire politique*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, pp. 161-183.

⁷⁶ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 150.

⁷⁷ VEYNE, Paul (1983): *op. cit.*, p. 24.

⁷⁸ Para a explicação deste efeito de *écran*, cf. BARTHES, Roland (1984): *op. cit.*, p. 221.

⁷⁹ Idem: *ibidem*, p. 248.

coisas e não aos seus simulacros ou às suas formas⁸⁰. A objectividade que proclamou – «Chegou o momento de analisar a frio, sem paixões nem máscaras sofisticadas (...), os gestos mais secretos dos homens (...)»⁸¹ – deve ser entendida como dissimulação para ajudar ao desenvolvimento de um discurso revolucionário de direita antiliberal.

A sobrevalorização dos conceitos de pátria, raça, glória ou honra visava a sua mitificação, numa operação mental através da qual António de Cértima pretendia, numa primeira fase, despolitizá-los (retirando-os ao discurso demoliberal republicano oficial), para depois os tornar a politizar (incorporando-os, «purificados», no discurso nacionalista autoritário antiliberal). O «mito dá a simplicidade das essências»⁸²; consciente disso, Cértima actua ao logo da sua narrativa de guerra. A ideia de pátria funcionou como referente no processo de justificação do heroísmo e da glória pessoal e colectiva. A sua genealogia entroncava na cadeia biológica dos heróis do passado longínquo (os santos, os guerreiros, os cavaleiros, os navegadores), constituindo uma meta-história para a qual se apelava. A memória como presente exige uma consciência activa e é a sua «queda formidável» em áreas da decisão político-militar que o angustiou⁸³.

Neste processo de sobrevalorização da ideia de pátria e de raça, o autor constrói uma imagem negativa do negro como contraponto da civilização branca ocidental. Dentro da atitude de diferenciação cultural e rática que a postura darwinista social incrementou, o jovem intelectual/combatente António de Cértima cultivou o ódio por meio de uma agressiva adjectivação: «alcateias indígenas» e «meia dúzia de pretalhões»⁸⁴, «negro ínfimo, (...) inimigo da casta»⁸⁵, «vénus negras (...), insaciáveis como leoas»⁸⁶, «raças carnívoras, dum ódio negro, ávidas dum sangue de caverna! Sucia de cães, estes negros!»⁸⁷ ou «tentava desferrujar o meu idioma – pervertido pelo trato com a malta negra»⁸⁸.

Como antinómia desta visão do negro está a posição de António Ferro, que António de Cértima tanto admirava mas nem sempre estava de acordo com ele. O jovem intelectual propagandista das experiências autoritárias⁸⁹, que galvanizavam também Cértima, proclamou em 1923 na conferência futurista *A Idade do Jazz-Band*⁹⁰: «O

⁸⁰ CARLYLE, Thomas (1957): *op. cit.*, p. 27.

⁸¹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 271.

⁸² BARTHES, Roland (1984): *op. cit.*, p. 243.

⁸³ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, pp. 189-190.

⁸⁴ Idem: *ibidem*, p. 46.

⁸⁵ Idem: *ibidem*, p. 71.

⁸⁶ Idem: *ibidem*, p. 123.

⁸⁷ Idem: *ibidem*, p. 159.

⁸⁸ Idem: *ibidem*, p. 237.

⁸⁹ FERRO, António (1927): *Viagem à Volta das Ditaduras*, Lisboa, Empresa do “Diário de Notícias”.

⁹⁰ Idem (1923): *A Idade do Jazz-Band*, Rio de Janeiro, H. Antunes & C.^a Editores.

momento é um negro. O *jazz-band* é o xadrez da Hora. *Jazz-branco*; *band-negro* (...). A influência da arte negra sobre a arte moderna torna-se indiscutível. A arte moderna é a síntese. Os negros tiveram sempre o instinto da síntese. Os negros ficaram na infância – para ficarem na verdade»⁹¹. O debate em torno da civilização negra e da sua relação com a cultura europeia estava bastante vivo nos anos 20 do século XX.

Relacionado com o problema da capacidade realizadora dos povos, encontramos a representação do confronto entre o português e o alemão na região do Niassa. António de Cértima alude ao choque entre as duas práticas civilizacionais que o rio Rovuma separa – a norte do rio (Migomba, Nevala) e junto à margem sul (Kionga) situava-se a zona dominada pelos alemães, a sul desse rio encontrava-se o território português –, glorificando a capacidade alemã:

“(...) o que mais chocou a atenção (...) foi a diferença encontrada logo que se pisou a região de Kionga e que punha sobre a terra, no amanho do solo, todo bem tratado e produzindo com fertilidade – a marca do dedo alemão. Aqui, sentia-se a presença do homem. A terra era escrava de alguém que a compensava com trabalho fecundo (...). O contraste da terra portuguesa, escrava dum senhor de quatro séculos, era flagrante: nesta, talvez como sentidos padrões de história, o solo guardava os mesmos troncos e a mesma vegetação heróica de Quatrocentos (...)”⁹²

O fascínio pelas realizações alemãs – a produtividade da terra ou a rede de fortificações para defesa, chegando ao ponto de classificar o forte de Nevala como «um paraíso»⁹³ – leva-o a atribuir essas qualidades ao carácter genial da «raça do norte»⁹⁴. Assim, o conteúdo do heroísmo que interessava a António de Cértima tinha sido praticado por esse povo germânico que «combatia com ideal, com razões de consciência, abrasado de paixão patriótica e força heróica. Era a sua pátria grande que eles traziam no peito, era a sua terra, sagrada como todas as outras, e que lá longe, no braseiro inclemente da Europa, se esfacelava, se perdia de todos...»⁹⁵. No geral, o comportamento do militar português configurava o inverso deste comportamento militar alemão⁹⁶. Não há dúvida que, para

⁹¹ Idem (1987): *Obras de António Ferro*, vol. 1 (*Intervenção Modernista. Teoria do Gosto*), Lisboa, Editorial Verbo, p. 216.

⁹² CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 70.

⁹³ Idem: *ibidem*, p. 142.

⁹⁴ Idem: *ibidem*, p. 238.

⁹⁵ Idem: *ibidem*, p. 249.

⁹⁶ Idem: *loc. cit.*

António de Cértima, o micro-ambiente do Niassa se erigiu em exemplo da impotência colonizadora portuguesa, dando o carácter ideológico do autor e não, obviamente, a explicação do complexo processo de colonização que Portugal desenvolveu em África.

4. «EPOPEIA MALDITA»: RECEPÇÃO PÚBLICA

A ressonância de *Epopeia Maldita* nas elites portuguesas da época atingiu uma dimensão assinalável, que foi transversal ao campo político republicano e ao campo político monárquico. Registe-se algumas personalidades que escreveram depoimentos favoráveis e que preenchem as nove páginas finais da obra: o destacado testemunho do general Manuel Gomes da Costa; as cartas do visconde de Vila-Moura, João Grave, Joaquim Costa, tenente António Metelo, Alfredo Pimenta, Severo Portela, capitão João Pina de Morais, Antero de Figueiredo; os artigos publicados em periódicos por Alberto da Veiga Simões, Joaquim Madureira, capitão-de-fragata Filomeno da Câmara (*A Tarde*), Correia da Costa (*A Capital*), João Claro, pseudónimo de Augusto Lacerda (*O Dia*), Gustavo de Matos Sequeira (*O Mundo*), Francisco Homem Cristo (*O de Aveiro*).

Entre os depoimentos citados, o do antigo comandante da 1.^a Divisão do Corpo Expedicionário Português em França, durante a Primeira Guerra Mundial, general Manuel Gomes da Costa, tem uma projecção pública significativa. O autor de *A Guerra nas Colónias, 1914-1918* (1925) utilizou nesta obra vários registos fixados por António de Cértima em *Epopeia Maldita*, publicada no ano anterior. A análise de Gomes da Costa – como a de Cértima ou a de João Maria Ferreira do Amaral em *A Mentira da Flandres e... o Medo!* (1922) – tinha como objectivo a reacção contra a «mentira» portuguesa de África e da Flandres durante a Primeira Guerra Mundial, aproveitando para denunciar a elite política e a elite militar oficial que, com as cumplicidades clientelares da Administração, se constituíra numa «nação à parte, dentro da Nação».

A crítica ao regime da I República por parte do general Manuel Gomes da Costa acentuou-se desde 1920. Em Junho desse ano foi condenado a vinte dias de prisão, no Forte de Elvas (distrito de Portalegre), por ter escrito artigos contra o ministro da Guerra, João Estêvão Águas. Em Janeiro de 1922 era novamente punido com vinte dias de prisão, agora no Forte de Caxias (distrito de Lisboa), por ter denunciado em entrevista ao periódico *A Opinião* o crescente poder da Guarda Nacional Republicana em relação ao Exército. O futuro chefe do golpe militar de 28 de Maio de 1926 radicalizou as críticas quanto à falta de preparação militar do Exército e, quanto ao comportamento das chefias

militares em África, coincidindo com as opiniões de António de Cértima em *Epopeia Maldita*:

“Em África, vemos os chefes e a sua *claque*, na Base, comendo, bebendo, passeando, gozando, estendidos nas preguiçadeiras de verga, abanados pelos *moleques*, tomando limonadas ou *wisky and soda* bem gelados; o resto, a canalha, os párias – rotos e sujos –, debaixo dum sol de inferno, sem pão, sem água, sem medicamentos, atolados nos lodos do Rovuma, trocando tiros com o inimigo pela honra duma Pátria cujos destinos estavam nas mãos de inconscientes, ou ignorantes, ou perversos.

Mas no fim, ao terminar a guerra, apareceram, numa evidência balofa, os videirinhos, assaltando os lugares de rendimento, reforçando as clientelas dos deuses de ocasião, cobrindo-se uns aos outros de condecorações, e afastando os que poderiam incomodá-los, caluniando-os, e, entre estes, até os pobres mutilados, que eles só aproveitam para os explorar em exhibições públicas, colocando-os à sua frente”⁹⁷

Outros testemunhos incidem sobre a dimensão emotiva da obra, ao mesmo tempo que reconhecem a função de «formidável libelo» contra o modo como se deu a participação militar portuguesa em Moçambique durante a Primeira Guerra Mundial. Por exemplo, para o diplomata e político Alberto da Veiga Simões (membro do Partido Republicano Radical), o livro representava uma «página suprema da nossa literatura de guerra» e para o capitão-de-fragata e político Filomeno da Câmara (membro do Partido Republicano Nacionalista e da Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira, progressivamente seduzido pelo fascismo), o autor mostrava ser um «pintor de extensos painéis coloridos» comunicando um «grito desgrenhado de Justiça e Verdade».

O livro suscitou algum debate público. Veja-se um caso paradigmático, aquele que opôs o capitão de cavalaria e piloto-aviador Francisco Higinio Craveiro Lopes a António de Cértima, ambos combatentes em Moçambique⁹⁸. A tribuna dos «reparos» e «respostas», de intensidade branda, seria o periódico *Diário de Lisboa* (Março/Maio de

⁹⁷ Idem: *ibidem*, pp. 286-287.

⁹⁸ Francisco Higinio Craveiro Lopes (1894-1964). Cursou cavalaria na Escola do Exército, participando como alferes na operação do cerco de Nevala (Outubro de 1916) e no combate de Lulindi/Kivambo (Novembro de 1916). Em Maio de 1917 regressou a Portugal continental. Partiu novamente para Moçambique em Maio de 1918, regressando em Junho de 1920. Em Outubro de 1919 recebeu a Cruz de Guerra de 1.^a Classe. De 1944 a 1950 foi Comandante-Geral da Legião Portuguesa, com o posto de coronel. General em 1949, comandante da 3.^a Região Militar a partir de 1951, seria eleito Chefe de Estado em 21 de Julho de 1951. Viria a fazer parte dum grupo de dissidência interna ao regime político do Estado Novo, propondo a sua reformulação por dentro.

1925). As «correções» propostas por Craveiro Lopes diziam respeito a três considerados «exageros» de Cértima: 1) a dimensão aventureira do major Leopoldo Jorge da Silva; 2) a caracterização atribuída aos soldados, que partiam para Kivambo, como de um «rebanho pusilânime de legionários» se tratasse; 3) a prisão de Craveiro Lopes por um sargento português, em virtude de o ter confundido com um alemão. Craveiro Lopes teve uma intervenção activa em operações militares nas quais Cértima não participou e pretendeu precisar factos que a liberdade literária de Cértima hiperbolizava ou transfigurava ao serviço da sua finalidade política interveniente.

5. CONCLUSÃO

Ao longo destas memórias de guerra em Moçambique (1916 a 1918), António de Cértima evidenciou a condição de intelectual combatente comprometido com a vontade de resgatar a «verdade» da participação militar portuguesa contra as ameaças anexionistas das tropas alemãs e com a finalidade de usar a sua interpretação como instrumento de crítica às elites políticas e militares que estavam em sintonia com a orientação política dos governos republicanos. Apresentou, deste modo, o seu auto-retrato de combatente: «(...) vida de soldado-vagabundo ofertando à Pátria a fé sagrada dum coração ardente a sangrar de generosidade e de emoção castiça, mas que o leão do Niassa esfarrapou sem dó!»⁹⁹. Quanto à obra *Epopeia Maldita*, regozijando-se com a 3.^a edição de mais 1000 exemplares, afirmou: «Hoje [Novembro de 1924], este livro de gritos e labaredas sagradas, que pertence já a todo o país, entrou quase no seu sangue e foi até ao fundo da sua alma por meio das suas lágrimas, das suas apóstrofes justas e bênçãos patrióticas»¹⁰⁰.

António de Cértima impôs-se, quer no campo cultural, muito elogiado por personalidades liberais ou antiliberais, quer no campo político da direita antiliberal. Talentoso escritor da «nova geração» dos anos 20, não obteria semelhante projecção política. Ao longo do livro de guerra *Epopeia Maldita*, entretecido de história e de ficção, podemos acompanhar a descrição das paisagens, do estado de espírito dos combatentes, das tácticas militares, das condições logísticas ou de vários confrontos contra os alemães em Moçambique: margens do Rovuma, Nevala, Kionga, Negomano, Quivambos, Palma ou M'Kula. É uma imprescindível fonte histórica para construção historiográfica da

⁹⁹ CÉRTIMA, António de (1924): *op. cit.*, p. 171.

¹⁰⁰ Idem: *ibidem*, p. 285.

participação militar de portuguesa em Moçambique, no contexto da Primeira Guerra Mundial, que deve ser sujeita, como qualquer outra, à análise crítica comparativa.

Em Moçambique, as operações militares portuguesas de maior dimensão desenvolveram-se na segunda metade de 1916. Foram coetâneas da presença do combatente António de Cértima. As tropas portuguesas transpuseram a margem norte do rio Rovuma e entraram em território alemão, conquistando Nevala (Outubro de 1916), para se afirmar o prestígio militar português junto dos países beligerantes na Primeira Guerra Mundial. A contra-ofensiva alemã obrigaria à retirada de Nevala (Novembro de 1916) em direcção à margem sul do rio Rovuma. Nevala representou a glória e a perdição da auto-suficiência militar portuguesa contra os militares alemães, constituindo o relato de Cértima, quanto a esse confronto, uma narrativa de contra-memória face à versão oficial transmitida pelo chefe militar da expedição e pelo governador-geral da colónia portuguesa. A ajuda das tropas inglesas, que foi concedida às tropas portuguesas, será decisiva para a retirada das tropas alemãs do território português moçambicano.

LOS INTELLECTUALES ESPAÑOLES Y LA GUERRA DEL RIF (1909-1927) ¹

THE SPANISH INTELLECTUALS AND THE RIF WAR (1909-1927)

Alfonso Iglesias Amorín, Universidade de Santiago de Compostela, España.

E-mail: alfonsoamorin@yahoo.es

Resumen: Las campañas que el Ejército español libró contra las cabilas de Marruecos entre 1909 y 1927 condicionaron de forma decisiva la política y el debate público en la España de esos años. Es por ello que los principales intelectuales de entonces difícilmente pudieron abstraerse de participar en un debate en el que la opinión pública esperaba que se posicionasen. Sus valoraciones eran a menudo seguidas por aquellos que los tenían como referentes y criticadas por los que defendían posturas contrarias, pero su prestigio social hacía que no pasasen desapercibidas.

Palabras clave: Guerras de Marruecos, Guerra del Rif, intelectualidad, opinión pública.

Abstract: The campaigns fought by the Spanish army against the Kabyles of Morocco between 1909 and 1927 decisively conditioned the political and public debate in Spain in those years. That is why the leading intellectuals of that time could hardly avoid participating in a debate in which public opinion was expecting their views. Their evaluations were often followed by those who had them as references and criticized by those defending opposing positions, but never went unnoticed thanks to their social prestige.

Keywords: Moroccan War, Rif War, intellectuals, public opinion.

¹ Recibido: 30/04/2014 Aceptado: 25/05/2014 Publicado: 15/06/2014

1. INTRODUCCIÓN

La España del primer tercio del siglo XX resulta difícil de analizar sin tener en cuenta la larga guerra que libró su Ejército contra las cabilas del área norte de Marruecos, asignada a España como área de influencia en virtud del acuerdo franco-británico de 1904, y en la que ejerció un *protectorado* efectivo desde 1912².

El conflicto removió la sociedad española desde sus cimientos, pues su coste humano y económico fue elevadísimo. Lo que se vino a conocer como “el problema de Marruecos” se convirtió en una de las principales preocupaciones del país. Dos fechas resultan especialmente significativas en este proceso: 1909, año en que el envío de reservistas a la guerra desencadenó la Semana Trágica en Barcelona y tuvo lugar el conocido como desastre del Barranco del Lobo; y 1921, cuando se desmoronó todo el despliegue español en la zona oriental de su Protectorado, en una catástrofe con alrededor de 10.000 muertos que supuso un golpe casi definitivo para el régimen de la Restauración, y que ha pasado a la historia como el desastre de Annual³.

La relevancia del “problema de Marruecos” le convirtió en un elemento central del debate público español. Como tal, fueron muchos los intelectuales de su tiempo que se acercaron a él para valorarlo y tratar de influir en la opinión pública con unas determinadas ideas. Las opiniones de los intelectuales de más prestigio, que en buena medida eran los escritores más famosos⁴, con frecuencia llevaban a más debates y análisis, siendo muchas veces tratadas con más seriedad que las ideas ofrecidas por los políticos profesionales⁵. Muchos de los intelectuales que prestaron una especial atención

² El territorio asignado a España se limitaba a una pequeña franja próxima a la costa, con escasos recursos y apenas el 5% de la población marroquí, pues el resto del Sultanato de Marruecos correspondió a Francia. Respecto a la guerra, dentro de la etapa 1909-1927 se podrían distinguir diferentes fases, incluyendo algunos momentos de relativa calma, pero la acotación resulta conveniente por el estado de guerra casi constante que se vive entre ambas fechas. Por otro lado, la denominación de “Guerra del Rif” es la más operativa, aún cuando varios de los conflictos acaecidos no tuvieron lugar en esa región, sino en otras como Yebala.

³ Aunque las cifras oscilan, la mayoría de autores las sitúan entre los 8.000 y 12.000 muertos de los que habla BALFOUR, Sebastian, (2002): *Abrazo mortal: De la guerra colonial a la Guerra Civil en España y Marruecos (1909-1939)*, Barcelona, Península, p. 146. En comparación, los cerca de 200 muertos del Barranco del Lobo palidecen al lado de la que fue la mayor derrota sufrida por una potencia colonial en territorio africano.

⁴ En la época, ambos conceptos estaban en estrecha relación. André Bachoud señala que los vocablos “escritor” e “intelectual” fueron casi equivalentes en todos los textos de la época, porque el escritor español en esos años “asume la doble función de productor de literatura y de testigo comprometido de su tiempo”: BACHOUD, André, (1988) *Los españoles ante las campañas de Marruecos*, Madrid, Espasa, p. 338.

⁵ OUIMETTE, Víctor, (1998) *Los intelectuales españoles y el naufragio del liberalismo (1923-1936)*, Valencia, Pre-Textos, 1998, p. 5.

a las campañas de Marruecos estaban directamente vinculados a la política. Son buenos ejemplos dos de los más reconocidos escritores de la época: Benito Pérez Galdós y Jacinto Benavente, ligados al Partido Republicano y al Partido Conservador respectivamente. Para los partidos políticos eran muy importantes por el prestigio que se derivaba de su apoyo, por eso trataron de atraerse intelectuales que defendiesen sus posturas, y por eso los principales intelectuales de la época solían estar vinculados a uno u otro partido político.

Resulta complicado conocer qué intelectuales eran los que tenían una mayor influencia sobre la opinión pública, y se ha tendido a estudiar fundamentalmente a los escritores con mayor peso en la tradición literaria. En este artículo seleccionamos algunos de los más significativos, tanto por su repercusión posterior como por el prestigio del que gozaban en su momento, para ofrecer una visión general sobre el papel que desempeñaron en relación con la guerra.

La fuente fundamental para acercarse a este tema es la prensa periódica, que nos ofrece una imagen muy clara del prestigio de los intelectuales y de lo influyente que su opinión resultaba. No solo los periódicos en los que colaboraban incluían sus artículos, sino que el resto de la prensa reproducía estas opiniones, incrementando su alcance y, con frecuencia, añadiendo valoraciones que resultan de gran utilidad para conocer cómo eran acogidas desde las diferentes ideologías.

2. LOS PRECEDENTES DECIMONÓNICOS. JOAQUÍN COSTA Y EL AFRICANISMO ESPAÑOL

Desde que la popular Guerra de África de 1859-1860 generó un desconocido interés en España por los asuntos de Marruecos, múltiples estudiosos y escritores trataron sobre ellos, hasta el punto de que se habla de una corriente africanista en la segunda mitad del XIX⁶. Entre los intelectuales de esta etapa que más destacaron por su atención a Marruecos brilló con luz propia Joaquín Costa. La principal figura del Regeneracionismo vio al otro lado del Estrecho un lugar en el que España estaba llamada a ejercer una labor de cooperación que defendió con vehemencia. Costa insistió

⁶ El término africanismo se empleó en la España de la segunda mitad del XIX sobre todo para referirse a un grupo de personas e instituciones que reivindicaban que España tenía en el norte de África unos intereses decisivos, por los que se debía luchar a través de una acción decidida en varios ámbitos (comercial, político, cultural, etc.). Vid. MORALES LEZCANO, Víctor, (1988): *Africanismo y orientalismo español en el siglo XIX*, Madrid, UNED, 1988, p. 72.

en el hermanamiento histórico entre españoles y marroquíes, consideró el Estrecho de Gibraltar como una puerta de unión más que una barrera, y afirmó que España debía ayudar al desarrollo de Marruecos a la vez que se beneficiaba de unas relaciones comerciales que podían ser muy fructíferas⁷. No obstante, el mensaje del africanismo no caló en la sociedad española como sus impulsores intentaron, costándole mucho llamar la atención de la opinión pública. El propio Joaquín Costa fue abandonando sus ideas, decepcionado por la falta de acogida y escasa aplicación en la práctica.

Los conflictos militares demostraron ser el único estímulo que realmente hacía que las miradas españolas se dirigiesen con atención a Marruecos: entre la Guerra de África, terminada en 1860, y el punto de inflexión que supuso 1909, el momento en que se prestó una mayor atención al territorio al sur del Estrecho fue la campaña de Melilla de 1893, un conflicto de escasa entidad y pocas bajas pero cuya resolución se dilató durante meses⁸. Con buen criterio, el geógrafo Gonzalo de Reparaz llamaba a aprovechar que el tema marroquí estaba fresco, “porque al mes de haber vuelto a la Península las tropas que están en Melilla, no habrá mucho más de un centenar de españoles que soporte la lectura de dos columnas de cualquier periódico tratando del Rif”⁹. La campaña de 1893 se movió entre una cierta efervescencia de patriotismo militarista y un rechazo a la campaña militar. Este rechazo, sobre todo por su perjuicio para los reservistas y las arcas públicas, registró un alcance limitado, pero marca un precedente de la oposición popular a las guerras coloniales que se consolidó en 1898 con el conflicto cubano y culminó con la gran campaña de oposición a la guerra en Marruecos de 1909.

⁷ También consideraba Costa imprescindible un Marruecos fuerte para que no se hiciese con él otra potencia que no fuese España. Las ideas señaladas están muy bien sintetizadas en su famoso discurso del Teatro Alhambra de Madrid, en marzo de 1884: COSTA, Joaquín, (1884): *Intereses de España en Marruecos*, Madrid, Imprenta de Fortanet, 1884.

⁸ Diferentes fuentes consultadas coinciden en cifrar unas trescientas bajas españolas, de las que más de la mitad serían heridos. Aunque las bajas se concentraron en unos pocos días, las hostilidades comenzaron en octubre de 1893 y no se firmó la paz hasta marzo de 1894. Para un pormenorizado análisis militar de la campaña Vid. RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Agustín Ramón, (2008): *La Guerra de Melilla en 1893*, Madrid, Almena, 2008.

⁹ REPARAZ, Gonzalo de, (1893) *Melilla. Peligros-Desaciertos de España. Urgente necesidad de remediarlos. Manera de hacerlo*, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1893, p. 3.

3. LA GUERRA DEL BARRANCO DEL LOBO Y MARRUECOS COMO ELEMENTO CLAVE DEL DEBATE PÚBLICO ESPAÑOL

Si en 1893 el conflicto marroquí había sido coyuntural, cayendo en el olvido al poco tiempo, desde 1909 se convirtió en algo estructural, en un elemento central del debate público español que, como tal, iba a concitar la atención de la sociedad, entrando los intelectuales en el debate al respecto con mucha frecuencia. A la derrota en el Rif se sumó el impacto decisivo de la Semana Trágica y la represión posterior, especialmente por la ejecución del pedagogo Francisco Ferrer i Guardia, que fue un duro golpe para la imagen del Gobierno de Antonio Maura y generó protestas tanto dentro como fuera de España.

Bernabé López García ha distinguido entre dos grupos básicos dentro de los intelectuales que trataron el tema: científicos y polemistas. El primero sería el de los expertos en la realidad marroquí, que trataban de profundizar en su conocimiento físico y humano. El segundo, el de los “polemistas”, que pese a un menor conocimiento del tema, daban sus opiniones, sobre todo a través de los periódicos, y fueron los que más pudieron influir en la sociedad, especialmente por el prestigio del que gozaban¹⁰. La hispanista André Bachoud, teniendo en consideración fundamentalmente este último grupo, dividió las posturas de los intelectuales entre las de “los nostálgicos de la gloria y de la conquista”, que soñaban con la resurrección de una antigua e idealizada España; y los que rechazaban esa España “mítica y quijotesca”, exigiendo una autocrítica que desembocase en la consolidación de un Estado moderno¹¹.

A la altura de 1909 Joaquín Costa seguía siendo un poderoso referente intelectual en España, pero por entonces sus valoraciones sobre Marruecos carecían del optimismo mostrado unas décadas atrás. Su posición era claramente a favor del abandono y el rechazo de la guerra:

“Hace 20 años aún era tiempo de pensar en Marruecos; pero me dejaron solo; me hicieron fracasar [...] lo mejor que ahora podríamos hacer es

¹⁰ LÓPEZ GARCÍA, Bernabé (2004): “La ciencia como instrumento de la acción colonial en Marruecos. Contextos y polémicas”. En: Helena de Felipe, Leoncio López Ocón, y Manuela Marín (eds.), *Ángel Cabrera: Ciencia y proyecto colonial en Marruecos*, Madrid, CSIC, p. 20.

¹¹ BACHOUD, André: op. cit., p. 339.

abandonar esa estrecha zona, abrupta y estéril, que jamás compensará a España de la sangre y los tesoros que va a costarle”¹²

Especial repercusión tuvo una carta suya que publicó el 4 de octubre de 1909 el periódico *España Nueva*, en la que mostró su oposición a la campaña del Rif y acusó directamente al presidente, Antonio Maura. Lo consideraba culpable de una guerra costosísima hecha contra la voluntad del país, de imprevisión y de haber abusado del poder, por lo que debía ser juzgado y condenado. El tono de la misiva era muy virulento, llegando a afirmar sobre Maura: “Pues ya está juzgado. Él se ha condenado a sí mismo. En los fosos de Montjuich hace falta gente”¹³. Por ello se abrió un proceso contra Costa, y varios de los periódicos que habían reproducido la carta, como *El Liberal*, *El País*, *El Correo* o *España Nueva* fueron denunciados¹⁴. Este proceso se inscribe dentro de la política censora y represiva del Gobierno de Maura, emprendida sobre todo para minimizar el alcance de las protestas contra la guerra y responder al atentado contra el orden establecido que habían supuesto los sucesos de Barcelona¹⁵.

Joaquín Costa gozaba de una gran reputación, por lo que el impacto de su carta fue notable, sobre todo entre la izquierda y grupos liberales, que eran los que más lo respetaban. Entre los sectores conservadores no se le tenía tanto aprecio, pero aunque sus opiniones se valorasen negativamente eran tenidas en cuenta, lo que demostraba su enorme influencia. Sirva como ejemplo el comentario vertido en el diario carlista *El Siglo Futuro* sobre la referida carta, de la que se decía que contenía “una porción de enormidades expuestas, como siempre, en forma de afirmaciones rotundas, sin un solo razonamiento”¹⁶.

Otro destacado intelectual que en 1909 abogaba por el fin de la guerra y el abandono de Marruecos fue Benito Pérez Galdós, el autor español que más obras vendía entonces y uno de los más influyentes. Galdós rechazaba el patriotismo belicoso que tan perjudicial se había demostrado para el país durante la Guerra de Cuba. En su inspirada novela *Aita Tettauen* (1905) había desmitificado esa *gloria nacional* que era la Guerra

¹² Tomado de GONZÁLEZ ALCANTUD, José Antonio, (2002): *Lo moro. Las lógicas de la derrota y la formación del estereotipo islámico*, Barcelona, Anthropos, p. 199.

¹³ “La guerra y el Gobierno. Juicios de Don Joaquín Costa”, *El País*, 5-X-1909, p. 1.

¹⁴ “Sección de noticias”, *El Imparcial*, 8-X-1909, p. 5.

¹⁵ Para un análisis detallado de la Semana Trágica y sus consecuencias Vid. la obra clásica: CONNELLY ULLMAN, Joan, (2009) *La Semana Trágica*, Ediciones B (original de 1968), p. 312.

¹⁶ “Información política”, *El Siglo Futuro*, 5-X-1909, p. 2.

de África¹⁷. Cuatro años más tarde se caracterizó por una oposición a la guerra en Marruecos que quedó claramente expuesta en sus colaboraciones en el diario *El Motín* y su participación en protestas contra el conflicto. En octubre de 1909 calificaba la guerra de Marruecos como una “campana infecunda de vanagloria en las tinieblas”, pedía que toda la nación interviniese para obligar al Gobierno a actuar con buen juicio y poner fin tanto al conflicto de Marruecos como a la censura y represión por motivos ideológicos:

“Unidos todos, encaminemos hacia su término la guerra del Rif, añadiendo al fulgor de las armas la lucidez de los entendimientos en cuanto se relacione con la política internacional [...] Pongamos fin al enjuiciamiento caprichoso, a los destierros y vejámenes, con ultraje a la humanidad y desprecio de los derechos más sagrados. [...] Ya es tiempo de que se acabe tanta degradación, y el infame imperio de la mayor barbarie política que hemos sufrido desde el aborrecido Fernando VII”¹⁸

Galdós apelaba a la unidad de la sociedad con objetivos regeneracionistas y, aunque no se terminaba de sentir un político, tuvo un papel importante dentro del republicanismo español. Pese al respeto que en general se había ganado con su obra, su actitud contra la guerra fue duramente criticada por amplios sectores conservadores, entre los que no era apreciado por su anticlericalismo y convicciones republicanas. Así, por ejemplo, *La Época*, respondiendo a críticas de Galdós al Gobierno de Maura y a la censura establecida por éste después del Barranco del Lobo, señaló que sus dotes para escribir novela histórica fallaban para escribir historia, por lo que los “desbordes de su imaginación” podían hacer mucho daño en el “buen sentido de las gentes”¹⁹.

En un lado contrario al de Costa y Galdós podemos situar a otro prestigioso escritor del momento, Jacinto Benavente, que justificó la guerra y la acción colonialista que llevaba aparejada, algo bastante congruente con el pensamiento conservador que profesaba. Benavente se sitúa claramente en el grupo que Bachoud definió como “nostálgicos de la gloria y de la conquista”, pues no solo sostenía que el porvenir de España estaba en África, como había afirmado Joaquín Costa décadas antes, sino que además se apoyaba en una tradición imperialista que arrancaba en el famoso testamento

¹⁷ PÉREZ GALDÓS, Benito, (1905) *Episodios Nacionales, Serie Cuarta. Aita Tettauen*, Madrid, Obras de Pérez Galdós, 1905.

¹⁸ “Al pueblo español”, *El Motín*, 14-X-1909, p. 1.

¹⁹ “El último episodio de Galdós”, *La Época*, 27-IX-1909, p. 1.

de Isabel la Católica, al que apelaba como una obligación histórica del país²⁰. En su columna en *El Imparcial*, Benavente también hizo apología de las guerras, al afirmar que ayudaban a ilustrar a los pueblos, con ejemplos como las campañas de Napoleón y la difusión de los ideales de la Revolución Francesa; mientras que la paz enmohecía los espíritus. Por eso clamaba a favor de la guerra y en contra de una constante contabilización del número de muertos, que hacía que cualquier triunfo pareciese una derrota²¹. El artículo fue reproducido al día siguiente en *La Correspondencia Militar* “para enseñanza de soñadores y refutación de malignas propagandas pacifistas”²². La fama y prestigio de Benavente, cuyos últimos dramas habían cosechado un arrollador éxito, hacía que sus opiniones fuesen muy apropiadas para la prensa más belicista, que lo usó como un referente intelectual que poder oponer a los críticos con la campaña.

De modo similar al de Benavente, José Martínez Ruiz, “Azorín”, mostró su belicosidad en 1909 a través de algunos artículos periodísticos, como el que firmó en *ABC* en agosto defendiendo la máxima “La fuerza es el derecho; no hay más derecho que la fuerza”. Desde Tucídides a Nietzsche, repasaba la valoración de la fuerza a través de la historia, para concluir que “Estamos en tiempos de guerra, nada hay más alto, más supremo, que la fuerza. Seamos fuertes. Brillen las espadas y retumbe largamente el cañón”²³.

Mientras algunos de los miembros de la generación del 98 prestaron una gran atención en sus escritos a la campaña de Marruecos, otros se mantuvieron bastante al margen en 1909, como fue el caso de Pío Baroja, que conocía Marruecos de primera mano porque pocos años antes había sido enviado como corresponsal de *El Globo* para seguir la rebelión de El Rogui, un pretendiente al trono del Sultán²⁴. Tampoco fue muy prolífico al respecto Miguel de Unamuno, que ya en 1893 se había negado a participar de la oleada nacionalista generada por el ataque de las cabilas, criticando desde el *Eco de Bilbao* a los que defendían la intervención militar y una guerra “con los salvajes como salvajes”²⁵. No obstante, Unamuno estuvo en el centro de una enconada polémica

²⁰ BENAVENTE, Jacinto: “De sobremesa”, *El Imparcial*, 4-X-1909, p. 3. La Reina Isabel, en su testamento, había apelado a “no descuidar la conquista de África”. Durante la Guerra de África de 1859-1860 estas palabras habían cobrado gran actualidad, siendo recuperadas con frecuencia.

²¹ BENAVENTE, Jacinto: “De sobremesa”, *El Imparcial*, 6-IX-1909, p. 2.

²² “La guerra en todo y siempre”, *La Correspondencia Militar*, 7-IX-1909, p. 2.

²³ AZORÍN: “La fuerza”, *ABC*, 3-VIII-1909, pp. 13-14.

²⁴ MARTÍNEZ SALAZAR, Ángel (1997): “Pero no, la guerra no es bonita. Aproximación a la figura del corresponsal de guerra”. En: *Sancho el Sabio: Revista de cultura e investigación vasca*, nº 7, p. 117.

²⁵ PICH I MITJANA, Josep, (2008): *Francesc Pi y Margall y la crisis de Melilla de 1893-94*, Barcelona, Bellaterra, p. 163.

entre intelectuales con repercusiones en el extranjero que se produjo en septiembre de 1909. Aunque de modo indirecto estaba en relación con la Guerra de Marruecos, el motivo principal fue la oleada de protestas que tuvo lugar fuera de España contra la ejecución de Francisco Ferrer i Guardia, que hizo reaparecer los tradicionales argumentos de la *leyenda negra* española. Azorín lanzó desde las páginas de *ABC* una dura diatriba contra estas críticas a España²⁶, que a los pocos días fue respaldada por Miguel de Unamuno en una carta en la que afirmaba la existencia de una campaña de difamación contra España llamaba a “proclamar nuestras superioridades actuales”, al tiempo que cargaba contra “los papanatas que están bajo la fascinación de los europeos”²⁷.

La enconada crítica del escritor bilbaíno a las corrientes de pensamiento europeas causó sorpresa entre buena parte de la intelectualidad española, que reaccionó contra ella. Fue el caso de Ramiro de Maeztu, que se encontraba en Londres. Pidió a Unamuno que no se dejase llevar por la emoción y no pusiese pruebas tan difíciles al respeto que muchos le tenían. En un comentario que reflejaba bastante bien el racismo imperante, le pedía que “pensase frío”, que era como pensaba un europeo, aunque fuese de cuarta, y no un africano, aunque fuese de primera²⁸. Pese a estas declaraciones, Maeztu defendía que la guerra era injusta y que España no tenía derecho a ocupar Marruecos²⁹. También se mostró muy crítico José Ortega y Gasset, que llamó a Unamuno “energúmeno español” y lo acusó de faltar a la verdad. Ortega afirmó que no quería responderle, pero lo había hecho por la multitud de cartas recibidas instándolo a la protesta³⁰. Esto supone un buen reflejo del importante papel que algunos intelectuales tenían en la sociedad, pues no era raro que se les presionase para que participasen en debates que alcanzaban una cierta trascendencia³¹. Además, resulta interesante la enorme repercusión de dos opiniones concretas vertidas en un periódico, capaces de generar un debate del que participó buena parte de la prensa española.

²⁶ AZORÍN: “Colección de farsantes”, *ABC*, 12-IX-1909, p. 13.

²⁷ UNAMUNO, Miguel de: “De Unamuno”, *ABC*, 15-IX-1909, p. 10.

²⁸ MAEZTU, Ramiro de: “Los papanatas”, *La Correspondencia de España*, 26-IX-1909, p. 4.

²⁹ BACHOU, André: op. cit., p. 358.

³⁰ ORTEGA Y GASSET, José: “Unamuno y Europa, fábula”, *El Imparcial*, 29-IX-1909, p. 3.

³¹ Por supuesto, no eran igual de valorados en todos los sectores. El periódico católico *La Lectura Dominical* se pronunció en este debate con un “Por aquí ha parecido muy bien su simpática y española carta a Azorín. Sólo unos cuantos de estos pedantes que se llaman intelectuales, y los intonsos progresistas que se quedan boquiabiertos ante las cuentas de vidrio que vienen de París, porque esto les parece muy europeo”. “Sección de polémica”, *La Lectura Dominical*, 2-X-1909, p. 632.

Aunque nos hemos centrado en la prensa, pues fue el principal catalizador de las opiniones vertidas entonces y el medio fundamental del debate público, los mejores y más completos acercamientos de intelectuales a la realidad marroquí los encontramos en obras de autores como Eugenio Noel (*Notas de un voluntario*, 1910)³², que escribió realistas reportajes con bastante crítica social por los que fue encarcelado, acusado de atentar contra el honor del Ejército³³; o Ciges Aparicio (*Entre la paz y la guerra*, 1912)³⁴, relatos publicados primero en *El Socialista* y luego reunidos en un volumen, también muy fieles a la realidad, con una dura crítica de la ineficacia española en Marruecos y los sufrimientos aparejados a la guerra, siendo un buen modelo de las ideas abandonistas³⁵. Estos autores son los primeros ejemplos de un tipo de literatura que llevaba aparejada una crítica de fondo al sistema, al Ejército en su conjunto o a las ideas colonialistas fomentadas desde el poder, que se consolidó después de 1921. Son, además, dos obras que proceden de artículos periodísticos, por lo que reunían el impacto inmediato de su aparición en la prensa y el más sostenido de convertirse en libros. *Notas de un voluntario* se publicó gracias a una suscripción popular, que tenía por objeto ayudar económicamente al autor y dar a conocer su obra, lo que demuestra el interés por sus escritos y que se había convertido en un símbolo contra la censura y la represión del Gobierno. Andrée Bachoud considera que tanto Ciges como Noel tenían en su momento más influencia por sus escritos de la que, en general, la historia de la literatura les ha concedido³⁶. Es por ello que se les suele prestar una atención secundaria a la hora de hablar del papel de los intelectuales respecto a la fase inicial de la Guerra del Rif.

Aunque varios de los autores señalados se mostraron claramente antibelicistas, ello no supone que fueran también anticolonialistas, pensamiento que por lo general no aparece o, si lo hace, es muy difuso. Se criticó la campaña de Marruecos por los graves perjuicios que suponía para los españoles que eran llamados a luchar contra su voluntad o el alto coste para la hacienda pública de sostener la guerra, pero apenas encontramos una crítica de fondo al colonialismo en sí. Sin ir más lejos, los territorios colonizados

³² NOEL, Eugenio, (1910): *Notas de un voluntario*, Madrid, Imprenta de Primitivo Fernández.

³³ El relato que le causó problemas se titulaba “Cómo viven un marqués y un duque en campaña”, y por él estuvo encarcelado durante más de un año, cumpliendo la sentencia de uno de los múltiples procesos militares abiertos contra él: MARTÍNEZ SALAZAR, Ángel, op. cit., p. 118.

³⁴ CIGES APARICIO, Manuel, (1912): *Entre la paz y la guerra*, Madrid, Imprenta de Juan Pueyo, 1912.

³⁵ LÓPEZ BARRANCO, Juan José, (2003): *La guerra de Marruecos en la narrativa española (1859-1927)*, Universidad Complutense de Madrid, p. 221.

³⁶ BACHOUD, Andrée: op. cit., p. 339.

por España en el golfo de Guinea no generaron mayor debate, pues al permanecer generalmente en paz la atención que se les prestó fue mínima.

4. UNA GUERRA QUE NO TERMINA Y UN DESASTRE QUE LO CAMBIA TODO

En la década de 1910 la “cuestión marroquí” se mantuvo de actualidad por el establecimiento del Protectorado en 1912 y el estado de guerra casi constante entre el Ejército español y las cabilas de su área de influencia. No obstante, al convertirse en un elemento estructural dejó de ser novedoso, lo que redujo la atención prestada al conflicto. Un buen ejemplo nos lo da la Guerra del Kert de 1911, con mayores avances territoriales y cifras de muertos y heridos similares a las de la campaña de 1909³⁷, pero cuya trascendencia en la España de entonces y en la memoria posterior fue muchísimo más reducida. Por ello, no debe extrañar que los intelectuales se aproximasen al tema más esporádicamente que en 1909. Joaquín Costa había fallecido en 1911 y Benito Pérez Galdós estaba mucho menos activos en estos años. Escritores como Pío Baroja, Azorín, Benavente o Unamuno sí seguían muy activos, pero sus valoraciones sobre la guerra en Marruecos fueron ocasionales, caracterizadas además por posiciones ambiguas, que en ningún caso suponían una clara crítica al Protectorado³⁸. Incluso Ramiro de Maeztu, aunque todavía mantenía una postura contraria a las campañas en África, matizaba su pensamiento al entender que España estaba en Marruecos haciendo un sacrificio obligada por los avances franceses y para favorecer el equilibrio en Europa³⁹.

Mucha más atención mereció la Gran Guerra desde 1914, alineándose la mayor parte de la intelectualidad española con los Aliados. Fue el caso por ejemplo de Unamuno, Pérez Galdós, Azorín, Manuel Machado o Pérez de Ayala. Más excepcionales fueron los germanófilos, entre los que podemos señalar a Pío Baroja o Jacinto Benavente. En general, la contienda europea fue vista como una lucha entre la democracia y la

³⁷ Según Marín Ferrer en la Guerra del Kert hubo 498 muertos y 1.587 heridos: MARÍN FERRER, Emilio, (2012): *Atlas ilustrado de las guerras de Marruecos (1859-1926)*, Madrid, Susaeta, p. 99. Mientras que María Rosa de Madariaga situó en 358 muertos y 2.235 bajas los de la Guerra del Barranco del Lobo: MADARIAGA, María Rosa de (2011): “La guerra de Melilla o del Barranco del Lobo”. En: Eloy Martín Corrales (ed.): *Semana Trágica. Entre las barricadas de Barcelona y el Barranco del Lobo*, Barcelona, Bellaterra, p. 112.

³⁸ La excepción es Jacinto Benavente, que sí se mostró decididamente a favor del Protectorado. BACHOUD, Andrée, op. cit., p. 352.

³⁹ MAEZTU, Ramiro de: “La Guinea y Fernando Poo”, en *Heraldo de Madrid*, 3-IX-1911, p. 1.

autocracia, por lo que la victoria de la primera reforzó en España las posturas favorables a un verdadero sistema parlamentario y un rey con menos atribuciones. El despido de García Prieto y la llamada a Eduardo Dato para formar Gobierno en 1917, decisiones ambas de Alfonso XIII, contribuyeron a incrementar una oposición de los intelectuales a la monarquía que cada vez era mayor⁴⁰. No obstante, la política represiva del régimen actuó enérgicamente contra las opiniones que iban demasiado lejos, como demostró la famosa condena a Unamuno en 1920. Por la publicación de dos artículos en los que se consideró que había delito de lesa majestad, por injurias al monarca, fue condenado a 16 años. El revuelo que causó la condena fue mayúsculo, especialmente entre la izquierda, aunque era creencia generalizada que no se cumpliría, como así fue⁴¹.

Desde julio de 1921 todo cambió. La Comandancia de Melilla, el sector oriental del Protectorado español en Marruecos, cayó en pocos días como un castillo de naipes ante el empuje de las cabilas rifeñas unidas bajo la autoridad de Abd-el-Krim. La muerte de cerca de 10.000 españoles, el casi medio millar de prisioneros o la constatación de la tragedia a través de fotografías y crónicas que no tenían precedentes removieron la sociedad española hasta sus cimientos. Aunque algunos abogaban por la venganza y por continuar la guerra, el clamor por el abandono y por depurar las responsabilidades cobró una vitalidad desconocida, generando una gran inestabilidad en un régimen político que no iba a saber superar la tragedia.

Así pues, el desastre de Annual acabó con la mayor parte de las posiciones ambiguas. Intelectuales que en los años anteriores no había rechazado frontalmente la ocupación de Marruecos, mostraron después de 1921 una firme oposición. Fue el caso de Miguel de Unamuno⁴², quien consideraba que había que volcar todos los esfuerzos en la cuestión interna, siendo especialmente importante la sumisión al poder civil de poderes que también querían ser soberanos, como el Rey o las Juntas militares, temiendo la posibilidad de una solución militar que pusiera fin a la democracia. Consideraba que el problema de Marruecos solo se podía resolver a través de la conquista, que rechazaba, o

⁴⁰ Vid. JULIÁ, Santos (2003): "Los intelectuales y el rey". En: Javier Moreno Luzon (ed.), *Alfonso XIII. Un político en el trono*, Marcial Pons, Madrid, p. 315.

⁴¹ SOLDEVILLA, Fernando (1921): *El Año político, Año XXVI, 1920*, Imprenta de Ricardo F. de Rojas, Madrid, 1921, p. 215. En *La Correspondencia Militar*, que afirmaba que Unamuno había publicado los artículos por vanidad, para que se hablase de él y sabiendo que no sería condenado, o si lo fuera la sentencia no se ejecutaría, algo que desde este periódico veían claro: "Bueno, que lo indulten", en *La Correspondencia Militar*, 17-IX-1920, p. 1.

⁴² Para el pensamiento de Unamuno respecto a Marruecos vid. GAJATE BAJO, María (2012): *Las campañas de Marruecos y la opinión pública. El ejemplo de Salamanca y su prensa (1906-1927)*, Madrid, Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado-UNED, p. 405.

de la independencia, que era lo lógico. La tercera vía, el protectorado, le parecía simplemente absurda⁴³. Por tanto, Unamuno asimiló las ideas abandonistas respecto a Marruecos a las democráticas, constatando la circunstancia de que los más firmes defensores de la conquista habían sido germanófilos durante la conflagración europea⁴⁴. Además, insistió con vehemencia en el tema de las responsabilidades, considerando que el desastre era mucho peor que el de Cuba y no se podía pasar página sin encontrar culpables. Afirmaba que la única razón para ir Marruecos había sido el afán conquistador, y no el tan publicitado “Protectorado civil”⁴⁵. En la cima de las responsabilidades veía la figura de Alfonso XIII, sabiendo además que la cuestión marroquí se había convertido en una de las armas más eficaces contra un monarca cuyo prestigio había quedado muy dañado. Otras figuras relevantes como Vicente Blasco Ibáñez, Indalecio Prieto o Julián Besteiro también destacaron por sus acusaciones contra el rey, con referencias tan directas como la del mismo Besteiro en el Congreso de los Diputados: “España no es la que ha ido a Marruecos, a Marruecos ha ido la Monarquía española, ha ido el Rey, nosotros no”, afirmación que generó airadas protestas entre los diputados dinásticos⁴⁶.

Si Unamuno fue el máximo exponente de la oposición de la intelectualidad a la Guerra de Marruecos desde 1921, en el polo opuesto se situó Ramiro de Maeztu, que de posiciones claramente antibelicistas había ido evolucionando hasta convertirse en uno de los más acérrimos defensores de la ocupación de los territorios asignados a España. Para Maeztu, aunque la campaña hubiese sido muy costosa, se hacía en defensa de la civilización occidental, lo que la hacía completamente justa. En el primer número de la *Revista de Tropas Coloniales* resumió perfectamente su nuevo pensamiento al respecto:

“La guerra de África es una guerra colonial, es decir, civilizadora de un pueblo atrasado y para todo hombre de sentido histórico no habrá guerras más justificadas que las coloniales, pues merced a ellas ha sido posible llevar los bienes de nuestra civilización por toda la faz de la tierra”⁴⁷

⁴³ URRUTIA, Manuel María (1997): *Evolución del pensamiento político de Unamuno*, Universidad de Deusto, Bilbao, 1997, p. 217.

⁴⁴ Cit. en URRUTIA, Manuel María: op. cit., p. 216.

⁴⁵ “Habla Unamuno”, *El Sol*, 20-III-1923, p. 1.

⁴⁶ Cit. en BLAS ZABALETA, Patricio y BLAS MARTÍN-MERÁS, Eva, (2002) *Julián Besteiro: Nadar contra corriente*, Madrid, Algaba, p. 197.

⁴⁷ MAEZTU, Ramiro de (1924): “Con el Ejército”, *Revista de Tropas Coloniales*, 1-I-1924, pp. 4-5.

A pesar del desastre de Annual, Maeztu consideraba que España no podía abandonar Marruecos, tanto por respeto hacia los acuerdos internacionales como por el propio orgullo del país, que tenía que responder al desafío de los rifeños. Además de la necesidad de civilizar Marruecos, Maeztu veía en las campañas un elemento favorable para la regeneración de España. Así, se mostró muy complacido por el fin del sistema de la cuota⁴⁸, pues estimaba que enriquecería al Ejército y al país, destacando lo positivo de la primera guerra española “en que los hijos de los ricos están peleando, como soldados, junto a los hijos de los pobres⁴⁹”.

Pocos intelectuales de prestigio se pusieron del lado de Maeztu. La mayor parte defendieron el fin de la guerra y el abandono del protectorado. Incluso algunos de los que en otras etapas se habían mostrado más belicosos, como Jacinto Benavente, no escribieron ensalzando la guerra como lo habían hecho en 1909. La postura mayoritaria entre la intelectualidad fue la de la oposición a la guerra, pero la catástrofe, pese a su magnitud, no llevó a una revisión de valores históricos y de creencias crónicas como la que había tenido lugar en 1898, aunque sí contribuyó a un cambio en la política española que a raíz de la derrota en Cuba no se había producido⁵⁰.

Otro referente intelectual de la época, José Ortega y Gasset, también se aproximó a la cuestión marroquí, aunque lo hizo de forma bastante indirecta, sin prestarle la atención de otros autores. Demostró un cierto interés por civilizar Marruecos y por tener unas relaciones pacíficas centradas en el comercio y la colaboración, pero rechazando la ocupación o la guerra, al tiempo que criticó la ignorancia que en España había sobre el “problema marroquí”⁵¹. También reflexionó sobre los cambios que habían supuesto para el Ejército las guerras de Marruecos, pues había vuelto a tomar conciencia de grupo, aunque ello lo alejó del resto de clases sociales. En su famosa obra *España invertebrada*

⁴⁸ Aunque ya no se podía eludir el servicio militar por medio de la redención en metálico, a través del pago de una cuota era posible elegir destino y reducir la duración del servicio, lo que en la práctica permitía a los miembros de familias ricas eludir el temido destino que era Marruecos. Después del Desastre se puso fin a este sistema.

⁴⁹ MAEZTU, Ramiro de: “Los soldados de cuota en África”, *El Sol*, 13-X-1921, p. 1.

⁵⁰ El periodista y escritor Alberto Insúa se cuestionaba en 1921 la posible utilidad de una revisión como aquella, recordando que la generación del 98 había sido absorbida por el ambiente, y que los que gobernaban seguían siendo los mismos que cuando la Guerra de Cuba, porque además la generación del 98 solo había dado escritores, no políticos: INSÚA, Alberto: “España coloniza mal”, *La Correspondencia de España*, 2-XI-1921, p. 1.

⁵¹ Cit. en LÓPEZ GARCÍA, Bernabé (2004): “La ciencia como instrumento de la acción colonial en Marruecos. Contextos y polémicas”. En: Helena de Felipe, Leoncio López Oscón y Manuela Marín (eds.), op. cit., CSIC, Madrid, p. 21.

Ortega afirmó que “Marruecos hizo del alma dispersa de nuestro ejército un puño cerrado, moralmente dispuesto al ataque”⁵².

Pese a la fama y prestigio de los autores señalados, vuelve a ser alejándonos de los escritores más famosos donde encontramos los análisis más lucidos y que demostraron un mayor conocimiento de la realidad tratada. Entre ellos podemos referirnos al gallego Xosé Ramón e Fernández Oxea, que bajo el seudónimo de Ben-Cho-Shey publicó una serie de crónicas en el diario ourensano *La Zarpa*, reproducidas en periódicos nacionales como *El Socialista*. Ben-Cho-Shey no vivió de primera mano el desastre, pero fue movilizado justo después y participó en la recuperación de las posiciones perdidas, por lo que fue testigo de las consecuencias de la debacle militar, que recogió con mordiente ironía y hábil estilo, pero también con un marcado realismo, contrapuesto a las típicas magnificaciones de los episodios bélicos que con frecuencia se publicaban en los periódicos, a las que criticó duramente. También era muy crítico con el Gobierno y con la oficialidad asentada en Melilla, que solo de vez en cuando salía de la plaza a hacer fotos con las que poder contar su hazaña peligrosa⁵³, así como con las múltiples muestras de incompetencia de las que pudo dar fe. Fernández Oxea se oponía frontalmente a la guerra, por el daño para España y para los propios marroquíes, cuya independencia defendía, por lo que al habitual antibelicismo de su tiempo añadía un anticolonialismo que estaba mucho menos generalizado⁵⁴.

Otro caso interesante, que nos recuerda a los de Eugenio Noel o Ciges Aparicio una década antes, es el de Ernesto Giménez Caballero, autor en 1923 de *Notas marruecas de un soldado*. Un relato desmitificador de la guerra y una intensa crítica contra la clase militar y política, a las que acusaba sin ambages de las nefastas consecuencias del conflicto. La obra era arriesgada por lo directo de su mensaje, hasta el punto de que la censura la retiró poco después de su publicación, especialmente por el manifiesto final, una llamada a los jóvenes excombatientes que volvían de Marruecos para que intervinieran en la “depuración de responsabilidades de aquella guerra injusta”⁵⁵. La imprenta familiar había hecho una tirada de 500 ejemplares, que se agotaron en dos

⁵² ORTEGA Y GASSET, J. (1972): *España invertebrada*, Espasa-Calpe, Madrid, (original de 1921), p. 75.

⁵³ BEN-CHO-SHEY (Xosé Ramón e Fernández Oxea) (2005): *Crónicas de Marruecos*, Barcelona, Ronsel, p. 58.

⁵⁴ A ello sin duda contribuyó su nacionalismo gallego, que como él mismo reconoció le permitía entender muy bien el deseo de independencia del *moro*. Vid. BEN-CHO-SHEY: op. cit., p. 34.

⁵⁵ GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto (1983): *Notas marruecas de un soldado*, Barcelona, Planeta, (original de 1923), pp. 186-188.

semanas, con un impacto inmediato entre algunos grupos de intelectuales. Mientras el Gobierno emprendía acciones contra el autor, destacadas figuras de ideologías muy diferentes se interesaron por su atrevido enfoque. Desde posiciones de izquierda gustó su carácter crítico, como demostró el hecho de que Indalecio Prieto la publicase por entregas en su periódico *El Liberal*, de Bilbao. También Luis de Oteyza publicó varios capítulos en *La Libertad*, amplificando el impacto de la obra. Del mismo modo, gustó a intelectuales más conservadores y que incluso evolucionarían a posiciones próximas al fascismo, como Ramiro de Maeztu, José María Salaverría o Eugenio D'Ors, muy cercanos a ese anhelo regeneracionista mostrado en *Notas marruecas de un soldado*. Algunos de estos autores veían en el Ejército un elemento desde el que podía surgir esa regeneración nacional, pero en ello no coincidía un Giménez Caballero que veía la oficialidad como un grupo corrupto e interesado que solo quería el conflicto para enriquecerse y ascender⁵⁶.

5. LA DICTADURA DE PRIMO Y EL PRINCIPIO DEL FIN DE LA RESTAURACIÓN

El golpe de Estado de Primo de Rivera en septiembre de 1923, inicio de una dictadura de siete años, fue en buena medida consecuencia del Desastre de Annual. El descontento de los militares por cómo se estaba procediendo con el tema de las responsabilidades era manifiesto, y el buscar una solución “pronta, digna y sensata” al problema de Marruecos fue una prioridad del dictador desde su manifiesto inicial. Pese a su condición de solución autocrática, el descrédito del régimen anterior y su clase política hicieron que el rechazo inicial a la dictadura fuese bastante limitada. Muchos vieron en Primo de Rivera al “cirujano de hierro”, según la terminología de Joaquín Costa, cuyas ideas de regeneración inspiraron en cierto modo al directorio. De hecho, desde posiciones afines a la dictadura se consideró que el ideario de Costa podía ser perfectamente un programa para gobernar⁵⁷.

Los intelectuales supondrían quizá la mayor oposición a la Dictadura, pues los antiguos partidos políticos habían quedado desestructurados o sufrieron las consecuencias de la censura gubernamental. No obstante, buena parte de la

⁵⁶ VISCARRI, Dionisio (2004): *Nacionalismo autoritario y orientalismo: La narrativa prefascista de la guerra de Marruecos (1921-1927)*, Bolonia, Il Capitello del Sole, p. 181.

⁵⁷ “El ideario de Joaquín Costa puede constituir un programa de gobierno”, *ABC*, 1-VIII-1909, p. 17. También Maeztu defendió esta idea. Vid. MAEZTU, Ramiro de: “Diretes”, *El Sol*, 13-X-1923, p. 1.

intelectualidad no se mostró contrariada con el cambio, especialmente en su fase inicial y por lo atractiva que suponía la liquidación de la vieja política⁵⁸. Incluso hubo respetados escritores que se alinearon directamente con el nuevo régimen, como Ramiro de Maeztu, entusiasmado ante los golpes asestados a la “hidra caciquil” y las oportunidades que se abrían de regeneración de la patria⁵⁹. Sobre la guerra en Marruecos, Maeztu se mantuvo como uno de los más firmes defensores, considerándola justa porque su causa era la de la civilización occidental, y atacando directamente a los que la criticaban, como Unamuno, por haber comparado la justicia de la causa marroquí con la de los españoles en la Guerra de la Independencia⁶⁰.

El caso de Miguel de Unamuno es bastante revelador del desprecio de la Dictadura por los intelectuales, pues fue destituido del rectorado de la Universidad de Salamanca y desterrado a la isla de Fuerteventura, coincidiendo con el cierre del Ateneo de Madrid y el destierro de otros escritores como Rodrigo Soriano o Luis Jiménez de Asúa. Unamuno marchará luego a Francia, desde donde llevará a cabo una incansable campaña contra Alfonso XIII y contra el directorio militar. En sus textos de esa etapa, la campaña de Marruecos es un tema secundario, usado fundamentalmente por su peso para desacreditar al monarca⁶¹. Algo similar sucede con Vicente Blasco Ibáñez, que escribió en 1924 el folleto *Alfonso XIII desenmascarado*, una de las más famosas e influyentes diatribas contra el rey. En él, se apuntaba claramente al rey como instigador del conflicto marroquí, “la [guerra] más incomprensible y absurda que se conoce en la historia”⁶². La campaña de Blasco Ibáñez, que quería destruir la imagen internacional de Alfonso XIII, lo consiguió en buena medida en el exterior, pero no en España, donde la censura apenas lo permitió⁶³.

⁵⁸ A Ortega y Gasset, por ejemplo, le parecía excelente el propósito de acabar con la vieja política, aunque tenía reparos a hacerlo por la vía militar, por las consecuencias negativas que ello podía tener para España. Vid. ORTEGA Y GASSET, José: “Sobre la vieja política”, *El Sol*, 27-XI-1923, p. 1.

⁵⁹ Para Víctor Ouimette Maeztu fue “el más destacado de los pocos intelectuales que apoyaron activamente al régimen. Vid. OUIMETTE, Víctor, op. cit., p. 310.

⁶⁰ Para Maeztu, no se podía comparar una guerra entre pueblos civilizados y cristianos, con otra en la que uno de los bandos representaba la barbarie. Vid. MAEZTU, Ramiro de (1924): “Con el Ejército”, *Revista de Tropas Coloniales*, 1-I-1924, pp. 4-5.

⁶¹ Por ejemplo, Unamuno criticó duramente el discurso de Alfonso XIII ante el papa Pío XI en Roma en 1924, “discurso que por sí solo le incapacita para regir a un pueblo libre”, entre otros aspectos por referirse a la guerra de Marruecos como una cruzada. OUIMETTE, Víctor: op. cit., p. 114.

⁶² Según Morgan C. Hall, en respuesta a este texto se produjo la mayor manifestación monárquica de la Restauración, con 60.000 personas afluyendo a Madrid de provincias el 23 de enero de 1925. Vid. HALL, Morgan C. (2003): “El Rey imaginado”. En: Javier Moreno Luzón (ed.), *Alfonso XIII. Un político en el trono*, Marcial Pons, Madrid, p. 79.

⁶³ NIÑO, A. (2003): “El rey embajador. Alfonso XIII en la política internacional”. En: Javier Moreno Luzón (ed.), op. cit., p. 269.

Siguiendo la estela de Eugenio Noel, Ciges Aparicio o Giménez Caballero, entre los intelectuales que analizaron el “problema de Marruecos” desde dentro y a través de escritos que podemos considerar como literatura social, en esta última etapa destaca especialmente José Díaz Fernández, por su obra *El Blocao* (1927), un relato trágico centrado en el sufrimiento, la soledad y demás males que caracterizan el drama de los soldados y de la guerra. La novela, muy reconocida y estudiada por su calidad literaria e innovaciones formales, suponía una fuerte crítica al Ejército y la sociedad, algo muy en consonancia con las ideas de su autor, que había sido detenido varias veces por la Dictadura por su oposición a la misma. Si bien el joven Díaz Fernández no era entonces un autor influyente, su obra fue un éxito, viendo una segunda edición a los tres meses y una tercera en 1930⁶⁴.

En general, durante la Dictadura de Primo de Rivera encontramos muchas menos alusiones de los intelectuales a las campañas de Marruecos que en momentos como 1909 o 1921, y ello a pesar de episodios capitales como la costosísima retirada de Xauen o el desembarco de Alhucemas. No obstante, la censura y el miedo a la represión de la dictadura redujeron la contestación dentro del país, mientras que por otro lado la propia evolución de las campañas supuso un cambio muy notable: primero, porque el abandono parcial de 1924 no podía desagradar a los que pedían que España abandonase Marruecos; segundo, porque la operación de Alhucemas iba a suponer el fin de la resistencia de Abd-el-Krim y la tan ansiada pacificación del Protectorado; y tercero, porque los dos episodios anteriores fueron convenientemente adornados por la maquinaria propagandística del régimen para hacerlos mucho más exitosos de lo que en realidad eran, favoreciendo una conciencia de que la respuesta del Directorio al “problema marroquí” había sido correcta y muy eficaz. De este modo, no resulta raro que fuesen cuestiones de política interior las que dominasen el debate público en los años de la Dictadura.

6. CONCLUSIONES

La larga Guerra del Rif fue un conflicto de tal trascendencia para la España del primer tercio del siglo XX que marcó su misma evolución política. Ante esta importancia, los intelectuales, que eran al mismo tiempo guías de la opinión pública y

⁶⁴ LÓPEZ BARRANCO, Juan José (2006): *El Rif en armas. La narrativa española sobre la guerra de Marruecos (1859-2005)*, Madrid, Mare Nostrum, p. 160.

reflejo de ella, se posicionaron con frecuencia respecto de la misma, vertiendo sus valoraciones sobre todo a través de la prensa, medio de comunicación de gran vitalidad y catalizador principal de la opinión pública.

Desde mediados del XIX fue apareciendo en España un mayor interés por Marruecos, de la mano del objetivo de estrechar vínculos, bien a través del comercio y la cooperación, bien a través de la colonización. No obstante, se demostró que, fuera de las etapas de crisis, fue muy difícil captar la atención de la opinión pública al respecto. Fue por eso que antes de 1909 el tema ocupó un lugar bastante secundario entre las principales preocupaciones del país. Desde entonces, y una vez iniciado un proceso caracterizado por un estado de guerra casi constante, la sociedad se dividió entre el apoyo a las contiendas y la colonización y la oposición a las mismas por el daño que hacían al país. Los intelectuales participaron de esta división a través de sus posiciones que, como hemos visto, se contrapusieron muchas veces. Por supuesto, no todo era blanco o negro, y fue habitual moverse por perspectivas ambiguas, como en el caso de Benito Pérez Galdós, un vehemente antibelicista, que por su nacionalismo español no ocultaba su deseo por una victoriosa resolución de las campañas.

Aunque entre 1909 y 1927 Marruecos ocupaba casi a diario un hueco en los periódicos por la constante actividad del Ejército español, fue sobre todo en los momentos de crisis, como 1909 o 1921, cuando la “cuestión marroquí” se convirtió en tema central. Es por eso que la mayor parte de los escritos de intelectuales se concentran también en estos momentos. Por otro lado, resulta significativo que muchos de los escritores cuya opinión sobre el problema de Marruecos tuvo mayor repercusión en la sociedad española, como Unamuno, Maeztu, Ortega y Gasset o Jacinto Benavente, tenían un conocimiento indirecto y bastante limitado de la realidad marroquí, por lo que sus análisis se pueden considerar más como simples opiniones que como el trabajo de expertos. Es por ello que fueron los Noel, Ciges Aparicio, Giménez Caballero o Díaz Fernández los que a través de sus obras nos han dejado los mejores y más lucidos análisis de las campañas de Marruecos, con especial atención a su problemática social y a sus consecuencias para aquellos que tuvieron que sufrirlas directamente.

**A HISTÓRIA MILITAR COMO TEMA: OS CONTRIBUTOS
HISTORIOGRÁFICOS DE CRISTÓVÃO AYRES (1851-1930), DA
REVISTA DE HISTÓRIA (1912-28) E DE FIDELINO DE
FIGUEIREDO (1888-1967)¹**

**MILITARY HISTORY AS SUBJECT: THE HISTORIOGRAFIC
CONTRIBUTIONS OF CRISTÓVAO AYRES (1851-1930), THE
REVISTA DE HISTÓRIA (1912-28) AND FIDELINO DE
FIGUEIREDO (1888-1967)**

Nuno Bessa Moreira. Universidade do Porto, Portugal.

E-mail: knunoclio@gmail.com

Resumo: Entre finais do século XIX e a Ditadura Militar (e durante o Estado Novo), a História Militar era *tradicional*. Todavia, a partir do último quartel do século XIX evidenciou-se uma tentativa de certificação proto-científica. Cristóvão Ayres e Fidelino de Figueiredo, dois dos fundadores da *Sociedade Nacional de História*, dedicaram-se a temáticas militares. O primeiro escreveu diversas obras sobre este assunto, o segundo apenas trabalhou estas matérias de modo episódico, alinhando por um escrito testemunhal, intitulado *O Pensamento Político do Exército*, publicado em 1926. Tenta-se analisar este opúsculo, comparando-o com trabalhos de Cristóvão Ayres e artigos da *Revista de História*.

Palavras-Chave: História Militar; Cristóvão Ayres; Fidelino de Figueiredo, *Revista de História*

Abstract: Military History as topic: the contributions of Cristóvão Ayres (1851-1930), the *Revista de História* (1912-28) and Fidelino de Figueiredo

¹ Recibido: 30/04/2014 Aceptado: 25/05/2014 Publicado: 15/06/2014

(1888-1967). Between the end of the Nineteenth Century and the National Dictatorship (even during the Estado Novo), the Military History was a traditional one. However, we can observe a proto-scientific attempt from the last quarter of the Nineteenth Century on. Cristóvão Ayres and Fidelino de Figueiredo, both *Sociedade Nacional de História's* founders, devote themselves to military topics. The first one wrote some works on this issue, the second one worked these questions only in an episodic way, opting for a testimonial writing entitled *O Pensamento Político do Exército*, published in 1926. The aim is to analyze this tract in a comparative way with works by Cristóvão Ayres and articles from the *Revista de História*.

Keywords: Military History, Cristóvão Ayres, Fidelino de Figueiredo, *Revista de História*

1. HISTORIOGRAFIA MILITAR SOB O PRISMA DA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

A história da historiografia encontra-se a viver um momento relativamente favorável em Portugal. Neste momento, a discussão do seu estatuto não terá lugar ou guarida, mas constitui matéria instigante, de modo a tentar perceber se este domínio constitui um campo de estudos independente da história, ou se afirma uma autonomia no interior da ciência de *Clio*. Defendemos esta segunda perspectiva, dado que, em nosso entender, estamos perante um âmbito disciplinar e não apenas sub-disciplinar, mas não alinhamos pela perspectiva *maximalista* que desliga a História da Historiografia da História².

Inscrevemos o nosso labor numa vertente sociológica propugnada, de modo pioneiro por Charles-Olivier Carbonell³. Todavia, não dispensamos o valor e a importância de uma perspectiva que incorpore as manifestações do senso comum, as características e os efeitos da *sociedade de massas*, mormente dos *mass media*, sem esquecer as ritualizações da memória histórica.

Em nosso entender, a historiografia militar pode repercutir parcialmente a

² MOREIRA, Nuno (2012): *A Revista de História: uma proposta de análise histórico-histórica*, volume 1, Porto, Faculdade de Letras do Porto, p. 17. [Dissertação de Doutoramento em História].

³ CARBONELL, Charles- Olivier: "Pour une Histoire de l'Historiographie". Em *Storia della Storiografia*, Vol.1, número 1 (1981), pp.7-25.

historiografia geral, replicando algumas das suas características. Todavia, possui especificidades que passam pela consideração do estatuto profissional de quem se lhe dedica, pela consignação de matérias, que não se extinguem em temáticas como a da Guerra, comportando, igualmente, a prosopografia dos vários corpos militares, a descrição e análise dos dispositivos e da arquitectura militares, cruzando a historicidade da cultura material com os usos que se lhe encontrem associados.

Os acontecimentos de cariz militar ocorridos em diferentes épocas históricas não nos interessam em si mesmos, autónoma e independentemente, nas suas especificidades e particularidades. A respectiva consideração depende do modo como foram tratados pelos cultores e historiadores que os trabalharam, de forma amadora ou profissional. Partilhamos, parcialmente, o enfoque do historiador brasileiro Arno Wehling. O seu aviso prévio pode aplicar-se, em larga medida, à nossa investigação: “Atente-se que referimo-nos não á natureza de fenómenos de natureza militar no processo histórico, mas à presença de algum tipo de consciência reflexiva sobre o tema em determinada cultura. (...). O que variou historicamente foi o significado atribuído aos fenómenos militares nas diferentes culturas, variação ocorrida em função das especificidades, inclusive os valores de cada uma”⁴.

A historiografia militar possui uma história de vários séculos que convém ter presente sumariamente, salvaguardando que qualquer época não deve ser estudada como se tratasse de um bloco homogéneo e único. Tentaremos ter em conta o quadro prevalecente na Historiografia militar ocidental, em geral, até finais do século XIX e princípios do seguinte, sintetizado por Severiano Teixeira: “Da Grécia Clássica aos primórdios do século XX, o facto militar ocupou sempre um lugar central na Historiografia ocidental. Não é, certamente, por acaso que um dos textos fundadores da História é a História de uma guerra; a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides (...). Era o paradigma da História *événementielle*, como ficou conhecida (...)”⁵.

Parece incontestável que a Historiografia militar de inspiração oitocentista percorreu diversos caminhos, da narrativa de acontecimentos de natureza bélica até influência de Ranke e à crítica metódica incipiente, passando pelo ideal *positivista*, de Comte e Littré.

O Estado Português existe desde o século XII. Talvez se encontre aí parte da

⁴ WEHLING, Arno: “A pesquisa da história militar brasileira: apreciação metodológica”. Em: *Da cultura*, Volume I, n.º1 (2001), p. 35.

⁵ TEIXEIRA, Nuno Severiano e BARATA Manuel Themudo: “Introdução geral”. Em: Nuno Severiano Teixeira e Manuel Themudo Barata (coord), *Nova História Militar de Portugal*, vol. 1. Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 11.

explicação para a reduzida expressão do comemoracionismo na *Revista de História*, pelo menos de modo explícito. A perspectiva positivista, no sentido comteano do termo, por seu turno, prima pela ausência no periódico, mas também na historiografia militar de Cristóvão Ayres, que o precede e acompanha, ou no testemunho pessoal, de pendor subjectivo, de Fidelino de Figueiredo que se lhe segue e será objecto da nossa análise. Nenhum destes autores tratou a historiografia militar como prefiguração do espírito que viria a estar subjacente aos *Annales*.

A nossa abordagem procurará comparar práticas e discursos historiográficos – inseridos, grosso modo, nos momentos finais de Oitocentos, no primeiro quartel do século XX e no dealbar do seguinte –, semelhantes em alguns aspectos, diferentes noutros.

2. A HISTORIOGRAFIA MILITAR DE CRISTÓVÃO AYRES: ENTRE O IDEAL ROMÂNTICO E A PROCURA DA CIENTIFICIDADE⁶

Cristóvão Ayres de Magalhães Sepúlveda nasceu em Goa a 27 de Março e faleceu a 10 de Junho de 1930, sendo à data da morte coronel de cavalaria reformado. Assentou praça enquanto voluntário no Batalhão de Caçadores 5, em Novembro de 1872, sendo promovido, volvidos cerca quatro anos, a alferes graduado, a tenente em 1884, a capitão em 1890, a Major em 1901, a Tenente-Coronel em 1908, a coronel em 1911. Passou à reserva dois anos depois⁷.

Cristóvão Ayres declarou o seu amor à Índia e a Portugal, conforme se confirma no excerto que se segue, mas o que pretendemos ressaltar das suas palavras: “Índio de nascimento, quero à Índia como berço meu amado; português pelo sangue uso o apelido de um dos heróis da grande epopeia da nossa raça”⁸. Como era comum entre as personalidades da sua época, Cristóvão Ayres não circunscreveu a sua actividade à carreira militar. A experiência nela adquirida pode ter contribuído para despertar interesse por questões militares, às quais se dedicou enquanto cultor *amador* de *Clio*. O vocábulo *amador* parece resultar na sua polissemia qualificando uma experiência na

⁶ Todas as transcrições que impliquem textos de finais do século XIX, ou da primeira metade do seguinte, respeitarão a grafia original. Este procedimento repete-se nos andamentos deste artigo que se seguem. O estudo sobre Cristóvão Ayres foi realizado especificamente para este artigo

⁷ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, “Ayres, Cristóvão”, Lisboa, Volume 1, (1998), Página Editora, pp.685-686. Acerca da biografia do autor, Cfr: AMZALAK, Moisés (1953): *Cristóvão Ayres, o homem e a sua vida*, Lisboa, s.n.; BOTELHO, Teixeira (1953): *Cristóvão Ayres*, Lisboa, s.n. .

⁸ *Ibidem*, p. 685.

plenitude.

Todavia, em paralelo com a sua carreira militar, Cristóvão Ayres revelou-se um escritor humanista, dada a pluralidade dos seus interesses, versando géneros literários diversos. Entre 1870 e 1875 escreveu um livro de poemas, *Indianas e Portuguesas*, dado à estampa em 1879 e republicado em 1881, sempre no Porto. Entre 1875 e 1880, a sua expressão lírica teve continuidade, através da obra *Novos Horizontes*, saída dois anos mais tarde. Também se expressou por intermédio da produção de contos, primeiro no trabalho intitulado *Lantejoulas* (1890) e depois no volume *Longínquas* (fantasias orientais)⁹.

Em alguns destes títulos existem referências às origens do autor. No ano seguinte debruçou-se sobre um general inglês que foi chamado a Lisboa como conselheiro, ainda no decurso da Guerra da Restauração. Trata-se de *O conde de Schonberg. Estudo histórico baseado sobre alguns documentos inéditos*, trabalho no qual Cristóvão Ayres sublinhou a relevância dos documentos escritos nas práticas historiográficas, ressaltando a relevância das fontes enquanto elementos de prova e o respectivo ineditismo como critério fundamental do esforço intelectual efectuado. Em 1893, o cultor de história militar revelou interesses mais específicos, menos relacionados com a História política de Portugal, situados no âmbito de uma das armas do exército à qual pertencia, concluindo o *Esbôço histórico do regimento de Cavalaria número 7*. No entanto, esta investigação fora precedida por outra acerca do mesmo assunto mas não circunscrita a um regimento em particular, começada em 1880 e terminada em 1894, intitulada *História da Cavalaria em Portugal*. Estes dois estudos, portadores de escalas e ambições distintas, demonstram que o autor prezava a complementaridade entre duas operações cognitivas: a análise e a síntese, sendo a primeira a base e o sustentáculo da segunda. Em 1897, Cristóvão Ayres publicou a primeira edição da *Teoria da Civilização Militar*, na qual o ideal romântico de teor humanista se transmutou num esforço que se pretendia teórico, enveredando efectivamente pela consideração preferencial de uma concepção da guerra como um instinto animal e humano, absolutamente necessário e indispensável, encarado enquanto condição inelutável da humanidade. No entanto, ao debruçar-se sobre a matéria em apreço, munuiu-se da opinião de peritos da época: Gumplowicz, Moltke, Ruskin¹⁰.

¹⁰ Ayres, Cristóvão (1916): *Teoria da Civilização Militar*, 4ª edição, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1916, pp.2-4.

Cristóvão Ayres enumera outros autores em favor da Guerra como instinto de sobrevivência, considerando inevitável a destruição e construindo a sua própria definição do fenómeno: “Chamem-lhe, embora, uma “epidemia traumática”, como Piragoff; o “jogo da força ou do azar”, como Guizot, ou “uma lei da violência e da destruição”, como de Maistre, a guerra é uma lei imutável e um fenómeno irredutível, como a morte e a vida, como a luz e o calor, como o tremor de terra e a trovoada”¹¹.

Esta analogia com a natureza ajuda a inscrever, do nosso ponto de vista, a perspectiva de Cristóvão Ayres num evolucionismo, centrado no *Struggle for life* e na doutrina da selecção natural, alicerçada na sobrevivência dos mais fortes: “Que a luta é uma condição essencial da existência, é um facto incontestável. Manifestou-se desde o primeiro momento em que, arrefecida a primitiva temperatura do glôbo, pôde a vida nascer, dando começo à ingente batalha (...)”¹².

Não é pois de estranhar que esta trajectória ideológica e historiográfica de Cristóvão Ayres tenha influenciado o interesse manifestado pela *História Orgânica e Política do Exército Português*. O primeiro volume das provas foi dado à estampa em Lisboa, pela Imprensa Nacional, no ano durante o qual Cristóvão Ayres foi promovido a Major, em 1902.

Quando concluiu este volume, o autor era sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, instituição na qual apresentara *A evolução orgânica do exército, servindo de exórdio à História do Exército Português*. Nota-se a longa gestação e a maturação das reflexões em torno da referida *História*, razão pela qual convém analisar a dedicatória a Vitoriano César e o prefácio presentes na edição de 1902: “Tendo eu posto à sua disposição, ainda em folhas soltas e por completar este volume, que abre a serie de documentos com que pretendo contribuir para a confirmação, nuns pontos, a ratificação noutros, da nossa história militar e política, a qual nem sempre tem sido escrita sobre fontes seguras, vi com prazer no ultimo número da *Revista do Exército e da Armada*, que este meu trabalho lhe servira para esclarecer factos e sustentar princípios, incontestáveis à luz de documentos”¹³.

Cristóvão Ayres salienta relevância dos arquivos e o menosprezo de que têm sido alvo no seu tempo, destacando o manancial presente na Torre do Tombo, maioritariamente inexplorado e muito rico no que tange à história militar. Eis a missão

¹¹ Ibidem p.3.

¹² Ibidem, p. 9

¹³ AYRES, Cristóvão (1902): *História Orgânica e Política do Exército Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, p.7.

de que se investe o cultor de *Clio* que, para colmatar lacunas e suprir insuficiências, necessita de conhecer as potencialidades das instituições ao nível do património documental, demonstrando em seguida esse conhecimento, de modo a constituir-se como autoridade no domínio de estudos em questão, ainda que esta construção de uma identidade com prestígio no meio seja urdida de modo discreto: “Apesar de serem riquíssimos os nossos arquivos, e a Torre do representar um thesouro de instimavel preço, raramente se tem aproveitado os seus mananciaes (...)”¹⁴. Existe aqui uma atmosfera mais próxima, na nossa perspectiva, de Ranke do que de Monod., ainda que nenhum dos dois tenha sido referido por Cristóvão Ayres.

Do ponto de vista de conteúdos, verifica-se a vontade de acrescentar caminhos à história político-militar, enveredando o autor por uma história institucional e investigando um outro âmbito menos frequente, a Engenharia Militar. O trabalho efectuado, ao nível metodológico, visa a certificação científica; todavia, insinua-se na descrição do empreendimento uma atmosfera entre a *austeridade monástica* e o rigor documental, sendo que na prática historiográfica parece destacar-se este último. Torna-se curioso verificar que Cristóvão Ayres desenvolve autonomamente a recolha de *Provas* e a sua *História*, de modo a ressaltar a procura de um ideal de imparcialidade, alicerçado na objectividade e na estratégia de *deixar falar os documentos*, sem interferências interpretativas, proclamando auto-suficiência daqueles e encarando o trabalho do historiador como o de alguém que selecciona e ordena as provas numa narrativa: “A serie de volumes das *Provas* será independente da serie que constituirá o corpo da minha *História* (...)”¹⁵.

Cristóvão Ayres empreende, na carta/dedicatória em análise, a evocação de mestres e predecessores, inserindo-se numa linhagem e outorgando-se o direito de servir de exemplo a colegas seus, ainda que o não declare exactamente nestes termos: “Como prova da satisfação que me deu o ver que não me enganava supondo que estas publicações poderiam servir de algum proveito a estudiosos camaradas meus, quis consagrar-lhe, meu estimado amigo, [Victoriano José César] este volume, fazendo votos para que o seu exemplo frutifique. (...) A única historia hoje admissivel é a historia documentada; deu d`isso admirável exemplo Alexandre Herculano, que não só fundou sobre documentos, muitos dos quais lhe legara publicados o “nosso mestre comum”, como elle lhe chama, João Pedro Ribeiro, nas *Dissertações Chronologicas*, mas deixou

¹⁴ Ibidem, p.7.

¹⁵ Ibidem, p.7.

erguido esse perdurável monumento, infelizmente parado em meio, as *Portugaliae Monumenta*. Outro escriptor primaz (...) é o senhor Gama Barros, na sua monumental *Historia da Administração* (...)”¹⁶. João Pedro Ribeiro, Alexandre Herculano, Gama Barros são praticantes de uma historiografia erudita, em nossos entender assente no rigor documental, baseada na diplomática, no primeiro caso, num romantismo crítico, científico e nacionalista, no segundo, minuciosa e descritiva no terceiro.

No prefácio à *História Orgânica e Política do Exército Português* assoma um *patrimonialismo*, a nosso ver de cariz custodial, muito comum à época: “Nenhum paiz é mais rico de tradições do que Portugal (...); em nenhum outro se acumularam em tão pequeno espaço as riquezas e os produtos de tantas epochas distinctas e variadas da historia (...). Mas a verdade é que em todas as manifestações da nossa actividade nacional temos mostrado que sabemos construir (...) mas que somos incapazes de conservar dignamente a nossa obra (...)”¹⁷.

A denúncia da alegada incúria dos poderes públicos faz-se acompanhar da enumeração de documentos que sofrem os efeitos dessa ausência de respeito pelo património. No entanto, por vezes, o autor alinha por um discurso arrebatado, bem diverso do exposto, no qual incorre numa postura mais radical. Veja-se a culpabilização dos Jesuítas a que procede, responsabilizando-os pela degradação do património, recorrendo para tal a generalizações, eximindo-se a matizar e relativizar a sua posição, a esse respeito dogmática: “O que o jesuitismo fazia no oriente com a sua esquadria prosaica e a sua intransigência estreita, realisava-o também no reino, arrasando, destruindo, accomodando tudo às necessidades das diversas seitas e religiões pimpantes”¹⁸.

No segundo andamento do prefácio em consideração, Cristóvão Ayres demonstra o carácter imprescindível dos documentos escritos. Depois de voltar a elogiar a importância do espólio da Torre do Tombo para a história militar, incorre numa nota pessoal, na qual reconhece o atraso da historiografia portuguesa nesta área e o carácter gigantesco da empresa a realizar para fazer face a esta situação: “Num paciente labor de muitos anos, tenho conseguido tomar nota do que mais interessante e valioso para a historia militar portugueza contém alguns dos principais archivos de Lisboa, de Evora, de Coimbra (...)”¹⁹.

¹⁶ Idem, pp.7-8.

¹⁷ Ibidem, p.9.

¹⁸ Ibidem, p.18.

¹⁹ Ibidem, p.27.

Num terceiro momento, o cultor de Clio descreve, em pormenor, os documentos do Arquivo Geral do Ministério da Guerra, destacando a importância do seu espólio para a história e historiografia militares. No prefácio da *História do Exército*, Cristóvão Ayres define as prioridades metodológicas que depois cumpre genericamente. Defende o primado do documento e da sua crítica, mais na linha de Ranke do que de Monod ou da Escola Metódica Francesa. Do ponto de vista estritamente metodológico, a *História do Exército* afasta-se de qualquer ideal e é praticada de modo objectivo.

Em 1905, na sessão de 9 de Maio, o historiador militar parece ceder o seu lugar a um estudioso da História da Literatura e da Cultura. No entanto, do nosso ponto de vista, essa cedência resulta apenas parcial, dado que nos parece mais exacto apontar para uma conciliação entre âmbitos distintos sem abdicar da temática militar. A alocução proferida recebeu um título sugestivo: *O ideal de Don Quixote* e inscreveu-se na sessão comemorativa dos 500 anos de publicação do *D. Quixote* de Cervantes²⁰.

Numa espécie de prólogo, não designado enquanto tal, Cristóvão Ayres aponta o *génio* nacional e o carácter universal da obra em causa, sublinhando uma categoria conceptual muito cara à historiografia literária romântica: o *topos* da genialidade e da excepcionalidade: “Justo era que entre nós tivessem echo as glorificações ao *Don Quixote*, porque essa obra monumental de um hespanhol, conquanto talhada nos mais característicos moldes do génio nacional, é das que passam as fronteiras do paiz (...)”. Cristóvão Ayres lê, em nosso entender, a obra em questão deste modo, mas não se exime a, no seu tempo, servir-se do exemplo do ideal em questão para defender outro, o da liberdade, sendo de sublinhar o apreço pelo espírito subjacente à Revolução Francesa: “(...) as reivindicações luminosas da Revolução Franceza e as conquistas do ideal socialista sobre a propria acção dos Estados, não são mais do que formas e momentos diversos da eterna aspiração á Liberdade, a ineluctavel , a irreductível , a luminosa condição da consciência !”²¹.

As questões literárias e formais inerentes à Obra de Cervantes – das lexicais às sintácticas, passando pelas semânticas e outras – não interessavam a Cristóvão Ayres. O autor prefere a consideração e evolução do ideal de D. Quixote e suas repercussões na vida da sociedade, sem se furtar a analisar a natureza da obra em questão, expressando

²⁰ Sobre a recepção de Cervantes no Portugal de Oitocentos, Cfr. ABREU, Maria Fernanda (1994): *Cervantes no Romantismo Português Cavaleiros andantes, manuscritos encontrados e gargalhadas moralíssimas*, Lisboa, Editorial Estampa.

²¹ AYRES, Cristóvão (1905): *O Ideal de D. Quixote*, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, p.6.

os seus pontos de vista: “Não é o livro de um pessimista, de um sceptico; não é a obra de um iconoclasta; é, pelo contrário uma lição, uma advertência, um sacudir violento de folhas mortas, para que as novas frondes rebentem e verdejem iluminadas de sol!”²².

Na *Revista de História*, o *ideal de cavalaria* também está presente, de modo claramente minoritário. Curioso é verificar que Cristóvão Ayres não escreveu nesta publicação, a cuja génese esteve indirectamente associado, dado que ajudou a fundar, em 1911, a instituição que a criou, denominada *Sociedade Nacional de História*.

3. O PREDOMÍNIO DE UMA HISTORIOGRAFIA MILITAR TRADICIONAL NA REVISTA DE HISTÓRIA²³

A história militar patente no periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo é certamente tributária das metodologias historiográficas então dominantes, sofrendo a contaminação de outras áreas do saber nesta matéria, nomeadamente da História Política.

No periódico em análise, a história-batalha divide protagonismo com a crítica erudita, baseada na historiografia política: “Nesse modelo historiográfico, em que se associam frequentemente as influência de Ranke e Clausewitz, a Historiografia militar produzia-se em obras próprias ou em temas inseridos na Historiografia política, segundo o padrão interpretativo do historicismo (...). Os temas militares subordinavam-se a dois tipos de inserção nessa Historiografia: a da “História-batalha” *tout court* (...)”²⁴.

O número de artigos dedicados à História Militar no órgão informativo da Sociedade Nacional de História/ Sociedade Nacional de Estudos Históricos é relativamente escasso. No âmbito da História Militar, a publicação portuguesa dedicada a *Clio* exime-se a assumir uma antecipação qualitativa de uma *nova* História Militar, sendo ainda muito tributária dos discursos historiográficos oitocentistas. A influência da Historiografia Militar interpretativa e compreensiva, de inspiração weberiana, está ausente, assim como trabalhos assentes na análise das dinâmicas internas das instituições militares.

Este cenário ficaria enriquecido se fosse promovida a comparação da temática militar na *Revista de História* com o tratamento dessa matéria em outras publicações coevas na

²² Ibidem, p.29.

²³ Este *andamento* reproduz uma parte da nossa dissertação doutral, sintetizando-a. Cfr: MOREIRA, Nuno (2012., op. cit. pp.485-507.

²⁴ WEHLING Arno, op.cit. p. 38.

esfera específica de Clio. Existem poucos estudos com este cariz, ganhando as escassas excepções uma relevância acrescida, devida ao seu pioneirismo. Entre elas, conta-se o breve apontamento de Manuel Filipe Canaveira sobre o *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, segundo o qual: “Embora numerosos estudos publicados no Boletim do Arquivo Histórico Militar (...) revelem uma concepção positivista algo ultrapassada e o pendor casuístico de alguns deles denuncie a inexperiência (...). Em suma, O Boletim do Arquivo Histórico Militar possui um considerável repositório de dados, que merecem ser repensados e articulados entre si (...)”²⁵.

Os três primeiros estudos sobre história militar publicados na *Revista de História* possuem todos um denominador comum: o seu autor é Pedro de Azevedo. O trabalho inaugural, dado à estampa em 1912, versa sobre o capitão do exército Amadeu Nogueira que, em 1552, foi contratado por Cosme de Médicis para serviço de armas na Guerra contra Siena. Todavia, na estrutura da sua argumentação, o colaborador da *Revista de História* não começa a sua investida intelectual pelo âmagô temático referido. Faz, alternativamente, preceder essa referência de um introito, no qual alinha por uma observação genérica.

No entanto, o objectivo de Pedro de Azevedo é criticar o carácter alegadamente pernicioso da *Reforma* para Portugal, que até então detinha apreciável desenvolvimento técnico e científico. Confirme-se o diagnóstico esboçado: “Para Portugal foi mais fatal do que para nenhum outro país a Reforma, porque por causa della deixou de manter relações intimas com os povos das margens do Rheno. (...)”²⁶.

Sendo fiel ao que o documento da Torre de Tombo descreve, Azevedo *deixa-o falar*, não se lhe substitui, mas começa o seu estudo por uma afirmação de teor interpretativo, com a qual pretende ajudar a compreender os episódios descritos. O cultor de *Clio* não trata de estratégias ou tácticas militares, nem se debruça sobre a arqueologia dos respectivos equipamentos. Todavia, reconhece a importância das ciências militares a montante do problema, dado que Aires Nogueira ascendeu pela sua origem social, e também porque esta lhe permitiu estudar e consolidar conhecimentos, postos em prática ao serviço da armada.

Em 1913, Pedro de Azevedo publicou um artigo que, do ponto de vista temático, é bem diferente, dado que se inscreve numa abordagem centrada numa instituição, uma

²⁵ CANAVEIRA Manuel Filipe (1995): *Revistas de História*, Arrábida, *Estudos Gerais Conferências do Convento*, Universidade de Verão, p. 11.

²⁶ AZEVEDO, Pedro de: “Explorações archivísticas”. Em: *Revista de História*, vol. 1, n.º2 (1912), p.101.

vez que introduz e publica o *Índice das Habilitações da Ordem de Malta*. A motivação que presidiu ao artigo de Azevedo é confirmada pelo próprio, e prende-se com o desejo de não deixar cair no esquecimento o trabalho de outro erudito que trabalhava na sua área, sem esquecer que, duas ou três décadas antes da época em que escreve, a *Ordem de Malta em Portugal* tentara uma restauração, obstaculizada pelo perfil dos seus membros, criticado pelo autor por ser anacrónico: “O Sr. Nogueira de Brito, escripturario do Archivo Nacional recentemente transferido para a Bibliotheca Nacional, e em comissão no Ministério do Interior, deu-se ao trabalho de fazer o Índice das habilitações para a Ordem de Malta pelos apelidos dos indivíduos admitidos (...).”²⁷.

Estas observações demonstram que Pedro de Azevedo era um investigador e um cidadão atento ao presente e ao passado mais próximo, zeloso e actualizado no plano científico, discretamente opinativo no que toca à evolução do tecido social seu contemporâneo. Para melhor compreender o enquadramento do artigo de Pedro de Azevedo convém admitir que o seu esforço não é muito diferente daquele que, no entender de Fernanda Olival, vigorou até aos anos oitenta na Historiografia Portuguesa século XX, e nele se inclui ou inscreve: “(...) até meados dos anos 80 do século XX, a documentação das Ordens Militares era sobretudo conhecida por genealogistas, que encontravam nas Habilitações, um terreno fecundo (...)”²⁸.

Note-se que apesar dessa herança, Pedro de Azevedo resistiu a uma Historiografia Militar lendária, elegíaca ou comemoracionista, fértil em instrumentalizações dos acontecimentos pretéritos, prenhes em mitificações que alimentassem a fantasia. O arquivista trabalhou ao arripio dela e dos seus cultores, cujas práticas são descritas por Fernanda Olival: “Esta situação é produto de uma herança muito complexa. (...)”²⁹.

O artigo de Pedro de Azevedo prolonga, secundária, indirecta e timidamente, a *História dos Grandes Homens*, na qual a Historiografia Política patente no periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo é pródiga, transplantando-a para a História Militar. No ano de 1916 começa a participação de Pedro de Tovar na *Revista de História*. O texto do articulista suscita reacções por parte dos seus pares, como Roma do Bocage ou Teixeira de Sampayo, todos devotados ao estudo do cartel de desafio do duque de

²⁷ AZEVEDO, Pedro de: “Índice das Habilitações da Ordem de Malta em Portugal”. Em: *Revista de História*, vol. 2, n.º 8 (1913), p. 228.

²⁸ OLIVAL, Fernanda (1997): “As ordens militares na historiografia portuguesa (séculos XVI-XVIII). Notas de balanço”. Em: *Revista Penélope, Fazer e desfazer a História*, vol. 17 (1997), p. 97

²⁹ *Ibidem.*, p. 98.

Bourbon aos Infantes D. Pedro, Duque de Coimbra, e D. Henrique, Duque de Viseu.

Pedro Tovar é o primeiro a publicar o seu artigo, no derradeiro trimestre de 1916³⁰. Este estudo deriva da exploração e publicação parcial de documentos patentes no Arquivo de Londres relativos a Portugal. A prática historiográfica deste autor privilegia a publicação e transcrição de documentos, presididas por um intuito de divulgação de património. O cultor de Clio não se limita à transcrição de fontes. Tenta enquadrá-la e contextualizá-la, servindo-se para tal da enunciação de breve percurso da personalidade que lançara o desafio.

Por seu turno, o diplomata Carlos Roma du Bocage, num artigo publicado no primeiro trimestre de 1917, intitulado *O Cartel de Desafio do Duque de Bourbon aos Infantes D. Pedro e D. Henrique*, responde, de forma rápida, imediata e sem transições, a Pedro de Tovar e começa por contestar a autenticidade dos dois documentos que este apresentara, sustentando que são cópias e que nelas se desenvolve uma argumentação falaciosa sistematicamente apresentada: “Façamos muito summariamente a resenha do que d’essas cartas se deduz: 1 – Que João, Duque de Bourbon, para sahir da ociosidade, mandára a D. Pedro e D. Henrique, antes mesmo que elles tivessem terçado as primeiras armas, e ainda antes de serem aramados cavalleiros, um cartel de desafio, 2 – Que o emissario do Duque, gastando mais de dez mezes no caminho, só lograra alcançar os Infantes em Junho ou Julho de 1415, na própria ocasião em que elles iam partir para Ceuta com o seu pae; 3 – Que os infantes declinaram temporariamente o convite, por carta que mandaram ao Duque (...) carta esta que o senhor Pedro de Tovar parece não ter encontrado, e de que só temos conhecimento pelo segundo documento publicado; 4 – Que um outro arauto do mesmo Duque, por nome Dumayne, ficára em Portugal e acompanhára os Infantes na jornada de Ceuta, circumstancia esta que o teria habilitado para contar ao Duque tudo quanto em Africa se passára; 5 – Que os Infantes escreveram ao Duque de Bourbon, pelo arauto Dumayne, uma segunda carta (o segundo documento publicado) datada de Ceuta em 23 de Outubro de 1415, na qual diziam ter tomado aquella cidade (...) tornando por isso a declarar que não podiam acceitar o honroso convite do Duque (...) 6 – que, estando ambos ainda em Ceuta, D. Pedro V já era duque de Coimbra e os Infante D. Henrique duque de Viseu, e senhor de Covilhã, visto que a si próprios como taes se designam”³¹.

³⁰ TOVAR, Pedro de: “Um Cartel de Desafio aos Infantes D. Pedro e D. Henrique em 1415”. Em *Revista de História*, Vol. 5, n.º 20 (1916). Cfr. MOREIRA, Nuno op.cit. pp. 496-498.

³¹ BOCAGE, Carlos Roma du: “O cartel de desafio do duque de Bourbon aos Infantes D. Pedro e D. Henrique”. Em: *Revista de História*, vol. 6, n.º 21 (1917), pp. 47-48.

Roma du Bocage distancia-se da procura e descrição puras e simples de documentos inéditos. Utiliza e cruza, para tal, fontes de naturezas variadas – como os documentos de Chancelarias reunidos por Pedro de Azevedo, ou a *Crónica da Conquista de Ceuta, de Zurara* -, ao contrário do que fizera Pedro de Tovar. Naquele cultor de Clio, a feição de diplomata interfere claramente no registo dos acontecimentos, que não é eivado de secura ou aridez. O autor tenta perceber as implicações políticas de um evento militar como o Desafio do Duque de Bourbon. Na linha de Pedro de Azevedo, alvo aliás de citação, Bocage procura a verdade nos documentos, através da desmistificação de discursos inverosímeis, assentes em provas tidas por falsas: “Fica posto um problema de historia que muito importa esclarecer porque a sua resolução de certo dará mais prova do alto conceito em que eram tidos na Europa os filhos de D. João I; de certo que o Sr. Pedro de Tovar conseguirá resolvê-lo e nos saberá explicar o mysterio que envolve os interessantes documentos falsos, a que tão oportunamente deu publicidade, descobrindo quando, para quê, por quem seriam elles inventados”³². Todavia, o desentendimento entre eruditos não se quedou pelo exposto. Tinha margem para durar, dado o melindre científico de certas questões.

Entretanto, a 19 de Março de 1918, Carlos Roma du Bocage faleceu. Todavia, este acontecimento não significou o encerramento do assunto relativo aos *desafios*. Nas páginas da *Revista de História*, este foi retomado por um terceiro erudito, Luís Teixeira de Sampayo, que viu nele interesse e resolveu concretizar uma abordagem sobre o desafio do Duque de Bourbon. Veremos o sentido da sua intervenção, publicada no segundo trimestre do ano citado, logo após a morte de Bocage. Aliás, aquele cultor de Clio dá disso conta numa nota na qual presta tributo ao malogrado intelectual: “Este artigo foi entregue para publicação antes do falecimento do Sr. Carlos Bocage. Por um escrúpulo de respeito e amizade do autor para com a memória do falecido, o artigo, que refuta algumas opiniões do illustre escriptor, não viria a lume se o Sr. Bocage o não tivesse ouvido ler e não tivesse assegurado ao autor que tinha prazer na publicação (...)”³³.

Teixeira de Sampayo demonstra ser conhecedor, desde as primeiras linhas do seu texto, de toda a polémica anterior. Este cultor de Clio nascera em 1875 e tinha uma idade intermédia face a Bocage e Tovar, ainda que fosse geracionalmente mais próximo

³²Ibidem, p. 61.

³³SAMPAYO, Luís Teixeira de: “Os desafios do Duque João de Bourbon”. Em: *Revista de História*, vol. 7, n.º 26, (1918), p. 97.

deste. O desvelo e o cuidado colocados na defesa do seu ponto de vista revelam qualidades diplomáticas comuns aos três estudiosos dos desafios de Juan de Bourbon. Daí a justificada anamnese promovida pelo terceiro interveniente na polémica: “Seria intrusão querer um lugar na teia unicamente para tomar partido de um ou de outro dos contendores (...).”³⁴.

No último volume da *Revista de História* foi publicado um artigo intitulado *Quixotesco Cartel de Desafio Fechado en le Toboso, ano de 1641*, da autoria do folclorista espanhol Francisco Rodriguez Marín que, embora não coloque problemas de autenticidade documental, ligados a práticas historiográficas do foro filológico, se debruça sobre uma temática militar, pelo menos ao nível do assunto, conforme fica patente desde o título do seu trabalho.

A Historiografia de cariz militar praticada na *Revista de História* foi dominada pela presença maioritária de temáticas de guerra, em detrimento das que versam os exércitos ou a arqueologia militar. A ausência da vertente técnico-estratégica das batalhas é notória.

A História de uma instituição apenas comparece numa ocasião, e, ainda assim, centrada no apuramento de um instrumento heurístico. Trata-se do *Índice das habilitações da Ordem de Malta*, realizado por Nogueira de Brito e publicado por Pedro de Azevedo, que é o estudioso que colabora de forma mais prolífica no periódico, oscilando entre a publicação de documentos e a crítica erudita. Todavia, a Historiografia Militar praticada na *Revista de História* dedica-se, quase em exclusivo, a assuntos com implicações nacionais e convoca escassos autores estrangeiros. Apenas surge um espanhol nas páginas da publicação, Rodriguez Marin, que, sendo especialista em questões de literatura, as coteja com as militares e não subjuga aquelas a estas. Esta reduzida internacionalização implica diminuta abertura a abordagens cosmopolitas, mimetizando o que acontece no domínio da Historiografia Política patente na publicação. No próximo andamento, analisamos um trabalho do director da *Revista de História*, Fidelino de Figueiredo, intitulado *O Pensamento político do Exército*³⁵, dado à estampa fora do periódico.

³⁴ Ibidem, p.97.

³⁵ FIGUEIREDO, Fidelino de (1926): *O Pensamento político do exército*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense.

4. O TESTEMUNHO PESSOAL DE FIDELINO DE FIGUEIREDO: PROPOSTA DE UMA VISÃO NACIONALISTA DA POLÍTICA AO EXÉRCITO³⁶

Fidelino de Sousa Figueiredo nasceu em Lisboa a 20 de Julho de 1888 e morreu na mesma cidade a 20 de Março de 1967. Era filho de um oficial do exército, Joaquim de Sousa Figueiredo e de Rosa Augusta Coelho da Fonseca. Estudou no antigo Liceu Central, no largo do Carmo, onde terminou o ensino liceal, enveredando, em seguida, pelo ensino superior³⁷. Paralelamente, começou a alimentar uma outra vertente, à qual o seu espírito se afeiçoara, escrevendo ficção desde 1905 sob um pseudónimo, *Delfinio*. Escreveu textos como: *O Orfão* (1905), *Adélia a boeirinha*, *A enjeitada*, *O Canário*, *Marianita*, *Os Amores do Visconde* (1906), *Sonatas* (1907), *Os Humildes* (1908)³⁸.

Em 1910, Fidelino de Figueiredo concluiu a licenciatura em ciências histórico-geográficas no Curso Superior de Letras, onde apresentou, como tese de licenciatura um estudo intitulado *Educação da Abstracção*. Anteriormente, em 1906 esboçou e coligiu *Notas Elucidativas* aos poemas *Camões e Retrato de Venus* de Almeida Garrett. No ano seguinte, deu continuidade à sua atividade de compilador do património literário português e deu à estampa, *Os Melhores Sonetos da Língua Portuguesa*, seguindo-se o estudo intitulado *Arte Moderna*, no qual Fidelino de Figueiredo critica a arte pela arte, defendendo uma ligação desta à vida e ao devir humano. Ainda não tinha concluído o seu curso quando, a 27 de Março de 1909, proferiu uma conferência intitulada *Antero de Quental, a sua filosofia, a sua arte* na Sociedade de Geografia de Lisboa, onde funcionava a Liga Nacional de Educação. No ano seguinte debruçou-se, no mesmo local, sobre *Herculano, crítico, poeta e romancista*. Fidelino de Figueiredo manifestou curiosidade e interesse pelos dois nomes pioneiros do Romantismo literário e Histórico português, respectivamente Garrett e Herculano. Ainda em 1910, Fidelino de Figueiredo publicou a *História da Crítica Literária*.

A partir de 1910, preocupado com a alegada desconsideração da História Nacional por parte da esquerda que governou a pós o 5 de Outubro, Fidelino de Figueiredo envolveu-se na criação da *Sociedade Nacional de História*. A *Revista de História* nasceu em 1912 e foi desde logo dirigida pela personalidade citada, secretário de

³⁶ Nesta parte do trabalho, a análise da obra *O pensamento político do exercito* foi realizada especificamente para este artigo.

³⁷ Cfr. AMORA, António Soares (1987): *O Essencial sobre Fidelino de Figueiredo*. Lisboa.

³⁸ Ibidem. Toda a parte biográfica relativa Fidelino de Figueiredo constitui uma reprodução da nossa tese de Doutoramento. Cfr. MOREIRA, Nuno, op.cit. pp. 213-17

redacção da instituição fundadora. No periódico deu à estampa *A Crítica Literária como Ciência*, trabalho de natureza teórica, com influências de Bourget, Bergson, Benedetto Croce. Fora da publicação tiveram acolhimento editorial a *História da Literatura Romântica* (1913), *História da Literatura Realista* (1914) e a *História da Literatura Clássica* (1917-1924). Em 1915, Fidelino de Figueiredo tornou-se Sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa. Ocupou o cargo de Chefe de Gabinete do ministro Alfredo de Magalhães durante o Governo de Sidónio Pais, entre Dezembro de 1917 e Dezembro de 1918. Entre Julho de 1918 e Fevereiro de 1919, o director da *Revista de História* foi eleito deputado por Silves. Ao mesmo tipo, tinha sido nomeado, ainda durante o sidonismo, Director da Biblioteca Nacional, demitindo-se depois da morte do Presidente Rei. Sobre esta experiência, Fidelino de Figueiredo escreveu um livro intitulado *Como dirigi a Biblioteca* a relatar esta experiência³⁹.

No órgão de informação e comunicação da Sociedade Nacional de História / Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, o estudioso colocou em prática um perfil dependente do facto de ter sido educado no século XIX, adquirindo projecção até meados do século seguinte, recolhendo e assimilando referências das épocas atravessadas e vividas. O seu pensamento abarca, sincreticamente, o conservadorismo político, a vontade de certificação científica e de internacionalização da *Revista de História*. Nela, defendeu, em 1912, a *Crítica Literária Como Ciência*, tentando ultrapassar os contributos de Brunetière, em detrimento das inovações trazidas por Lanson, que substituiu o *organicismo* do seu compatriota pela consideração específica do texto literário. Fidelino de Figueiredo tentou seguir esta lição lansoniana mas, em nosso entender, a sua prática historiográfica conciliou-a com uma herança romântica, interpretada de modo heterodoxo, ao arrepio do *biografismo puro*.

Nos textos escritos por Fidelino de Figueiredo para a secção de artigos do periódico por si dirigido avulta uma atitude comum a outros colaboradores, focada na tentativa de ultrapassar e colocar de parte os métodos aplicados por Teófilo Braga à História da Literatura, concretizando uma *Crítica da Razão Positivista*⁴⁰.

Por outro lado, raramente Fidelino de Figueiredo procurou apresentar-se, na *Revista de História*, como historiador *tout court*. Era um homem preocupado com a actualização bibliográfica e a construção de bibliografias, e também fazia diplomacia

³⁹ Cfr. CORREIA, Hélder Bento (2002): *Fidelino de Figueiredo na cultura histórica e política do seu tempo: 1889-1927*, Lisboa, Faculdade de Letras. [Dissertação de Mestrado em História].

⁴⁰ Cfr. MARTINS, José Cândido (2002): *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Razão Positivista*, Lisboa, Instituto Piaget.

cultural nas secções de *Factos e Notas* e de *Bibliografia*, tal como na de Artigos, onde promoveu as ligações culturais entre Portugal e a Suécia ou os Estados Unidos da América. No periódico em análise, o seu director conjugou a compilação de documentos e averiguação de factos positivos com um estilo simples, mas, literário e uma atitude filosófica tendente a afirmar o espírito histórico-literário nacional⁴¹.

Em 1925, Fidelino de Figueiredo publicou *Sob a cinza do tédio Romance de uma Consciência*. Trata-se de uma obra que o próprio classifica como *literatura de testemunho*, na qual acompanha e relata a morte de um grande amigo, Luiz Cotter. Do nosso ponto de vista, estamos perante um trabalho autobiográfico, no qual Fidelino de Figueiredo ficciona uma personalidade histórica, que não será mais do que o seu alter-ego. No segundo capítulo de *Sob a Cinza do Tédio*, o autor elogia a correcção, a elegância lexical evidenciadas pelo estilo *grave e equilibrado* de Luís Cotter, avesso redundâncias, hipérboles e formalismos estéreis. Esta atitude é comum à maioria de estudos publicados na *Revista de História*, escritos por outros colaboradores, podendo aplicar-se a esses trabalhos a análise sobre a prática historiográfica cara a Luís Cotter: “A Historia estudava sucessões e não repetições (...)”⁴².

No terceiro capítulo de *Sob a Cinza do Tédio*, o autor justifica a identidade entre as suas ideais e as de Luís Cotter com o facto de serem amigos de infância e conhecerem-se muito bem, admirando-se mutuamente. Por outro lado, ambos eram defensores de uma relação positiva entre Espanha e Portugal⁴³.

Nos três capítulos seguintes, o autor faz com que a sensação de que fala dele próprio cresça e se desenvolva, avolumando-se e confirmando-se esta hipótese, dado que as similitudes com o universo patente na *Revista de História* se tornam evidentes e, julgamos, insofismáveis. No periódico, os Descobrimientos, essencialmente na sua vertente científica, constituem uma das temáticas de eleição, sobretudo porque através deles uma elite pouco numerosa (mas heteróclita, da qual faziam parte comerciantes, nobres, missionários) expandiu-se pelo mundo⁴⁴.

Do sétimo ao nono capítulo de *Sob a Cinza do Tédio*, Fidelino de Figueiredo apresenta Luís Cotter como um kantiano e elogia o pensador alemão por ter indagado os

⁴¹ Cfr. CARNEIRO, Mário (2004): *O Pensamento Filosófico de Fidelino de Figueiredo*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda. Neste estudo, o seu autor aborda, em termos genéricos, a conciliação fideliniana da História com a Literatura e a Filosofia

⁴² FIGUEIREDO, Fidelino de (1925): *Sob a Cinza do Tédio (Romance duma consciência)*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, pp. 28-29. A parte do estudo relativa a esta obra reproduz uma parte da nossa dissertação doutoral. Cfr. MOREIRA, Nuno, op.cit. pp.217-2220.

⁴³ Ibidem, pp. 37-50.

⁴⁴ Ibidem, p. 51-87

limites da razão teórica e da ciência, mas também a respectiva necessidade, construindo conceitos de tempo, espaço e causalidade como independentes, em primeira instância, face aos sentidos, e ligados aos *Juízos Sintéticos a priori*⁴⁵. Convém ainda realçar que o biografado foi membro da Academia de Ciências de Lisboa. Todavia, não participava nas respectivas reuniões por não se rever na respectiva mentalidade, alegadamente *fechada sobre si mesma*.

Em 1926, Fidelino de Figueiredo publicou o opúsculo *O pensamento político do exercito*, trabalho dado à estampa na Empresa Literária Fluminense, responsável por uma parte da publicação da *Revista de História*, no exterior da qual saiu o texto em vertente análise, portador de uma natureza eminentemente testemunhal, constituindo uma observação participante sobre os acontecimentos da história militar, deles fazendo parte, sem distanciamento crítico suficiente, embora este seja pretendido pelo autor no prefácio: “Palavras claras e leaes, dictadas pelo coração e norteadas por um espirito critico, que não moderou nunca o sentimento nacional, são as deste ensaio de interpretação do pensamento político do exercito (...).”⁴⁶.

Tal como acontece em *Sob as cinzas do tédio*, assiste-se à consideração de duas coordenadas, indispensáveis ao trabalho do estudioso: a inteligência e o sentimento. No texto de 1925, Fidelino de Figueiredo fizera apelo à conjugação harmoniosa de ambas.

No prefácio a *O pensamento político do Exercito*, o autor aproveita para criticar aquilo que considera um certo fechamento do exército à sociedade civil, colocando em causa um alegado enquistamento em torno da hierarquia militar. Por outro lado, sente-se à vontade para expor a sua noção de intelectual e a auto-representação que dela faz, não aplicando esse epíteto a si próprio, preferindo denominar-se *homem de letras*: “Mas, qualquer que seja o desenrolar dos sucessos da politica portuguesa, eu não quero d’elles nem a responsabilidade do silencio. (...)”⁴⁷.

Fidelino de Figueiredo não considera a intervenção cívica uma *traição dos intelectuais*, bem pelo contrário. Pratica-essa participação conscientemente, mas exime-se a considerar-se intelectual, eventualmente pela carga ideológica e pela extensão do empenhamento social inerentes ao emprego do termo e à concretização da realidade que lhe corresponde, próprios dos *Dreyfusards* e seus seguidores.

⁴⁵ Ibidem, pp. 89-128

⁴⁶ FIGUEIREDO, Fidelino de (1926): *O pensamento político do exército*, p.5. Para uma leitura efectivamente historiográfica da Ditadura Militar em toda a sua complexidade, Cfr. CHORÃO, Luís Bigotte, (2010): Lisboa, Sextante.

⁴⁷ Ibidem, p.6.

Num momento quase final do opúsculo em análise, o autor aplica sem subterfúgios o vocábulo intelectuais, ainda que dele não se aproprie, e defende uma noção e prática libertas de um sentido exclusivamente ligado a uma actividade literária: “A penna não vale só pelo corrimento verboso, que produza; tem de ser uma ferramenta de utilidade, ao serviço do grande pensamento nacional. E intelectuais – declara-o um homem de letras profissional – não são só os ourives da língua, são-no quantos trabalham com fé e intensidade (...)”⁴⁸.

O Pensamento político do exercito divide-se em cinco capítulos, nos quais se patenteia um conservadorismo que estivera presente a nível cultural na *Revista de História* e que adquire uma expressão política no opúsculo em análise, que alinha por um raciocínio em nosso entender dedutivo e incentivador de uma polémica, dado que Fidelino de Figueiredo principia por um enquadramento histórico, seguido por dois andamentos críticos face aos partidos políticos e ao Parlamentarismo, terminando com dois capítulos nos quais propõe soluções pragmáticas para a crise identificada. O autor abandona o registo dos factos em nome de uma leitura da situação em chave dicotómica: “São essas duas correntes, que o paiz vê paradoxalmente ligadas, a quererem viver uma vida impossível: o interesse partidário e o sofisma constitucional de um lado; um forte sentimento nacionalista, expressado pelo exercito. (...)”⁴⁹.

O cultor de *Clio* recorre ao apelo à congregação de vontades e à arregimentação no interior do antagonismo, consubstanciando uma exortação à mobilização do exército. O tom utilizado por Fidelino de Figueiredo oscila entre o de um julgamento em tribunal e a tomada da palavra num comício: “E como o paiz se não conforma com a demagogia dehonesta, prepotente e ignara, e como também ella não foi em tempo nenhum regimen estavel, recomeçarão as tentativas revolucionarias anti-democraticas, sempre mais dificeis porque como taes precedentes só augmentará o scepticismo e só se relaxará a própria capacidade do organismo doente para resistir ao mal (...)”⁵⁰.

No segundo capítulo, o autor traça o *mapa politico português*, responsabilizando as dissensões e as instabilidades decorrentes do funcionamento alegadamente deficitário do sistema partidário durante a Primeira República, deixando implícito que a Ditadura Militar constitui uma ruptura necessária, mas deriva, parcialmente, da falência do

⁴⁸ Ibidem, p.44.

⁴⁹ Ibidem, pp.12-13.

⁵⁰ Ibidem, p.13.

⁵⁰ Ibidem, p.17

regime anterior. Este quadro revela as opções pessoais do ensaísta, em detrimento de uma análise histórico-historiográfica menos afectada por paixões: “Historicamente, o partido democrático provem da antiga massa republicana, vagamente partido; (...). Dessa partido separaram-se em 1911 ou 1912 duas facções, que se chamaram *evolucionista*, chefiada por António José de Almeida, e *unionista* por Brito Camacho (...)”⁵¹.

Fica bem patente o Sidonismo do autor, afirmado noutras ocasiões, inclusive, de modo discreto, na *Revista de História*. Fidelino de Figueiredo particulariza as divisões no interior dos partidos, à direita e à esquerda, ao longo da Primeira República. Também evidenciou divergências entre os católicos e no seio dos monárquicos. De entre estes destaca os integralistas, demonstrando apreço pelas alegadas coerência e consistência doutrinária destes últimos, criticando a respectiva propensão para a violência e alguns excessos: “Que a oportunidade do integralismo era plena e que António Sardinha foi penetrantemente perspicaz na interpretação do seu tempo mostram-no a profundidade e a segurança da sua influência. (...)”⁵².

O segundo capítulo de *O pensamento político do exercito* termina com o repúdio dos egoísmos da burguesia, que o sistema parlamentar não só não terá resolvido, contribuindo para agudizá-los. O parágrafo final contém alegadas soluções para o problema apresentado, tentando influir no curso dos acontecimentos: “Governar hoje tem de ser em larga medida unificar idealmente, subordinar ao sentimento nacional, aos interesses da patria todos os particularismos e separatismos, todas a veleidades de autonomia fraccionadora. (...)”⁵³.

No quarto *andamento* do opúsculo em análise, Fidelino de Figueiredo defende uma solução nacionalista, diferenciando três possibilidades nesse conspecto: o nacionalismo português, ainda apenas em fase de promessa; o espanhol, separatista no que concerne à Catalunha (cujo reverso é reivindicação de incorporação da Alsácia e da Lorena pela França); e o nacionalismo imperialista e restauracionista alemão.

No capítulo final, o autor confirma a admiração por ditaduras nacionalistas existentes na Europa: “A dictadura nacionalista salvou a Italia pelo genio de Mussolini, a Allemanha com a energia firme de Van Seeckt, e Hespanha como Primo de Rivera (...)”. Esta enumeração pretende legitimar uma experiência análoga em Portugal, cuja

⁵² Ibidem, p.25.

⁵³ Ibidem, p.27.

necessidade é defendida, convocando Fidelino de Figueiredo o apoio do exército para concretizar tal desiderato: “Para fazer esse trabalho é que é já indispensavel que os chefes do exercito juntem à sua coragem militar a coragem cívica de desfazer equívocos mortíferos, de desassombadamente proclamarem a dictadura e a exercerem com firmeza.”⁵⁴.

O texto de Fidelino de Figueiredo termina subordinado à novidade dos acontecimentos que o ultrapassam, confirmando contida aprovação pelo quadro político que se desenha e que foi preparado por um testemunho pessoal, situado entre a propaganda ideológica e a intervenção na formação de uma opinião pública avessa a massificações incontrolláveis: “Estava em provas este opusculo, quando os factos vieram confirmar algumas afirmações delle: o programa apresentado em Conselho de Ministros pelo Sr. General Gomes da Costa, sobre bases presidencialistas e integralistas; e o que chamarei “golpe de Estado complementar”, de 17 de Junho de 1926, No meio das miserias politicas, merece registo a retirada do comandante Cabeçadas, sem uma palavra de azedume (...)”⁵⁵.

5. CONCLUSÕES

A concluir, importa ter presente que apenas identificámos alguns exemplos do modo de praticar a historiografia militar durante pouco mais de um quartel, situado entre os anos finais do século XIX, que precederam a República, e 1926, precisamente no decurso dos momentos subsequentes à Instauração da Ditadura Militar. Os casos escolhidos não são tratados como paradigmáticos ou maioritários face à época da qual são contemporâneos. Para que tal pudesse acontecer, seria necessário um estudo mais alargado, em extensão e profundidade.

Ainda assim, a predominância de uma historiografia militar tradicional parece defensável, constituindo um traço comum a extrair desta pesquisa. Tal situação não impede a constatação de diferenças entre os estudos focados, sem esquecer que cada cultor de *Clio* não se expressa sempre do mesmo modo, ou de forma única e estanque. Bem pelo contrário. Cristóvão Ayres evidenciou, no plano ideológico, um idealismo efectivo, mas escassamente sistemático ou sistematizado, portador de diversas cambiantes, situando-se entre o amor à terra, a defesa romântica do património e a

⁵⁴ Ibidem, p. 41.

⁵⁵ Ibidem, p.50.

simpatia pelo *ideal de cavalaria*. Do ponto de vista metodológico, a *História do Exército* demonstra um respeito pelos documentos, na procura incessante de uma objectividade científica, herdeira de Ranke.

Cristóvão Ayres, nos seus diversos trabalhos, não se limitou a aliar a história militar à História política, nem se centrou apenas, ou maioritariamente, em questões relacionadas com a guerra, enveredando pela história institucional e aprofundando especificidades de matérias de natureza militar.

Esse aprofundamento notou-se menos na *Revista de História*, onde o apelo ideológico e metodológico à tradição são mais permanentes. Por seu turno, o esforço intelectual de Fidelino de Figueiredo é mais testemunhal do que historiográfico, instrumentalizando o exército em nome de questões políticas, defendendo a necessidade da Ditadura Militar.

Os casos estudados revelam a importância de Cristóvão Ayres e o perigo que constitui o alinhamento, na actualidade, por uma visão historiográfica assente em teleologias e escatologias, impermeável a avanços, recuos, reticências, diferenças e similitudes, patenteados pelo autor citado, pela *Revista de História* e por Fidelino de Figueiredo.

**EL EJÉRCITO DE CHILE EN VÍSPERAS DE LA GUERRA DEL
PACÍFICO. UNA APROXIMACIÓN A SU INFLUENCIA
FRANCESA (1866-1879)¹**

**CHILEAN ARMY ON THE EVE OF THE PACIFIC WAR. AN
APPROACH TO ITS FRENCH INFLUENCE (1866-1879)**

Valentina Verbal Stockmeyer, Universidad de Viña del Mar, Chile.

E-mail: valeverbal@gmail.com

Resumen: Este artículo apunta a describir la influencia francesa en la institución Ejército de Chile en el período previo a la Guerra del Pacífico (1866-1879). Parte de la base que es necesario ahondar en la institución castrense que, al poco tiempo, le tocó asumir el más grande desafío bélico de toda su historia.

Palabras clave: Ejército de Chile, Guerra del Pacífico, influencia francesa.

Abstract: This paper aims to describe the French influence in the military institution Chile Army prior to the Pacific War period (1866-1879). It assumes that it's necessary to delve into the military institutional that, before long, had to take the biggest war challenge in this history.

Keywords: Chilean Army, Pacific War, French Influence.

¹ Recibido: 19/01/2014 Aceptado: 24/05/2014 Publicado: 15/06/2014

1. INTRODUCCIÓN

La historia militar no sólo se refiere a la narración y explicación de guerras y batallas. Tampoco se relaciona, únicamente, con algunos de sus principales protagonistas (por ejemplo: políticos, generales, soldados, civiles, etc.)².

En este sentido, y desde la perspectiva de la historia militar institucional, se ha estudiado poco la vida del Ejército de Chile en el período previo a la Guerra del Pacífico³. Esto es importante, en parte para confirmar, refutar o, lo que suele ser más habitual en historia, matizar ciertas interpretaciones que afirman que Chile, en los años previos al mencionado conflicto, desarrolló una especie de “carrera armamentista”. Este planteamiento es desarrollado por historiadores peruanos y bolivianos. Por ejemplo, Jorge Basadre —quien, en todo caso, reconoce los errores propios del Perú en la derrota bélica⁴— le asigna gran importancia a la adquisición, por parte de Chile, de dos blindados navales (acorazados) en 1874 y 1875: el *Cochrane* y el *Blanco Encalada*, respectivamente. Dice Basadre: “Chile había perdido, en relación del litoral, la aquiescencia o la maleabilidad sumisa de los gobernantes bolivianos al producirse la caída de Melgarejo y la derrota de Quevedo; pero estaba ganando la carrera armamentista o, mejor dicho, corriendo solitariamente en ella al adquirir los blindados *Cochrane* y *Blanco Encalada* y algunas unidades menores”⁵.

El objetivo de este trabajo es iniciar un acercamiento al Ejército de Chile de un período de entreguerras: entre el término de la Guerra con España (1865-1866) y el comienzo de la Guerra del Pacífico (1879-1884). Un primer paso es abordar su organización institucional desde la perspectiva de su influencia francesa. Lo haremos, principalmente, desde fuentes primarias impresas, en particular, normas militares, manuales de instrucción y memorias del Ministerio de Guerra. Precisamente por estar conscientes de que la influencia francesa trascendió la mera formalidad de los documentos oficiales, y que se expresó en aspectos humanos de variada índole (por

² Para una aproximación actual a esta rama, véase nuestro artículo: “La historia militar, rompiendo prejuicios”. En: *Anuario de la Academia de Historia Militar de Chile*, N° 27, diciembre de 2013.

³ La Guerra del Pacífico enfrentó a Chile en contra del Perú y Bolivia entre los años 1879 y 1884. Para este conflicto bélico, desde el lado de Chile clave es: BULNES, Gonzalo (1955): *La Guerra del Pacífico*, tres volúmenes, Santiago, Editorial del Pacífico. Desde el lado boliviano: QUEREJAZU CALVO, Roberto (1979): *Guano, salitre y sangre. Historia de la Guerra del Pacífico*, La Paz, Editorial los Amigos del Libro. Para la visión peruana, las dos obras referidas más abajo.

⁴ Asociados a su mayor inestabilidad política respecto de Chile.

⁵ BASADRE, Jorge (1983): *Historia de la República del Perú. 1822-1933. Cuarto Período: La Guerra con Chile*, Lima, Editorial Universitaria, p. 14.

ejemplo: prácticas, representaciones, etc.), este trabajo lo hemos calificado como una *aproximación*.

Aclarando que la influencia francesa en el Ejército de Chile es anterior al período de este trabajo —proviene del proceso de Independencia⁶—, hay que decir que no fue el producto de una misión especial de militares galos, contratada por el Estado, sino el fruto natural del ambiente general de afrancesamiento de la sociedad chilena en el siglo XIX⁷. Y, en este contexto amplio, el Ejército chileno fue una de las instituciones que mayor inspiración recibió desde Francia. Esta influencia concluyó con el inicio del proceso de prusianización (1885), que tuvo su origen en la contratación por el Gobierno chileno del capitán alemán Emilio Körner (1846-1920)⁸.

2. ORGANIZACIÓN MILITAR⁹

El influjo francés sobre el Ejército de Chile se expresó, ante todo, en el modo en que se organizó la institución. En cuanto a la *organización de tipo funcional*, que se refiere a las unidades permanentes que incluye la fuerza militar y que deben estar preparadas para constituirse en unidades operativas, especialmente en el caso de producirse algún evento bélico¹⁰, la *Ordenanza General del Ejército de 1839* (vigente hasta 1924) establecía que:

“El ejército permanente de la República se compone de artillería, infantería, caballería e ingenieros, observando en su formación el método siguiente: la artillería tendrá el primer lugar, después de ésta seguirá la

⁶ Un importante trabajo al respecto es el de Patrick PUIGMAL (2013): *Diccionario de los militares napoleónicos durante la Independencia. Argentina, Chile y Perú*, Santiago, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.

⁷ Para el afrancesamiento de la sociedad chilena, véase: GONZÁLEZ ERRÁZURIZ, Francisco Javier (2003): *Aquellos años franceses. 1870-1900. Chile en la huella de París*, Santiago, Taurus.

⁸ Para la prusianización del Ejército chileno, véase: BRAHM GARCÍA, Enrique (2003): *Preparados para la guerra. pensamiento militar chileno bajo influencia alemana 1885-1930*, Santiago, Ediciones Universidad Católica de Chile.

⁹ Omar GUTIÉRREZ VALDEBENITO (2002) distingue tres dimensiones en toda organización militar: organización operativa, organización administrativa y funcional y organización del personal (*Sociología Militar. La profesión militar en la sociedad democrática*, Santiago, Editorial Universitaria, pp. 189-193).

¹⁰ *Ibidem*, pp. 189 y 190.

infantería por antigüedad de cuerpos, según fecha de su creación, y luego la caballería guardando el mismo orden”¹¹

El arma de artillería se dividía en artillería de a pie y de a caballo¹². Como consta en las memorias del Ministerio de Guerra, esta arma se conformaba en un único regimiento¹³. ¿En qué radicaba el influjo francés en este ámbito? Justamente, en el hecho de que desde los tiempos de la Revolución de 1789, y especialmente con Napoleón, se consolidó en Europa la idea de que la artillería debía estar organizada separadamente y no formar parte de las otras armas. Esto se explica por la circunstancia de que, con el emperador francés, “la artillería dejó de tener simplemente un valor de estorbo para impedir que el enemigo se juntara en el campo de batalla y pasó a ser un arma con la que abrir brechas en sus filas antes de lanzar un ataque de infantería o la caballería para completar el proceso de desorganización”¹⁴.

El arma de infantería se dividía en batallones, cada uno separado en compañías¹⁵. Y el arma de caballería se componía de regimientos, divididos en dos o más escuadrones, cada uno de los cuales se subdividía en compañías¹⁶. Para no quedarnos sólo en la letra de esta normativa, señalemos que en la mayor parte de nuestro período el Ejército estuvo compuesto de un regimiento de artillería, de cinco batallones de infantería y de dos regimientos de caballería.

¹¹ LARA, Alberto (1923): *Ordenanza General del Ejército*, Santiago, Imprenta del Ministerio de Guerra, p. 11. Esta ley fue promulgada por vez primera en 1839. La edición de 1923 contiene todas las disposiciones anteriores, modificadas o derogadas.

¹² *Ibidem*. También puede agregarse la artillería de costa, asociada a la Marina.

¹³ Para la historia de esta arma en Chile, véase: BARRIENTOS, Pablo (1946): *Historia de la Artillería de Chile*, Santiago, Instituto Geográfico Militar.

¹⁴ GIBBS, N. H. (1978), “Capítulo III. Las fuerzas armadas y el arte de la guerra”. En: Cambridge University Press, *Historia del mundo moderno*, Tomo IX. Guerra y paz en tiempos de revolución 1793-1830, Barcelona, Editorial Sopena, pp. 45 y 46.

¹⁵ LARA, Alberto, op. cit., p. 12.

¹⁶ *Ibidem*, p. 15. Para una historia de esta arma, véase: MADRID TORRES, Vanessa, “Génesis y evolución de la caballería en Chile”. En: *Revista Libertador O’Higgins*, N° 12, 1995.

Tabla 1. Estructura funcional del ejército de Chile de mayor permanencia en el período 1866-1879¹⁷

Regimiento de Artillería
Batallón Buin 1° de línea
Batallón 2° de línea
Batallón 3° de línea
Batallón 4° de línea
Batallón 7° de línea
Regimiento de Cazadores a caballo
Regimiento de Granaderos a caballo

Fuentes: Elaboración de la autora en base a *Memorias de los Ministerios de Guerra y Marina presentadas al Congreso Nacional* (Santiago, diversas imprentas, 1866-1880).

Con respecto a la *organización del personal*, cabe distinguir dos materias principales: reclutamiento o enganche de tropas y grados jerárquicos. Sobre el primero de estos aspectos, clave es la siguiente disposición referida al “modo de completar la fuerza del Ejército”:

“La fuerza del Ejército se compondrá de hombres destinados por la autoridad competente, y de recluta de gente voluntaria. No bajarán de dieciséis años de edad ni pasarán de cuarenta; no se les sentará su plaza en menos de cinco años. La estatura será lo menos de cinco pies, con disposición, robustez y agilidad para resistir las fatigas del servicio, sin imperfección notable en su personalidad, y libre de accidentes habituales”¹⁸

Como se observa, además de la natural exigencia de cumplir con ciertos requisitos mínimos —en lo físico y moral—, esta disposición establecía un servicio militar

¹⁷ Aclárese que se trata de la estructura más estable durante el período, puesto que a lo largo de él se producen algunas variaciones. Las de mayor importancia dicen relación con lo siguiente: en 1867 se disuelven los batallones 9°, 10° y 11°. En 1868 el batallón 8° se convierte en la Brigada de Toltén (zona de Arauco). En 1871 se restituye el batallón 8°, siendo suprimido definitivamente en 1871.

¹⁸ LARA, Alberto, op. cit., p. 15.

semivoluntario, de una duración de cinco años, luego de los cuales se podía renovar por otros dos¹⁹. Decimos *semivoluntario*, porque su obligatoriedad no tenía un carácter universal. No contamos con cifras sobre la efectiva voluntariedad del servicio, pero a la luz de los problemas del enganche que existían²⁰, se trataba, en la práctica, de un servicio más voluntario que obligatorio. Además, esta prestación suponía el pago de un sueldo y de ciertas gratificaciones variables.

El carácter semivoluntario de la conscripción en Chile fue un aspecto en que su sistema de reclutamiento difirió del caso francés, de índole obligatoria y más o menos universal; principio que sí fue recogido en los años de la Patria Vieja (1810-1814), puesto que en aquella época la Junta de Gobierno decretó la conscripción de todos los hombres de entre dieciséis y sesenta años de edad (1811). De este modo, se comenzó a poner en práctica el principio de “la nación en armas” de la Francia revolucionaria²¹.

Enrique Brahm García, siguiendo las ideas de Goltz, describe este concepto histórico militar como la circunstancia de que las guerras modernas ya no son entre ejércitos, sino entre naciones, poniéndose en ellas “todos los medios, tanto espirituales como materiales, para superar al rival”²². En otras palabras, se trata de una guerra total: “La guerra dejaba de ser cosa del rey y su tesoro para abarcar el estado entero con todo su potencial humano y material”²³. Gibbs sostiene que uno de los primeros autores en tomar conciencia de este fenómeno fue Clausewitz para quien, “después de 1789, la guerra se había convertido repentinamente en un asunto del pueblo, y de un pueblo formado por treinta millones de personas, cada una de las cuales se consideraba a sí misma como un ciudadano del Estado”²⁴.

Pero, ¿por qué en el Chile de nuestro período no existió un sistema obligatorio y masivo de reclutamiento? Las razones son diversas. Pero señálense tres principales, estrechamente conectadas entre sí. La primera es que reinó en el país, desde tiempos de la Independencia, un profundo sentimiento pacifista y americanista. Similar sentimiento

¹⁹ Así lo establece la Ordenanza para el régimen, disciplina, subordinación y servicio de los ejércitos de la República de 1854.

²⁰ Las memorias del Ministerio de Guerra dan cuenta de un permanente desajuste entre las fuerzas legalmente autorizadas por el Congreso y las efectivamente enganchadas. Para este tema, véase: GREZ, Carlos, “La supuesta preparación militar de Chile para la Guerra del Pacífico”. En: *Boletín de la Academia Chilena de la Historia*, N° 5, 1935.

²¹ PUIGMAL, Patrick, “Influencia francesa durante las guerras de la independencia: de lo militar a lo político”. En: *Segunda Jornada de Historia Militar. Siglos XIX-XX*, Centro de estudios e investigaciones militares (CESIM) — Departamento de Historia Militar del Ejército de Chile, 2005, pp. 18 y 19.

²² BRAHM GARCÍA, Enrique, op. cit., p. 38.

²³ *Ibidem*, p. 39.

²⁴ GIBBS, N. H., op. cit., p. 40.

que, con ciertos matices, inspiró la participación de Chile en la Guerra contra la Confederación Perú-boliviana (1836-1839) y, especialmente, en la Guerra con España (1865-1866). En segundo lugar, existían motivos de economía fiscal. Y, finalmente, no había en Chile, ni en el continente americano, el concepto europeo de guerra total, sino de guerra limitada. Probablemente, y en buena medida, recién con la Guerra del Pacífico, nuestro país (así como el Perú y Bolivia) se acercó a este último concepto, puesto que ahí se logró movilizar, incluso forzosamente, a una gran cantidad de tropas, amén de que se removieron las conciencias de todo el pueblo mediante una serie de simbologías de carácter patriótico y romántico²⁵. En términos de la voluntariedad en el reclutamiento, puede percibirse una cierta influencia del Reino Unido, aunque ésta fue mucho mayor en el caso de la Marina que del Ejército²⁶.

En términos de la organización del personal, un aspecto en que sí se aprecia más claramente una influencia francesa es en el hecho de que en el Ejército se podía hacer carrera, viéndose a la institución castrense como una entidad más democrática que aristocrática. Los grados jerárquicos del Ejército, de inferior a superior, eran los siguientes: soldado, cabo 2º, cabo 1º, sargento 2º, sargento 1º, cadete, alférez, subteniente, teniente 2º, teniente 1º, ayudante mayor, capitán, sargento mayor, teniente coronel, coronel, general de brigada y general de división. Los oficiales eran nombrados por el Ministro de Guerra a propuesta del Inspector General del Ejército²⁷. Y “las clases que pretendan su ascenso a oficial deben acreditar por medio de un examen que poseen conocimientos equivalentes o los que se exigen a los cadetes de la Escuela Militar”²⁸. De este modo, se configuraba el principio de *la carrière ouverte aux talents*²⁹. Por supuesto, muchas veces, los principios son más teóricos que prácticos. Pero ello revela, al menos, el referido influjo y la posibilidad de acceder, para personas de pocas alternativas en la vida, a una carrera ascendente y segura.

Además, una ley de 1878, promulgada por el Presidente Pinto (1876-1881), establecía que “para ascender a los empleos que median entre la clase de soldado y la de

²⁵ Para este tema, muy interesante, aunque discutible en algunos aspectos, es el trabajo de Carmen MC EVOY (2011): *Guerreros civilizadores. Política, sociedad y cultura en Chile durante la Guerra del Pacífico*, Santiago, Ediciones Universidad Diego Portales.

²⁶ Para la historia de la Marina chilena en nuestro período, una obra clave es la de Rodrigo FUENZALIDA BADE (1978): *La Armada de Chile. Desde la alborada al sesquicentenario (1813-1968)*, Tomo III: Desde el término de la guerra con España hasta el comienzo de la guerra civil de 1891 (1867-1891), s/l, Talleres Imprenta Periodística “Aquí está”.

²⁷ LARA, Alberto, op. cit., p. 157.

²⁸ KÖRNER, Emilio, y Jorge Boonen Rivera (1887): *Estudios de Historia Militar*, Tomo II, Santiago, Imprenta Cervantes, p. 254.

²⁹ GIBBS, N. H., op. cit., p. 42.

Sargento primero, es necesario haber servido cuatro meses a lo menos en el empleo inmediatamente inferior³⁰. O sea, ni siquiera era estrictamente necesario, al menos en el papel, haber cumplido el plazo obligatorio de cinco años en el servicio.

Ahora bien, con respecto al alto mando, es importante aclarar que bajo la vigencia de la Constitución de 1833 (y hasta bien entrado el XX), no existía en Chile lo que hoy se conoce como *Comandante en Jefe del Ejército*. En otras palabras, no había una jefatura máxima centralizada en las filas de la institución, sino que el Ejército dependía directamente del Gobierno a través de sus autoridades civiles, en especial del Ministro de Guerra que, en algunas ocasiones, y siendo de la confianza plena del Presidente de la República, era militar. Las autoridades máximas del Ejército en tiempos de paz fueron de dos tipos: a) el Inspector General del Ejército que, tal como su nombre lo indica, ejercía la función de fiscalizador del cumplimiento de la normativa que regulaba a la institución castrense³¹; y b) los comandantes generales de armas de las provincias que, al mismo tiempo, eran los intendentes de cada una de ellas, a quienes “estarán subordinados todos los individuos militares que tengan destino o residencia accidental en ella [s], incluso los generales”³². Ambas autoridades dependían directamente del Gobierno a través del Ministro de Guerra. Salta a la vista la intención del legislador: mediante la descentralización del alto mando, se caminaba en la línea de subordinación militar al Gobierno.

La *organización operativa* (o sea, aquella que se forma en caso de guerra) se basaba en el nombramiento por parte del Gobierno de un *General en Jefe del Ejército de Campaña*, al cual estaba subordinado el Comandante General de Armas de la provincia que corresponda, en su caso. Este general tenía a su directo cargo un escuadrón especial denominado “Escuadrón del General”³³. Asimismo, la organización operativa contemplaba las comandancias generales de infantería y de caballería³⁴; no así de artillería: situación que se debía al hecho de que, por constituir una unidad más pequeña —compuesta, como ya se vio, de un solo regimiento—, pasaba a depender directamente del General en Jefe.

³⁰ VARAS, José Antonio (1884): *Recopilación de Leyes, Órdenes, Decretos Supremos y Circulares concernientes al Ejército desde abril de 1812 a diciembre de 1887*, Tomo VI, Santiago, Imprenta de R. Varela, p. 32.

³¹ LARA, Alberto, op. cit., p. 157.

³² *Ibidem*, p. 167.

³³ *Ibidem*, p. 185.

³⁴ *Ibidem*, pp. 195-197.

Por otra parte, en caso de guerra comenzaba a funcionar un Estado Mayor del Ejército³⁵. En Chile, este organismo se creó el 15 de septiembre de 1820, bajo el Gobierno de don Bernardo O'Higgins. En 1869 se dictó el *Reglamento para el Estado Mayor de un Ejército de operaciones*. Esta norma vino a complementar las disposiciones que sobre esta entidad consagraba la Ordenanza de 1839. Su artículo 1º la definía del siguiente modo:

“El Estado Mayor es una reunión de jefes y oficiales que son los auxiliares del General o Comandante en Jefe en el ejercicio de sus funciones, y el órgano por donde se transmiten sus órdenes a las diversas secciones de que se compone un ejército”³⁶

Al jefe de esta repartición, le correspondían, entre otras, las siguientes atribuciones: a) formar el plan de batalla³⁷, b) inspeccionar todos los detalles del Ejército, c) informar de lo anterior al General en Jefe, d) mensualmente, debe establecer el estado de la fuerza, e) lo mismo sobre estado del material de guerra, fortificaciones y municiones, y f) después de una batalla, recopilar la nómina de los muertos, heridos y prisioneros³⁸.

A objeto de subrayar la falta de preparación militar de Chile para la Guerra del Pacífico, el militar chileno Arturo Sepúlveda Rojas se pregunta: “¿Cuántas vidas, tiempo y dinero se habrían ahorrado, si se hubiera encontrado funcionando este imprescindible organismo especializado, asesor del Mando?”³⁹. Este aserto puede ser más o menos cierto, pero no hay que olvidar que, en ese tiempo, el Ejército de Chile todavía seguía la pauta de Napoleón, que se basaba en un sistema de mando personalista y centralizado⁴⁰. Además, la moderna idea de un Estado Mayor General permanente, que nació en el Ejército prusiano de la primera mitad del siglo XIX, aún no era asimilada por la entidad castrense chilena, porque todavía no se captaba plenamente la evolución del arte de la guerra en el mundo, particularmente en Europa.

³⁵ *Ibidem*, pp. 191-195. Para la Historia del Estado Mayor del Ejército, véase: BARRIENTOS GUTIÉRREZ, Pedro (1947): *Historia del Estado Mayor General del Ejército (1811-1944)*, Santiago, Estado Mayor General del Ejército.

³⁶ VARAS, José Antonio, op. cit., Tomo IV, p. 188.

³⁷ LARA, Alberto, op. cit., p. 191.

³⁸ VARAS, José Antonio, op. cit., Tomo IV, pp. 189 y 190.

³⁹ SEPÚLVEDA ROJAS, Arturo (1980): *Así vivieron y vencieron. La logística del Ejército chileno durante la Guerra del Pacífico*, Santiago, p. 8.

⁴⁰ GIBBS, N. H., op. cit., p. 52.

Sigamos en este punto a Liddell Hart: “Durante las luchas contra Napoleón, los reformadores militares Scharnhorst y Gneisenau, desarrollando las ideas anteriores de Massenbach, habían creado el núcleo de un ‘Estado Mayor General’ con funciones más amplias y responsabilidades mayores que las de los antiguos ayudantes de Estado Mayor de un General, que eran usualmente muy poco más que correos a sus órdenes, o burócratas encargados de los detalles administrativos. En el sistema prusiano, el Estado Mayor General sería el cerebro colectivo del Ejército”⁴¹. Hart añade que aquí surge, por vez primera, el concepto de un Estado Mayor General en funcionamiento no sólo en campañas efectivas, sino también en tiempos de paz, y que estaría compuesto por asesores expertos en táctica militar⁴². Pero, reiteremos, todavía no era el prusiano el modelo que seguía el Ejército de Chile, sino el francés.

Con respecto a la formación de la oficialidad, es importante indicar que el 2 de noviembre de 1876 la Escuela Militar, formadora de la oficialidad, fue disuelta⁴³. Esta medida se justificó en dos tipos de razones: a) el tener completado el número de vacantes para la oficialidad⁴⁴, y b) la necesidad de reformar radicalmente sus planes de estudios⁴⁵. Pero una razón de fondo, que se puede inferir de las memorias de guerra respectivas, es la búsqueda de reducir gastos en el erario nacional. Por ejemplo, en 1878 el Ministro del ramo Belisario Prats se pronunciaba a favor de, en un tiempo más, reabrir la Escuela Militar, pero “reduciéndose el número de alumnos y la antigua dotación de profesores”, con el objeto de “obtener una disminución considerable en los gastos que demande anualmente su sostenimiento”⁴⁶.

Luego de iniciada la Guerra del Pacífico, y para subsanar la notoria carencia de oficiales, el 28 de febrero de 1879, el Gobierno decretó que pueden obtener el grado de subteniente: a) “los sargentos que hayan servido en el Ejército cuatro años, a lo menos”; y b) los paisanos (civiles) “mayores de dieciocho años que hayan rendido exámenes

⁴¹ LIDDELL HART, B. H. (1978), “Capítulo XII. Las Fuerzas Armadas y el Arte de la Guerra: el Ejército”. En: Cambridge University Press, *Historia del mundo moderno*, Tomo X. El cénit del poder europeo. 1830-1870, Barcelona, Editorial Sopena, p. 228.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Historia del Ejército de Chile*, Tomo V. El Ejército en la Guerra del Pacífico. Ocupación de Antofagasta y Campaña de Tarapacá. 1879, Estado Mayor General del Ejército, Santiago, 1981, p. 44. Para la Historia de la Escuela Militar, véase: DUCHENS, Miriam (2007): *La Escuela Militar del Libertador Bernardo O’Higgins: 190 años de Historia (1817-2007)*, Santiago, Instituto Geográfico Militar.

⁴⁴ MINISTERIO DE GUERRA DE LA REPÚBLICA DE CHILE (1877), *Memoria de Guerra y Marina presentada al Congreso Nacional en sus sesiones ordinarias de 1877*, Santiago, Imprenta Nacional, p. 15.

⁴⁵ MINISTERIO DE GUERRA DE LA REPÚBLICA DE CHILE (1878), *Memoria de Guerra y Marina presentada al Congreso Nacional de 1878*, Santiago, Imprenta Nacional, p. 13.

⁴⁶ *Ibidem*.

legalmente válidos de Geografía, Gramática Castellana, Aritmética, Algebra, Francés y Dibujo Lineal”⁴⁷.

3. TÁCTICA MILITAR

Otro aspecto clave en que se expresó la influencia francesa en nuestro Ejército es el de las ideas tácticas de Napoleón. ¿En qué consistió esta incidencia en el Ejército de Chile? Esta pregunta puede ser respondida desde varias perspectivas. Hagámoslo desde el punto de vista de la infantería, el arma más básica en toda entidad castrense.

En términos netamente tácticos, desde los tiempos de la Revolución Francesa se venía debatiendo sobre la eficacia de la formación en línea o, en cambio, de la de columnas, a las cuales hay que agregar, como fuerzas de vanguardia, a las de escaramuzas⁴⁸. Citemos a Gibbs, quien explica muy bien el punto: “Los generales franceses en 1792 y 1793 tendían a apearse a la formación en línea, ya que los veteranos de sus ejércitos habían sido instruidos de este modo y los nuevos reclutas se adaptaron al principio al viejo sistema”. Y añade: “La columna en masa para el ataque fue probada una o dos veces, en Jemappes por ejemplo, pero con resultados no muy satisfactorios. En 1794, sin embargo, y en particular en la *Armée du Nord*, donde los refuerzos necesariamente grandes de nuevas quintas rebajaron sumamente la disciplina —aunque no el espíritu—, de las tropas francesas, la lucha en línea resultó prácticamente imposible. Como resultado de ello, la infantería francesa luchó dispersa como escaramuzadores, utilizando los cobijos para su fuego de acoso y para el de retirada al ser contraatacados”⁴⁹.

En otras palabras, el siglo XIX, en particular en el marco de las guerras napoleónicas, marcó la disyuntiva, en el plano de la infantería, entre los llamados *orden compacto* y *orden disperso*, avanzándose, gradualmente, hacia la segunda de estas modalidades. Hay que agregar que, tal como lo indica Gibbs, ello, en gran parte, dice relación con la masificación, producto de la conscripción más o menos obligatoria, que se fue produciendo en los ejércitos. Pero a este elemento cuantitativo, hay que añadir otro de orden cualitativo o específicamente técnico, como es el progreso en las armas de fuego,

⁴⁷ VARAS, José Antonio, op. cit., Tomo VI, p. 79.

⁴⁸ GIBBS, N. H., op. cit., pp. 48 y 49.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 49.

que fue haciendo ineficaz el orden unido en el combate, incluso bajo la forma de columnas más o menos flexibles.

En términos armamentísticos, la época de nuestro estudio encaja en la llamada *era del fusil* que se extiende desde fines del siglo XVII hasta comienzos del XIX. El fusil vino a suceder al mosquete a finales del siglo XVII, siendo un arma más ligera con una longitud de 170 cm y un peso aproximado de 5 kilos. “El calibre rondaba los 18 mm con variaciones según fabricantes y países”⁵⁰. Durante un tiempo, el fusil se cargaba mediante un sistema de mecha, pero pronto se vinculó a llaves con piedra de sílex. “Éstas producían chispas que provocaban la ignición cuando la piedra golpeaba la batería de hierro”⁵¹. La obra aquí citada de Francesc Xavier Hernández y Xavier Rubio explican cómo y por qué el fusil revolucionó la forma de guerrear, siendo mucho más ligero que el mosquete y teniendo un alcance mayor, de hasta 200 m y manteniendo una buena precisión hasta los 100. “Un fusilero bien entrenado podía ejecutar tres disparos por minuto. Cada veinte o treinta disparos había que cambiar el sílex y limpiar el fondo el ánima del cañón”⁵².

Con relación a las armas de artillería, a mediados del siglo XVIII se generalizó el uso de los *obuses*. “Eran cañones cortos de gran calibre, montados sobre cureñas con ruedas que disparaban bombas o granadas, como el morteros”⁵³. Había, en general, cañones de distintos calibres: de 15, 5; 23; y 30, 5 cm.

A contrario sensu, la línea de mosqueteros mantuvo su vigencia en tanto en cuanto los infantes de ataque en columnas carecían de la preparación de tiro suficiente y de armas de mayor precisión y largo alcance⁵⁴. Lo cierto es que el ejército napoleónico utilizó un sistema mixto, combinado, entre las formaciones de línea y de columna, además de la utilización de grupos de escaramuzadores. Por lo mismo, las tácticas del emperador, cuyas victorias en el campo de batalla tanto prestigio le dieron a Francia —y que, por cierto, marcó la influencia que venimos refiriendo—, no fueron el fruto de grandes transformaciones o reformas, de cambios dogmáticos y radicales, sino la expresión de un tiempo de transición en el arte de la guerra, incluyendo estrategias, tácticas, armas, logística, entre otros varios elementos.

⁵⁰ HERNÁNDEZ, Francesc Xavier, y Xavier Rubio (2010): *Breve Historia de la Guerra Moderna*, Madrid, Nowtilus, p. 95.

⁵¹ *Ibidem*, p. 96.

⁵² *Ibidem*, p. 97.

⁵³ *Ibidem*, p. 109.

⁵⁴ *Ibidem*.

Más bien, lo destacable en Napoleón, como tantos autores lo han sostenido, fue su gran capacidad de movilizar, en poco tiempo, aunque no en distancias en exceso amplias, a enormes masas de soldados, hasta de 200.000. Y procurando siempre concentrar a sus tropas en cantidades claramente superiores a las del enemigo, al que buscaba mantener acotado a unidades separadas⁵⁵.

Pues bien, el Ejército chileno de nuestro período (1866-1879) es hijo de la transición señalada más arriba: de la disyuntiva, no totalmente aclarada, entre el sistema de orden compacto y el de orden disperso. Esta realidad ecléctica en materia táctica puede ser apreciada en los manuales de instrucción, destinados a la enseñanza del soldado recluta o a las diversas armas de que se compone la fuerza (artillería, infantería y caballería). Por eso, no resulta casual que sean estos manuales —a veces traducidos del francés; en otras ocasiones, de autoría original, aunque inspirados en las ideas tácticas galas— los que sean usados durante buena parte del siglo XIX, hasta los inicios de la referida prusianización. Por lo mismo, tampoco resulta sorprendente, en la línea que venimos señalando, que el anexo N° 24 de la Memoria del Ministro de Guerra de 1868 realice la siguiente enumeración de las obras autorizadas por el Gobierno para la instrucción militar:

1° Ordenanza General del Ejército, Edición oficial de 1839 (Código de Instrucción).

2° Táctica de infantería, Edición oficial de 1829, dos tomos.

3° Guía del instructor para la enseñanza del soldado en 30 días, por Armand Legros, traducido por el Coronel graduado don Justo Arteaga. Adoptado por decreto supremo de 23 de julio de 1845, un tomo.

4° Táctica de guerrilla para la infantería, por el Sargento Mayor don José María Silva Chávez. Mandada observar por decreto supremo de 22 de enero de 1846, un tomo.

5° Táctica de artillería, por el Coronel don Justo Arteaga, traducción de Le-Secq de Crepy. Adoptada por decreto supremo de 10 de abril de 1848, un tomo.

6° Táctica de artillería, por el Teniente Coronel don Antonio de la Fuente. Adoptada por decreto supremo de 5 de diciembre de 1854, un tomo.

⁵⁵ *Ibidem*, pp. 51 y 52.

7º Táctica de caballería. Edición oficial de 1828. Mandado que se venda en \$ 2.50 por la Tesorería General, decreto de 4 de noviembre de 1853, un tomo y un cuaderno de láminas.

8º Táctica de infantería, por el Coronel graduado don José María Silva Chávez. Adoptada por decreto supremo de 3 de mayo de 1867, tres volúmenes⁵⁶.

Como se aprecia, dos de estas ocho obras son directamente traducidas del francés, siendo las restantes de clara influencia gala. Esta situación, en términos negativos, es así reconocida, en 1887, por Emilio Körner y Jorge Boonen Rivera, impulsores ambos de la reforma prusiana en nuestro Ejército: “El reglamento de infantería que todavía se sigue para la instrucción de los cuerpos de esta arma, fue propuesto por el coronel don José María Silva Chávez y aceptado por el Ministerio de Guerra en el año 1865. Está tomado del reglamento francés de 1862 y adolece de todos los defectos que hemos señalado en este último”⁵⁷.

A los manuales arriba indicados, hay que agregar el *Tratado de ejercicios para la instrucción del cuerpo de Artillería* de Antonio de la Fuente⁵⁸. Asimismo, ya durante la guerra misma, en agosto de 1879, fue aprobado el *Compendio de Táctica de Infantería* de José Antonio Nolasco⁵⁹, basado en la citada obra de Silva Chávez. Y, con respecto a la táctica en general, abarcando a las tres armas en su acción conjunta, el Ejército chileno llegó a utilizar la obra de Vaultier, publicada en Chile en 1871: *Observaciones sobre el Arte de hacer la Guerra según las máximas de los más grandes generales*⁶⁰.

Así, pues, por ejemplo, el *Compendio de Infantería* de José Antonio Nolasco constituyó una patente manifestación de lo que se acaba de indicar: es decir, no logró definirse del todo por un sistema compacto o disperso. Con posterioridad a nuestro período, se le dio mayor importancia al segundo de estos sistemas, estableciéndose manuales exclusivamente dedicados a él. En 1884, todavía en tiempos de la Guerra con

⁵⁶ “Documento anexo N° 24”. En: Ministerio de Guerra de la República de Chile (1868), *Memoria que el Ministro de Estado en el departamento de Guerra presenta al Congreso Nacional de 1868*, Santiago, Imprenta Nacional, p. 20.

⁵⁷ KÖRNER, Emilio, y Jorge Boonen Rivera, op. cit., p. 257.

⁵⁸ DE LA FUENTE, Antonio (1854): *Tratado de ejercicios para la instrucción del cuerpo de Artillería, arreglado en vista de los mejores autores modernos*, Valparaíso, Imprenta del Diario.

⁵⁹ NOLASCO, José Antonio (1879): *Compendio de Táctica de Infantería*, Santiago, Imprenta Nacional.

⁶⁰ VAULTIER, M., Capitán del Ejército Francés, “Observaciones sobre el Arte de hacer la Guerra según las máximas de los más grandes generales”. En: Varas, José Antonio, op. cit., Tomo IV, 1871, pp. 257-324.

el Perú, se publicó el *Reglamento para la instrucción de la infantería en "orden disperso"*. Esta obra, cuyo autor es Adolfo Silva Vergara, Coronel Jefe de la División de Estado Mayor de la ocupación de Arequipa, es una de las últimas basadas en disposiciones galas. En este caso, se trató de una extracción o compendio del "Reglamento para las maniobras de infantería del ejército francés" de 1882⁶¹.

En Chile (y en la misma Francia) ya se estaban aquilatando las lecciones de la Guerra Franco-Prusiana (1870-1871), llegándose a la conclusión de que con las nuevas armas de fuego resultaba imposible mantener las formaciones en orden unido, las que se estimaban muy vulnerables. Después de la llegada de Körner, y en la medida en que se fue asimilando de mejor manera la evolución en el arte de la guerra, se adoptaron nuevos manuales y reglamentos, por ejemplo, *El soldado de infantería en el combate* (1896)⁶², *Traducción del Reglamento de maniobras para la artillería de campaña (montada y a caballo) del Ejército alemán* (1899)⁶³, etc.

Enrique Brahm trata *in extenso* el proceso de prusianización de nuestro ejército y, en concreto, la consolidación de la táctica de infantería de orden disperso por sobre la de orden compacto en el período de la prusianización (1885 en adelante)⁶⁴. Aquí sólo deseamos subrayar que el Ejército de Chile del período 1866-1879 representa una transición en el arte de la guerra. Similar situación que antes se había dado en la Francia napoleónica. En 1879 existía el deseo de obtener un triunfo rápido —"a la prusiana", se decía—, pero esto se veía lejano por la falta de recursos técnicos del país. En este sentido, se pronunciaba Alberto Blest Gana desde Francia:

“Desde el principio me parecía insensato y aun criminal ese clamor que pedía victorias instantáneas al Gobierno. ¡Por aquí quieren guerra barata, a la prusiana!, me dice V. lo uno y lo otro son incompatibles para cualquier persona de buen sentido. Un país que sistemáticamente ha negado al Gobierno los recursos más esenciales para armarse y apertrecharse; que ha querido llevar su economía hasta vender sus mejores buques que por cierto

⁶¹ SILVA VERGARA, Adolfo (1884), *Reglamento para la instrucción de la infantería en "orden disperso"*, Santiago, Imprenta San Agustín, p. 6.

⁶² *El soldado de infantería en el combate*, Santiago, Imprenta y Litografía de la Sección Técnica del Estado Mayor General del Ejército, 1896.

⁶³ SILVA, Luis (1899): *Traducción del Reglamento de maniobras para la artillería de campaña (montada y a caballo) del Ejército alemán*, Santiago, Imprenta y Litografía de la S.T. del E.M.G.E.

⁶⁴ BRAHM, Enrique, op. cit., pp. 111-117.

no se hicieron en un día como puedo asegurarlo yo que contraté y vigilé su construcción, ese país no tiene derecho a pedir victorias a la prusiana”⁶⁵

Lo cierto es que las enseñanzas de la Guerra Franco-Prusiana, que pusieron en el tapete múltiples novedades en el orden táctico-militar, no alcanzaron a dejar su huella en la institución castrense aquí tratada. Con Liddell Hart, puede decirse que el éxito de Helmuth von Moltke (1800-1891) consiste en haber logrado una excelente combinación copulativa entre diversos elementos, por ejemplo, estrategia, movilidad, dotación de tropas, instrucción eficaz, armas modernas, todo lo cual es magistralmente dirigido desde un cerebro único, el Estado Mayor General, justamente al mando de este brillante general alemán⁶⁶. Pero el caso es que el prestigio prusiano, obtenido básicamente en la antedicha guerra, si bien fue conocido en sectores de Chile y del Ejército, no alcanzó a ser asimilado plenamente, en concreto para los episodios de la Guerra del Pacífico⁶⁷. Todavía el Ejército de Chile era “francés”.

4. CONCLUSIÓN

El Ejército de Chile de 1866-1879 fue el Ejército de la influencia francesa. Ya en los años de la denominada *República Conservadora* (1831-1861), ella se materializó con respecto a la organización militar adoptada, aspecto que permaneció vigente en el marco cronológico de este trabajo.

En cuanto a la organización funcional, el influjo aquí referido se manifestó, por ejemplo, en la circunstancia de que el arma de artillería se conformó como una entidad separada de las demás, por su carácter vanguardista en el ataque.

Una excepción a la influencia francesa se expresó en el sistema de reclutamiento, puesto que, a diferencia de la *levée en masse*, en el caso de Chile operó un régimen semivoluntario (más voluntario que obligatorio, en los hechos). Esto se explica por razones interconectadas, como el pacifismo reinante en el país, además de razones de economía fiscal.

⁶⁵ RUZ, Fernando (1980): *Rafael Sotomayor Baeza. El organizador de la victoria*, Santiago, Editorial Andrés Bello, p. 177. La cita corresponde a una carta de Blest Gana al Presidente Aníbal Pinto de fecha 10 de octubre de 1879. Blest Gana se desempeñaba como diplomático en Europa, siendo clave en la compra de armamentos para la Guerra del Pacífico.

⁶⁶ LIDDELL HART, B. H., op. cit., p. 238.

⁶⁷ Como complemento teórico de este tema, véase a PUYANA GARCÍA. Gabriel, “Teorías de la guerra en Moltke y Liddell Hart”. En: *Revista de Estudios Sociales*, N° 15, 2003, pp. 109-121.

Otro aspecto en que sí (al menos en el papel) se apreció una influencia francesa es en el hecho de que en el Ejército se podía hacer carrera, viéndose a la institución castrense como una entidad democrática. Situación ésta que se revertirá con la prusianización, proceso en cual, por la necesidad de aumentar la profesionalización de la carrera de las armas, se marcó claramente la diferencia entre la oficialidad y el resto del personal.

En materia de alto mando también se apreció una influencia de la Francia revolucionaria, en especial por el carácter descentralizado en tiempos de paz y centralizado en los de guerra. Y, sobre todo, por la inexistencia de un Estado Mayor permanente, como órgano colegiado y científico, a cargo de la dirección estratégica de los conflictos, potenciales o reales.

En términos tácticos, el Ejército de Chile fue hijo de las ideas de Napoleón en el sentido de desarrollar un sistema mixto de infantería, que no se decidió plenamente por los denominados *orden compacto* y *orden disperso*. Esta disyuntiva puede detectarse en los manuales de instrucción del período, varios de ellos traducidos del francés o de clara influencia gala, orientados a la enseñanza del soldado recluta o a las diversas armas de que se compone la fuerza (artillería, infantería y caballería).

En tiempos en que Chile sigue teniendo diferencias limítrofes con el Perú y Bolivia, vale la pena seguir estudiando los antecedentes de la Guerra del Pacífico. No sólo en clave diplomática y económica, lo que ha sido más frecuente, sino también desde una perspectiva militar *stricto sensu*. Y al hacerlo, desde una mirada amplia y moderna de la historia militar, es importante acercarse a los temas menos tangibles, como los de carácter ideológico o identitario. A este desafío historiográfico, aunque como una aproximación general, pretende colaborar el presente trabajo.

**RESTOS DE LA PRESENCIA COLONIAL HISPANO-FRANCESA
EN LA PENÍNSULA SAHARIANA DE CABO BLANCO. EL
FUERTE NUEVO DE LA GÜERA Y LA BATTERIE DE PORT-
ÉTIENNE¹**

**REMAINS OF THE SPANISH-FRENCH COLONIAL PRESENCE
IN THE SAHARAN PENINSULA OF CABO BLANCO. THE NEW
FORT OF LA GÜERA AND THE BATTERY OF PORT-ÉTIENNE**

Luis Blanco Vázquez. Asociación Profesional de Arqueólogos de Asturias APIAA.

España

E-mail: luisgblanco@yahoo.es

Resumen: La Península de Cabo Blanco (costa sur del Sáhara atlántico) vivió durante gran parte del siglo XX la colonización española y francesa al amparo de la riqueza pesquera de sus aguas. En su estrecha franja de terreno, dividida en dos mitades, se fundaron los establecimientos de La Güera y Port-Étienne, que se desarrollaron reflejando la diferente entidad que ambos países poseían en ese momento en el contexto europeo y mundial, siendo fiel muestra de esas diferencias los principales recintos fortificados de las dos poblaciones, el fuerte nuevo y la Batterie.

Palabras clave: Sáhara español, Mauritania francesa, fuerte, artillería, pesquería

Abstract: The Peninsula of Cabo Blanco (south coast of the Atlantic Sahara) lived during much of the twentieth century the Spanish and French colonization under the rich fishing waters. In its narrow strip of land,

¹ Recibido: 11/03/2014 Aceptado: 28/05/2014 Publicado: 15/06/2014

Todas las imágenes, salvo las que hacen mención expresa, proceden del archivo del autor

divided into two halves, were founded the establishments of La Güera and Port-Étienne, that developed reflecting the different entity that both countries had at that moment in European and global context, being faithful representation of these differences the main fortified enclosures of the two populations, the new fort and the Battery.

Keywords: Spanish Sahara, French Mauritania, fort, artillery, fishery

“Dejé con tristeza el desierto...”
(General Bens, *Mis Memorias, 22 años en el desierto*, 1947)

1. INTRODUCCIÓN

La presencia hispano-francesa en la Península de Cabo Blanco se produjo de forma efectiva a principios del siglo XX, aunque ya desde el siglo XV las costas del Atlántico sahariano eran conocidas por los navegantes europeos, principalmente portugueses (a quienes se debe el nombre) españoles y normandos. Tras la Conferencia de Berlín de 1885 ambas naciones europeas debieron ponerse de acuerdo en delimitar el territorio de la Península de Cabo Blanco, sobre el que las dos partes esgrimían derechos históricos de ocupación desde siglos atrás, aduciendo razones de índole geoestratégica, por un lado España con su deseo de control de la costa africana del entorno de las Islas Canarias y por otro Francia con su intención de dominar los territorios situados entre sus posesiones de Argelia y Senegal, aunque el motivo fundamental de las desavenencias venía dado por la riqueza pesquera de estas aguas, a la que ambos países aspiraban a poseer y explotar. Ello determinó numerosas conversaciones diplomáticas con propuestas y contrapropuestas hasta llegar al acuerdo definitivo con la firma del Convenio Hispano-Francés de 1900, en el que se establecía la división de la península en dos mitades, la occidental para España y la oriental para Francia, tomando como punto inicial el cabo geográfico al sur y como punto final el paralelo 21° 20' al norte². Esta delimitación se mantuvo hasta finales de 1975, primero

² La delimitación física no se produjo hasta décadas después, y se realizó por medio de mojones o hitos pétreos, estando el hito nº 1 situado en el mismo Cabo Blanco. Este hito permaneció en su lugar hasta fechas recientes del presente siglo XXI, encontrándose en la actualidad tirado en la parte baja de los acantilados.

separando el Sáhara español (con el puesto de La Güera) de la Mauritania francesa (con la población de Port-Étienne) y a partir de 1960 de Mauritania ya como país independiente (Port-Étienne convertida en Nouadhibou), ya que, como consecuencia de los Acuerdos Tripartitos de Madrid de noviembre de ese mismo año, España abandonó sus territorios del Sáhara a manos de Marruecos (la zona norte o Saguia El Hamra) y Mauritania (la zona sur o Río de Oro, a la que pertenecía la parte española de Cabo Blanco), por lo que la península quedó bajo dominio mauritano formando parte de la nueva región de Tiris El-Gharbia, aunque la permanencia de Mauritania fue efímera, ya que en 1979 decidió retirar sus tropas y ceder su parte del territorio a Marruecos ante los constantes ataques saharauis por parte del Frente Polisario, volviendo a aparecer, de esa forma, la separación territorial de la península. Desde esa fecha, la mayor parte del Sáhara Occidental permanece bajo control marroquí, quedando la zona suroccidental fronteriza con Mauritania, incluyendo el antiguo territorio español de Cabo Blanco, en un estado de indefinición política (una especie de “tierra de nadie”) como consecuencia del enquistado conflicto del Sáhara Occidental³.

La Península de Cabo Blanco se sitúa en la costa atlántica de la zona sur del Sáhara Occidental, entre el paralelo 21° 20' al norte y el 20° 46' al sur. Su unión con la zona continental se produce en su parte norte, adentrándose en el océano durante unos 50 km en dirección ligeramente noreste-suroeste, hasta finalizar en los acantilados del Cabo Blanco. Su anchura oscila entre la máxima de 12 km en la parte inicial situada al norte y la mínima de 2 km 100 m entre la Bahía de las Ballenas al oeste y la Bahía de Cansado al este, zona situada al sur de Nouadhibou. El punto más meridional, el Cabo Blanco, presenta una anchura de 800 m. La orilla occidental está bañada por las aguas del océano, siendo por ello la parte más expuesta a los fuertes vientos marinos, estando su orilla oriental a resguardo de la Bahía del Galgo o Baie du Lévrier, situada entre la península y la costa continental. En su interior, en la línea de la península, existen tres pequeñas bahías que, de suroeste a noreste, reciben los nombres de Cansado (en donde se ubica la actual Nouadhibou), L'Etoile y L'Archimède.

³ Durante los años ochenta del pasado siglo, Marruecos construyó una serie de muros defensivos que, de noreste a suroeste, recorren el Sáhara Occidental, quedando dentro de sus límites el territorio bajo dominio marroquí y fuera de ellos las zonas controladas por el Frente Polisario con supervisión de la MINURSO, las fuerzas internacionales de la ONU. El territorio en disputa de la antigua parte española de Cabo Blanco queda fuera de los límites de los muros marroquíes, y debido a su peculiar posición geográfica, es el ejército mauritano quien se encarga de la vigilancia y el mantenimiento del statu quo mientras no se resuelva el conflicto saharauí.

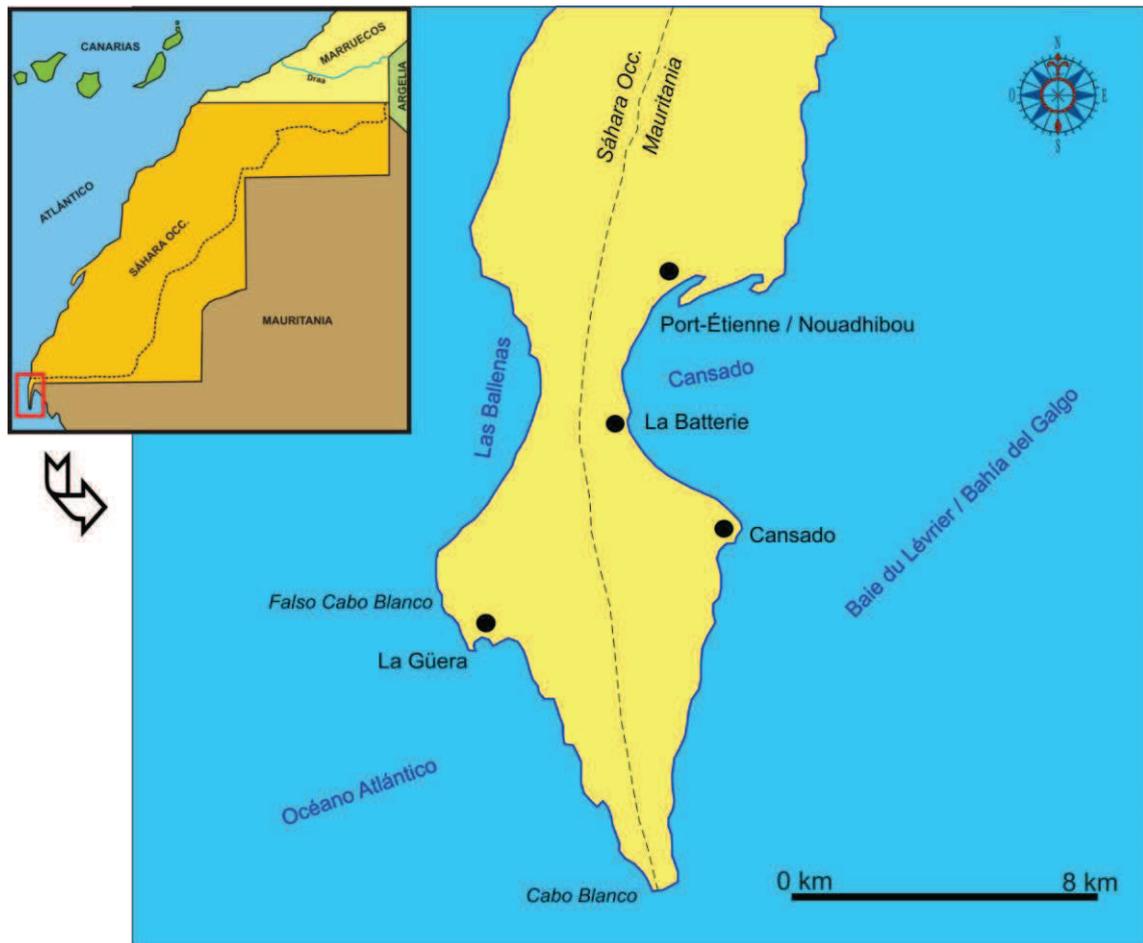


Figura 1. Situación geográfica general de la Península de Cabo Blanco (izquierda, con recuadro rojo) y plano con la ubicación de La Güera, Port-Étienne y La Batterie (elaboración propia)

2. LA PRESENCIA ESPAÑOLA EN CABO BLANCO Y LA GÜERA

El interés español por las costas africanas situadas frente a las Islas Canarias se remonta a los tiempos bajomedievales del siglo XV, en los que el deseo de posesión de nuevos territorios, el control del tráfico comercial entre Europa y África, y la explotación de la riqueza pesquera de las aguas del Atlántico sahariano, provocaban continuos conflictos con Portugal, nación que compartía con el reino de Castilla idéntico interés por estas costas. Las disputas entre los dos reinos peninsulares se resolvieron por medio de tratados (Alcaçobas en 1479, Tordesillas en 1494, y Cintra en 1509) en los que se establecieron los límites de la expansión territorial de ambas naciones. El inicio de la presencia española a finales del siglo XV en el África noroccidental, no irá más allá de la ocupación temporal de unos pocos puntos costeros (la torre de Santa Cruz de Mar Pequeña, fundada en 1478 y abandonada hacia 1524-

1527, y la de San Miguel de Asaka, en 1499, aunque ésta de vida mucho más efímera), ya que desde comienzos del siglo XVI la política exterior española centrará sus esfuerzos en el Mediterráneo, Europa Central y en los nuevos territorios de América y Asia. Las apetencias sobre el África noroccidental quedarán relegadas a un segundo plano, permaneciendo tan sólo como reivindicaciones teóricas durante siglos, y no será hasta finales del siglo XIX cuando España, una vez perdida la práctica totalidad de su imperio colonial, vuelva a dirigir su mirada hacia el noroeste de África.

En noviembre de 1884, coincidiendo con el comienzo de la Conferencia de Berlín en la que los países europeos establecieron sus áreas de influencia en el continente africano, una expedición al mando del teniente Emilio Bonelli Hernando, en nombre del gobierno de España y como representante de la Sociedad Española de Africanistas y Colonistas, tomó posesión de la Península de Río de Oro, de la Bahía de Cintra y de la orilla occidental de la Península de Cabo Blanco. En estos tres puntos costeros del Sáhara atlántico levantó sendas casetas de madera, bautizando dichos enclaves con los nombres de Villa Cisneros, Puerto Badía y Medina Gatell respectivamente. Sin embargo, únicamente en Villa Cisneros se hizo efectiva la presencia española, ya que los otros dos puestos fueron abandonados casi de inmediato. El hecho del establecimiento, aunque efímero, de la caseta de Medina Gatell (así denominada en memoria del explorador español Joaquín Gatell y Folch) en la costa occidental de Cabo Blanco, unido a los acuerdos que Bonelli mantuvo con los representantes de la tribu de Ulad Bu Sbaa, la predominante, junto con la de Ulad Delim, en aquel territorio, supuso la legitimación internacional de la influencia española en Cabo Blanco⁴, lo que se concretaría años después del acuerdo hispano-francés de división de la península.

Durante los últimos años del siglo XIX y los primeros del siglo XX las autoridades españolas permanecieron inactivas en lo referente a la ocupación de sus teóricos territorios del Sáhara, manteniendo únicamente el establecimiento de Villa Cisneros. Sin embargo, en la segunda década del siglo se empezaron a dar los primeros pasos para la presencia efectiva española en otros puntos de la costa, para lo que fue de gran importancia la figura del militar Francisco Bens Argandoña, Gobernador de Río de Oro desde 1903, con la ocupación en 1916 de Cabo Juby, en las costas de Tarfaya frente a la isla de Fuerteventura, y cuatro años después de la costa occidental de Cabo Blanco. Este lugar permanecía abandonado hasta finales de 1920, momento en el que el por entonces

⁴ FERNÁNDEZ-ACEYTUNO, Mariano (2001): *Ifni y Sáhara. Una encrucijada en la historia de España*, Palencia, Simancas, pp. 255-256.

coronel Bens, en esos momentos Delegado del Alto Comisario de España en la Zona Sur de Marruecos e Inspector de los destacamentos del Sáhara Occidental, ocupó oficialmente para España la mitad oeste de Cabo Blanco, estableciéndose una factoría pesquera y un destacamento militar permanente, otorgándole el nombre oficial de La Agüera⁵. Aquellas costas, conocidas como “costa de hierro”, eran muy frecuentadas por pescadores canarios y de otros lugares por la riqueza pesquera que albergaban, y en ocasiones sufrían secuestros por parte de tribus del interior que de inmediato reclamaban un rescate, hecho que provocaba las quejas de las autoridades francesas del lado oriental de la península, asentadas allí desde varios años antes. Para acabar con esta situación, el Ministerio de Estado decidió establecer varias factorías pesqueras en la costa occidental de Cabo Blanco⁶, encargando al coronel Bens la labor de ocupación. El lugar elegido fue un punto situado muy próximo al Falso Cabo Blanco, en una pequeña ensenada orientada al sur y débilmente abrigada por dos morros o pequeños peñascos al oeste y al este (punta o güera grande y punta del Águila respectivamente). Esta misma ubicación, pudiendo considerarla como precedente tanto de Medina Gatell como de La Agüera, es descrita ya a finales del siglo XVIII como posible establecimiento en un plano de un marino español anónimo que se conserva en la Biblioteca Nacional. En él, aparece la ensenada entre el saliente este, denominado “*Morro, ó Guera de la Aguila*”, y el oeste, que se denomina “*Morro, ó Guera de barlovento*”, y cuyo lado oriental se describe como “*Terreno, que puede servir para muelle*”.

⁵ El nombre de este puesto fue variando a lo largo de los años de la presencia española, primero como La Agüera, luego La Güera (el más utilizado) y finalmente Güera. El término responde a la denominación del lugar por parte de las tribus locales, que en lengua Hassanía llamaban *Güera*, y cuyo significado quiere decir pequeña colina, promontorio, morro o peñasco escarpado junto al mar, como parece que es el caso que nos ocupa.

⁶ BENS ARGANDOÑA, Francisco (1947): *Mis memorias. 22 años en el desierto*, Ediciones del Gobierno del África Occidental Española, Madrid, pp. 127-128. Para una aproximación a la vida y obra de Francisco Bens, ver también DIEGO AGUIRRE, José Ramón: “La obra colonizadora del general Bens”, *Revista de Historia Militar*, nº 60, 1986, pp. 105-128 y PEROTE PELLÓN, Javier: “General Bens: Selam Aleikum”, *Ejército*, nº 765, 2004, pp. 87-90.

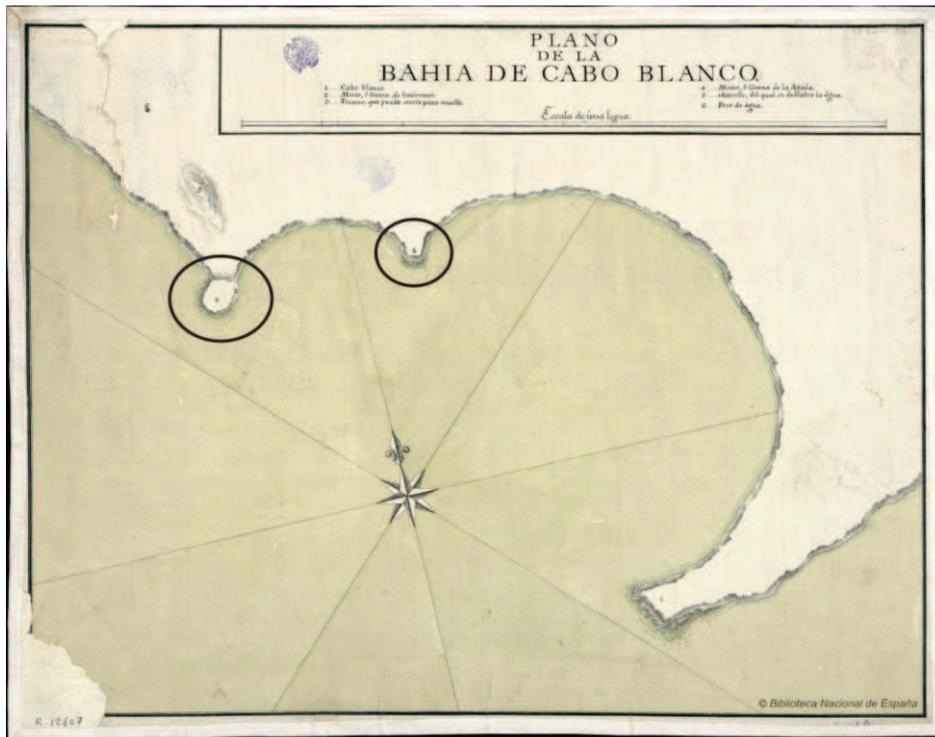


Figura 2. Plano anónimo de ca. 1775 de la Bahía de Cabo Blanco (Biblioteca Nacional de España). Se aprecia la ensenada entre los dos salientes, señalados con círculos

Desde el mismo momento inicial se empezó a construir sobre la güera grande la edificación que habría de albergar a la factoría pesquera de la empresa canaria Marcotegui, Guedes y Cia, que durante los primeros años, y con un pequeño embarcadero anexo, se constituiría como la única construcción del puesto, ya que hasta 1924 el destacamento militar al mando del capitán Carmelo Guzmán González (que a su vez ejercía el cargo de gobernador de la zona española de Cabo Blanco) permanecería alojado en tiendas de campaña⁷, fecha a partir de la cual se iniciaría la construcción de un fuerte para albergar a las tropas, a unos 300 m al noreste, y una edificación fortificada más alejada como delegación gubernativa.

Los siguientes años discurrieron para La Güera en relativa calma hasta el inicio de la Guerra Civil. La guarnición militar se posicionó, al igual que el resto de los destacamentos del Sáhara, del lado de los impulsores del Alzamiento, lo que facilitó que en agosto de 1936 el puesto fuese convertido en presidio para ocho presos políticos republicanos originarios de Tenerife, quienes al poco tiempo fueron llevados a Villa Cisneros, en donde permanecía recluido el grupo más numeroso de presos. Un año

⁷ MARTÍNEZ MILÁN, Jesús M^a (2003): *España en el Sáhara Occidental y en la zona sur del Protectorado en Marruecos, 1885-1945*, Madrid, UNED, p. 94. También en CARRANZA, Fernando de: "El viaje del cañonero 'Infanta Isabel'", *Vida Marítima*, n^o 743, 1923, p. 218.

después, en marzo de 1937 y por influencia del éxito de la fuga realizada por los presos de Villa Cisneros junto a los soldados, muchos de ellos canarios, consiguiendo llegar por mar a Dakar, una parte de la guarnición de La Güera intentó imitarlos tratando de apoderarse de una pequeña embarcación propiedad de la factoría Marcotegui, aunque la presencia de un buque armado del bando nacional les hizo desistir en el intento, consiguiendo uno sólo de los soldados alcanzar el puesto francés de Port-Étienne⁸.

Tras la Guerra Civil y la II Guerra Mundial, La Güera vivió un periodo de dedicación exclusiva a las actividades pesqueras, llevadas a cabo mayoritariamente por canarios, erigiéndose una serie de edificaciones separadas unos 600 m de la costa que habrían de constituir el núcleo central de la población. En la línea costera se mantuvo la factoría pesquera Marcotegui, el fuerte de los años veinte que se mantenía abandonado y en estado ruinoso, y un nuevo recinto militar o fuerte levantado sobre el saliente este o punta del Águila, que venía a hacer las veces de sustituto del fuerte inicial. La mayoría de los suministros llegaba por mar desde Canarias, incluida el agua, para cuyo almacenamiento se construyó en 1950 en el centro de la población un aljibe de 1000 metros cúbicos de capacidad⁹. Los momentos previos a la Guerra Ifni-Sáhara de 1957-1958 supusieron un aumento en los efectivos militares de la guarnición, ya que las autoridades francesas de la vecina Port-Étienne, ante la posibilidad de verse atacada por miembros del Yeicht Taharir (Ejército de Liberación apoyado por Marruecos) infiltrados desde territorio español, solicitaron a las autoridades españolas el aumento de la presencia militar en la zona de Cabo Blanco. Por este motivo, fueron enviadas como refuerzo provisional a La Güera tropas de Ingenieros de la 6ª Unidad de Radio Permanente¹⁰, que se establecieron en el fuerte nuevo, dos compañías de Infantería de Marina, que se alojaron en el fuerte abandonado, y una sección de Infantería de Marina que habría de permanecer por largo tiempo allí¹¹. Finalizado el conflicto bélico de Ifni-Sáhara, cuyas acciones no afectaron directamente a La Güera, se vivió un periodo de desarrollo de las actividades vinculadas a la explotación de las materias primas del

⁸ MARTÍNEZ MILÁN, Jesús M^a (2003): Op. Cit., pp. 158-161. También en MARTÍNEZ MILÁN, Jesús M^a: “De Ifni a Mauritania, españoles en la costa noroccidental de África, 1885-1975”, *AWRAQ*, nº 5-6, 2012, p. 66.

⁹ La finalización de las obras del aljibe se recoge en la edición del viernes 5 de enero de 1951 del diario ABC, en la p. 24.

¹⁰ QUESADA GÓMEZ, Agustín: “El siglo XX y el Arma de Ingenieros”, *Revista de Historia Militar*, nº Extraordinario: los ingenieros militares en la historia de España, III Centenario de la creación del Arma de Ingenieros, 2012, p. 336.

¹¹ SÁNCHEZ PASTOR, Antonio: “Relatos de la Guerra de Ifni-Sáhara (1957/1958)”, *Revista General de Marina*, tomo 224, 1993, p.202. También en ÁLVAREZ-MALDONADO MUELA, Ricardo: “50 aniversario del conflicto Ifni-Sáhara”, *Revista General de Marina*, tomo 254, 2008, p.12.

territorio como consecuencia de la nueva organización administrativa de las antiguas posesiones del África Occidental Española, convertidas a partir de 1958 en las provincias de Ifni y Sáhara. Esto conllevó un aumento de la población civil, principalmente de Canarias, que acudió para trabajar en las actividades pesqueras que ofrecía el entorno de Cabo Blanco, tanto en el mar como en tierra firme, como la fábrica de harina de pescado Insamarta, propiedad de una familia catalana¹², por lo que se construyeron edificaciones para viviendas e instalaciones propias de núcleos habitados, como las oficinas de la Caja de Ahorros de Gran Canaria y el Banco Exterior de España, la escuela, el hospital-dispensario, la iglesia de la Inmaculada, la central eléctrica y el aeródromo. A su vez, la reorganización militar consecuente provocó un cambio en cuanto a las fuerzas que conformaban la guarnición, que pasó a estar integrada mayoritariamente por tropas de la Policía Territorial, establecidas en el fuerte nuevo, una sección reforzada de Tropas Nómadas¹³ y el destacamento de la Ayudantía de Marina, alojado en un acuartelamiento del interior de la población.

Los años de la presencia española en La Güera finalizaron, al igual que en el resto del territorio del Sáhara, poco tiempo después, a finales de 1975. Como consecuencia de los Acuerdos Tripartitos de Madrid, España abandonó el territorio del Sáhara dejándolo en manos de Marruecos (la zona norte o Saguia El Hamra) y Mauritania (zona sur o Río de Oro), siendo La Güera, situada en la zona sur, abandonada en noviembre. Tras la salida española el Frente Polisario ocupó la población, produciéndose de inmediato fuertes combates con el ejército mauritano, resistiendo el asedio los saharauis durante varios días hasta la victoria definitiva mauritana tras contar con apoyo militar marroquí. Desde entonces, La antigua población española se mantiene deshabitada y en ruinas, abandonada a los fuertes vientos marinos y a la arena del desierto.

3. EL CAP BLANC FRANCÉS Y PORT-ÉTIENNE

La presencia francesa efectiva en las costas occidentales de África se remonta a la primera mitad del siglo XVII, con el establecimiento en la costa senegalesa de una factoría comercial de la Compagnie du Sénégal que sería el embrión de la actual ciudad de Saint Louis, aunque ya con anterioridad los navegantes franceses, así como

¹² DALMASES, Pablo de (2007): *Los últimos de África. Crónica de la presencia española en el continente africano*, Editorial Almuzara, Córdoba, p. 71.

¹³ FERNÁNDEZ-ACEYTUNO, Mariano (2001): *Op. Cit.*, p. 624.

portugueses, españoles y holandeses, habían surcado estas aguas. Pero no será hasta la segunda mitad del siglo XIX cuando Francia se decida a ocupar gran parte del África occidental, cuyos territorios le serán confirmados durante la Conferencia de Berlín de 1885.

La Bahía de Cap Blanc, situada entre la península del mismo nombre al oeste y el entorno continental del Banc d'Arguin al este, fue objeto de reconocimiento geográfico e hidrográfico por parte de varias expediciones navales francesas a lo largo del siglo XIX, algunas de las cuales sirvieron para nombrar los lugares del entorno terrestre y marítimo con los nombres de los barcos empleados en dichas misiones. Así, se pueden citar los viajes a bordo de le *Lévrier* (1817-1818), *l'Étoile* (1860) y *l'Ardent* (1886) entre otros¹⁴. Este último resultó de importancia futura, ya que en el informe posterior del teniente de navío Raffenel se hacía hincapié en el valor de la Bahía de Cansado, junto al lado oriental de la península, para un posible establecimiento con vistas al aprovechamiento pesquero y comercial¹⁵. Con estos precedentes, y durante la época inicial del siglo XX en la que Francia estaba inmersa en la ocupación de territorio de la Mauritania sahariana, el por entonces gobernador de l'Afrique Occidentale Française (AOF), Ernest Roume, encargó en 1904 a la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux una comisión exploratoria para evaluar las posibilidades de explotación de la riqueza pesquera de la Baie du *Lévrier* y del Banc d'Arguin, bajo la dirección del profesor Abel Gruvel¹⁶. La expedición se realizó en 1905, confirmando la existencia en aquellas aguas de gran cantidad de pesca y recomendando la creación en la península de un establecimiento con las instalaciones civiles y militares necesarias para su explotación, lo que provocó de inmediato la construcción del citado establecimiento a orillas de la Bahía de Cansado, comenzando en 1906 y finalizando en 1907, y otorgándosele el nombre de Port-Étienne en honor al ministro de Asuntos Coloniales¹⁷ Eugène Étienne. La población se estructuró situando el puesto militar guarnecido por una compañía de Tiradores Senegaleses en la zona norte y las dependencias civiles y

¹⁴ MONOD, Théodore: "Port-Étienne", *La Revue Maritime*, n° 52, 1924, p. 451.

¹⁵ GAIN, Louis: "Port-Étienne et la Baie du *Lévrier*", *La Nature*, n° 2143, 1914, p. 65.

¹⁶ DEVAZ, Josquin: "Abel Gruvel (1870-1941) et la création de Port-Étienne", *Nouadhibou: fortune et infortune de la 'capitale économique' mauritanienne*, (Benjamin Acloque, ed.), 2010, pp. 5-6.

¹⁷ GRUVEL, Abel: "Les pêcheries de l'Afrique Occidentale Française", *Revue Générale des Sciences Pures et Appliquées*, n° XXIV, 1911, pp. 153-154. El profesor Gruvel comenta que, al principio, las autoridades francesas de la metrópoli no mostraron interés en la expedición, ya que tuvo que ser sufragada económicamente por el gobierno del AOF y por él mismo.

pesqueras en la zona sur, protegidas por un blocao ocupado asimismo por tiradores¹⁸, manteniéndose esta estructura, con ligeros cambios, prácticamente hasta el final de la presencia francesa. El problema del agua potable se solucionó instalando pequeños sistemas de destilación del agua del mar complementados con el aporte de agua dulce desde Francia por vía marítima, hasta que el descubrimiento a principios de los años sesenta de importantes reservas subterráneas de agua en las proximidades de Bou Lanouar, a unos 70 km al noreste, permitió asegurar el suministro directo¹⁹. El desarrollo industrial de la actividad pesquera, motivo fundamental del establecimiento de Port-Étienne, no se produjo hasta la creación en 1919 de la Société Industrielle de la Grande Pêche (SIGP), cuyas instalaciones dedicadas al salado y secado de pescado sustituyeron a las de la fracasada Compagnie Coloniale de Pêche et de Commerce, que fueron abandonadas poco después de su fundación en 1908²⁰.

Durante los años veinte las instalaciones de Port-Étienne se fueron ampliando con el desarrollo pesquero y comercial, construyéndose un aeródromo en las cercanías del puesto militar para uso de la compañía Latécoère, en un principio, y de la Aéropostale después, convirtiéndose en escala de la línea Toulouse-Casablanca-Dakar. Este desarrollo sufrió al inicio de esta década los efectos de la campaña bélica que Francia mantenía con las tribus resistentes a su penetración en el interior de Mauritania, realizando éstas un ataque a la población que fue rechazado por las tropas francesas al mando del teniente Le Rumeur, por cuya acción el puesto militar pasó a ser conocido como Fort Le Rumeur²¹.

En los momentos previos a la II Guerra Mundial los territorios del AOF fueron objeto de trabajos de defensa ante la amenaza que se empezaba a vislumbrar por parte de la Alemania nazi y la Italia fascista, añadiendo para el caso de Port-Étienne la proximidad, al otro lado de la Península de Cabo Blanco, del Sáhara español franquista²². Este hecho provocó la construcción de una fortificación artillera al sur de la población como respuesta a estas posibles amenazas, si bien, no fue necesaria su utilización durante el conflicto bélico mundial, en el que el AOF se mantuvo del lado de

¹⁸ GRUVEL, Abel (1911): Op. Cit., p. 155.

¹⁹ HARRISON, R. J.: "Port Etienne: A Mauritanian Pioneer Town", *The Geographical Journal*, vol. 128, nº 4, 1962, pp. 499-500.

²⁰ SIGP (1931): *Mémoire sur la création d'une station de pêche à Port-Étienne*, Société Industrielle de la Grande Pêche, Paris, p. 7. También en MARFAING, Laurence: "Du savoir faire sénégalais en matière de pêche sur les côtes mauritaniennes: une approche historique", *Stichproben*, nº 8, 2005, p.73.

²¹ HARRISON, R. J. (1962): Op. Cit., p. 498.

²² DRAMÉ, Patrick Papa (2007): *L'Impérialisme colonial français en Afrique. Enjeux et impacts de la défense de l'AOF (1918-1940)*, L'Harmattan, Paris, p. 13.

la Francia de Vichy hasta 1942, momento en el que el desembarco aliado en el norte de África dentro de la operación Torch hizo que se decantase finalmente por el lado de la Francia Libre²³. A consecuencia de ello, el puesto militar se convirtió en un punto de vigilancia antisubmarina instalando los aliados ingleses una base aeronaval de hidroaviones Sunderland²⁴. Desde ese instante el pacífico discurrir de la vida colonial se adueñó de la población de Cabo Blanco hasta prácticamente el final del dominio francés, ya que con motivo de las acciones conjuntas hispano-francesas durante la Guerra Ifni-Sáhara de 1957-1958 el destacamento de Port-Étienne hubo de participar militarmente en la zona sur del Sáhara español formando parte de la llamada Operación Ecouvillon²⁵.

La independencia de Mauritania, acaecida en 1960, significó el fin del dominio oficial francés, pero la presencia militar y económica francesa continuó sobre el terreno durante algunos años más, motivada en gran medida por la explotación a cargo de la empresa de capital francés MIFERMA de los ricos yacimientos de mineral de hierro de la zona de Zouerat (antiguo Fort Gouraud), en el interior del país, y su transporte por vía férrea hasta Port-Étienne²⁶, llamada a partir de la independencia con el nombre autóctono de Nouadhibou.

4. EL FUERTE NUEVO DE LA GÜERA

El recinto militar se localiza junto al mar (con coordenadas, según Datum WGS84, Lat.: 20° 49' 37'' y Long.: 17° 05' 22''), en la punta del Águila, en el extremo oriental de la ensenada, a unos 600 m al sur del centro de la población de La Güera. En el lado occidental, en la punta de la güera grande, se sitúan las ruinas de la factoría Marcotegui, y en el centro, la huella del desaparecido fuerte original. Al noreste del fuerte nuevo, a unos 250 m siguiendo la línea de la costa, se ubican los restos de la fábrica de harina de pescado Insamarta.

²³ El AOF se mantuvo del lado de la Francia de Vichy tras el fracasado intento del ataque aliado, junto con fuerzas afines al general De Gaulle, a Dakar en 1940. Por el contrario, el AEF (África Ecuatorial Francesa) se decantó desde el inicio por la Francia Libre.

²⁴ BONTE, Pierre (2001): *La montagne de fer. La SNIM (Mauritanie): une entreprise minière saharienne à l'heure de la mondialisation*, Karthala, Paris, p. 34.

²⁵ FERNÁNDEZ-ACEYTUNO, Mariano (2001): Op. Cit., p. 588.

²⁶ PETEREC, Richard: "Port-Etienne: Le nouveau port international de la Mauritanie", *Les Cahiers d'Outre Mer*, tomo XVI, 1963, pp. 308-309. En un principio se trató con las autoridades españolas la posibilidad de evacuar el mineral de hierro mediante una vía férrea, de más corto trayecto, por el puerto de Villa Cisneros, en el Sáhara español, pero las autoridades francesas encontraron excesivas las exigencias españolas y se descartó esta posibilidad.



Figura 3. Vista de satélite de La Güera (Google Earth, 2013). El fuerte nuevo se señala con recuadro rojo, y las demás construcciones citadas en el texto con círculos negros

El fuerte nuevo se construyó a mediados del siglo XX a modo de sustituto del fuerte original de los años veinte, que por esas fechas se encontraba ya abandonado²⁷. Dicho fuerte primigenio, que durante los años treinta había estado guarnecido por una compañía disciplinaria del Regimiento de Infantería nº 11 de Canarias, constaba de planta cuadrada con cuatro torres o cubos en los ángulos, una de ellas circular, un aljibe en el centro del patio de armas, la entrada en el lado sur y un viejo cañón Krupp de 88 mm como única pieza artillera. Desde prácticamente sus inicios tuvo necesidad de constantes obras de reforma y mantenimiento, llegando en algún caso a la reconstrucción de alguna de sus estructuras²⁸.

²⁷ SÁNCHEZ PASTOR, Antonio (1993): Op. Cit., p. 202. En los momentos previos a la Guerra Ifni-Sáhara, fueron enviadas en mayo de 1956 a La Güera dos compañías de Infantería de Marina de Canarias que, se dice, se alojaron “en un fuerte abandonado en las afueras de Güera, desde el que se dominaban playa y poblado”.

²⁸ FLORES THIES, Jesús: “El último testigo. La Agüera”, *ARES*, nº 18, 2011, pp. 28-37. El autor vivió durante los años treinta en este fuerte mientras su padre ocupó el cargo de Comandante militar del destacamento, y dice, en la p. 31, que “comedor cuyo techo se vino en parte abajo” y “La verdad es que el fuerte era una ruina... Lo recuerdo siempre en obras, con algún andamio o algún pequeño destrozo”. También en FLORES THIES, Jesús: “Recuerdos infantiles del Sahara”, *Ejército*, nº 432, 1976, pp. 13-16.



Figura 4. Fotografías del exterior e interior del fuerte primigenio en los años 1934-1935
(Flores Thies, 2011, pp. 29 y 35)

El nuevo fuerte sirvió para alojar a las diversas unidades que guarnecieron La Güera en la segunda mitad del siglo, como la 6ª Unidad de Radio Permanente de Ingenieros en 1956, tropas de Grupos Nómadas en 1958, y desde 1960 hasta el final en 1975, un destacamento de la Policía Territorial²⁹. Tras la precipitada salida de los españoles a finales de 1975, el Frente Polisario ocupó la población produciéndose un enfrentamiento bélico con el ejército mauritano, que iniciaría un asedio el 10 de diciembre llegando a utilizar para ello varias piezas de artillería suministradas por Marruecos. Los saharauis resistieron los bombardeos durante varios días en la fábrica Insamarta, en la factoría Marcotegui y el fuerte de la Policía Territorial³⁰, situados junto a la costa, hasta la victoria definitiva mauritana del 20 de diciembre. Debido a los bombardeos a los que fue sometida la población³¹, gran cantidad de las edificaciones, así como el fuerte, resultaron dañadas y sufrieron grandes destrozos.

El fuerte nuevo o de la Policía Territorial, construido en mampostería recibida con mortero, se asienta sobre una plataforma de idéntica fábrica que nivela el terreno rocoso de la punta del Águila, conformándose como un recinto de planta rectangular con

²⁹ Esta unidad militarizada se creó por el decreto nº 2227 de 17 de noviembre de 1960 con misiones de policía nómada y dependiente del Gobierno General del Sáhara. Una buena referencia sobre esta unidad y todo lo relacionado con el Sáhara español es TEJERO MOLINA, Juan (2013): *El Sahara Español, de la A a la Z*, Torres de Papel y Hermandad de Tropas Nómadas del Sáhara, Madrid, pp. 544-545 y 577-578.

³⁰ MARIÑAS ROMERO, Gerardo (1988): *El Sáhara y La Legión*, Editorial San Martín, Madrid, p. 316. También se pueden encontrar referencias sobre estos acontecimientos en diversas crónicas periodísticas de la época. Como ejemplo, la aparecida en la p. 96 del diario ABC del martes 16 de diciembre de 1975.

³¹ BÁRBULO, Tomás (2002): *La historia prohibida del Sáhara Español*, Destino, Barcelona. En la p. 276 se dice que “La Güera fue sometida a un fuego cerrado: mientras un buque y varias falúas la bombardeaban desde el mar, la cadencia de los disparos desde tierra era de 18 proyectiles por minuto” y “Sidi Brahim uld Mohamed..., contempló horrorizado cómo varios edificios se derrumbaban bajo el fuego de la artillería”.

orientación ligeramente noreste-suroeste y unas dimensiones de 30 m el lado largo y 20 m el lado corto.

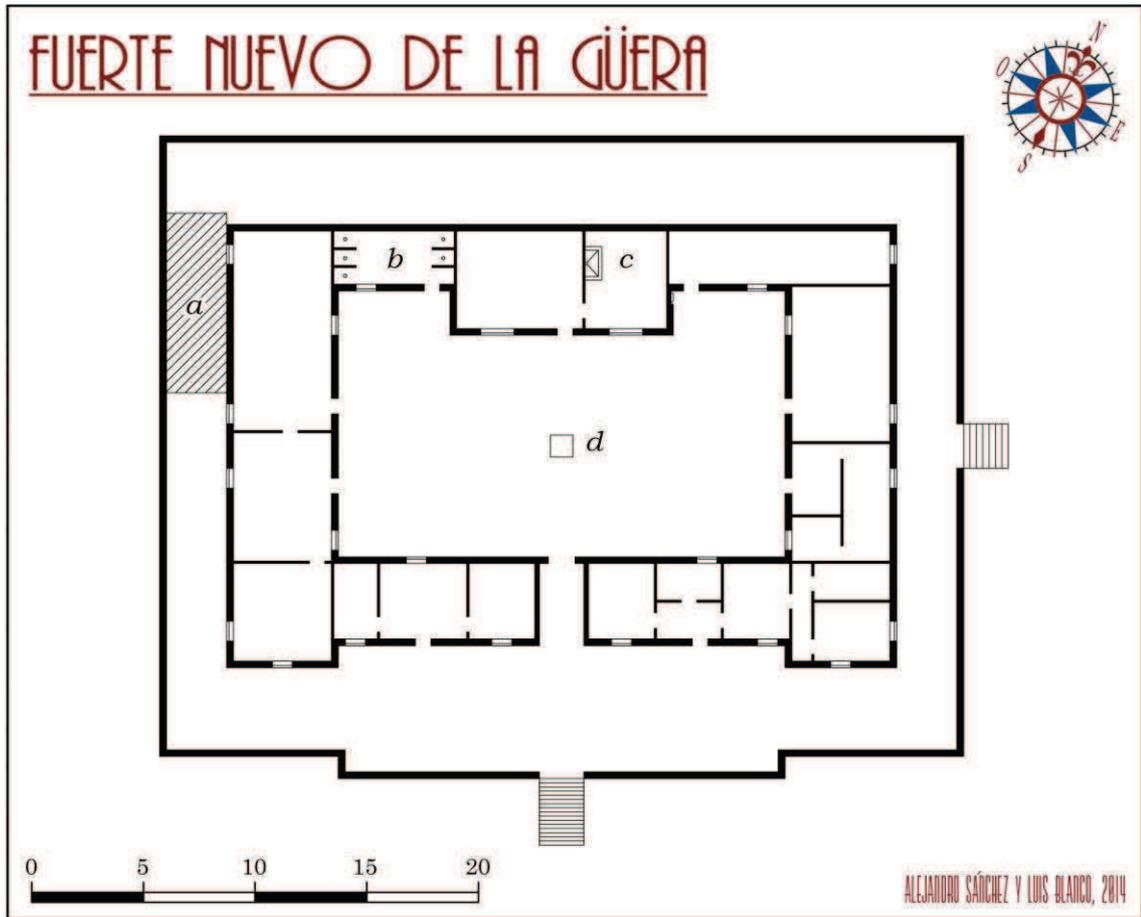


Figura 5. Planta del fuerte nuevo (a: añadido para letrinas, b: duchas, c: chimenea, d: aljibe)
(A. Sánchez y L. Blanco, 2014)

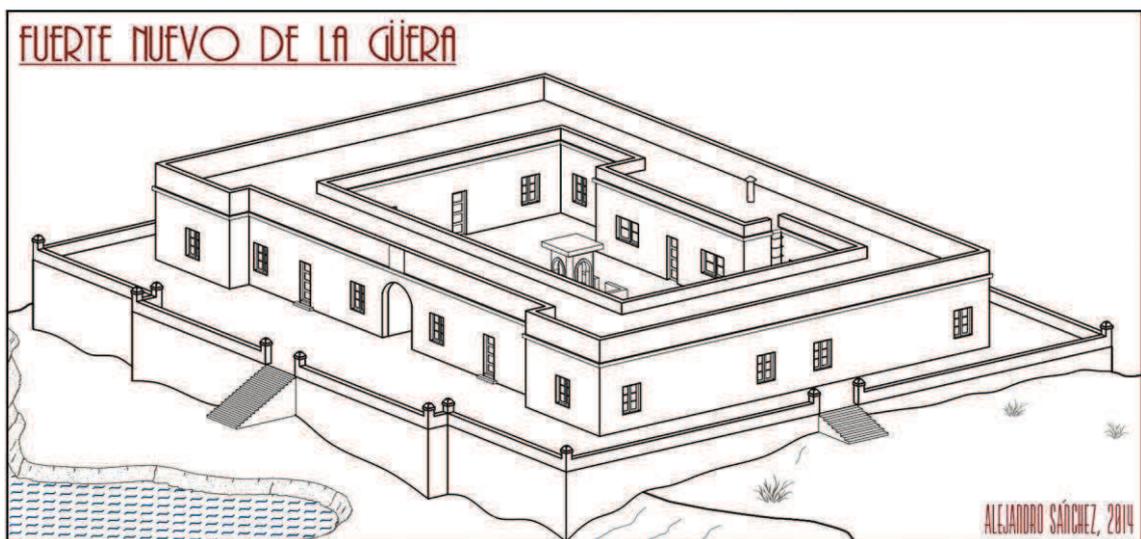


Figura 6. Reconstrucción ideal del fuerte nuevo en base a los restos actuales y a la documentación gráfica de la época, vista desde el este (A. Sánchez, 2014)

Dispone de una sola planta con terraza, con muros de 30 cm de espesor y una altura de 3 m, estando la entrada principal, en forma de arco de medio punto sobre el que aún se mantiene el escudo de la España de la época realizado en forma de mosaico, situada en el centro del lado sureste, con los ángulos de dicho lado rematados de forma saliente a modo de torreones. Las estructuras sustentantes, vigas y techumbre, están realizadas con hormigón y entramado metálico. Consta de dos accesos a través de escalinatas, desde tierra por el lado noreste y desde el mar por el sureste, siendo este lado el que presenta mayor desnivel en la plataforma (3 m de altura).



Figura 7. Vistas generales del fuerte nuevo: 1- lado sureste; 2- lado noreste; 3- lado noroeste; 4- lado suroeste (2013)

Las fachadas exteriores presentan todas vanos menos la noroeste, que se muestra completamente lisa. Así, se muestran cuatro en la noreste, seis en la sureste, además de dos entradas secundarias, y cuatro en la suroeste, en cuyo extremo noroeste se localiza un añadido en forma de habitáculo destinado a letrinas al que se accede desde el interior, habiendo convertido el vano existente en una entrada. Apuntamos la posibilidad de que este añadido se hubiese realizado durante la última época de la

presencia española. Al interior, en torno a la pequeña plaza de armas de 20 m de largo y 12 m de ancho, en cuyo centro existió un aljibe con templete neoárabe de arcos de herradura apuntados, se disponen las dependencias del recinto militar presentando unas anchuras variables según los lados, 4 m el sureste, 5 m el noreste y el suroeste, y 3 m los extremos del noroeste, en cuya parte central se destaca un cuerpo de 5 m de anchura. Esta estructura saliente hacia el patio central parece seguir el modelo del fuerte primigenio de los años veinte, cuya disposición interior era semejante, aunque en dimensiones algo mayores. Alguna de las dependencias aún conserva parte del alicatado de azulejos blancos, como las duchas y las posibles cocinas del lado noroeste, así como una chimenea en el cuerpo central de este mismo lado. El acceso a la terraza superior, en la que se situaban varios depósitos de agua, se realizaba a través de peldaños metálicos, de los que aún quedan cinco, adosados a la pared interior del lado noroeste.

En cuanto a su aspecto externo, tanto en los muros exteriores como en los interiores, el fuerte mostró una evolución que fue variando desde los lienzos lisos y encalados hasta finales de los años sesenta, a los lienzos decorados con placas de piedra que han perdurado hasta la actualidad³², y que muy probablemente tuvo una finalidad de protección de la estructura de mampostería ante los efectos del mar y los fuertes vientos.

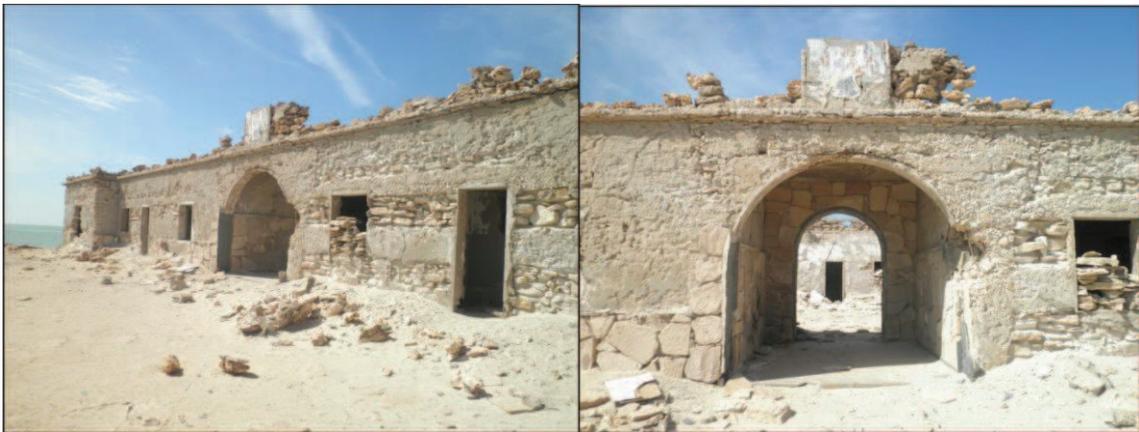


Figura 8. Vista exterior de la fachada principal en el lado sureste (2013)

³² Esta evolución se puede comprobar a través de la documentación fotográfica de la que dispone la página web www.saharamili.net. En concreto, en los álbumes de Pedro Serrano Moreno, Salvador Bellmunt Martínez y David Abarrategui.



Figura 9. Vista del interior de los lados sureste y noroeste respectivamente (2013)



Figura 10. Detalle de la chimenea y las duchas de las dependencias interiores del lado noroeste (2013)

En general, la estructura constructiva del fuerte es bastante endeble, hecho que viene motivado por la poca calidad de los materiales y técnicas empleados. La mayor incidencia en la debilidad estructural viene dada por la utilización de la arena de playa del entorno tanto para los revestimientos de la fábrica de piedra como para el hormigón de los elementos sustentantes. Esta arena, con la gran cantidad de conchas que presenta, no resulta un buen árido para fabricar hormigones debido a las sales (cloruros) que contiene y las superficies demasiado lisas de las citadas conchas. A esta utilización de la arena que más a mano se tenía, hay que añadir también la escasa proporción de cemento empleado. Así, el espesor de los revestimientos de la fábrica de piedra es excesivo en algunos puntos, fruto muy posiblemente de obras de reparación, lo que añadido a los materiales utilizados y, sobre todo, al agresivo ambiente marino de la zona, provoca que con el paso del tiempo se desprenda y se arenice. Lo mismo puede decirse para el

hormigón de vigas y cubiertas, en los que a lo anterior hay que sumar varios detalles más que inciden en la endeblez del edificio. Se puede observar que los revestimientos que recubren y protegen las armaduras en los laterales de las vigas de descuelgue y en la cara inferior de la losa de la cubierta son pequeños para el ambiente agresivo marino, lo que facilita la corrosión y el desprendimiento de fragmentos de hormigón, lo que unido a la pobreza en cemento y a que durante las obras de construcción la mezcla no parece que se “vibrase” o “picase” bien, provocó la fácil penetración de la humedad salina y la consiguiente y progresiva ruina de las estructuras³³.



Figura 11. Detalle actual de la losa de la cubierta del lado noreste y de una de las vigas del interior del lado suroeste (2013)

Por tanto, el estado actual de conservación ruinoso es fruto no sólo del paso del tiempo y de los bombardeos mauritanos de diciembre de 1975 si no también de las deficiencias constructivas con que contó el nuevo fuerte desde sus inicios, hecho que lo emparenta con el fuerte primigenio de los años veinte al repetir idénticos errores.

5. LA BATTERIE DE PORT-ÉTIENNE

Esta fortificación artillera se localiza a orillas del mar (con coordenadas centrales, según Datum WGS84, Lat.: 20° 52' 32'' y Long.: 17° 03' 30''), en el centro de la Bahía de Cansado, junto a la vía férrea minera y la carretera que comunica la ciudad de

³³ Le debo estos datos técnicos al arquitecto y profesor de la ETS de Arquitectura de la Universidad de Granada Francisco Ibáñez Sánchez, a quien consulté sobre la problemática constructiva del fuerte nuevo de La Güera. Le agradezco, como no podría ser de otro modo, sus expertos comentarios y consejos que me han sido de gran ayuda.

Nouadhibou (antigua Port-Étienne) al norte con la población de Cansado al sureste (de las que se sitúa 2 km al sur y 3 km al noroeste respectivamente). La orilla occidental de la península, la Bahía de las Ballenas, se encuentra muy próxima, a poco más de 2 km, y la antigua población española de La Güera a algo menos de 6 km al suroeste.



Figura 12. Vista de satélite de La Batterie (Google Earth, 2013). Los recuadros amarillos señalan las torres de observación, y los círculos rojos las piezas de artillería

El conjunto fortificado se construyó en los momentos previos a la II Guerra Mundial, a finales de los años treinta, formando parte de un plan general de defensa de los puestos costeros del AOF ante la posible amenaza que empezaba a intuirse de la Alemania nazi y la Italia fascista, añadiendo para el caso de Port-Étienne la proximidad, al otro lado de la península de Cabo Blanco, del Sáhara español franquista³⁴. Estaba a cargo de tropas del 6º RAC (Regiment d'Artillerie Coloniale) del AOF, y constaba de cuatro piezas de artillería de 164,7 mm modelo 93/96 que, con anterioridad, habían artillado la batería de Cap Manuel³⁵, en Dakar, y dos torres de hormigón como puestos de observación y dirección de tiro, conocidas posteriormente como les Tours Bleues por haber sido pintados sus muros de azul para camuflarlas en un entorno de cielo y mar³⁶.

³⁴ DRAMÉ, Patrick Papa (2007): Op. Cit., p. 13.

³⁵ DRAMÉ, Patrick Papa (2007): Op. Cit., p. 338.

³⁶ ROBIN, Jean (1998): *Une vie coloniale*, p. 52. Este libro, del que se desconoce la editorial, relata las memorias de un alto funcionario francés de las colonias del AOF, entre ellas las de su estancia en los años cincuenta en Port-Étienne. Se puede consultar en Internet a través de la página web <http://shems.shems.free.fr/villes/nouadhibou.html> (consultada 11-02-2014).

Asimismo, se completaba la defensa artillera de Port-Étienne con piezas ligeras de 75 mm en las proximidades del puerto y en la punta del Cabo Blanco. En un principio, la Batterie debía cumplir doble función defensiva y ofensiva ya que, por una parte, podía impedir la aproximación de posibles barcos enemigos a la Baie du Lévrier y, por otra, podía servir como punto de apoyo para un posible ataque contra el cercano puesto español de La Güera³⁷. Pocos años después de la II Guerra Mundial, a principios de los años cincuenta, la fortificación dejó de tener utilidad militar y fue abandonada por el ejército francés³⁸. A principios de los sesenta, siendo ya Mauritania independiente, aún se mantenía sobre el territorio la presencia militar francesa, por lo que en esta época la Batterie o les Tours Bleues fue de nuevo ocupada por los franceses cumpliendo la función de centro de descanso para las tropas destinadas en los puestos del interior del desierto, como Atar, Tichit o Chinguetti³⁹. Durante los acontecimientos bélicos de diciembre de 1975 entre mauritanos y saharauis por el control de la población de La Güera, La Batterie tuvo una importancia capital al instalarse en su recinto cuatro piezas de mortero de 105 mm proporcionadas por Marruecos, que fueron utilizadas para bombardear a las fuerzas saharauis y decantar finalmente del lado mauritano el resultado de los combates⁴⁰. Años después, a finales de 1990, muchas de sus edificaciones estaban ya en ruinas, sirviendo las menos dañadas para alojar a una decena de familias de militares mauritanos⁴¹. Desde entonces y hasta la actualidad la antigua fortificación artillera francesa permanece en un estado de total abandono.

La fortificación se estructura dentro de un espacio abierto de 300 m de largo (norte-sur) y 175 m de ancho (este-oeste), situándose la mayoría de las instalaciones propiamente militares en el lado oeste y las edificaciones destinadas a alojamiento y demás dependencias en el lado este. Cuenta con cuatro posiciones artilleras establecidas en emplazamientos circulares con depósitos subterráneos de hormigón anexos, y dispuestas en dos líneas con eje norte-sur, las dos de la línea oeste tierra adentro y las dos de la Este más próximas a la bahía. En el lado oeste se encuentran las dos torres de observación y dirección de tiro construidas en hormigón armado. La situada al norte se

³⁷ DRAMÉ, Patrick Papa (2007): Op. Cit., p. 376.

³⁸ ROBIN, Jean (1998): Op. Cit., p. 52. Se dice que el recinto estaba invadido por la arena y que contaba únicamente con la vigilancia de un guardia.

³⁹ Datos obtenidos en la página web www.anciens-cols-bleus.net/t7152p170-dakar-bel-air-et-ouakam (consultada 13-02-2014).

⁴⁰ OULD MEYMOUN, Mohamed Lemine (2011): *La Mauritanie entre le pouvoir civil et le pouvoir militaire*, L'Harmattan, Paris, p. 64.

⁴¹ SY, Mahamadou (2000): *L'enfer d'Inal*, L'Harmattan, Paris, p. 17.

ubica sobre el único afloramiento rocoso de toda la zona, lo que lo convierte en el punto más alto y, por ello, dominando visualmente en todas direcciones. Es una estructura de grandes dimensiones orientada noreste-suroeste, de cuatro plantas, ataluzada la primera, y terraza, con la parte trasera (noreste) completamente lisa y sin vanos y la delantera (suroeste) en forma curva y con las aberturas para observación alargadas y en horizontal⁴². La situada al sur, de estructura y orientación similar, presenta tres alturas escalonadas y terraza con la mayoría de los vanos en la fachada sureste. Estas torres estuvieron pintadas desde sus inicios de azul para facilitar el camuflaje en el horizonte de cielo y mar, y aunque pasado el tiempo fueron repintadas de blanco, aún se puede apreciar la huella de la pintura original en la parte interior de la entrada a la torre norte.



Figura 13. A la izquierda, el cañón situado al sur de la torre norte, desde el norte, con la torre sur al fondo. A la derecha, el cañón al sur de dicha torre, desde el norte (2013)



Figura 14. A la izquierda, acceso a una instalación subterránea del interior del recinto. A la derecha, depósito subterráneo anexo al emplazamiento del cañón al sur de la torre sur (2013)

⁴² Esta torre muestra claras semejanzas con algunas de las construidas por los alemanes durante la II Guerra Mundial formando parte de las defensas del “Muro Atlántico” en Francia. Se pueden citar, a modo de ejemplo, la torre de observación “Barbara” de la Batería Adour (cerca de Saint-Jean-de-Luz) y la torre “Bégo” de la Batería de Plouharnel (en Bretaña).



Figura 15. Vista de la torre norte, desde el sureste. A la derecha, detalle de la huella de pintura azul en la entrada de la torre (2013)



Figura 16. Vista de la torre sur, desde el sureste. A la derecha, detalle del espacio interior de la torre (2013)



Figura 17. A la izquierda, la única edificación almenada, desde el sur. A la derecha, construcciones destinadas a alojamiento, desde el suroeste (2013)

En el resto del espacio se localizan las edificaciones para alojamiento y otras dependencias, dispuestas siguiendo idéntica orientación noreste-suroeste, y construidas en mampostería con empleo también del ladrillo y el hormigón, así como otras instalaciones subterráneas de hormigón y un profundo aljibe de piedra.

El estado de conservación actual es de abandono y ruina, con la arena invadiendo paulatinamente todo el recinto. No obstante, las torres y demás construcciones de hormigón se mantienen perfectamente reconocibles, de igual modo que las cuatro piezas de artillería que permanecen desde finales de los años treinta, aunque éstas mostrando signos evidentes de oxidación y corrosión.

6. CONCLUSIONES

La presencia colonial hispano-francesa en la estrecha franja de la Península de Cabo Blanco tuvo como motivo fundamental en ambos casos el deseo de explotación de la materia prima pesquera de esa zona del océano Atlántico, cuya riqueza era ya conocida con anterioridad, por encima de los intereses de estrategia puramente militar que se seguían en otros territorios coloniales del entorno sahariano. Este hecho dio como resultado la creación de dos poblaciones muy próximas entre sí, La Güera y Port-Étienne, dedicadas a la misma actividad y en las que las guarniciones militares, salvo periodos cronológicos concretos, cumplían básicamente la función de dar seguridad a la flota pesquera y a las instalaciones industriales que se fueron asentando con el paso del tiempo. No obstante, las semejanzas que acompañaron los momentos fundacionales e iniciales se trocaron en divergentes a la hora del devenir, tanto comercial, industrial y militar, de cada uno de los dos establecimientos. En efecto, la actividad pesquera e industrial tuvo un mayor peso en la vertiente francesa, con la creación de empresas cuya importancia excedía en mucho a las españolas y construyéndose para ello instalaciones portuarias que favorecían el desarrollo de las mismas, a diferencia del puesto español, que durante toda su existencia únicamente contó con un pequeño e insuficiente embarcadero. Lo mismo puede decirse de las guarniciones militares, más numerosas y completas las francesas, que disponían asimismo de diversas instalaciones para una defensa efectiva más sólida. Los dos ejemplos de fortificaciones que tratamos en el presente estudio son una muestra clara de estas diferencias y fiel reflejo del diferente concepto colonizador de los dos países europeos en el África occidental, por un lado

Francia, que como nación de peso en Europa ambicionaba dominar una parte importante del continente africano, y por otro España, antaño nación con un importante imperio colonial pero venida a menos a finales del siglo XIX y convertida en actor secundario en el XX, y cuya máxima pretensión en los territorios saharianos, salvo en la etapa final, no pasó de ejercer su dominio de manera débil, con escasez de medios e inversiones, y como si de un mero acto de presencia se tratase.

El fuerte nuevo de La Güera y la Batterie de Port-Étienne fueron creaciones fruto de la presencia colonial europea en estas costas saharianas que, tras la marcha de los “colonizadores”, se vieron involucradas entre sí en los inicios del conflicto del Sáhara Occidental con el enfrentamiento bélico entre las dos partes “colonizadas”, saharauis y mauritanos, a consecuencia del que permanecen ambas fortificaciones en la actualidad abandonadas y a merced del desierto y los vientos marinos.

**LA DEFENSA DE LAS ISLAS BALEARES DURANTE LA
PRIMERA FASE DE LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
(1939-1940)¹**

**THE BALEARICS ISLANDS DEFENCE DURING FIRST STAGE
OF THE WORLD WAR II (1939-1940)**

Rafael Rodrigo Fernández, Kensington School, España.

E-mail: rafael.rodrigo@telefonica.net

Resumen: La situación geoestratégica de las islas Baleares en el Mediterráneo Occidental las convirtió en una pieza importante durante los primeros meses de la Segunda Guerra Mundial. Conscientes de ello, las autoridades militares españolas mejoraron sus defensas en previsión de que alguna potencia extranjera quisiese hacerse con su control mediante un desembarco aeronaval. Durante ese periodo el Comandante General de las islas, el general Kindelán, fue informando al ministro del Ejército, general Varela, de la realidad de la guarnición y de las defensas de costa. Analizando esa correspondencia y los documentos reservados del Estado Mayor se puede reconstruir ese periodo.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial, Ejército Español, general Varela, general Kindelán, Islas Baleares.

Abstract: The geostrategic position of the Balearic Islands in the western Mediterranean became important during the first months of World War II. Aware of this, the Spanish military authorities improved defenses in anticipation of landings by any foreign power in order to take control of the islands. During that period the Minister of Defence, General Varela was informed by the Commander of the Islands, General Kindelán, about the

¹ Recibido: 01/04/2014 Aceptado: 06/06/2014 Publicado: 15/06/2014

state of the garrison and coastal defenses. Through analysis of correspondence and classified High Command documents one can make a reconstruction of that period.

Keywords: World War II, Spanish Army, General Varela, General Kindelán, Balearic Islands.

1. LA IMPORTANCIA DE LAS BALEARES

En el verano de 1939, la situación en Europa apuntaba al estallido de una guerra y desde el Alto Estado Mayor se comenzaron a trazar planes para la defensa nacional en los que el Protectorado de Marruecos, el Estrecho de Gibraltar y la frontera de los Pirineos serían posibles escenarios. Junto a ellos cobró especial relevancia el archipiélago balear, ya que por su situación geoestratégica en el Mediterráneo hubiera sido una plataforma de importantísimo nivel en caso de que España entrase en guerra, pudiéndose establecer tanto una base naval como una base aérea en las islas. Por otra parte, hubiese podido ser ocupado por alguna potencia como Francia, Reino Unido o Italia, asegurándose éstas la supremacía aeronaval en el Mediterráneo occidental².

El desarrollo del arma aérea y la importancia de los aeródromos situados en Baleares se pusieron de manifiesto durante la Guerra Civil española. Desde esas bases, las escuadrillas franquistas pudieron atacar el tráfico mercante republicano en todo Levante, además de bombardear los principales puertos pese a estar dotados de baterías antiaéreas y escuadrillas de caza, alcanzando a las unidades navales allí fondeadas y dañando gravemente la maquinaria de carga, los muelles y los almacenes, entre otras instalaciones, tal y como sucedió en Barcelona, Valencia o Cartagena³.

Entre 1939 y 1940, una fuerza aérea era casi capaz de suprimir el tráfico naval enemigo en un radio de unos 600 kilómetros de sus bases, aunque eso no supusiese la protección del tráfico naval propio. Las Baleares hubieran podido cumplir ese cometido, ya que se encuentran a 210 kilómetros de distancia de Valencia y Barcelona, a 360 de

² (1939) *Axis plans in the Mediterranean*. Londres: General Press. En el prefacio del entonces capitán Liddell Hart advertía de la importancia de las Baleares como base aeronaval. Página 4.

³ Sobre las operaciones aéreas consultar INFIESTA PÉREZ, J.L. y COLL PUJOL, J. (2000) *Bombardeos del litoral mediterráneo durante la Guerra Civil*. Valladolid: Quirón.

Argel, a 470 de Marsella-Tolón y a 480 de Córcega y Cerdeña. España, en caso de haber entrado en guerra, hubiese podido usar esta base como defensa marítima y aérea avanzada de las costas de Levante, y en caso de ofensiva hubiera servido de centro de operaciones aeronavales contra las costas del Mediterráneo occidental y las escuadras enemigas que operasen en esa zona. Evidentemente, para ello se hubiese debido convertir el archipiélago en una base militar de importancia dotándola de artillería de costa, fortificaciones, instalaciones y unidades suficientes que asegurasen su defensa. Lo que hubiera permitido que el triángulo formado por Mahón, Cabo de San Antonio y cabo de Creus se convirtiese en un mar español⁴.

En manos francesas las Baleares hubieran servido como un escalón de seguridad que protegería las comunicaciones entre Argelia y la metrópoli, asegurando su superioridad aeronaval en la zona. En caso de haber sido ocupadas por los británicos, las islas hubiesen reafirmado su control del Mediterráneo con las bases de Gibraltar, Malta - isla que jugaría un papel destacadísimo durante la guerra en el escenario del Norte de África - y la base naval de Alejandría. En definitiva, en manos de cualquiera de ellos confirmaría la supremacía aeronaval aliada en la zona, atando prácticamente de pies y manos a Italia, en caso de que entrara en guerra en favor de Alemania. Si hubieran sido los italianos los ocupantes del archipiélago esto hubiese significado un aumento extraordinario de su presencia en el Mediterráneo occidental, pudiendo lanzar ataques contra cualquier potencia que actuase en la zona, constituyendo una base de primer orden en la defensa de posibles operaciones aeronavales contra sus islas y costas, además de permitir cortar la comunicación marítima entre Francia y sus colonias del Norte de África, ruta que fue vital durante la Primera Guerra Mundial⁵.

Si Francia o Inglaterra hubiesen tenido que evacuar sus unidades navales del Mediterráneo su tráfico marítimo se hubiese visto perjudicado pero no impedido. El Reino Unido podría mantener su contacto con la India a través del Cabo de Buena Esperanza, mientras que los franceses seguirían comunicados con el Norte de África aunque por una línea más lenta y costosa, a través del Atlántico y, más tarde, mediante vías de comunicación terrestres que atravesaban África, como unos años después haría el general Leclerc⁶. Sin embargo, Italia recibía el grueso principal de sus

⁴ KINDELÁN, A. (1940) "El Mediterráneo en la guerra futura". *Ejército*, número 1, página 51.

⁵ Entre 1914 y 1918 cruzaron el Mediterráneo 2.365.000 soldados franceses o de sus colonias.

⁶ El 25 de enero de 1941 partiendo desde Chad atacaría el fuerte italiano de Koufra, en Libia, tras recorrer más de 650 kilómetros por el desierto con su columna. El 8 de mayo de 1943 desfilaban triunfalmente en Túnez.

abastecimientos por el Mediterráneo. En su caso no hubiese bastado con expulsar a las escuadras navales anglo-francesas, ya que además hubiera necesitado hacerse con el control de una de las dos puertas de entrada o salida del mar, bien el canal de Suez o, mucho mejor, Gibraltar. Por lo que era a esta potencia a la que más le interesaba la entrada en guerra de España en el bando del Eje⁷.

2. UNIDADES

Terminada la Guerra Civil española se acometió una reforma de las Fuerzas Armadas que afectó a su administración central, división territorial y cuerpos armados⁸. El 4 de julio de 1939 se reorganizaron las Regiones militares, quedando integradas por ocho Capitanías Generales, al tiempo que se creaban dos comandancias para Baleares y Canarias, mientras que las tropas del Protectorado quedaron formadas por dos Cuerpos de Ejército⁹. Por otro lado, la ley de 8 de agosto reorganizó la administración central del nuevo Estado¹⁰ y se designó a los componentes del Gobierno, donde las Fuerzas Armadas quedaron divididas en tres ministerios. El ministerio del Ejército le fue encomendado al general de división José Varela¹¹, el ministerio de Marina recaía sobre el almirante Salvador Moreno y el ministerio del Aire en el general de división Juan Yagüe. A lo largo del mes de agosto el ministro del Ejército fue eligiendo a los capitanes generales y jefes de las Comandancias, recayendo el mando de la de Baleares en el general de división Alfredo Kindelán, que tomaría posesión del cargo a finales del mes de agosto¹².

2.1. Administración central

Durante el verano de 1939 se confeccionaron las plantillas para todas las unidades y cuerpos que habrían de constituir el Ejército, siendo las primeras las de los Cuarteles

⁷ (1939) *Ob. Cit.* Página 22.

⁸ Para profundizar en las reformas conviene consultar MUÑOZ BOLAÑOS, R. (2010) La institución militar en la posguerra (1939-1940), en PUELL DE LA VILLA, F. y ALDA MEJÍAS, S. (Eds.). *Los Ejércitos del Franquismo (1939-1975)*. Instituto Universitario Gutiérrez Mellado: Madrid. Vol. I: Págs. 15 a 54.

⁹ Decreto disponiendo la reorganización del Ejército. Boletín Oficial del Estado (BOE) núm. 206, de 25 de julio de 1939. Páginas 4020 a 4021.

¹⁰ Ley modificando la organización de la Administración Central del Estado establecida por las de 30 de enero y 29 de diciembre de 1938. BOE núm. 221, de 9 de agosto de 1939, páginas 4326 a 4327

¹¹ Sobre las semblanzas militares de los distintos generales como Varela, Kindelán o Martínez Campos consultar ALONSO BAQUER, M. (2005) *Franco y sus generales*. Madrid: Taurus.

¹² Decreto nombrando Comandante General de Baleares al General de División D. Alfredo Kindelán Duany. BOE número 231, de 16 de agosto de 1939, página 16.

Generales, las Comandancias de Baleares y Canarias, las de las Regiones y los Gobiernos Militares¹³. El de Baleares se fijó en Palma de Mallorca, y estaría comandado por un general de brigada. Contaba con una sección de movilización, una sección de contabilidad y asuntos generales, el Gobierno militar y la mayoría de plaza, el archivo y la sección de destinos. En total 15 jefes y oficiales, un sargento, seis miembros del Cuerpo Auxiliar Subalterno del Ejército (CASE), así como 30 cabos y soldados de 2ª. Como dotación móvil contaría con dos coches, uno para el general y otro de servicio, así como dos motos y dos bicicletas. También se creó una Auditoría, la cual contaba con una sección de fiscalía, y un juzgado permanente de causas, ambos con sede en Palma de Mallorca.

El 1 de septiembre de 1939 se aprobaron las plantillas para todo el Ejército y además el jefe del Estado Mayor del Ejército (EME), el general Carlos Martínez Campos, cursó la instrucción reservada A-1 “Sobre reorganización del Ejército y acoplamiento de las nuevas unidades”¹⁴. Previamente ya se habían dado órdenes verbales y por escrito al respecto, pero convenía complementar éstas, toda vez que se trataba de una profunda reorganización de tropas que deberían dar forma a los nuevos Cuerpos de Ejército, a las fuerzas militares de Marruecos y a las comandancias de Baleares y Canarias¹⁵.

2.2 Infantería

Se desplegaron cuatro regimientos de infantería en Baleares. Éstos tenían una organización diferente a los de infantería de línea peninsulares: se aumentó su plantilla a tres secciones, elevando a cuatro el número de morteros del batallón de infantería suprimiendo la sección del batallón de máquinas de acompañamiento y quedando estas compañías compuestas por una sección de ametralladoras antiaéreas y otra de cañones antitanque, así como, reduciendo a dos el número de armas de la sección de cañones al considerar que su empleo en las islas en caso de combate sería limitado. Por su parte el Regimiento de Menorca número 37 contaría con dos batallones de infantería de línea, ya

¹³ Ministerio del Ejército, *Plantillas provisionales para los Cuerpos y Unidades del Ejército*. Orden circular reservada de septiembre de 1939. Archivo General Militar de Ávila (AGMAv): Caja 23.009.

¹⁴ Archivo Municipal de Cádiz. Fondo Varela (AMC-FV): Caja 111-138. Documentos 244-248.

¹⁵ Para profundizar en la composición y situación de las unidades conviene consultar RODRIGO FERNANDEZ, R. (2010) El Ejército español en 1940, en PUELL DE LA VILLA, F. y ALDA MEJÍAS, S. (Eds.). *Los Ejércitos del Franquismo (1939-1975)*. Instituto Universitario Gutiérrez Mellado: Madrid. Vol. II: Págs. 51 a 76.

que dicha isla carecía de recursos humanos para aumentar las plantillas en caso de movilización. Además, su posición la hacía muy vulnerable a ser ocupada.

Los regimientos para Baleares se mantuvieron en organización y número con respecto al proyecto inicial de reforma, es decir, tres regimientos, dos en Mallorca, los números 36 y 60, y uno en Ibiza, el número 61; la innovación consistió en organizar un cuarto regimiento, igual en composición a los dos mencionados anteriormente, para la isla de Menorca. Lo que supuso reducir en dos batallones el Batallón especial para Menorca que figuraba en las plantillas de 1939; para compensar esta disminución de efectivos, de 2.452 a 1.076 soldados, se aumentó la dotación total de infantería en Baleares en 1.300 hombres.

Los regimientos de Infantería para Baleares, al mando de un coronel, estaban formados por una Plana Mayor administrativa con Caja de Movilización y Reclutamiento (CMR), juzgado y compañía de destinos, y otra de Mando compuesta por el propio Mando, el equipo de transmisiones, así como el equipo de observación, información y enlace. Un tren regimental, compuesto principalmente por ganado de carga y tiro más que por medios motorizados¹⁶. Contaban con un batallón de fusiles compuesto de Plana Mayor de batallón, dos compañías de fusiles, una compañía ciclista, una compañía de ametralladoras y morteros, así como un pelotón de transmisiones. Igualmente, un batallón de ametralladoras integrado por dos compañías de ametralladoras y morteros, una compañía de fusiles, un pelotón de transmisiones y una Plana Mayor. Además, el regimiento contaba con una compañía mixta. En total sumaban unos efectivos de 52 jefes y oficiales, 57 suboficiales, 27 CASE y una tropa de 1.073 hombres.

2.3. Artillería

El archipiélago contaba con tres regimientos, uno con la organización para división de infantería de línea con dos grupos motorizados, otro de costa, uno mixto y un grupo antiaéreo¹⁷. El Regimiento de Artillería de Campaña número 35 (Palma de Mallorca) estaba compuesto por dos Planas Mayores, una de Mando y la otra Administrativa, una batería de destinos, CMR y juzgado. Dos grupos de artillería de campaña motorizados y un grupo de montaña a lomo todos dotados de cañones de 65 mm. Su plantilla constaba

¹⁶ La dotación de ganado de un regimiento era de 23 caballos de oficiales y tropa, 39 animales de carga y 34 de tiro. Mientras que los vehículos eran de un coche para el coronel, una moto con sidecar, cuatro camiones, tres volquetes y 147 bicicletas.

¹⁷ RODRIGO FERNANDEZ, R. (2010) *Ob. Cít.* Página 56.

de 61 jefes y oficiales, 58 suboficiales, 20 CASE y 900 de tropa. Para el transporte del material incluía 124 animales de carga, 41 camiones y 8 tractores.

El Regimiento de Costa número 5 (Palma de Mallorca) contaba con Mando y Planas Mayores, una Plana Mayor de sector, tres baterías, una Plana Mayor de sector de plantilla reducida y tres baterías con plantilla reducida. Un grupo antiaéreo en Palma con Plana Mayor, tres baterías, una batería de 76,4 mm y cuatro baterías a mitad de servicio. Otro grupo antiaéreo destacado en Ibiza con Plana Mayor, tres baterías *Vickers* y una batería de 76,4 mm. En total 85 jefes y oficiales, 82 suboficiales, 30 CASE y 983 de tropa. Para el transporte se contaba con 10 camiones.

El Regimiento Mixto de Costa y Campaña número 6 (Mahón) constaba de Mando y Planas Mayores regimentales, dos Planas Mayores de sector, tres baterías de 381 mm y cuatro baterías de 152,4 mm, y un grupo antiaéreo con Plana Mayor, tres baterías y un grupo de campaña mecanizado de dos baterías. En total 75 jefes y oficiales, 81 suboficiales, 34 CASE y 684 de tropa. Para el transporte contaba con 21 camiones y tres tractores.

2.4. Ingenieros

Se contaba con dos grupos mixtos - el número 1 en Palma y el número 2 en Mahón - compuestos cada uno de ellos de Plana Mayor una compañía de zapadores y una de transmisiones, además de parque y talleres. En total 17 jefes y oficiales, 22 suboficiales, tres CASE y 345 de tropa. Para el transporte se contaba con 25 animales de carga y tiro, así como 17 vehículos de todo tipo.

Los grupos mixtos para Baleares sufrieron un aumento en sus plantillas con respecto a los proyectos provisionales de 1939, siguiendo las necesidades que fue indicando el Comandante General. Estos se constituyeron con una compañía de zapadores motorizada, debido a las dificultades para encontrar ganado de tiro en las islas.

3. REALIDAD Y PLANES DE DEFENSA

Hemos visto cuales eran, según las plantillas, las unidades, el personal y el material desplegado en el archipiélago para su defensa. Sin embargo, una cosa es lo que dice el papel y la teoría y otra muy distinta la realidad. El nuevo jefe de la Comandancia de Baleares se incorporó a su destino a finales del mes de agosto, encontrándose con una

situación diferente a lo que las plantillas oficiales indicaban. Así que lo que hizo nada más llegar fue una rápida visita de inspección para poder valorar de primera mano la situación con la que tendría que lidiar. Como resultado de ello remitió un breve informe al EME el 31 de agosto de 1939¹⁸. En él se constataba la falta de material de artillería de costa en Menorca, solicitando se quedasen en la isla cuatro cañones de 152,4 mm, con el objetivo de proteger Ciudadela, el punto más vulnerable de la isla. Estos habían sido desmontados por orden del Generalísimo y debían ser trasladados a Barcelona. En el documento, el jefe del EME, Martínez Campos, anotaba personalmente su conformidad con la petición.

Por otra parte, Kindelán constató que la artillería antiaérea de la isla de Menorca estaba concentrada toda en Mahón, seis baterías, proponiendo el traslado de una de ellas a la desguarnecida Ciudadela. Asimismo, no se habían completado las obras de fortificación y no había enmascaramiento alguno de las piezas, considerando necesario hacer un estudio pormenorizado de las necesidades en lo referente a instalaciones. La situación en Ibiza era peor si cabe, estando defendida únicamente por tres baterías, las cuales habían sido instaladas durante la guerra sin seguir, aparentemente, ningún plan claro de artillado. Finalmente, se solicitaba la creación de una comisión que estudiase en profundidad las defensas de costa, al considerar que de todas las baterías instaladas apenas se podía disponer de dos de ellas para la defensa de las Baleares, las que realmente eran efectivas contra los navíos de la época¹⁹.

Esa misma noche Kindelán se comunicaba telefónicamente con el Ministro. Desgraciadamente de estas conversaciones que debieron ser bastante frecuentes y fluidas no se ha encontrado constancia documental. Al día siguiente, coincidiendo con el inicio de la Segunda Guerra Mundial en Europa el 1 de septiembre de 1939, Kindelán envió una carta manuscrita al Ministro con su valoración de las defensas de las islas y las medidas a tomar. A priori, el comandante de Baleares no abrigaba temor a un desembarco enemigo de manera inminente, sin embargo, en caso de que éste se produjera las baterías de costa servirían más de apoyo a la defensa de infantería que contra una escuadra enemiga. Consideraba que la defensa activa debería ser realizada

¹⁸ AMC-FV: Baleares. Caja: 117-178

¹⁹ La Marina también elaboró un proyecto de mejora de las instalaciones que ha sido analizado en ALVAREZ LAITA, F.J. y MEDINA ARNAIZ, M.L. (2010) Un proyecto de ampliación de bases navales en el archipiélago balear y su defensa artillera (1940). *Revista de Historia Naval*, número 109, páginas 37 a 66. El artículo también describe las baterías existentes y las características de las piezas de artillería.

por elementos aeronavales y para ello sugirió el envío de dos submarinos más a la base naval de Soller, así como unas 1.000 minas submarinas para ser fondeadas. Respecto a la Fuerza Aérea indicaba la necesidad de completar las plantillas de las escuadrillas desplegadas y el envío de una escuadrilla de bombardeo y una patrulla de bombardeo en picado. Para mejorar la defensa aérea solicitó un grupo de baterías antiaéreas de 88 mm, además propuso una redistribución de la artillería de costa, no faltándole razón, pues mientras Menorca estaba sobredotada de piezas se apreciaba una clara falta de material en Mallorca e Ibiza, sugiriendo el envío de ocho piezas de 152,4 mm de Mahón a Mallorca.

También, se inició la construcción de nidos de ametralladora y puestos fortificados en las playas y zonas cercanas al litoral para la defensa de la infantería en caso de desembarco. Por otra parte, ese mismo 1 de septiembre era el Gobierno Militar de Menorca el que informaba al EME que si bien las baterías estaban en un estado aceptable la falta de personal era importante, solicitando el envío de 700 artilleros, 50 suboficiales, 30 obreros especialistas, así como 19 jefes y oficiales. La misma falta de personal era habitual en la mayor parte de las unidades del Ejército en ese mismo momento, independientemente de la Capitanía a la que perteneciesen²⁰.

Por tanto, vemos como la ausencia de personal era algo común, los acuartelamientos eran deficientes y se necesitaba un programa de construcción de depósitos de agua y víveres, mejorar las obras de fortificación, construir nidos de ametralladoras y reparar la red de comunicaciones, entre otras cosas. En muchas ocasiones se tuvo que recurrir al alquiler de edificios civiles hasta la conclusión de las obras. Conviene tener en cuenta que en esos momentos en Palma, como en muchas ciudades de España, se vivía una grave carencia de viviendas, como consecuencia de las destrucciones que provocaron los bombardeos aéreos durante la guerra²¹. En lo que respecta al material solía notarse sobre todo la falta de vehículos, especialmente camiones, armas automáticas y artillería antiaérea. Como muestra de lo precario de la situación el mismo Kindelán tenía a su

²⁰ De forma casi unánime los informes de las capitanías hacían referencia a los mismos problemas. Por ejemplo el 3 febrero de 1940 el Capitán General de la IIIª Región Militar señalaba la falta de oficiales, armamento pesado y medios motorizados, entre otras cosas. AGMAv: Caja 23.011.

²¹ En Mallorca se pasó de 939 edificios construidos en 1936 a solo 677 en 1941, GIRAN I FERON, D. (2002) Las condiciones de vida del primer franquismo. El caso de las islas Baleares. *Hispania*, número 212. Página 1125.

servicio un coche de más de 12 años de antigüedad, lo cual da buena cuenta del estado del parque de vehículos de las diferentes unidades²².

Pero las opiniones o consideraciones de Kindelán no se referían exclusivamente al capítulo meramente castrense y técnico. Así, el 1 de septiembre de 1939 le planteaba a Varela su opinión sobre la política de guerra:

“Yo veo la situación con optimismo en todos los casos con tal que demos a la Guerra Europea que ha comenzado ya prácticamente toda la enorme importancia que tiene. Mi impresión es que por el momento no entraremos en la guerra pues nuestra neutralidad interesa a todos los beligerantes. Más tarde entraremos, no podemos evitarlo y probablemente entrar por conveniencia nacional, ya bastante avanzada la contienda, con objeto de llegar a la paz en buena postura y exigir algo que nos es indispensable. Yo sin embargo, como aconseja la más elemental prudencia, parto del supuesto de la posibilidad de ataque inmediato y a este fin obedecen mis peticiones. Para más adelante estudiaré con más calma nuevas medidas”²³

El 5 de septiembre el Ministro escribió una carta de respuesta sobre las solicitudes realizadas indicando en ella que le parecían medidas adecuadas por lo que trasladaría las peticiones a los ministerios correspondientes y a la consideración del EME. La respuesta de éste sobre el material de artillería de costa se remitió al Ministro el 7 de septiembre. Las cuatro piezas de 152,4 mm que se habían de llevar a Barcelona podían quedarse. Sin embargo, Martínez Campos no se mostraba favorable al envío de Mahón a Ciudadela de dos piezas del mismo calibre, y otras dos del mismo lugar a Mallorca. Ciudadela tenía instaladas dos baterías de cuatro piezas de 150 mm Munaiz, trasladadas desde Mahón durante la guerra. Respecto al refuerzo de Mallorca no lo consideraba indispensable, al disponerse de artillería de costa suficiente²⁴. Lo cierto es que pese a las preocupaciones expresadas por Kindelán el EME tenía otras prioridades en la defensa nacional. Así durante los últimos meses de 1939 y el primer trimestre de 1940 se dio

²² Situación que se puede extender a la totalidad de las unidades españolas de ese momento. AMC-FV. Documento: 115-408

²³ Nota manuscrita. AMC-FV: Documentos 117-186 y 187.

²⁴ Cuatro piezas Gómez Rueda de 200 mm, 20 piezas Munaiz Argüelles de 150 mm, 24 piezas Canet de 140 mm y ocho piezas Ordoñez de 150 mm. AMC-FV: Documento 117-188.

preferencia al Protectorado, donde Francia podría intervenir y al campo de Gibraltar, donde los británicos supondrían una amenaza directa²⁵.

Volviendo a la situación en el archipiélago, en septiembre de 1939 la 3ª sección del Estado Mayor del Gobierno Militar de Menorca elevaba un informe reservado sobre el estado de las baterías de costa²⁶. En él se ponía de manifiesto que el material y las baterías se encontraban en buen funcionamiento, faltando solamente por solventar problemas técnicos como la instalación de telémetros auxiliares o la conexión eléctrica de algunas de las piezas. Donde se puso el énfasis fue en la escasez de personal, oficiales, clases, tropa y, principalmente, obreros especializados. La causa de ello eran los sucesivos licenciamientos que se habían producido desde el final de la guerra. Por otra parte, la construcción de acuartelamientos se encontraba paralizada por la imposibilidad presupuestaria de contratar nueva mano de obra y a la espera de que la Comandancia de Obras y Fortificaciones estableciese un plan definido. Curiosamente el licenciamiento provocó un aumento considerable del paro en las islas, problema acrecentado por la llegada de refugiados desde la península²⁷. Adjunto a dicho informe Kindelán presentó 28 puntos concretos de un programa encaminado a cubrir las necesidades de la isla de Menorca. Entre ellos destacaba la necesidad de terminar el emplazamiento de las batería antiaéreas, construir nuevos depósitos de agua y víveres, preparar las líneas de resistencia, acelerar los trabajos del campo de aviación de San Luis para poder establecer una escuadrilla de reconocimiento, contar con una escuadrilla de torpederos en la Base Naval, así como planificar la movilización o solucionar el problema de la escasez de mano de obra²⁸.

El general Kindelán seguía convencido de la importancia estratégica del archipiélago y por ello el 14 de septiembre enviaba un informe reservado, más detallado, sobre la defensa de las islas, movilización, estado de fuerzas, material, armamento y municionamiento, entre otras cosas.²⁹ Hacia mediados de septiembre las tropas alemanas ya se encontraban en las afueras de Varsovia. Kindelán seguía convencido que Baleares hubiese podido asegurar un triángulo entre Palma, la bahía de Rosas y el cabo

²⁵ Ambos escenarios han sido tratados en ROS AGUDO, M. (2008) *La gran tentación*. Barcelona: Styria. Así como en el artículo de ALBERT SALUEÑA, J. (2012) Protectorado español de Marruecos. Factor estratégico durante la II Guerra Mundial. *Revista de Historia Militar*, número extraordinario II, páginas 273-314.

²⁶ Estado y deficiencias de las baterías de costa. AMC-FV: Documentos 117-193 y 194.

²⁷ GIRAN I FERON, D. (2002) *Ob. Cit.* Páginas 1102-1104.

²⁸ Programa de Necesidades de la isla de Menorca. Septiembre de 1939. AMC-FV: Documentos 117-195 y 196.

²⁹ Nota reservada sobre la defensa de Baleares. AMC-FV: Documentos 117-197 a 205

de San Antonio, gracias al establecimiento de una importante base aérea en Mallorca - a la que consideraba un auténtico portaaviones insumergible - y de elementos navales, destacados también en Palma, cuyo puerto parecía el más conveniente. Menorca e Ibiza servirían como apoyo a esta base si contaban con escuadrillas de reconocimiento y unidades navales ligeras, como torpederos o submarinos. En su informe consideraba que Mallorca podría resistir un bloqueo prolongado, siempre y cuando se realizase el conveniente acopio de alimentos, especialmente trigo o azúcar, ya que la producción agrícola en las islas había disminuido de forma considerable desde 1936³⁰. Sería necesaria la construcción de almacenes subterráneos, como los ya existentes en Bellver, para los depósitos de combustible y la reserva de carbón. La defensa de artillería de costa tendría que ser mejorada con la instalación de nuevas baterías, direcciones de tiro y proyectores. Por su parte, Menorca tendría que ser aprovisionada para al menos tres meses, debían mejorar sus defensas - construyendo abrigos blindados en sus playas - ampliando el aeródromo de San Luis y enviando un batallón de prisioneros para solucionar el problema de la falta de mano de obra. Finalmente, por sus características Ibiza también podría resistir un largo bloqueo necesitando tan solo la instalación de dos baterías de costa y la construcción de abrigos blindados en los posibles puntos de desembarco.

Otro informe de septiembre de 1939 explicaba la organización defensiva de las islas y las necesidades de armamento y material³¹. En caso de movilización ésta se organizaría en dos etapas. En una primera, se llamarían a filas a los reemplazos de 1930 a 1936, unos 3.000 hombres, pudiendo completarse la movilización en 24 horas para los reemplazos de 1933 a 1936, mientras que los de 1930 a 1932 necesitarían 72 horas para incorporarse. Con esos refuerzos se organizarían ocho batallones de fusiles, dos batallones de ametralladoras, dos grupos de artillería de 75 mm, un grupo de artillería de 105/22, una batería de 155 mm y 14 baterías de costa. Dos batallones de fusiles serían enviados a Ibiza y se podría completar el regimiento de artillería de Menorca, pudiendo poner en pie de guerra las unidades de Menorca e Ibiza con sus plantillas completas. Al mismo tiempo, con el armamento que se disponía se podrían dotar los 10 batallones, los de ametralladoras - compuestos por cuatro compañías, tres de máquinas y una de fusiles - y los de fusiles, con cinco compañías - cuatro de fusiles y una de ametralladoras -.

³⁰ Por ejemplo, la producción de trigo se había reducido al 42,7% con respecto a un valor 100 del periodo 1931-1935. GIRAN I FERON, D. (2002) *Ob. Cit.* Página 1105.

³¹ Notas sobre organización defensiva de Baleares, adaptada a la situación y disponibilidades actuales. AMC-FV: Documentos 117-206 a 208.

Faltaban algunos fusiles ametralladores para completar las secciones y los batallones solamente podrían contar con un mortero de 81 mm. Por ello, se solicitó al Ministerio el envío del armamento y munición que faltaban en las unidades.

A finales de septiembre terminaba la campaña en Polonia y daba la sensación que los vientos de guerra se alejaban de Europa, ya que las tropas franco-británicas estacionadas en Francia desarrollaban una *drolê de guerre*. Mientras parecía que Alemania buscaba aproximar posturas para presentar la ocupación de Polonia como un hecho consumado y firmar la paz³². Por otra parte, la URSS, tras invadir la parte de Polonia que le correspondía en virtud de las cláusulas secretas del pacto germano-soviético, atacaba Finlandia en noviembre de 1939, dando lugar a una guerra que se extendería hasta el mes de marzo de 1940. En ese marco el EME decidió dar prioridad al Protectorado y al Estrecho, por lo que las peticiones formuladas desde Baleares cayeron en el olvido. El mismo Kindelán rebajaba el tono apremiante en los informes que fue remitiendo y en el de diciembre de 1939 los problemas seguían siendo los mismos: carencia de suministros, alimentos y falta de oficiales, especialmente en el Regimiento de Artillería de Menorca³³.

A finales de mes solicitó al EME que considerase la posibilidad de formar una compañía de carros o de enviar un número suficiente de carros-cañón para emplearlos contra las lanchas de desembarco, caso de que este se produjese³⁴. Ya en enero de 1940 el informe mensual se centraba más en su propia situación personal que en el archipiélago, calificando el ambiente de “sin novedad” y escribiendo la siguiente reflexión:

“Mientras me sea posible, seguiré colaborando con el mayor entusiasmo, dentro de los modestos papeles, que se me designan, al resurgimiento español, sin olvidar agravios recibidos, pero sin que ellos deban repercutir en mi labor oficial, con lealtad y disciplina.”³⁵

Parece que no olvidaba la desilusión por no haber sido nombrado ministro del Aire cuando él había sido el creador y fundador del arma aérea en 1911 y, sobre todo, tras

³² Discurso de Hitler frente al Reichstag de 6 de octubre de 1939.

³³ Carta de 1 de diciembre de 1939. AMC-FV: Documentos 97-61 a 64.

³⁴ Carta de 15 de diciembre de 1939. AMC-FV: Documentos 97-239 a 243.

³⁵ Carta de 1 de enero de 1940. AMC-FV: Documentos 97-491 a 492.

haber desempeñado el cargo más alto en la Jefatura del Aire en la Junta de Defensa Nacional durante la Guerra Civil española.

En febrero de 1940 el ambiente europeo volvió a enturbiarse cuando los británicos capturaron al buque alemán *Altmark* violando la neutralidad noruega. Tanto británicos como alemanes pusieron a trabajar a sus respectivos estados mayores en la planificación de una invasión del país nórdico. Finalmente, el 9 de abril Alemania iniciaba la operación *Weserübung* invadiendo las neutrales Dinamarca y Noruega, adelantándose a sus rivales en apenas una semana, ya que también los británicos tenían sus propios planes al respecto.

En marzo de 1940 Kindelán realizó una visita a Italia por motivos personales teniendo la ocasión de entrevistarse con Mussolini. El *Duce* opinaba que España e Italia podrían mantener su neutralidad durante ese año, pero que se verían obligadas a participar en el conflicto a partir de 1941, por lo que habría que prepararse para el momento. Además, el general pudo recabar datos que le permitieron conocer que el Estado Mayor francés tenía diseñado un plan de campaña para hacerse con el control de, al menos, una de las islas mediante el empleo de unas cinco divisiones. Frente a ese despliegue él contaba con unos efectivos de 7.000 hombres, los cuales podrían llegar a 30.000 después de decretar la movilización. La realidad era que la artillería de costa seguía siendo defectuosa, ya que no se habían terminado las obras de la defensa primaria y las plantillas de las unidades estaban incompletas³⁶.

Pero no eran las dos únicas potencias que tenían las Baleares en el punto de mira. El Servicio de Información del Ejército tuvo constancia de una reunión entre el agregado naval de la embajada inglesa en Madrid, Hillgart, supuesto director de información del *Intelligence Service* en España, y Paers, agregado de la embajada como jefe de los servicios de propaganda. Como resultado de ella se designaba un nuevo vicecónsul en Palma a un ayudante de Hillgart, manteniendo como cónsul a Lake, del que también se sospechaba que era miembro del servicio secreto británico³⁷.

Cada potencia iba estableciendo sus propios proyectos sobre las islas en espera de la evolución de los acontecimientos en Europa. El propio Kindelán sospechaba que Italia debía de contar con un plan similar al francés, por lo que urgió al Ministro a completar la defensa del archipiélago. Desde enero Varela comenzó a compartir su preocupación y

³⁶ Carta de 2 de abril de 1940. AMC-FV: Documentos 99-8 y 9.

³⁷ Informe del teniente coronel del Servicio de Inteligencia de 8 de abril de 1940. AMC-FV: Documentos 99-10 a 12.

procedió a recopilar información de las Capitanías sobre la situación real de las unidades. En marzo Kindelán envió un informe donde demostraba de forma concluyente que España no estaba en absoluto preparada si estallaba la guerra. Varela leyó ese informe en una reunión del Consejo Superior del Ejército, organismo que aprobó el documento y acordó que fuese elevado a Franco³⁸.

En cuanto tuvo conocimiento del inicio de la invasión alemana de Noruega y Dinamarca y del minado de las aguas de la primera unos días antes por los británicos, Kindelán envió un telegrama cifrado y un informe reservado, fechados el 9 y 10 de abril de 1940, respectivamente³⁹. En ellos explicaba que ambas acciones demostraban claramente que los beligerantes no estaban dispuestos a respetar los derechos de los países neutrales si éstos se oponían a sus intereses. Además, ambas operaciones habían comenzado sin declaración previa y por sorpresa. Así pues, suponía que España se vería, más pronto que tarde, envuelta en la guerra, por lo que proponía un acercamiento a Italia. Respecto a la defensa de Baleares mostraba su profundo disgusto, pues de todo lo solicitado desde el verano de 1939 “nada se me ha concedido”⁴⁰. Lo cierto es que el informe desprende una tremenda preocupación ante la eventualidad de un ataque a muy corto plazo, no contando con los medios necesarios para la defensa de las islas. Además, se sucedían una serie de incidentes aéreos con franceses y británicos que incluso llegaron a derribar un aparato español⁴¹. Por otra parte, conviene recordar operaciones navales de desembarco como la de los Dardanelos en 1915 o Alhucemas en 1925, lo que explicaba la preocupación de Kindelán de sufrir otro ataque como el fracasado intento de invasión durante la Guerra Civil⁴².

Varela reunió a la Junta de Defensa Nacional para informar de esta preocupación. En la que se acordó tomar medidas lo más rápidamente posible para paliar la situación, decisión que fue comunicada al general. Este respondía con un comunicado reservado el 12 de abril, indicando que:

“Con respecto a la carta confidencial del día 9, nadie mejor que V. que pulsa el ambiente y conoce de cerca la situación, verá que es lo más propio

³⁸ PRESTON, P. (1994) *Franco. Caudillo de España*. Barcelona: Grijalbo. Página 436.

³⁹ Informe reservado de 9 de abril de 1940. AMC-FV: Documentos 99-62 a 63.

⁴⁰ *Idibem*.

⁴¹ Sobre el tema consultar el artículo de MORCILLO, M. (2013) Violación de la neutralidad de España durante la Segunda Guerra Mundial. *Estudios humanísticos, historia*, número 12, páginas 289-307.

⁴² Operación descrita en MARTINEZ BANDE, J.M. (1970) *La invasión de Aragón y el desembarco en Mallorca*. Madrid: Servicio Histórico Militar.

hacer; mi criterio en estos asuntos es procurar permanecer aislados de las pugnas existentes para evitar vernos vueltos en ellos.”⁴³

Lo cierto es que en esta ocasión el Ministerio sí que tomó cartas en el asunto y comenzó con el envío del armamento que faltaba en Baleares. Así, la Dirección General de Industria y Material recibía una orden el día 9 de abril para comenzar a enviar todo lo necesario⁴⁴. No obstante, el día 13 de abril Kindelán volvía a escribir a Varela presentándole hasta 20 medidas concretas y urgentes a tomar para la defensa. Consideraba que el mayor peligro sería un desembarco por sorpresa, sin preparación previa ni bloqueo prolongado. Las primeras 48 horas serían las cruciales para rechazar el ataque, teniendo este lugar sobre Mallorca con mayor probabilidad, ya que Menorca contaba con una buena defensa primaria e Ibiza solamente sería un primer escalón en el ataque a Mallorca.

El general mantuvo una reunión con los mandos integrantes de las tres ramas de la defensa nacional en las islas, Tierra, Marina y Aire, tomando como medidas:

“1ª) Para evitar una sorpresa precisa:

1. tener en funcionamiento sensible la red de escucha;
2. realizar exploración cercana diurna y nocturna por la aviación;
3. realizar exploración lejana por marina;
4. tener bien montado el servicio de información en las bases posiblemente enemigas. [...]

2ª) Aumentar las plantillas de los regimientos insulares en pie de paz hasta que sus efectivos alcancen como mínimo 2.000 hombres en los cuerpos de infantería y 1.500 en los de artillería. Elevar igualmente las unidades de ingenieros para contar con tres compañías de zapadores y una de transmisiones en Mallorca, dos de zapadores y una de transmisiones en Menorca y una de cada clase en Ibiza. Aumentar 100 hombres a la plantilla de la Comandancia de Intendencia y otros 100 a la compañía de Sanidad, y elevar hasta 500 la plantilla del grupo de automovilismo de Baleares. [...]

4ª) Organizar igualmente la compañía de carros de combate [...]

⁴³ AMC-FV: Documento 99-64. El subrayado es de Varela y añadía de su puño y letra “Neutralidad”.

⁴⁴“Relación de armamento remitido a la Capitanía General de Baleares”. AMC-FV: Caja 115-381.

- 5ª) Incorporar a las islas un Grupo de aviación de reconocimiento nocturno y otro de caza.
- 6ª) Reforzar la provisión de combustible y lubricantes para Aviación.
- 7ª) Reforzar las fuerzas navales del archipiélago y enviar redes anti-submarinas, un minador y minas.
- 8ª) Aprovisionar las islas de carbón remitiendo 15.000 toneladas [...] Trigo suficiente para tres meses y llenar al máximo los depósitos de la CAMPSA [...]
- 9ª) Completar las dotaciones de municiones de todas clases [...]
- 12ª) Enviar una compañía antitanque. [...]
- 14ª) Completar urgentemente las plantillas de coches y camiones [...]
- 15ª) Reforzar la defensa de costa [...]
- 17ª) Reforzar la defensa antiaérea remitiendo seis baterías [...]
- 20ª) Remitir [...] los proyectores y demás aparatos de escucha [...]"⁴⁵

El Ministro anotó en el documento su visto bueno: “Pasar al E.M. para su estudio y cuenta para cumplimiento (aprobación) Varela” Y en respuesta al informe del 13 de abril, la Dirección General de Industria y Material comenzó el envío de las piezas de artillería necesarias⁴⁶.

A principios de mayo de 1940, la situación en Europa se volvía más tensa, con intensos combates entre tropas anglo-francesas y alemanas en Narvik, mientras que en el continente se presagiaba un ataque alemán en el frente de Francia. Pese a todos los informes remitidos a Madrid, la realidad es que en mayo de 1940 la defensa de las islas seguía siendo tremendamente vulnerable a un ataque y las opciones de rechazar un desembarco eran prácticamente nulas. Resultarían insuficientes unos efectivos que en el mejor de los casos no suponían más que el equivalente a dos divisiones, teniendo en cuenta que se carecía de las tropas correspondientes de cuerpo de ejército y no se contaba con carros de combate, con lo que los efectivos disponibles no hubiesen bastado para frenar una invasión que hubiera podido contar con entre cinco y seis divisiones, además del correspondiente apoyo aeronaval.

⁴⁵ Informe reservado de 13 de abril. AMC-FV: Documentos 58 a 61.

⁴⁶ “Relación de armamento de artillería remitido a la Capitanía General de Baleares”, en cumplimiento a lo ordenado el 13 de abril de 1940 por la 6ª Sección del E.M.E. AMC-FV: Caja 115-381.

Kindelán consideraba que la opción del golpe de mano sería más lógica en el caso francés, mientras que Italia probablemente optaría por una política de hechos consumados. Lo más natural en el segundo caso hubiese sido recibir una “visita de cortesía” de una poderosa escuadra a alguno de los puertos del archipiélago y, posteriormente, mediante una nota diplomática exponer las exigencias de protección de las islas.

Mientras, en el Ministerio no se estaba de brazos cruzados, y el EME redoblaba sus esfuerzos en el envío de todo el material necesario para cubrir las graves carencias⁴⁷. El 3 de mayo Kindelán remitía un informe reservado. Viendo como evolucionaban los acontecimientos en Europa proponía una movilización parcial, llamando a los reemplazos de 1934 a 1938 con el objeto de conocer las necesidades de alojamiento, vestuario y equipo del contingente y, fundamentalmente, el tiempo necesario para su incorporación. Contaba con poder movilizar 7.350 hombres en Mallorca, 1.450 en Menorca y 270 en Ibiza. La petición fue aprobada y Varela anotaba de su puño y letra: “Hoy 8 a las 8 de la noche hablé por teléfono con el Generalísimo y doy en conocimiento la orden de movilización del servicio en vista de la situación y actitud de Francia”⁴⁸. Se decretaba el ejercicio de movilización para el día 11 de mayo de 1940 a las seis de la mañana. Tan solo un día antes, Alemania comenzaba la campaña de Francia⁴⁹ con la invasión de Holanda, así que el momento elegido para el ejercicio no podía ser más adecuado. Con las medidas tomadas y procediendo a la movilización y el desdoble de las unidades en Baleares se podría contar con un cuerpo de ejército, pero tan solo una división tendría fusiles ametralladores y únicamente una división estaría dotada de artillería de campaña.

Las fuerzas navales con las que contaba España en verano de 1940 eran claramente inferiores a las de Italia, Francia o el Reino Unido. Se pensó en reforzar las islas con el envío de algún crucero rápido o de destructores, aunque finalmente no se concretó nada. En Baleares se mantuvo operativa la base de submarinos de Soller, donde quedaron estacionados los submarinos General Mola y General Sanjurjo. En Soller también estaba fondeado el destructor Almirante Miranda, en Palma se encontraba el minador

⁴⁷“Informe sobre armamento, material de artillería, municionamiento, automovilismo y material de transmisiones en Marruecos y Baleares”, de 15 de abril de 1940 y “Datos sobre armamento, material y municiones remitidos a Marruecos, Baleares y Canarias”, del 23 de abril de 1940. AMC-FV: Caja 115-381.

⁴⁸ Nota manuscrita del general Varela. AMC-FV: Documento 99-223

⁴⁹ RODRIGO FERNÁNDEZ, R. (2009) “Francia 1940: El apogeo de la Blitzkrieg” *XXI LEGIO*. Número 27 Páginas 43-46.

Júpiter y en el puerto de Mahón el transporte Contramaestre Casado. Respecto a los efectivos totales de la flota española, de los seis cruceros con que contaba, solamente dos estaban en servicio y se encontraban en El Ferrol. En cuanto a los ocho destructores concentrados en ese mismo puerto, sólo seis estaban operativos, mientras que de los seis radicados en Cartagena tan sólo uno estaba en funcionamiento⁵⁰.

Lo mismo se puede decir de la Fuerza Aérea. Con la reorganización de enero de 1940 toda la aviación de Baleares pertenecía a la misma Unidad, el Regimiento Mixto número 3 que, con base en Son San Juan, estaba compuesto por el grupo de Caza número 28, el de Bombardeo número 113, ambos estacionados en aquel aeródromo, y el Grupo Mixto de Hidros en la Base de Pollensa. En mayo de 1940 había en Mallorca un Grupo de caza Fiat CR-32, escasos de material y con solamente dos pilotos. Como refuerzo se envió otro Grupo de Fiat CR-32 con 11 pilotos. Por otro lado, en la base de hidroaviones de Pollensa había dos escuadrillas: la 52, constituida por dos *Heinkel* 59 y dos *Heinkel* 60, a la que estaba adscrita la 51 patrulla con tres Arado 95; y la 53, que agrupaba a dos *Cant* Z-501 y dos *Cant* Z-506B. El resto del material aéreo de que se disponía se encontraba en muy malas condiciones⁵¹. Se pensó en suplir la falta de aviones de caza aumentando la defensa aérea pero esta seguía presentando notables deficiencias en mayo de 1940⁵².

El 18 de mayo el Ministro felicitaba a Kindelán por el éxito del ejercicio realizado de movilización parcial. Por otra parte, Varela se había puesto en contacto con el ministro del Aire, trasladando la petición de reforzar la seguridad de los aeródromos⁵³. El 8 de mayo Yagüe le respondió sobre el asunto en los siguientes términos:

“En el último despacho que he tenido con S.E. el Generalísimo, me indicó que tuviera en Baleares ocupados los aeródromos, en vista de los caracteres – rapidez y sorpresa – que caracteriza el desarrollo de los acontecimientos en esta época. En este sentido he escrito al Capitán General de dichas islas, pero por lo que a ti pueda competir también te lo comunico, ya que es una orden de S.E.”⁵⁴

⁵⁰ Estado Mayor de la Armada: Informe del Almirante Indalecio Núñez sobre unidades de la flota. 16 de agosto de 1940. Fundación Nacional Francisco Franco: Documento 27.094.

⁵¹ Sobre la Fuerza aérea en Mallorca consultar HERRERA ALONSO, E. (1995) *Una bahía con alas: La base de hidros de Pollensa*. Madrid: Ministerio de Defensa.

⁵² Informe del EME sobre la defensa de Baleares. AMC-FV: Documentos 117-215 a 216.

⁵³ Nota manuscrita. AMC-FV: Documento 99-227.

⁵⁴ Carta manuscrita. AMC-FV: Documento 99-226.

El 16 de mayo le volvía a escribir:

“Ya están dadas las órdenes para la ocupación de los aeródromos pero no tenemos armas automáticas y como verás por la actuación de los alemanes hay que tener en cuenta cada vez más la actuación de los paracaidistas (sic)”⁵⁵

En el mensaje Varela anotaba “Al E.M. para conocimiento y advertencia del Gral. Kindelán”. Así pues, queda claro que los distintos ministros militares tenían una buena comunicación entre sí y coordinaban esfuerzos, mientras que Franco estaba convenientemente informado. Respecto a la campaña de Francia, el 14 de mayo Holanda se rendía y los alemanes avanzaban a una velocidad sorprendente sobre los puertos del canal. En el EME había causado gran impresión el empleo de unidades de paracaidistas en Holanda y en la toma del fuerte de Eben-Emael en Bélgica. Conviene señalar que en 1941 serían empleadas tropas aerotransportadas en la conquista de la isla de Creta, operación *Merkur*, con lo que un ataque sobre Mallorca podría haber sido similar.

Hasta final de mes siguieron las tareas de rearmamento, fortificación, emplazamiento de artillería, de costa y antiaérea, entre otras cosas. Mientras tanto los británicos reembarcaban en Dunquerque y la caída de París cada vez parecía más cercana. El 1 de junio, mediante carta manuscrita, Kindelán presentó su periódico informe mensual sobre la situación de las islas⁵⁶. Durante los últimos días lo más importante había sido tratado vía telefónica. Según él, la entrada en guerra de Italia parecía cada vez era más inminente, pensaba que ésta se produciría en el plazo de una o dos semanas. Finalmente Mussolini declaró la guerra el 10 de junio, cumpliendo las previsiones de Kindelán. Por aquel entonces, la prensa oficialista del régimen, sobre todo *Arriba*, comenzaba la publicación de artículos cada vez más beligerantes contra los Aliados. Parecía que todo el mundo en España daba por victoriosos a los alemanes en la campaña de Francia, lo cual era motivo de cierta inquietud por parte de Kindelán. El 5 de junio Varela le escribía que:

⁵⁵ Nota manuscrita. AMC-FV: Documento 99-227.

⁵⁶ Carta manuscrita. AMC-FV: Documentos 428 y 429.

“En la actualidad, efectivamente, la prensa oficiosa se pronuncia en contra de los aliados, pero este cambio de orientación en la actitud del Gobierno, con sus fuentes de información más amplias, es consecuencia de la marcha de los acontecimientos internacionales, sin que ello deje de justificar mi actitud anterior”⁵⁷

El 7 de junio le volvía a responder en carta manuscrita el comandante de Baleares, tras finalizar un ejercicio táctico planificado⁵⁸. El resultado había sido bueno, sin embargo sacaba como conclusión que en caso de invasión de las islas, debido a la inferioridad aérea, las reservas no podrían acudir a tiempo para impedir el mismo, por lo que la defensa debería de ser confiada a la primera línea, tomando como prioridad a corto plazo su mejora. Concluía la carta con una interesante reflexión que llamó la atención de Varela, ya que subrayó el párrafo completo:

“Los italianos hacen algunos manejos sospechosos en estas islas como si contasen con una posible neutralidad benévola nuestra en caso de entrar en la guerra – incluso instalando radio; yo agradecería a Vd. mucho me orientase respecto a los propósitos de nuestro gobierno pasa secundar yo su política. Se da como segura la entrada de Italia; yo temo que el momento de España haya pasado ya y que hayamos desaprovechado por timidez y cautela una ocasión única.”

Efectivamente, a las 01:35 horas del 25 de junio de 1940 entraba en vigor en toda Francia el armisticio firmado el día 22 en el bosque de Compiègne. Pese a que Franco se reunió en octubre de 1940 en Hendaya con Hitler, y en febrero de 1941 en Bordighera con Mussolini, España no entraría en la Segunda Guerra Mundial. Ahora bien, de las palabras de Kindelán parece desprenderse más su pesar por no haber declarado la guerra a Francia e Inglaterra en su momento y poder sentarse así en la mesa de los vencedores que no su alegría por la neutralidad mantenida hasta ese momento, de la cual hemos visto que era un firme defensor.

⁵⁷ Nota reservada. AMV-FV: Documento 99-430.

⁵⁸ AMC-FV: Documentos 99-463 y 464

4. CONCLUSIÓN

La situación geoestratégica de Baleares durante las primeras fases de la Segunda Guerra mundial fue un elemento importante para ambos bandos. Durante el periodo inicial, de septiembre de 1939 a junio de 1940, el Comandante General de las islas, Alfredo Kindelán, consciente de la situación de indefensión de las mismas en caso de desembarco o golpe de mano por parte de Francia o Italia lo notificó a sus superiores. Si bien desde el ministerio del Ejército el general Varela compartió sus inquietudes, la mala situación general del país y de las Fuerzas Armadas no permitió que se llevasen a cabo medidas de calado tendentes a la mejora de la defensa del archipiélago, como el aumento de las plantillas de las unidades, obras de defensa y fortificación o mejora de la artillería de costa y antiaérea, entre otras cosas. Sin embargo, aunque se hubiese cumplido todo ello no parece que hubiera sido suficiente para haber podido evitar una invasión de las mismas, dada la falta de material moderno, mandos cualificados, suministros necesarios y una fuerza aérea y naval capaz de haber servido de defensa activa de las mismas.

Durante todo el año 1941 el Mediterráneo occidental quedó claramente dominado por las potencias del Eje y la colaboracionista Francia de Vichy. En 1942, tras el inicio de la operación *Torch* los anglo-americanos centraron sus esfuerzos en dominar el Norte de África para posteriormente derrotar a Italia. En el caso español prefirieron contar con su neutralidad, cosa que les resultaba más favorable⁵⁹, y por si acaso se contempló una acción que hubiese neutralizado el Protectorado español de Marruecos⁶⁰. Afortunadamente, la situación ni durante el periodo analizado ni en los años posteriores, hasta la finalización de la guerra en el teatro europeo, requirió de la defensa activa de Baleares frente a una operación aeronaval, pasando el Alto Estado Mayor a dar prioridad a otros teatros de operaciones, como Canarias⁶¹, el Protectorado o la frontera de los Pirineos.

⁵⁹ (1939) *Ob. Cit.* Página 21.

⁶⁰ La operación, con el nombre clave de *Backbone* ha sido magníficamente tratada en SAÉNZ-FRANCÉS, E. (2009). *Entre la antorcha y la esvástica*. Madrid: Actas.

⁶¹ Sobre las defensa de Canarias consultar DÍAZ BENÍTEZ, J.J (2004) La defensa de Tenerife durante la Segunda Guerra Mundial. *Hispania Nova*, número 4.

LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL Y LAS TRANSFORMACIONES DEL ESTADO*

THE FIRST WORLD WAR AND THE TRANSFORMATIONS OF THE STATE

Pierre Puseigle (Yale University – University of Warwick)

E-mail: pierre.puseigle@yale.edu

“Aunque probablemente en Inglaterra no vamos a ser llamados a filas para realizar los mismos sacrificios que nuestros vecinos continentales ya están haciendo, que conste que esta no es una guerra que pueda o deba ser dejada enteramente en manos del gobierno, el ejército o la marina. Se trata de un tiempo de prueba para la gente, además de para aquellos que luchan por nosotros. El peor talante es aquel por el cual se asume que todo saldrá bien y que, al mismo tiempo, podremos continuar viviendo igual que antes. Pronto habrá claros avisos de que tal cosa no es posible”¹

En agosto de 1914, analistas provinciales y nacionales de todo el Reino Unido y otros lugares sospechaban que el conflicto que acababa de comenzar transformaría el papel de los civiles en la guerra. Efectivamente, muchos habían comprendido que las exigencias del conflicto requerirían de la movilización exhaustiva de las sociedades beligerantes: la guerra no iba a continuar siendo un feudo exclusivo de soldados y mandos militares. Hasta qué punto este conflicto transformaría el combate, además de la vida en la retaguardia, sigue siendo algo poco comprendido.

* Traducido para la *Revista Universitaria de Historia Militar* por David Alegre Lorenz (Universitat Autònoma de Barcelona) con la autorización del autor. La versión original de este artículo apareció en *International Affairs* (Londres), vol. 90, n. 2 (marzo de 2014), pp. 249-264. Puede accederse al contenido original a través del siguiente enlace: <http://www.chathamhouse.org/publications/ia/archive/view/198093>. Consultado por última vez el 22-05-2014.

¹ *Northampton Mercury*, 7 de agosto de 1914.

Después de que las armas enmudecieran en 1918, los historiadores e investigadores trataron de entender una experiencia que había desafiado la visión convencional de la relación entre los asuntos propios de la guerra y la organización de la sociedad civil moderna. Entre ellos, en 1929 el historiador francés Elie Halévy habría presentado sus primeros análisis en Oxford ante un público de celebridades tan ansiosas por celebrar la Entente como si fueran a rescatar al liberalismo de las ruinas de la guerra. En noviembre de 1936, Halévy volvió sobre esta cuestión ante la Sociedad Francesa de Filosofía para profundizar en el análisis de lo que él llamaba por entonces la ‘era de las tiranías’.

La era de las tiranías data de agosto de 1914, es decir, del momento en que los estados beligerantes volvieron a un sistema que puede ser definido como sigue:

a. En la esfera económica un control notablemente extendido del estado sobre todos los medios de producción, la distribución y los intercambios; y, al mismo tiempo, un llamamiento a los líderes de las organizaciones obreras por parte de los gobiernos para ayudarles en la implementación de este control del estado, por tanto sindicalismo y corporativismo junto con el *étatisme*.

b. En la esfera intelectual control del pensamiento por parte del estado de dos formas: una negativa, a través de la supresión de toda expresión de opinión considerada desfavorable para el interés nacional; la otra positiva, a través de lo que llamaremos la organización del entusiasmo.²

Inequívocamente marcadas por la emergencia de la URSS y el ascenso del fascismo, las reflexiones de Halévy sobre la experiencia de la guerra resaltaron la dominación directa del estado sobre la sociedad y dejaron poco lugar para el rol de la sociedad civil en época de guerra. Desde su punto de vista, la ‘crisis mundial’ de 1914-1918 había abierto un nuevo y ominoso periodo en la historia moderna cuyos ‘males’ deseaba exorcizar. Su muerte en 1937 le salvó de los horrores de otra guerra mundial.

Mientras el legado social y político de la ‘guerra total’ preocupó a historiadores y filósofos, los mandos militares también consagraron grandes esfuerzos a estas cuestiones desde el final de la Gran Guerra. Nacidas de su rechazo a aceptar su derrota en el campo de batalla en 1918, las reflexiones de Erich Ludendorff, antiguo Primer Intendente General de Alemania, se centraron en el tipo de estado necesario para

² HALÉVY, Elie (1967): *The era of tyrannies: essays on socialism and war*, Londres, Allen Lane/Penguin [1938], pp. 181, 205.

garantizar el futuro triunfo alemán. En *Der totale Krieg*, publicado en 1935, Ludendorff sostenía esencialmente que una dictadura militar era la única forma de gobierno que podía asegurar la necesaria movilización de los recursos de la nación.³ Dificilmente podría uno imaginar dos analistas cuyos marcos de referencia políticos fueran más opuestos entre sí que los de Halévy y Ludendorff. Sin embargo, ambos subrayaron la centralidad crucial del estado en el proceso de movilización bélica.

Efectivamente, la Primera Guerra Mundial había revelado la capacidad del estado para movilizar con éxito los recursos de los beligerantes, independientemente de las especificidades de sus sistemas políticos. De forma bastante lógica, su historiografía refleja la importancia del estado en guerra, y los expertos han dedicado muchísimos esfuerzos a analizar las operaciones del estado en el conflicto. En gran medida, las obras eruditas se han centrado primeramente en el impacto de la guerra sobre los regímenes políticos y, particularmente, sobre sus estructuras y acuerdos institucionales. Este fue el caso de muchos de los primeros trabajos, incluyendo aquéllos publicados bajo el patrocinio de las Series del Fondo Carnegie [*Carnegie Endowment Series*] sobre la historia económica y social de la guerra.⁴ Los analistas se mostraron especialmente preocupados con el grado de intervención sin precedentes del estado en la vida económica.⁵ Incluso en países tan comprometidos con el liberalismo económico como lo estaba el Reino Unido en 1914, el estado no había dudado en tomar el control de industrias esenciales tales como los ferrocarriles (1914), el acero (1916) y la producción de carbón (1917). Después del año 1945, esta perspectiva dio lugar a reflexiones más amplias sobre la emergencia de un nuevo tipo de estado corporativo, caracterizado éste por la colaboración bélica que se impuso entre las administraciones del estado y las empresas, y una mayor integración del estado y las élites económicas. Hasta finales de los años 70, la historia política y económica de la Primera Guerra Mundial giró en gran parte en torno a la movilización del poder coercitivo del estado, dado que los

³ STRACHAN, Hew (2001): "Total war in the twentieth century". En: Arthur Marwick (ed.), *Total war and historical change: Europe, 1914-1955*, Buckingham and Philadelphia, PA, Open University Press, p. 261.

⁴ REDLICH, Josef (1925): *Österreichische Regierung und Verwaltung im Weltkrieg*, Viena, Hölder-Pichler-Tempsky/Carnegie-Stiftung für internationalen Frieden. Abteilung für Volkswirtschaft und Geschichte; RENOUVIN, Pierre (1925): *Les Formes du gouvernement de guerre. L'organisation gouvernementale française pendant la guerre*, París, Presses Universitaires de France/Publications de la Dotation Carnegie pour la paix internationale. Section d'économie et d'histoire.

⁵ HURWITZ, S. J. (1949): *State intervention in Great Britain: a study of economic control and social response, 1914-1919*, Nueva York, Columbia University Press.

historiadores se apoyaron en el trabajo de Max Weber.⁶ Sin embargo, la emergencia y consolidación desde finales de los 80 de la historia cultural como el paradigma dominante en los estudios sobre la Primera Guerra Mundial ha puesto el énfasis lejos del estado para pasar a subrayar la agencia de las sociedades beligerantes. Como resultado, el estudio del estado en tiempos de guerra ha sufrido relativamente, al tiempo que este ámbito ha prosperado en su conjunto dirigiendo su atención a nuevos métodos y objetos de estudio.

Este artículo es parte de un esfuerzo más amplio por devolver al estado al centro de la discusión historiográfica, porque las transformaciones del estado dan fe del impacto de la guerra industrial de masas sobre las estructuras políticas de las sociedades beligerantes. Dado que el conflicto implicó a un amplio ratio de sistemas políticos es esencial reconocer estas profundas diferencias. Una monarquía constitucional como Gran Bretaña estaba aliada tanto a la secular República francesa como a un Imperio ruso autocrático cuyo zar –como su homólogo austro-húngaro– reinaba por la Gracia de Dios. El *Kaiserreich* alemán combinaba rasgos autoritarios y parlamentarios, algo ilustrado por la incómoda coexistencia de un emperador reaccionario con un Reichstag elegido por un amplio electorado. Mientras tanto, el sultán otomano –califa del Islam– había sido reducido a un papel menor desde el ascenso al poder del Comité de la Unión y el Progreso [*İttihad ve Terakki*] en 1918.

Al hablar de cómo la Gran Guerra abrió paso a transformaciones fundamentales de la política en estos diferentes contextos, este artículo subrayará el carácter compartido de los retos planteados por la guerra industrial de masas y situará al ‘estado beligerante’ como una clave fundamental en las respuestas ofrecidas durante la guerra por cada sistema político en particular. Éste abordará dos aspectos cruciales de la relación entre el estado y la sociedad en tiempos de guerra: el desarrollo de la coerción y la expresión de la solidaridad nacional. Finalmente, sugerirá cómo la lógica de la participación de masas en la guerra moderna transformó tanto los contornos como las bases del estado. A mi modo de ver, esta transformación no fue simplemente el resultado de la adopción pragmática de políticas contingentes y reversibles; la Primera Guerra Mundial contribuyó a una redefinición crítica de las fuentes de la autoridad del estado y del propio principio de soberanía.

⁶ KOCKA, Jürgen (1973): *Facing total war: German society, 1914-1918*, Leamington Spa, Berg.

1. VIOLENCIA

Como es bien sabido, en su conferencia “Política como vocación” pronunciada en 1919, Max Weber definió el estado como la «comunidad que pretende (exitosamente) el monopolio del uso legítimo de la fuerza física dentro de un territorio dado».⁷ Por lo tanto, la coerción legítima se sitúa en el núcleo del estado weberiano convencional junto con una administración burocrática apoyada por una fiscalidad centralizada. Elaborada en la era de la Primera Guerra Mundial, la tesis de Weber es un punto de partida obvio e indispensable para cualquier reflexión sobre el estado en dicho conflicto. No obstante, su utilización acrítica bien podría ocultar la naturaleza histórica del estado en tiempo de guerra.

1.1 ¿Monopolio o devolución de la coerción legítima?

En la práctica, la movilización militar de masas trajo consigo la devolución de los medios de coerción. Al armar a millones de sus ciudadanos, los estados beligerantes minaron su monopolio institucional sobre los medios para ejercer la violencia. Quizás de forma inconsecuente, el mismo archiconservador Heinrich von Treitschke lo reconocía cuando afirmaba que «la misma constitución de un estado descansa sobre la distribución de armas entre el pueblo».⁸ El grado de movilización militar varió notablemente entre los beligerantes, pero afectó casi al 30 por ciento de la población masculina total entre los 15 y los 49 años.⁹ Gran Bretaña, Alemania y Francia movilizaron al 12,5, al 15,4 y al 17 por ciento de sus trabajadores respectivamente.¹⁰

En este sentido, la Primera Guerra Mundial constituye un momento histórico excepcional. Por destacar simplemente un dramático ejemplo, los motines franceses de 1917 arrojan luz sobre la particular naturaleza de la constitución del estado. En este contexto, de hecho, soldados armados que, efectivamente, habían sido confiados con los medios para ejercer una violencia legítima rechazaron prestar su obediencia sumisa a las órdenes del estado. En un estudio increíble, Len Smith reveló de qué modo los amotinados invocaron a su identidad como ciudadanos-soldados y apelaron a una

⁷ GERTH, Hans Heinrich y MILLS, Charles Wright (eds.) (1998): *From Max Weber: essays in sociology*, Londres, Routledge, p. 78.

⁸ VON TREITSCHKE, Heinrich (1914): *The organization of the army*, Londres, Gowans & Gray, p. 5.

⁹ WINTER, Jay M. (2003): *The Great War and the British People*, Londres, Palgrave Macmillan.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. (1994): *Age of extremes: the short twentieth century, 1914-1991*, Londres, Abacus, p. 44.

concepción de la soberanía popular heredada de la Revolución francesa para desafiar a las autoridades militares. Ciertamente, uno podría señalar que al hacer esto los amotinados encarnaban literal y paradójicamente al estado.¹¹

Recientes trabajos históricos han demostrado también hasta qué punto Weber había malinterpretado la naturaleza de la disciplina dentro de las fuerzas armadas en su *Wirtschaft und Gesellschaft*. Mientras que éste la presentaba como un mecanismo puramente racional e impersonal para obtener obediencia, los historiadores de los ejércitos de la Primera Guerra Mundial han señalado la importancia del liderazgo y el mando definidos como una relación, por mucho que esta pudiera haber sido desigual y estuviera marcada por prejuicios culturales y de clase.¹² De hecho, a los dos lados de la línea del frente y en ambas retaguardias, la movilización de los beligerantes descansaba sobre un proceso condicional y descentralizado.

Quizás de forma más paradójica, la paradigmática operación de conscripción llevada a cabo en Gran Bretaña socava más aún la idea de que el estado mantuvo un monopolio de la coerción legítima. Véase si no los tribunales militares creados por la Ley del Servicio Militar [*Military Service Act*], que instituyeron la conscripción en 1916 y simbolizan los poderes coercitivos del estado beligerante. Estos tribunales, similares a los comités locales de reclutamiento establecidos en los Estados Unidos en junio de 1917, habían sido implementados para valorar las apelaciones impuestas contra la conscripción por individuos, familias y empresas. Actuando como árbitros entre las demandas del ejército y los intereses de las comunidades locales, éstos proporcionaban un espacio donde los representantes del estado buscaban personal militar a pesar de la oposición individual y los intereses económicos locales. Al mismo tiempo, la experiencia americana de la guerra también demuestra que el estado beligerante confiaba en las organizaciones de la sociedad civil y en las élites locales para implementar la conscripción y hacer cumplir las normas de comportamiento patriótico.¹³ El reciente trabajo de Mehmet Beşikçi sobre la movilización de efectivos

¹¹ SMITH, Leonard V. (1994): *Between mutiny and obedience: the case of the French Fifth Division during World War I*, Princeton, NJ, Princeton University Press.

¹² GERTH y MILLS (eds.): *op. cit.*, pp. 253-260; SHEFFIELD, Gary (2000): *Leadership in the trenches: officer-man relations, morale and discipline in the British army in the era of the First World War*, Basingstoke, Macmillan; WATSON, Alexander (2000): *Enduring the Great War: combat, morale and collapse in the German and British armies, 1914-1918*, Cambridge y Nueva York, Cambridge University Press; SAINT-FUSCIEN, Emmanuel (2011): *À vos ordres? La relation d'autorité dans l'armée française de la Grande Guerre*, París, Editions de l'Ecole des hautes études en sciences sociales.

¹³ KEITH, Jeanette (2004): *Rich man's war, poor man's fight: race, class, and power in the rural South during the First World War*, Chapel Hill, University of North Carolina Press; CAPOZZOLA, Christopher

en el Imperio otomano también recalca cómo la creciente dependencia del estado otomano respecto a la sociedad civil lo forzó a ponerse de acuerdo con las demandas de las comunidades locales, a pesar de sus tendencias centralizadoras y autoritarias.¹⁴

1.2 Administración burocrática

Los estados que fueron a la guerra en agosto de 1914 buscaban movilizar los recursos de sociedades industriales para aplastar a sus enemigos en los campos de batalla. La modernización económica y las revoluciones industriales de las que se habían beneficiado la mayoría de los beligerantes desde el siglo XIX les ofreció la posibilidad de movilizar y equipar fuerzas de combate de tamaños nunca antes vistos. Además, la guerra industrial también dio lugar a sus propias exigencias, ilustradas en particular en el área de la logística. Dotados con los medios de la guerra moderna, los ejércitos de 1914 tenían que ser apoyados por densas redes logísticas cuyas líneas de suministro, sostenidas por las redes de ferrocarril construidas en las décadas anteriores, les permitieron avanzar y sobrevivir sin tener que hacer uso de los recursos de la tierra en la que estaban combatiendo. Por ejemplo, en septiembre de 1916 estaban cruzando cada semana el Canal de Gran Bretaña a Francia 128,000 toneladas de provisiones.¹⁵

Sin embargo, el reto de la movilización económica no tenía que ver simplemente con la escala; también era una cuestión de sofisticación. La abundancia era necesaria pero no suficiente; el conocimiento técnico-científico y las habilidades organizativas también eran requeridas para corresponder a la voluntad política de llevar a cabo una transformación rápida y profunda, si bien temporal, de las economías nacionales. De hecho, la guerra total era la empresa más vasta conocida por el hombre hasta el momento, pues tenía que ser conscientemente organizada y dirigida y sólo podía ser sostenida por sociedades altamente industrializadas y especializadas.¹⁶

En consecuencia, la historia del estado en guerra se ha centrado justamente en las estructuras administrativas nacionales y los organismos gubernamentales. Sin embargo, buena parte de los recursos humanos y materiales tan necesitados por el estado fueron provistos por la sociedad civil. Del control estricto a la cooperación flexible, la actitud

(2010): *Uncle Sam wants you: World War I and the making of the modern American citizen*, Nueva York y Oxford, Oxford University Press.

¹⁴ BEŞİKÇİ, Mehmet (2012): *The Ottoman mobilization of manpower in the First World War: between voluntarism and resistance*, Leiden y Boston, Brill.

¹⁵ WASSERSTEIN, Bernard (2007): *Barbarism and civilization: a history of Europe in our time*, Oxford y Nueva York, Oxford University Press, p. 56.

¹⁶ HOBBSBAWM: *op. cit.*, p. 44.

del estado hacia la sociedad civil vino dictada por las circunstancias; y las circunstancias, si no la buena voluntad universal, impusieron la cooperación. Dadas las limitaciones de los organismos administrativos, empujados al caos por la movilización militar, la asistencia para las víctimas de guerra y las personas a cargo de los soldados fue asegurada por las organizaciones de la sociedad civil puestas en marcha en cada localidad. En Gran Bretaña, por ejemplo, la Asociación de Familias de Soldados y Marineros [*Soldiers' & Sailors' Families Association*] jugó un papel clave a la hora de mantener la cohesión de la retaguardia hasta junio de 1916, cuando el Comité de Pensiones de Guerra [*War Pensions Committee*] se hizo cargo de esta misión.

Estudios locales, nacionales y comparados han demostrado hasta qué punto las organizaciones voluntarias compensaron las deficiencias del estado de este modo, probándose indispensables en la movilización de los recursos materiales y culturales de la nación e, incluso, beneficiándose de la guerra.¹⁷ En Austria-Hungría, el estado persiguió lo que Ke-Chin Hsia llamó una ‘colaboración de los pobres’ para responder a su deslegitimación durante la guerra.¹⁸

En Francia, la guerra supuso un desafío para la definición normativa e institucional del estado republicano, universalista y centralizado, lo cual justificó la pragmática aproximación al servicio público adoptada por Léon Duguit.¹⁹ De hecho, Duguit sostenía que en la era de la Gran Guerra el estado moderno era mejor comprendido no como un conjunto de instituciones coercitivas, sino como un proveedor de servicios públicos:

“El Estado moderno aparece cada vez más como un grupo de individuos que trabajan de forma concertada para satisfacer las necesidades materiales y morales de sus participantes bajo el liderazgo y control de las autoridades gubernativas; en consecuencia, la noción del servicio público es sustituida

¹⁷ SKOCPOL, Theda, KARCH, Andrew, MUNSON, Ziad y CAMP, Bayliss (2002): “Patriotic partnerships: why great wars nourished American civil voluntarism”. En: Ira Katznelson y Martin Shefter (eds.), *Shaped by war and trade: internacional influences on American political development*, Princeton, NJ, y Oxford, Princeton University Press, pp. 134-180.

¹⁸ HSIA, Ke-Chin (2010): “A partnership of the weak: war victims and the state in the early First Austrian Republic”. En: Günther Bischof, Fritz Plassner y Peter Berger (eds.), *From empire to republic: post-World War I Austria*, Contemporary Austrian Studies 19, Innsbruck, UNO Press and Innsbruck University Press, pp. 192-221. Véase también su capítulo en el próximo volumen publicado bajo el patrocinio de la International Society for First World War Studies, ibidem (2014): “Who provided care for wounded and disabled soldiers? Conceptualizing state-civil society relationship in First World War Austria”. En: Gunda Bargh-Scalmani, Joachim Bürgschwentner y Matthias Egger (eds.), *Other fronts, other wars? First World War Studies on the Eve of the Centennial*, Leiden, Brill, en prensa.

¹⁹ PURSEIGLE, Pierre (2013): *Mobilisation, sacrifice, et citoyenneté. Angleterre-France, 1900-1918*, París, Les Belles Lettres.

por aquella del poder público; el Estado deja de ser una autoridad que ordena para convertirse en un grupo que trabaja”²⁰

1.3. Estado fiscal

Finalmente, el estado fiscal necesita ser reconsiderado a la luz de las dinámicas sociales subyacentes a la movilización de las sociedades beligerantes. A la altura de 1914, la estructura fiscal de los estados beligerantes permanecía poco desarrollada y los impuestos recaudaban sólo una porción de los ingresos necesarios para sufragar el esfuerzo de guerra. Como resultado, ese esfuerzo dependía de préstamos y, en particular, de los préstamos domésticos, que proveyeron más del 70 por ciento de los ingresos de los beligerantes en tiempo de guerra. Tal dependencia revelaba el continuo apoyo del que gozaba el conflicto entre las poblaciones civiles, porque sólo la victoria en el campo de batalla produciría los beneficios esperados.

No obstante, los impuestos fueron esenciales para financiar el esfuerzo de guerra, incluso aunque Alemania y Gran Bretaña se situaban en lados opuestos del espectro fiscal de guerra en tanto que la primera dependía en gran medida de los préstamos y la segunda de los impuestos.²¹ Para muchos estados beligerantes, la adopción del impuesto sobre los ingresos marcó un momento decisivo en su historia fiscal. Igualmente significativa fue en este contexto la imposición de un impuesto sobre los beneficios extraordinarios, diseñada para dar respuesta tanto a preocupaciones financieras como éticas. Dichos impuestos también ilustraron la triangulación de la coerción del estado durante la guerra, los intereses empresariales y las presiones de los sindicatos.²² En consecuencia, el conflicto reorganizó las relaciones del estado y el mercado y, también, expandió el procedimiento de tasación a la sociedad civil. De hecho, el desarrollo de programas voluntarios de contribución caritativa era apuntalado habitualmente por una retórica de obligación política y servicio patriótico que definía la ciudadanía en sólidos términos éticos.²³ El ‘voluntarismo coercitivo’ que Chris Capozzola ha identificado en el marco estadounidense también imbuyó a otras sociedades beligerantes.²⁴

²⁰ DUGUIT, Léon (1927): *Traité de droit constitutionnel*, 2 vols, Paris, E. de Boccard, vol. 1, p. ix.

²¹ ULLMANN, Hans-Peter (2014): “Finance”. En: Jay Winter (ed.), *The Cambridge history of the First World War*, vol. 2, *The state*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 417-421.

²² BALDERSTON, Theo (2010): “Industrial mobilization and war economies”. En: John Horne (ed.), *A companion to the First World War*, Oxford, Blackwell, p. 225.

²³ PURSEIGLE: *Mobilisation, sacrifice, et citoyenneté...*

²⁴ CAPOZZOLA: *op. cit.*

2. SOLIDARIDAD

Sin embargo, el estudio de la coerción y la dominación no agota la historia política de la guerra y el análisis del estado en tiempos de conflicto. Dado que el estado beligerante fue emplazado también a preservar y garantizar la solidaridad de la nación, es necesario tener en cuenta cómo los estados buscaron expresar y reforzar la cohesión social frente a las demandas de la guerra.

2.1 Un conflicto existencial

El conflicto que estalló en 1914 no fue simplemente el resultado de tensiones geopolíticas y estratégicas. En palabras de Halévy, era una «lucha [...] entre nación y nación, cultura y cultura».²⁵ Esta conflagración de imperios y naciones fue ciertamente un ‘choque de ideas’,²⁶ un conflicto que enfrentaba entre sí visiones en pugna del orden europeo e internacional. De hecho, la Gran Guerra instaló firmemente culturas e ideologías en el centro del problema del conflicto.

Aunque los historiadores de la Primera Guerra Mundial han desafiado de forma exitosa la noción de que las poblaciones europeas dieron la bienvenida al conflicto de forma entusiasta, éste no tardó en ser investido de una significación existencial.²⁷ En líneas generales, resignadas frente a un conflicto cuyas consecuencias temían, las sociedades beligerantes vieron éste como ‘una lucha en legítima defensa’.²⁸ Esta convicción debilitó una oposición a la guerra obstaculizada y, en ocasiones, reprimida en virtud de la legislación adoptada por los estados beligerantes para restringir los derechos políticos y civiles en nombre de la defensa nacional. En retrospectiva, los temores del gobierno y las élites nacionales, recelosas respecto a la dudosa lealtad de las clases trabajadoras, se mostraron infundados. Incluso en Rusia, donde la revolución había sacudido las mismas bases del régimen zarista en una fecha tan reciente como 1905, las masas se manifestaron en defensa de la nación²⁹ y el 96 por ciento de los

²⁵ HALÉVY: *op. cit.*

²⁶ STRACHAN: “Total war in the twentieth century”..., p. 271.

²⁷ BECKER, Jean-Jacques (1977): *1914: Comment les français sont entrés dans la guerre*, París, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques; VERHEY, Jeffrey (2000): *The spirit of 1914: militarism, myth, and mobilization in Germany*, Cambridge, Cambridge University Press; GREGORY, Adrian (2008): *The last Great War: British society and the First World War*, Cambridge, Cambridge University Press.

²⁸ HORNE, John (2010): “Public opinions and politics”. En: John Horne (ed.), *A companion to the First World War*..., p. 280.

²⁹ SANBORN, Joshua A. (2003): *Drafting the Russian nation: military concription, total war, and mass politics, 1905-1925*, DeKalb, Northern Illinois University Press.

soldados se presentaron al servicio. De forma similar, los ejércitos francés y alemán encontraron muy pocas dificultades al llevar sus respectivos ejércitos.³⁰

Intelectuales, artistas y políticos formularon este dramático choque de naciones en términos sorprendentemente similares a lo largo de las líneas del frente. En palabras de Alfred Zimmern, fue «un conflicto entre dos concepciones diferentes e irreconciliables del gobierno, la sociedad y el progreso».³¹ Aunque las élites políticas nacionales se colocaron al frente de esta movilización cultural a lo largo y ancho del mundo beligerante, el compromiso de la sociedad civil con la defensa nacional se describe mejor como resultado de la auto-movilización.³²

Esta ‘conformidad defensiva’, tanto en lo referido al compromiso militar como en lo que tiene que ver con la movilización social, se había hecho posible por la fuerza y adaptabilidad de las construcciones culturales nacionales.³³ El enemigo era visto como una amenaza para la cultura, la identidad y el modo de vida propios; en consecuencia, la guerra industrial era interpretada como una lucha a vida o muerte y, por tanto, representada en términos absolutos. A pesar de la retórica de oradores patriotas profesionales, la defensa de la nación fue comúnmente articulada en términos comunitarios y enmarcada en el lenguaje de lo local, de clase o en base a las solidaridades religiosas.³⁴ La guerra fue interpretada como una batalla personal por la seguridad de la propia familia y el hogar.

³⁰ STRACHAN, Hew (2006): *The First World War: a new history*, Londres, Free Press.

³¹ ZIMMERN, Alfred (1915): “German culture and the British commonwealth”. En SETON-WATSON, R. W., DOVER WILSON, J., ZIMMERN, A. E.: *The war and democracy*, Londres, Macmillan [1914], p. 348. Véase también PROCHASSON, Christophe y RASMUSSEN, Anne (1996): *Au nom de la Patrie. Les intellectuels et la Première Guerre Mondiale (1910-1919)*, París, La Découverte; HANNA, Martha (1996): *The mobilization of intellect: French scholars and writers during the Great War*, Cambridge, MA, y Londres, Harvard University Press.

³² HORNE, John (ed.) (1997): *State, society, and mobilization in Europe during the First World War*, Cambridge, Cambridge University Press.

³³ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane y BECKER, Annette (1997): “Violence et consentement: La ‘culture de guerre’ du premier conflit mondial”. En: Jean-Pierre Rioux y Jean-François Sirinelli (eds.): *Pour une histoire culturelle*, L’Univers Historique, París, Le Seuil, p. 112.

³⁴ PURSEIGLE, Pierre (2004): “Beyond and below the nations: towards a comparative history of local communities at war”. En: Jenny Macleod y Pierre Purseigle (eds.), *Uncovered fields: perspectives in First World War studies*, Boston y Leiden, Brill, pp. 95-123; GOEBEL, Stefan (2004): “Forging the industrial home front in Germany: ironrail memorials in the Ruhr”. En: Macleod y Purseigle (eds.), *op. cit.*, pp. 159-178; CHICKERING, Roger (2007): *The Great War and urban life in Germany: Freiburg, 1914-1918*, Studies in the Social and Cultural History of Modern Warfare, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 364-365; PURSEIGLE, Pierre (2013): *Mobilisation, sacrifice, et citoyenneté...*

2.2. La economía de guerra y la legitimidad del estado

Las culturas de guerra se basaron en la superioridad moral que cada bando decía encarnar. Sin embargo, la ética de la movilización también operó a un nivel más profundo, ayudando a definir y regular comportamientos y relaciones sociales dentro de las sociedades beligerantes. La movilización bélica provocó el surgimiento de nuevas divisiones, nuevas categorías dentro de la ciudadanía beligerante cuyas respectivas posiciones fueron evocadas en términos de deber y definidas por las ‘relaciones sociales del sacrificio’ en tiempos de guerra.³⁵ El soldado del frente sobresalía como el principal protagonista y rol modelo de una narrativa bélica que definía el comportamiento civil ideal como la traslación a la cotidianeidad del deber, el sacrificio y la solidaridad.³⁶

Las exigencias de la guerra industrial de masas fueron tales que el confort de las poblaciones en la retaguardia no quedó comprometido como un mero gesto de solidaridad con los soldados en el frente; se preveía que éste se convirtiera en una víctima más de la guerra. Las privaciones materiales de los hogares pronto superaron las pérdidas militares en el frente hasta el punto de alimentar un creciente sentimiento de victimización en las retaguardias. En consecuencia, la articulación dialéctica de la victimización y la participación estructuraron los patrones que rigieron el comportamiento y las percepciones, que en última instancia determinaron el nivel y la forma de la movilización social.³⁷ La trabajadora de la industria armamentística, la enfermera o el vago, por citar sólo tres, mostraron distintos tipos de movilización, positiva o negativa, que correspondían a niveles específicos de participación en el esfuerzo de guerra. El ‘especulador’ y el ‘vago’, omnipresentes dentro de las sociedades beligerantes, llegaron a ser la encarnación paradigmática de este lenguaje. La imparcialidad y la justicia –o la falta de ellas– estaban en el mismo núcleo de las discusiones en torno al servicio militar y el acceso a los recursos materiales. La inflación y la incapacidad de los gobiernos para controlarla afectó de forma negativa a las relaciones sociales.³⁸ La desigual distribución de comida, carbón, gasolina y otros bienes esenciales –agravado habitualmente por las migraciones interiores forzadas o planificadas– pusieron la solidaridad nacional a prueba. Dentro del espacio europeo

³⁵ WINTER, Jay y ROBERT, Jean-Louis (1997): *Capital cities at war: Paris, London, Berlin, 1914-1919*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 10.

³⁶ STOCKDALE, Melissa K. (2004): “‘My death for the motherland is happiness’: women, patriotism, and soldiering in Russia’s Great War, 1914-1917”. En: *American Historical Review*, 100:1, pp. 78-116.

³⁷ PURSEIGLE, Pierre (2007): “‘A wave onto our shores’: exile and resettlement of Western Front refugees, 1914-1918”. En *Contemporary European History*, 16:4, pp. 427-444.

³⁸ BALDERSTON: *op. cit.*, p. 227.

centro-oriental, en particular, las relaciones entre los habitantes del mundo urbano y las poblaciones rurales cristalizaron estas tensiones, volviéndose particularmente amargas tan pronto como el acceso a los recursos alimentarios comenzó a experimentar problemas.³⁹

El servicio militar, las labores auxiliares relacionadas con la guerra y el servicio patriótico reorganizaron las identidades sociales y de género.⁴⁰ El estado no estaba a cargo meramente de la obtención de los recursos humanos y materiales; como principal organizador de la nación en armas se esperaba que distribuyera los recursos materiales de manera equitativa y juzgara las demandas de los grupos de interés en conflicto. Estas ‘éticas de la movilización’ deberían entenderse en términos durkheimianos: definían las condiciones de la solidaridad en tiempo de guerra y acuñaron un lenguaje de obligación política recíproca. En otras palabras, por hacernos eco de Norbert Elias, la historia del estado beligerante también tiene que ser la de las interdependencias que explican el mantenimiento de la idiosincrasia nacional.⁴¹

La inflación fue el azote de las sociedades beligerantes, hasta el punto de amenazar directamente los niveles de vida de la población civil y, como resultado, la resistencia de las poblaciones en la retaguardia.⁴² En este sentido, el contraste entre Francia y Gran Bretaña por un lado y las potencias centrales por el otro era notablemente agudo.⁴³ Si bien el racionamiento del pan se había introducido en Alemania en una fecha tan temprana como enero de 1915, los niveles de vida de la población pronto quedaron afectados por la inflación y la escasez. Aunque la población alemana no padeció hambre, su dieta se vio tan dramáticamente afectada que ésta pronto se convirtió en el reflejo de las privaciones sufridas por los civiles.⁴⁴ La aparente incapacidad de las autoridades para alimentar a su población y regular el suministro y consumo durante el tristemente célebre ‘invierno del nabo’ de 1916-1917 amenazó directamente el contrato

³⁹ DAVIS, Belinda (2000): *Home fires burning: food, politics, and everyday life in World War I Berlin*, Chapel Hill y Londres, University of North Carolina Press; HEALY, Maureen (2004): *Vienna and the fall of the Habsburg empire: total war and everyday life in World War I*, Cambridge, Cambridge University Press.

⁴⁰ WATSON, Janet S. K. (2004): *Fighting different wars: experience, memory, and the First World War in Britain*, Studies in the Social and Cultural History of Modern Warfare, Cambridge y Nueva York, Cambridge University Press.

⁴¹ ELIAS, Norbert (1991): *La Société des individus*, París, Fayard.

⁴² BALDERSTON: *op. cit.*, pp. 223-224.

⁴³ WINTER y ROBERT: *op. cit.*

⁴⁴ OFFER, Avner (1989): *The First World War: an agrarian interpretation*, Oxford, Clarendon, pp. 45-53.

social y el esfuerzo de guerra.⁴⁵ En Berlín y Viena, las mujeres dieron rienda suelta a su ira a lo largo de las colas de racionamiento, mostrando su descontento.⁴⁶ En Petrogrado, el hambre y el ardiente deseo de paz avivaron las llamas de la revolución en 1917.

2. 3. Las misiones y contornos del estado

La movilización económica reveló la importancia crucial de los estados beligerantes, pero también enfatizó las especificidades de sus respectivos sistemas políticos. Encargadas de la defensa nacional, las instituciones del estado emprendieron nuevas relaciones con el mundo empresarial y las organizaciones de la sociedad civil para poder abordar los retos de la guerra industrial de masas. En 1914, muchos analistas dudaron de que los estados liberal-democráticos serían capaces de movilizar la economía de una forma suficientemente efectiva; el tipo de autoridad incontestable reivindicada, si no disfrutada de forma permanente, por los estados autoritarios era juzgado habitualmente como un punto clave para conseguir una movilización económica exitosa capaz de dirigir los recursos de la nación hacia la prosecución de la guerra. Sin embargo, llegado el momento los regímenes liberal-democráticos se mostraron igual de capaces. El liberalismo empleó con éxito las técnicas de gestión empresarial así como los instrumentos del estado para abordar las exigencias de la guerra total.

La movilización de recursos enfrentó a las burocracias entre sí; esta competencia, desarrollada en el ámbito económico, tuvo un impacto crucial sobre los resultados del conflicto. La mayoría de los expertos invoca el papel jugado por el Leviatán industrializado en tiempos de guerra, y con razón. De hecho, como acertadamente observó Fabienne Bock, el estado en guerra se distinguió por su vigor.⁴⁷ Sin embargo, hasta cierto punto, esta caracterización contradice la naturaleza de la relación entre el estado y otros agentes económicos en tiempos de guerra. De hecho, la experiencia de la guerra puso de relieve las limitaciones del estado tanto como enfatizó su innegable capacidad para conducir la economía en beneficio de la defensa nacional. La guerra dio lugar a nuevas formas de cooperación entre el estado beligerante, las empresas y la

⁴⁵ CHICKERING, Roger (1998): *Imperial Germany and the Great War, 1914-1918*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 146.

⁴⁶ DAVIS: *op. cit.*; HEALY: *op. cit.*

⁴⁷ BOCK, Fabienne (1984): "L'Exubérance de l'Etat en France de 1914 à 1918". En: *Vingtième Siècle. Revue d'Historie*, 3, pp. 41-51.

sociedad civil, al mismo tiempo que «engendró nuevas formas de cooperación corporativa entre el funcionario y el hombre de negocios».⁴⁸

En este contexto, la cooperación cobró múltiples aspectos, determinada en parte por las culturas políticas y empresariales dominantes en cada sociedad beligerante. Sin embargo, es importante no asumir que cooperación e innovación fueran meramente un feudo exclusivo de los regímenes liberal-democráticos. De hecho, los dirigentes alemanes intentaron traducir en términos económicos el ideal de comunidad nacional animado por el conflicto.⁴⁹ El papel jugado por Walther Rathenau al timón del Departamento de Materias Primas de Guerra [*Kriegsrohstoffabteilung*] creado en agosto de 1914 ilustró este intento del estado por dirigir la movilización de la economía a través de la combinación de capitalismo y socialismo. Antiguo directivo de AEG, Rathenau fue designado para satisfacer las necesidades materiales de los ejércitos en base a su experiencia empresarial; la experiencia de su homólogo francés, Albert Thomas, un socialista que fue designado para desempeñar un papel similar en estrecha colaboración con los líderes empresariales, imita el experimento de guerra alemán. Que ambos fueran encargados del suministro de municiones subraya también la importancia que el estado otorgó a la cooperación en esta área crítica. Al mismo tiempo, refleja los imperativos pragmáticos que se situaban en el centro del proceso de movilización. De hecho, las necesidades de la guerra prevalecieron sobre las rigideces ideológicas de los sistemas políticos.⁵⁰ La guerra forzó por igual al estado y los mercados a reconocer y superar sus respectivas limitaciones.

Los recursos materiales, el conocimiento científico-técnico y el ejercicio de la autoridad del estado fueron esenciales para la movilización bélica, pero su éxito y sostenibilidad también dependió del mantenimiento de la legitimidad del esfuerzo de guerra. A mi modo de ver, la autoridad del estado beligerante se convertiría en un atributo de dudoso valor si la coerción perdía su carácter legítimo. Aquí reside la conexión fundamental entre la autoridad del estado en guerra y la legitimidad del conflicto.

⁴⁸ ROSEMAN, Mark (1997): "War and the people: the social impact of total war". En: Charls Townshend (ed.), *The Oxford illustrated history of modern war*, Oxford y Nueva York, Oxford University Press, p. 250; MIDDLEMAS, Keith (1979): *Politics in industrial society: the experience of the British system since 1911*, Londres, Deutsch; HAWLEY, Ellis Wayne (1997): *The Great War and the search for a modern order: a history of the American people and their institutions, 1917-1933*, Prospect Heights, IL, Waveland; MEHROTRA, Ajay K. (2010): "Lawyers, guns, and public moneys: the US Treasury, World War I, and the administration of the modern fiscal state". En: *Law and History Review*, 28:1, pp. 173-225.

⁴⁹ STRACHAN: *op. cit.*, p. 273.

⁵⁰ BALDERSTON: *op. cit.*, pp. 224-225.

3. SOBERANÍA

Entre 1919-1920, momento inmediatamente posterior al conflicto, el antropólogo Marcel Mauss se disponía a escribir un ambicioso estudio del estado, titulado de forma reveladora *La nación*.⁵¹ Aunque nunca completó la obra, una parte significativa de ésta fue publicada en los años 40. De forma muy clara, el autor veía poco sentido en la distinción entre estado y nación, porque definía el ‘cuerpo político soberano’ como la reunión de todos los ciudadanos. Es a partir de esta noción de soberanía, discutida apasionadamente desde el final del conflicto, que me gustaría continuar y concluir esta breve exploración del ‘estado beligerante’, ya que la guerra desafió y redefinió las fuentes de la autoridad política.

3.1. Realización de demandas y movilización social

Definida como la «autoridad suprema dentro de un territorio dado», la soberanía disfruta «el derecho a ordenar y, correlativamente, el derecho a ser obedecido», tal y como señaló Robert P. Wolff.⁵² En 1914-1918, la autoridad del estado descansaba sobre su capacidad para hacer la guerra sin menoscabar los niveles de vida de sus ciudadanías movilizadas. La legitimidad del estado estaba íntimamente vinculada con el modo en que llevó adelante la guerra. Central en el trabajo de Weber, la legitimidad no es «una especie de atributo abstracto, sino [...] una actividad observable en la que los gobiernos se involucran de forma característica, la realización de demandas».⁵³ Ciertamente, el realizar demandas tenía una importancia decisiva para la movilización bélica, porque las poblaciones beligerantes definieron constantemente su contribución al esfuerzo de guerra a través de la negociación y los regateos. Las culturas políticas existentes ofrecieron el marco para tales negociaciones donde el estado no eran más que uno entre una multiplicidad de actores, si bien era el dominante. La importancia de estas negociaciones se puso de relieve en los mecanismos e instituciones establecidos para distribuir recursos esenciales tales como la mano de obra, sin ir más lejos los tribunales británicos del servicio militar. En consecuencia, los representantes de la sociedad civil decidieron conflictos que reflejaban debates mucho más amplios sobre la obtención de

⁵¹ MAUSS, Marcel (s.f.): “La Nation (1940-1948)”, *L’Année Sociologique*, 7, pp. 5-68.

⁵² WOLFF, Robert Paul (1998): *In defense of anarchism*, Berkeley, University of California Press, p. 4.

⁵³ BARKER, Rodney S. (2001): *Legitimizing identities: the self-presentations of rulers and subjects*, Cambridge y Nueva York, Cambridge University Press, p. 2.

los medios para hacer la guerra.⁵⁴ Estos debates resaltaron la relevancia del proceso de negociación permanente por medio del cual la sociedad civil trataba de limitar las demandas del estado sobre la nación.

Igualmente, la implementación del Programa Hindenburg en Alemania, el plan del alto mando para una movilización autoritaria de los recursos de la nación, tuvo que llegar a un acuerdo con la creciente importancia de los obreros sindicados y una «cierta parlamentarización del sistema alemán de gobierno».⁵⁵ En consecuencia, los expertos han señalado la necesidad e importancia de la capacidad del «estado para asegurar el consentimiento de los sectores clave de la sociedad civil».⁵⁶ De hecho, tal y como el general Groener expulsado en noviembre de 1916, «la guerra no podía ser ganada de ningún modo contra la oposición de los trabajadores».⁵⁷

A lo largo de la guerra, los conflictos sociales, incluidas las huelgas y otras formas de presentar reivindicaciones, permitieron a las sociedades beligerantes expresar las condiciones de su compromiso con el esfuerzo de guerra. En el frente, la resistencia de los soldados frente a la disciplina, incluidos los motines, revelaba la existencia de unas dinámicas similares en funcionamiento.⁵⁸ De hecho, la lógica de la participación de masas en la guerra industrial contribuyó a la extensión y gradual fortalecimiento –si bien habitualmente limitado– de la ciudadanía. Como Charles Tilly señalaba, «la relación entre el modo de hacer la guerra y las políticas civiles [se había] alterado de forma en esencia».⁵⁹ La experiencia de guerra reforzó dramáticamente los términos del contrato social a los que la idea de ciudadanía nos remite. En consecuencia, un continuo proceso de negociación y regateo fabricó el consentimiento popular frente a un esfuerzo de guerra elaborado tanto por medio de las luchas y los conflictos como a través del apoyo público.⁶⁰ Las peticiones presentadas por los campesinos rusos demuestran la

⁵⁴ Sobre la articulación del modo de hacer la guerra, las prácticas del estado, la protección, la obtención, la distribución y la producción véase TILLY, Charles (1990): *Coercion, capital, and European states, AD 990-1990*, Oxford y Cambridge, MA, Blackwell, p. 97.

⁵⁵ KOCKA: *op. cit.*, p. 130.

⁵⁶ CRONIN, James (1989): “The crisis of state and society in Britain, 1917-22”. En: Leopold H. HAIMSON y Charles TILLY (eds.), *Strikes, wars, and revolutions in an international perspective: strike waves in the late nineteenth and early twentieth centuries*, Oxford y París, Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, p. 459.

⁵⁷ KOCKA: *op. cit.*, p. 136.

⁵⁸ SMITH, Leonard V.: *op. cit.*; KEENE, Jennifer D.: *Doughboys, the Great War and the remaking of America*, Baltimore, MD, y Londres, Johns Hopkins University Press, 2001.

⁵⁹ TILLY: *Coercion, capital, and European states...*, p. 83.

⁶⁰ TILLY: *Coercion, capital, and European states...*, p. 102; TILLY, Charles (1996): “The emergency of citizenship in France and elsewhere”. En: Charles Tilly (ed.), *Citizenship, identity and social history, International Review of Social History supplement*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 229.

sofisticación del proceso en la realización de demandas durante la Primera Guerra Mundial.⁶¹ De hecho, el caso ruso subraya la necesidad de diferenciar entre la contestación de las políticas estatales y el rechazo de la solidaridad nacional. Joshua Sanborn ha demostrado que por lo general las demandas fueron formuladas en términos nacionales.⁶²

3. 2. El significado y la práctica de la soberanía

La experiencia de los regímenes imperiales ilustra dramáticamente lo que estaba en juego con este conflicto. Como Michael Geyer señaló, «el problema en las grandes guerras y la razón de las crisis profundas no es la gobernabilidad o las diferentes lógicas militares, sino la naturaleza del gobierno y la lógica militar propiamente dichas».⁶³ Por lo tanto, no es sorprendente que los teóricos sociales buscaran elaborar nuevas concepciones de la soberanía en el momento inmediatamente posterior a la guerra. Como no podría ser de otro modo, a la cabeza de todos ellos estaría Carl Schmitt, cuyo trabajo continua generando comentarios y debates.

Valiéndose de Hobbes, Bodin y Treitschke, Carl Schmitt articuló su teoría de la soberanía en torno a un estado de excepción y emergencia. Tal y como expresó en su *Teología política*, publicada en 1922, «soberano es el que decide sobre el estado de excepción».⁶⁴ Apartándose de los principios de la democracia liberal y el constitucionalismo, Schmitt identifica la soberanía con la capacidad para suspender el régimen legal vigente en respuesta a una emergencia. A pesar de su innegable relevancia para la experiencia de la Primera Guerra Mundial, el conflicto en cuestión arroja luz de forma implacable sobre dicha teoría.⁶⁵

Ciertamente, la experiencia de su propio país ofrece una réplica espectacular a la posición de Schmitt. La pluralidad y dinamismo de la sociedad civil alemana contrastaba con un sistema político que, aunque no carente de reformas, había resistido altos niveles de participación popular y había permitido la concentración de, algunos

⁶¹ PYLE, Emily E. (1997): "Peasant strategy for obtaining state aid: a study of petitions during World War I". En: *Russian History/Histoire Russe*, 24:1-2, pp. 41-64.

⁶² SANBORN, Joshua A. (2000): "The mobilization of 1914 and the question of the Russian nation: a reexamination". En: *Slavic Review*, 59:2, pp. 267-342.

⁶³ GEYER, Michael (1993): "War and the context of general history in an age of total war". En: *Journal of Military History*, 57:5, pp. 145-163, cit. en p. 157.

⁶⁴ SCHMITT, Carl (2005): *Political theology: four chapters on the concept of sovereignty*, Chicago, University of Chicago Press, p. 5.

⁶⁵ Para una aproximación exhaustiva y llamativa al estado en guerra que da testimonio directamente de la posición de Schmitt véase WINTER, Jay (ed.) (2014): *The Cambridge history of the First World War*, 3 vols, Cambridge y Nueva York, Cambridge University Press, vol. 2: *The state*.

han defendido, poderes dictatoriales en manos del Alto Mando del ejército.⁶⁶ Ya los primeros meses de la guerra y el subsiguiente debate sobre las ideas de 1914 dieron pie a importantes debates sobre la naturaleza de la comunidad nacional. Más tarde, como Benjamin Ziemann ha señalado, los movimientos sociales, donde las mujeres tuvieron un papel fundamental, jugaron un papel prominente en la articulación de discursos de participación política que habitualmente descansaban sobre ideas de los derechos y los privilegios.⁶⁷ Finalmente, como en el caso de los motines franceses de 1917, el colapso del imperio alemán –descrito por Wilhelm Deist como una huelga encubierta de soldados⁶⁸– demostró que si el soberano se define por su capacidad para suspender el régimen legal vigente en respuesta a una emergencia, la soberanía estaba claramente en manos de la ciudadanía movilizada.

El intento de Schmitt por redefinir la soberanía está en armonía con la receta de Ludendorff de cara a la siguiente guerra y representa un intento claramente reaccionario de retrasar el reloj al *status quo ante bellum*. Porque en realidad la Primera Guerra Mundial había demostrado que, a pesar de todos sus esfuerzos, el estado no podía pretender con éxito un monopolio sobre la soberanía.⁶⁹ De hecho, la lógica de la participación de masas en tiempo de guerra contuvo al estado incluso cuando ésta lo capacitó para actuar de formas sin precedentes, dado que su misma legitimidad, ahora redefinida por el sacrificio de los soldados y los civiles por igual, dependía de su capacidad para mantener un contrato social, ahora redefinido en base al sacrificio de los soldados y los civiles por igual. Mientras el estado realizó demandas sobre la ciudadanía en nombre de la defensa nacional, tanto los combatientes como los civiles invocaron cada vez más la soberanía popular para realizar sus propias demandas sobre el estado.

⁶⁶ KITCHEN, Martin (1976): *The silent dictatorship: the politics of the German high command under Hindenburg and Ludendorff, 1916-1918*, Londres, Croom Helm.

⁶⁷ ZIEMANN, Benjamin (2011): “Germany 1914-1918: total war as a catalyst of change”. En: Helmuth Walser Smith (ed.), *The Oxford handbook of modern German history*, Oxford, Oxford University Press, <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199237395.001.0001/oxfordhb-9780199237395-e-17>. Consultado por última vez el 13-02-2014.

⁶⁸ DEIST, Wilhelm (1996): “The military collapse of the German empire: the reality behind the stab-in-the-back myth”. En: *War in History*, 3:2, pp. 186-207.

⁶⁹ Para una discusión sobre la actual relevancia de Schmitt véase NORRIS, Andrew (2007): “Sovereignty, exception, and norm”. En: *Journal of Law and Society*, 34:1, pp. 31-45.

3.3 Guerra, revolución y cambio político

Finalmente, como Halévy apuntó, «la crisis mundial de 1914-1918 no sólo fue una guerra –la guerra de 1914–, sino también una revolución –la revolución de 1917». ⁷⁰ De hecho, más allá de Rusia la guerra había provocado la desaparición de los imperios alemán, austro-húngaro y otomano, permitiendo a su vez el nacimiento y renacimiento de naciones a lo largo y ancho de Europa. En todo el mundo beligerante, desde Washington a Beijing, los movimientos sociales de posguerra desafiaron las jerarquías sociales, políticas, raciales y de género establecidas. A ojos de los disidentes, la Gran Guerra había demostrado la necesidad de una redefinición de los contornos de la ciudadanía nacional. ⁷¹ En Alemania y Austria, la emancipación de la mujer durante la posguerra dentro de un contexto revolucionario enfatizaba la asimilación de la soberanía popular y nacional. Al establecer «una república democrática», la constitución de la Austria de posguerra proclama que «su ley emana del pueblo». Otro poder derrotado, el imperio otomano, también ejemplificó una ruptura radical con las concepciones establecidas de la soberanía. La constitución turca de 1924 afirmaba que «la soberanía pertenece sin restricciones a la nación». ⁷² Sin embargo, la constitución de la República de Weimar atestigua también el carácter bastante ambivalente de esta transición. De hecho, desde su primer artículo –«El Reich alemán es una República. La autoridad del estado deriva del pueblo»– queda bien ilustrada la compleja combinación de formas tradicionales y modernas de soberanía. Citando un tanto libremente a Arno Mayer, la persistencia del *ancien régime* en el periodo de entreguerras da fe de la naturaleza altamente contestada y contingente de la transición. ⁷³

Aunque la relación entre la guerra y el cambio social se sitúa más allá del ámbito de este artículo, la política y economía de los frentes y retaguardias en combate subraya la necesidad de situar la historia de la movilización social en el centro de estas reflexiones. En la Primera Guerra Mundial, los estados beligerantes reivindicaron los recursos de las sociedades civiles. Las segundas respondieron de acuerdo con los términos del contrato

⁷⁰ HALÉVY: *op. cit.*, p. 162.

⁷¹ KEENE, Jennifer D. (2005): “Protest and disability: a new look at African-American soldiers during the First World War”. En: Pierre Puseigle (ed.), *Warfare and belligerence: perspectives in First World War studies*, Leiden y Boston, Brill, pp. 177-203; WILLIAMS, Chad L. (2010): *Torchbearers of democracy: African American soldiers in the World War I era*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.

⁷² EARLE, Edward Meade (1925): “The new constitution of Turkey”. En: *Political Science Quarterly*, 40:1, pp. 73-100.

⁷³ MAYER, Arno (1981): *The persistence of the old regime: Europe to the Great War*, Nueva York, Pantheon.

social que, según éstas entendían, definían la solidaridad nacional. Inmersos en las culturas políticas nacionales, estos debates atestiguan la capacidad de las sociedades beligerantes para proyectarse en una futura posguerra edificada sobre los sacrificios del presente.⁷⁴ Ciertamente, esta capacidad favoreció la extraordinaria resistencia de aquellas sociedades beligerantes y determinó los acontecimientos políticos del periodo de entreguerras. Sin embargo, enfatizar el carácter subversivo de la guerra nos permite reintroducir las revoluciones de posguerra en la historia de un conflicto que transformó el significado y la práctica de la soberanía, en reconocimiento a lo que Peter Holquist identificó como un continuum europeo de guerra, guerra civil y revolución.⁷⁵

4. CONCLUSIÓN

En las conferencias que impartió sobre política en el Berlín de finales del siglo XIX, Heinrich von Treitschke ofreció esta afirmación rotunda: «Sin la guerra no habría estado».⁷⁶ A pesar de que pocos expertos comparten hoy en día su particular combinación de nacionalismo militarista, antisemita y autoritario, muchos aceptarían que la guerra ha jugado un papel central en la emergencia y consolidación del estado moderno. Ciertamente, se ha convertido en un tropo común en la literatura científica histórica y social reivindicar, como Charles Tilly dijo en su día con gran fortuna, que «la guerra hace estados y viceversa».⁷⁷ Por supuesto, los estudiosos de la Primera Guerra Mundial han reconocido hace tiempo ya la importancia crítica del estado a la hora de liderar, organizar y gestionar la movilización de las sociedades beligerantes en la prosecución de la guerra.

El proceso de movilización bélica empleó el potencial del estado, además de la riqueza y recursos de sociedades diversas y plurales. Al demostrar la interdependencia del estado y la sociedad civil, la guerra puso de manifiesto que el estado no podía ser aprehendido meramente en términos institucionales, porque es primero y antes que cualquier cosa una creación social. Además, la lógica de la participación de masas en la guerra transformó la relación de individuos y grupos con el estado. Y lo hizo esencialmente de forma contingente y pragmática. Sin embargo, al hacerlo también

⁷⁴ HORNE, John (1991): *Labour at war: France and Britain 1914-1918*, Oxford, Clarendon Press.

⁷⁵ HOLQUIST, Peter (2002): *Making war, forging revolution: Russia's continuum of crisis, 1914-1921*, Cambridge, MA, Harvard University Press.

⁷⁶ VON TREITSCHKE, Heinrich (1897): *Politik*, vol. 1, Leipzig, Verlag von S. Hirzel, p. 72. Véase también HAUSRATH, Adolf (1914): *Treitschke, his doctrine of German destiny and of international relations, together with a study of his life and work*, Nueva York y Londres, G. P. Putnam's Sons.

⁷⁷ TILLY: *Coercion, capital, and European states...*, p. 67.

afectó los pilares políticos y éticos de la legitimidad del estado. Por tanto, al desafiar las concepciones monolíticas y centralizadas de la autoridad del estado, la historia social del conflicto puede contribuir a ampliar nuestra comprensión de las transformaciones del estado en la Primera Guerra Mundial.⁷⁸

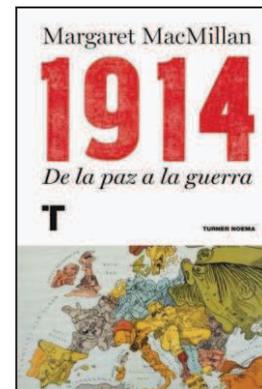
⁷⁸ Para una estimulante y opuesta concepción de soberanía véase SHEEHAN, James J. (2006): “The problem of sovereignty in European history”. En: *American Historical Review*, III: 1, 1, pp. 1-15.

RESEÑAS

MacMillan, Margaret. 1914. De la paz a la guerra. Madrid, Turner, 2014. 847 pp.

*Javier Lion Bustillo.
UNED-Sevilla*

En el verano de 1914, cientos de miles de soldados se dirigían a los trenes que les conducirían a sus futuros destinos, siendo más o menos conscientes de que muy pronto deberían afrontar una prueba decisiva para sus vidas. Mientras las manifestaciones de exaltación patriótica se sucedían en los distintos países implicados, otras personas hacían llamamientos a la no participación en el próximo conflicto militar, si bien sus voces quedaron pronto acalladas por la propaganda oficial. En ese ambiente, las poblaciones creyeron mayoritariamente que sus respectivos países se encontraban amenazados por otros y que la guerra era el último recurso disponible. Por ello, el debate sobre cómo se había llegado a esa situación y cuáles eran las responsabilidades de cada uno de los actores quedó inicialmente teñido por las necesidades de la propaganda bélica. No obstante, tras la conclusión del conflicto se desató la controversia sobre esos aspectos, la cual se ha mantenido viva a lo largo de los años.



El centenario del estallido de la I Guerra Mundial ha constituido un importante incentivo para la publicación de un buen número de trabajos que analizan dicho conflicto de manera global o en algunas de sus distintas facetas. En el caso que nos ocupa, la obra de Margaret MacMillan retoma el debate que se centra en la cuestión de las responsabilidades que corresponden a los distintos actores en el estallido de una conflagración que ensangrentaría buena parte del planeta.

Las explicaciones habituales que se han otorgado al inicio del conflicto se sitúan entre dos polos: por un lado, el de quienes han visto en este episodio una muestra del militarismo alemán, que alcanzaría su culminación durante el III Reich; por otro, quienes consideran que los aliados cargarían con una fuerte responsabilidad al respaldar la política ultranacionalista serbia, además de negarse a otorgar a Alemania el lugar que

debería corresponderle en el sistema internacional. Entre ambos extremos, existen otras tesis que ponen el acento no tanto en encontrar un “culpable” de la guerra, sino que examinan aspectos como qué elementos del sistema internacional y de las alianzas existentes pudieron favorecer el que la crisis de julio de 1914 acabara con un estallido bélico generalizado, a diferencia de lo ocurrido en otros momentos de similar tensión en los años precedentes. Igualmente, las decisiones puntuales de los distintos responsables políticos y militares han sido objeto de escrutinio, como ocurrió con el célebre libro *Los cañones de agosto* de Barbara Tuchman, que saltó a la fama como fuente de inspiración para el Presidente John F. Kennedy, quien veía en la actitud de los dirigentes europeos de 1914 un modelo de actuación que debía ser evitado en circunstancias similares. El libro de MacMillan entronca directamente con esta línea de análisis, colocando el foco de forma predominante sobre el comportamiento de los líderes de la época, tratando de comprender su personalidad, sus temores, sus ambiciones y las presiones a las que fueron sometidos.

La determinación de responsabilidades, sin embargo, siempre ha resultado enormemente compleja, debido fundamentalmente a que en el estallido del conflicto intervinieron un gran número de factores y actores. En este sentido, la obra de MacMillan trata precisamente de estudiar esa complejidad, analizando en los primeros capítulos las posiciones políticas de los distintos Estados europeos y sus intereses respectivos, además de las personalidades de los principales responsables políticos y militares, así como el reflejo de este factor en sus decisiones. A continuación, pasa a centrarse en las crisis internacionales acaecidas a partir de 1904, revisando cuál fue el comportamiento de cada país y por qué las mismas no concluyeron en un conflicto armado, a diferencia de lo que sucedió en julio de 1914. Por último, los capítulos finales están dedicados a rastrear cómo los sucesos se precipitaron en ese fatídico verano.

Frente a las tendencias (impulsadas por Émile Durkheim) al análisis estructural de los acontecimientos sociales, Macmillan bebe en las fuentes de la teoría de la agencia, con raíces en el pensamiento de Max Weber, que subraya la autonomía de acción con la que cuentan los gobiernos a la hora de formular y ejecutar sus políticas. Desde este punto de vista, el enfrentamiento bélico de 1914 no resultaba en absoluto inevitable, sino que fueron las decisiones tomadas por los distintos líderes las que terminaron por desencadenarlo.

Es cierto que la división de Europa en dos bloques antagónicos propiciaba el que cualquier crisis en la que participaran algunos de ellos fuera susceptible de implicar a

sus aliados respectivos, generando una dinámica de tensión creciente. En tales circunstancias, los responsables políticos se veían a menudo entre la espada y la pared. Si un país optaba por no respaldar con firmeza a su aliado con el objetivo de calmar la situación, corría el riesgo de perder a éste, ya que daría la impresión de no ser un socio fiable, por lo que disminuiría su influencia a nivel internacional. Pero un respaldo demasiado incondicional a ese aliado podía provocar el que éste optara por llevar a cabo una política excesivamente imprudente al sentirse sólidamente respaldado por sus alianzas. Este comportamiento también enviaba señales a los Estados rivales, que podían tomar la prudencia en el respaldo a un aliado como un síntoma de debilidad, por lo que tratarían de llevar a cabo una política más ambiciosa para así lograr unas mayores compensaciones.

El caso más extremo de efectos perniciosos derivados de errores de interpretación de la actuación de otros países es aquél en el cual unas medidas destinadas a reforzar la propia seguridad (y que poseen, por tanto, un carácter defensivo) son vistas por las potencias rivales como una amenaza directa, de manera que la misma debe ser contrastada con otras que compensen el desequilibrio creado. Este tipo de situación, que ya fue identificado por Tucídides, y que hoy en día recibe el nombre de “dilema de la seguridad”, es susceptible de provocar una carrera de armamentos e incluso un estallido bélico, al margen de que esa no sea la intención de sus protagonistas. La autora no hace referencia explícita en su obra a este dilema, pero describe un escenario que encaja perfectamente en el mismo, lo que sitúa a los líderes de 1914 en unas circunstancias bastante próximas a las que vivieron los dirigentes de las superpotencias durante la Guerra Fría, si bien en este último caso las crisis surgidas pudieron ser manejadas de tal forma que se evitara una confrontación total.

Un aspecto que, sin embargo, diferencia enormemente las circunstancias de 1914 y las de la Guerra Fría es el relativo a la cercanía de los líderes implicados. Mientras los responsables de la Casa Blanca y del Kremlin representaban ideologías políticas y modelos económico-sociales opuestos, los dirigentes europeos de 1914 procedían en su gran mayoría de las mismas clases sociales (aristocracia y alta burguesía), dándose además la curiosa circunstancia de que casi todos los monarcas que condujeron a sus pueblos a la guerra estaban estrechamente emparentados entre sí, por lo que las disputas internacionales en este momento poseían igualmente una cierta imagen de pelea familiar. Por lo tanto, no deja de ser curiosos el que, mientras en la Guerra Fría líderes de orígenes muy distintos fueran capaces de preservar la paz global, a comienzos del

siglo XX unas élites que tenían entre sí mucho en común contribuyeran a que el mundo se precipitara por el abismo.

Quien busque en el libro de Elizabeth Macmillan un “responsable” de la guerra se llevará una decepción. Para la autora canadiense, el problema no radicó en que un líder determinado estuviera decidido a provocar una guerra con vistas a alcanzar sus objetivos. Es verdad que muchos de ellos realizaron en determinados momentos declaraciones o actos que sugerían que estaban decididos a resolver sus contenciosos mediante las armas (destacando en esta actitud el Kaiser Guillermo), pero no es menos cierto que luego tendieron a tratar de reconducir el curso de los acontecimientos y temieron el estallido bélico. También es verdad que algunos militares parecían convencidos de que la guerra era la mejor opción, destacando en este grupo el Jefe del Estado Mayor austro-húngaro, Conrad Von Hötzendorf. Pero no podemos olvidar que esa belicosidad estaba lejos de ser compartida por el conjunto del estamento militar y de los responsables políticos.

Sin embargo, MacMillan sí señala que entre las élites se hallaba bastante extendida la idea de que la guerra podía ser un instrumento aceptable para lograr sus pretensiones, de tal manera que el recurso a la misma fue manejado en distintos momentos, si bien quedó finalmente descartado. Esa visión del uso de la fuerza como algo natural generaba una situación en la cual la tensión internacional emergía de forma reiterada a raíz de crisis puntuales. En ellas se ponía a prueba la capacidad de los distintos líderes de utilizar la amenaza de la guerra como un instrumento que les permitía extraer unos mejores resultados, esperando que la otra parte diera finalmente marcha atrás y cediera. Estas situaciones habían caracterizado el sistema europeo de Estados a lo largo del siglo XIX, el cual había sido testigo de escasos enfrentamientos armados tras las Guerras Napoleónicas. Sin embargo, el nuevo siglo marcó el inicio de un nuevo modelo de hacer política. La autonomía de las élites se había reducido frente a una opinión pública en la que el nacionalismo y el orgullo patriótico ocupaban un espacio cada vez mayor en la prensa, que pasaba a estar cada vez más pendiente de las crisis y que a menudo incitaba al gobierno de turno a adoptar una posición de fuerza que asegurara el honor del país. Por otra parte, esos mismos gobiernos eran propensos a utilizar a la prensa como instrumento para garantizar el respaldo popular a sus políticas, de modo que ambas realidades tendían a alimentarse mutuamente, favoreciendo el que el recurso a las armas fuera visto como algo aceptable.

En definitiva, el libro constituye un valioso recordatorio de que la política exterior en época contemporánea se halla estrechamente unida con la interior, y que los gobiernos atienden a ambas dimensiones en su toma de decisiones. Pero también nos muestra que, como dice la autora “*siempre hay otras opciones*” y que la calidad del liderazgo político posee una influencia decisiva en el curso de los acontecimientos, para bien o para mal.

SOBRE LOS AUTORES.

Nuno Miguel Magarinho Bessa Moreira nasceu no Porto em 1976. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras do Porto, no ano de 1999. Em 2004 concluiu o mestrado em História Moderna, intitulado *Cardeal D. Henrique: Um pensamento em acção (1539-1578)*. Em Fevereiro de 2013 prestou provas públicas referentes à dissertação de Doutoramento em História, orientada pelo Professor Doutor Armando Carvalho Homem, incidente sobre a Revista de História (1912/ 1928), periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo. O estudo em causa insere-se no âmbito da história da historiografia e beneficiou de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. O autor colabora com o CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) e leccionou alguns anos no Ensino Secundário.

Luis Blanco Vázquez es arqueólogo, miembro de la Asociación Profesional de Arqueólogos de Asturias APIAA y licenciado en Historia por la Universidad de Oviedo. Desempeña su actividad profesional compaginando la arqueología de gestión, en la que desarrolla labores de conservación, intervención y divulgación del patrimonio arqueológico y cultural, con la de investigación, siendo objeto de su estudio la documentación de los restos de arquitectura militar del pasado colonial español en África. Es coautor del libro *Arquitectura Militar Española en el Rif. Recintos y fortificaciones*, Algazara, Málaga, 2011, así como de varios artículos sobre dicha temática colonial, como “La huella colonial española en Ifni (Marruecos). Ruina y abandono del patrimonio arquitectónico militar”, *RUHM*, 2013, “Vestigios del pasado colonial español en Río de Oro (Sáhara Occidental). La Línea de Fortines de Villa Cisneros”, *Hispania Nova*, 2012, “El pasado hispano-británico de Cabo Juby (Sáhara atlántico). De Port Victoria a Villa Bens (1879-1958)”, *Revista de Arqueología*, 2011, y “Fortificaciones españolas del siglo XX en el Rif. Los fuertes de Yebel Uixan”, *Casamata*, 2010.

Eliana Brites Rosa é licenciada e mestre em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também realizou uma pós-graduação em Estudos Locais e Regionais (Construção de Memórias Históricas). Na Universidade de Santiago de Compostela obteve o Diploma de Estudos Avançados em História Contemporânea, onde atualmente é doutoranda. Ao longo do seu percurso tem realizado estudos no

âmbito história política e cultural da primeira metade do século XX. Para além disso, tem vindo a colaborar em diversas unidades de investigação. Na atualidade, os seus principais interesses de pesquisa estão relacionados com a História dos Intelectuais, Republicanismo e Fascismo.

Ernesto Castro Leal é doutor e agregado em História Contemporânea pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Professor Associado da Faculdade de Letras/ULisboa e investigador integrado do Centro de História/ULisboa. Desenvolve pesquisa nas áreas da História das Ideias e da História Política, principalmente sobre a I República e o Estado Novo portugueses, incidindo nos temas do nacionalismo, antiliberalismo, federalismo, republicanismo, partidos políticos e memorialismo militar da Primeira Guerra Mundial. Entre a bibliografia, cite-se: *Nação e Nacionalismos. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999; *Partidos e Programas. O Campo Partidário Republicano Português (1910-1926)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008; «Narrativas e Imaginários da 1.^a Grande Guerra: O “Soldado-Saudade” português nos nevoeiros de morte». In: *Revista de História das Ideias*, vol. 21 (2000), pp. 441-460; «A Ideia Federal no Republicanismo Português (1910-1926)». In: *Revista de História das Ideias*, vol. 27 (2006), pp. 251-291; «Parties and Political Identity: The Construction of the Party System of the Portuguese Republic (1910-26)». In: *e-Journal of Portuguese History*, vol. 7, n.º 1 (2009), pp. 1-8; «Memórias da Grande Guerra (1914-18) na Renascença Portuguesa». In: *Cogitationes*, vol. I, n.º 3 (2010-11), pp. 4-18; «Acção Realista Portuguesa: An Organization of the Anti-Liberal Right, 1923-26». In: *Portuguese Studies*, vol. 30, n.º 1 (2014), pp. 47-66.

Alfonso Iglesias Amorín (Santiago de Compostela, 1983), es licenciado en Historia por la Universidade de Santiago de Compostela (2006), y Máster en Historia Contemporânea por la misma universidad (2007). Actualmente se encuentra realizando su tesis doctoral sobre la memoria de las guerras de Marruecos en la España contemporânea. Desde 2009 ha disfrutado de una beca del Programa de Formación del Profesorado Universitario (FPU) en el Departamento de Historia Contemporânea e de América de la USC. Sus líneas de investigación principales son los conflictos bélicos, con especial atención a los derivados del colonialismo español en época contemporânea, la memoria y los nacionalismos. Es autor de las monografías *Imagen y repercusiones de*

la Guerra de Cuba en Galicia (1895-1898), I Premio Juana de Vega para investigadores novos (USC, 2008); *A Galicia da II República* (Lóstrego, 2010); y coautor de *Historia de Santiago de Compostela* (Vía Láctea, 2012).

Jorge Pais de Sousa é bolseiro de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com um projeto de investigação no campo do antifascismo, iniciado em 2012, e que visa escrever a biografia, intelectual e política, de Afonso Costa (1871-1937). Entretanto, publicou os seguintes estudos: “Afonso Costa: Republicanismo Socialista e Ação Política (1887-1911)” (Rio de Janeiro, 2013); “Existiu uma fração socialista no Partido Republicano? Os casos paradigmáticos de Magalhães Lima e Afonso Costa. A difusão do socialismo no Brasil” (Goiás, Brasil, 2013). Obteve os seguintes graus na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Doutor em Letras na especialidade de História Contemporânea; Mestre em História Contemporânea; diploma de Especialização em Ciências Documentais; Licenciatura em Filosofia. Trabalhou como documentalista e bibliotecário. É investigador e, presentemente, membro da Direção do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra. Integra as redes internacionais de investigação: “Intelectuais e Poder no Mundo Ibero-Americano”, com sede na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); “Fascismo e Antifascismo” que reúne investigadores das universidades de Bolonha, Coimbra, São Paulo (USP), e Vigo. Publicou diversos artigos em Portugal e no estrangeiro. É o autor dos seguintes livros: *Bissaya Barreto: Ordem e Progresso* (Coimbra, 1999), que constituiu tese de mestrado e se encontra esgotado; *Uma Biblioteca Fascista em Portugal* (Coimbra, 2007); *O Fascismo Catedrático de Salazar: Das Origens na I Guerra Mundial à Intervenção Militar na Guerra Civil de Espanha 1914-1939* (Coimbra, 2011), que foi tese de doutora

Pierre Purseigle es Marie Curie Research Fellow en el Departamento de Historia de la Universidad de Yale y profesor asociado en Historia Europea Moderna en la Universidad de Warwick. Se graduó en Estudios Políticos en el Institut d'Etudes Politiques de Lyon y en Historia Moderna por la Universidad de Toulouse. Ha sido profesor de Historia Moderna en las universidades de Toulouse, Oxford, Birmingham y en el Institut d'Etudes Politiques de París. Sus investigaciones se centran en la movilización social, las experiencias de los refugiados, y el humor gráfico en los tiempos de guerra. Sus publicaciones más recientes analizan el proceso de

nacionalización y la movilización política en Gran Bretaña y Francia a principios del siglo XX, la historiografía de la Primera Guerra Mundial, y la movilización de recursos en ambas guerras mundiales. Es autor, entre otros trabajos, de *Mobilisation, Sacrifice et Citoyenneté. Angleterre – France, 1900-1918* (Paris: Les Belles Lettres, 2013), co-autor de *Le Monde Britannique, 1815-1931* (Paris: Belin, 2010), editor *Warfare and Belligerence* (Leiden-Boston: Brill, 2005) y co-editor de *Uncovered Fields. Perspectives in First World War Studies* (Leiden-Boston: Brill, 2004). Es asimismo co-fundador y presidente de la International Society for First World War Studies y Editor en Jefe de la revista *First World War Studies*.

Rafael Rodrigo Fernández es Máster Universitario en Historia Contemporánea por la UAM, cursando parte de sus estudios en la Università degli Studi di Trieste (Italia). Actualmente es profesor titular de Historia Contemporánea y de España de Kensington School (Pozuelo de Alarcón) y Profesor ayudante de la Facultad de Ciencias de la Información y Humanidades de la Universidad Europea de Madrid. Tiene diversas publicaciones destacando el Catálogo de la Colección Sanz de Barutell del Museo Naval de Madrid editado por el Ministerio de Defensa. Ha pronunciado numerosas conferencias sobre Historia Militar de España en diversos centros e instituciones como el Ateneo de Madrid.

Valentina Verbal es licenciada en Historia por la Universidad de los Andes (Santiago, Chile) y candidata a Magíster en la misma disciplina por la Universidad de Chile. Profesora del departamento de formación general de la Universidad Viña del Mar (UVM) y de la Facultad de Economía y Negocios (FEN) de la Universidad de Chile. Ha publicado artículos de su especialidad en el Anuario de la Academia de Historia Militar de Chile y en la revista *Historia 396* de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Su tesis de Magister, en actual elaboración, versa sobre el militarismo y la insubordinación militar en Chile en la formación de la República (1823-1829).